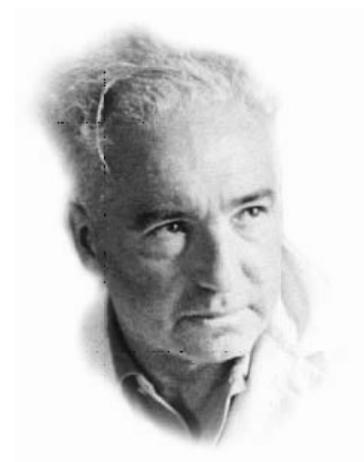


RICARDO AMARAL REGO

**PSICANÁLISE E BIOLOGIA:
UMA DISCUSSÃO DA
PULSÃO DE MORTE EM
FREUD E REICH**



Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Albertini

São Paulo

2005

**Ficha Catalográfica preparada pelo Serviço de Biblioteca
e Documentação do Instituto de Psicologia da USP**

Rego, R. A.

Psicanálise e biologia: uma discussão da pulsão de morte em Freud e Reich. / Ricardo Amaral Rego. – São Paulo: s.n., 2005. – 288 p.

Tese (doutorado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade.

Orientador: Paulo Albertini.

1. Reich, Wilhelm, 1897-1957 2. Freud, Sigmund, 1856-1939 3. Psicanálise 4. Teoria psicanalítica 5. Biologia I. Título.

Ricardo Amaral Rego

**Psicanálise e biologia:
Uma discussão da pulsão de morte
em Freud e Reich**

BANCA EXAMINADORA:

Tese defendida em: ____ / ____ / ____

Na vertente biológica, que me faz ver que a natureza humana é algo que se prolonga para o passado e o futuro, estabelecendo uma linhagem de continuidade de quatro bilhões de anos e uma irmandade com todos os seres vivos,

Dedico a Ariel, Celina e Germano

Para além do biológico, pela importância dos afetos, que me constituem tanto ou mais que meus genes,

Dedico a Laura e aos meus amigos

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço por ter o que e a quem agradecer, pois a gratidão é um dos sentimentos mais fecundos e construtivos. São tantos e tão variados os agradecimentos que resolvi dividi-los em duas partes:

Agradecimentos abstratos e genéricos

Àquilo (o Acaso das flutuações quânticas ou um eventual Ser consciente) que propiciou a existência deste universo tão complexo quanto belo.

À seleção natural, que gerou a Vida, fenômeno pulsante, intrigante e fascinante.

Aos primatas, que sofisticaram e aprimoraram em alto grau as estratégias adaptativas da sociabilidade, da curiosidade e do prazer de ser tocado.

Aos poetas, que vêm mantendo viva a esperança de que um dia acharemos palavras para dizer tudo que há para ser dito (o incrível, o patético, o horroroso, o sublime e mais...).

À música e aos músicos, sem os quais teria sido muito mais difícil e muito menos bela a minha existência.

Aos relacionamentos humanos (pais, filho, amigos, amores, psicoterapeutas, analistas, massagistas, terapeutas corporais, alunos, professores, parentes, colegas e outros) que tanto me acolheram, desafiaram, ensinaram, perturbaram, ajudaram, orientaram, fizeram companhia e ... principalmente, me amaram, pois tenho plena consciência que eu não seria nada, literalmente nada, sem esse amor que me permite hoje, apesar das inevitáveis decepções, gostar tanto da vida e das pessoas. O amor e a gratidão que senti e sinto por essas pessoas construíram alicerces fundamentais para que eu possa desfrutar e aprender com os meus fortúnios e infortúnios.

À tecnologia, especialmente a Internet, prova do potencial criativo da razão humana e manifestação de união, ligação e comunicação (Eros), que permitiu acesso a uma imensidão decisiva de informações, algo impensável há uma década. Numa visão do tempo mais expandida, o mesmo se poderia dizer da página impressa.

Ao ensino público e gratuito de bom nível, materializado na excelência do corpo docente do Instituto de Psicologia da USP, que me faz validar a velha frase de que “o culto aos mestres é a religião dos que aprendem”.

Ao esforço de todos os autores citados na Bibliografia, participantes desse incrível empreendimento que é a busca do Saber. Imagino quanto foi investido em tempo, energia, dedicação e criatividade para produzir tantas pesquisas, tantas opiniões, hipóteses e teorias. É fascinante contemplar quanta inspiração e quanta transpiração transparecem na enorme quantidade de informação produzida.

Aos trabalhadores participantes dessa imensa rede de cooperação que constitui a vida civilizada, que me proporcionaram comida, teto, informação, tinta e papel para imprimir, e tudo mais que possibilita a existência.

Ao Tempo, “compositor de destinos, tambor de todos os ritmos”, em suas diversas manifestações: Aion, por viver numa era tão interessante como esta; Kairós, por ter inspirado a ação de fazer a coisa certa na hora certa; e Cronos, por me libertar desta obsessão com sua espada inclemente e redentora do prazo que não pode ser ultrapassado.

Agradecimentos concretos e individualizados

Ao Prof. Paulo Albertini, presença fundamental em tantos aspectos: o incentivo para ingressar no doutorado; a ajuda na delimitação do tema; o alto nível intelectual com que o processo de orientação foi conduzido; o respeito, o bom humor e o entusiasmo manifestados em todos os momentos; a dedicação e atenção nas diversas etapas; e, especialmente, a maneira firme e cuidadosa com que podou os excessos da minha exuberância criativa quando ela extrapolava os limites necessários à estruturação de uma tese.

Ao Prof. César Ades, que com suas críticas precisas e sugestões valiosas em muito contribuiu para que eu pudesse sanar algumas das tantas limitações deste trabalho.

Ao Luiz Alberto Hanns, que apontou questões importantes do texto original e cuja interlocução generosa contribuiu grandemente para refinar e aprofundar a discussão travada aqui.

Ao Prof. Eduardo Ottoni, pelo entusiasmo e pela riqueza de informações com que procedeu à minha iniciação nos mistérios e fascínios da Primatologia.

À Profa. Ana Maria Loffredo, pelos ensinamentos sobre psicanálise e pela oportunidade de desenvolvimento de temas relacionados a esta tese.

À Rocilda Schenkman, estudiosa da vida, pela leitura cuidadosa, pelos comentários úteis e pelo auxílio no refinamento e maior precisão das argumentações biológicas.

Ao Zé Eluf, o que de mais parecido com um anjo da guarda já encontrei em humanos. E estou certo de não ser o único a manter tal opinião. Pelo apoio, críticas pertinentes e boas sugestões.

Ao José Fonseca, erudito como tantos, criativo como poucos, sensato como raros. Pelo incentivo e indicação de leituras valiosas.

À Marília Sposito, de mente ágil e coração amigo, cuja assessoria na área de ciências humanas foi essencial para evitar alguns tropeços e maus caminhos.

Ao José Ricardo Ayres, pela atenção e preciosas sugestões no campo da epistemologia.

À Valeria Buccheri, pela valiosa ajuda frente aos meandros da biologia molecular e da apoptose.

Ao Wulf Dittmar, entusiasta das neurociências, por tantas portas abertas, tantas conversas úteis, tantos textos importantes indicados.

À Loredana Barale, à Lúcia Leite e ao Nigel Hunter, pela assessoria em minhas incursões para além da língua materna.

À Laura Villares de Freitas, por tantas conversas, tantas dicas, tantas sugestões, tanto apoio, e principalmente, essencialmente, fundamentalmente, por todo esse amor que me enlevou, nutriu, inspirou e sustentou ao longo dessa extensa caminhada.

Ao José Ângelo Gaiarsa, pelo exemplo de sempre procurar embasar a clínica reichiana em sólidos alicerces biológicos e por manter-se ao longo de sua vida como uma luz irreverente a espantar a escuridão da mediocridade conformista.

Às três Marias (Mello, Alice Franciosi e Forlani), cujos cuidados terapêuticos e analíticos foram essenciais em momentos decisivos da complexa trajetória interior que resultou na elaboração da presente tese.

À Gurumayi Chidvilasananda, mestra espiritual, pela importância no meu desenvolvimento pessoal, pela inspiração, pelo desbloqueio de barreiras que impediam minha dedicação à elaboração desta tese, por guiar-me no campo da meditação, fonte de muitas das melhores idéias e *insights* que compõem este trabalho.

Ao Gerson Fujiyama, oriental que se orienta pelo prazer de viver, por suas leituras e palpites em relação aos textos iniciais, pelo incentivo e apoio, pelo companheirismo.

Ao Eduardo Lima, pelas indicações bibliográficas, pelo incentivo animado, pela amizade que sobrevive aos obstáculos da distância geográfica.

Ao Germano, meu pai, por ter me iniciado nos mistérios e encantos da Razão; e à Celina, minha mãe, por ter me ensinado a entender a importância de tantas outras coisas que existem para além da Razão.

Ao Ariel, pela ajuda na elaboração da capa e figuras, e por sempre me fazer lembrar que os filhos moram na casa do amanhã, permitindo com isso um vislumbre do tempo que transforma e da impermanência de tudo, inclusive das obras humanas como esta tese.

Aos muitos colegas psicoterapeutas corporais que leram trechos dos originais, fizeram sugestões, indicaram leituras e/ou ofereceram apoio e incentivo. Dentre estes, destaco: Caio Kugelmas, Celeste Hauser, Dinorah Porto, Dulce Amabis, Eliana Pommé, Glória Cintra, Helen Guaresi, João Rodrigo Oliveira e Silva, José Alberto Cotta, Léia Cardenuto, Liane Zink, Luiza Revoredo, Maria Auxiliadora Souza, Maria Conceição Bahia Valadares, Maria Dolores Pinheiro Souza, Maria Ercília Rielli, Maria de Fátima Teixeira, Maya Hantower, Odila Weigand, Paul Boyesen, Purificacion Navarro Canizares, Regina Lúcia Campos Vieira, Sandra Martins, Sandra Sofiati, Simone Ramalho, Valéria Hafliger, Vera Carvalho e Vera Iaconeli.

Ao Moisés Rodrigues da Silva, pelos ensinamentos sobre Winnicott, pela interlocução psicanalítica, pela amizade.

À Michele Cukiert, pela troca de idéias sobre as diferenças do modo de olhar sobre o corpo e a psicanálise em Freud, Reich e Lacan.

Aos alunos, ex-alunos e professores do Instituto Brasileiro de Psicologia Biodinâmica, cujo calor humano foi essencial para me manter animado ao longo desse longo caminho. Valeu!

À Gerda Boyesen, pela inspiração de um caminho possível de diálogo entre a psicanálise e a psicoterapia corporal; pelo caminho suave que ela contrapõe à rudeza infelizmente tão comum em nosso mundo; pela afirmação de que o prazer, o amor, a alegria e a brincadeira fazem da parte da vida e, conseqüentemente, podem ser elementos úteis na clínica.

Aos colegas do Grupo de Estudos de Psicodinâmica do Daimon, que tiveram contato com parte do material da presente tese e que com seu brilhantismo intelectual em muito contribuíram para seu aperfeiçoamento.

Aos co-orientandos do Prof. Paulo Albertini, que em nossas reuniões muito contribuíram, com sugestões, críticas e comentários, para o aprimoramento deste trabalho.

À Comissão de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da USP, especialmente à Profa. Emma Otta, pela permissão de fazer uma tese ecologicamente mais correta, autorizando a impressão em frente e verso e em papel reciclado.

Às pessoas cuja convivência nesses anos de elaboração da tese foi importante como referência de solidariedade, incentivo e calor humano. Destaco aqui: Arrigo, Cayon, Cláudio, Ciça, Cíntia, Darci, Dulce, Elisa, Flávio, Gui, Ivan, Janice, Jorge, Leda, Luiz Henrique, Maria Odila, Paulo Elias, Raul, Sérgio, Silvana, Tereza, Walkíria e outros já citados acima.

À Maria Conceição da Silva, que segurou a onda no *front* doméstico com competência e alto astral, permitindo que eu me despreocupasse desse setor e pudesse me dedicar às tarefas pertinentes à tese.

À Maria Irani, cuja eficiência e dedicação muito ajudaram nos aspectos práticos relativos à produção desta tese.

A Charles Darwin, Sigmund Freud e Wilhelm Reich, pelo fabuloso manancial de idéias originais que nos legaram, pelo exemplo de ousar pensar para além dos horizontes de seu tempo.

Agradeço e peço desculpas àqueles tantos que foram importantes e que eu esqueci de citar devido à sobrecarga mental e ao estresse natural de um doutorando em fase de conclusão de seu trabalho.

Agradeço *in memoriam* àqueles com quem – se não tivessem partido cedo demais (para o meu gosto) – imagino que muito eu teria conversado e aproveitado em relação aos temas tratados nesta tese: André Samson, Candão, Itamar Assumpção, Paulo Mendes e Rubão.

Agradeço ao meu superego por permitir que eu dedicasse tanto tempo e tanto esforço ao sonho de escrever uma tese, em detrimento de atividades mais rentáveis do ponto de vista prático e cotidiano; e ao meu id por me proporcionar tanta motivação e tanta energia pulsional, essenciais para a consecução desse empreendimento.

Penso, logo
SEXO
ist

Marcelino Freire

Eu escrevo ...

Eu escrevo: Eu escrevo ...
Eu escrevo: 'Eu escrevo ...'
Eu escrevo que eu escrevo ...
etc.

Eu escrevo: eu traço palavras numa página.

Letra por letra, um texto se forma, se afirma por si, se confirma, é congelado, é fixado: uma linha quase rigorosamente h

o
r
i
z
o
n
t
a
l

é depositada na folha branca de papel, preteja o espaço virgem, lhe dá direção, vetoriza-o: da esquerda para a direita

d
e
c
i
m
a
p
a
r
a
b
a
i
x
o

eu
escrevo
na
margem

Antes, não havia nada, ou quase nada; depois, não há muito, uns poucos sinais, mas que são suficientes para haver um em cima e um embaixo, um começo e um fim, uma direita e uma esquerda, uma frente e um verso.

Eu começo um novo parágrafo. Eu faço referência a uma nota de rodapé¹ Eu vou para uma nova folha de papel.

Georges Perec

¹ Gosto muito de notas de rodapé na parte de baixo da página, mesmo que eu não tenha nada em particular para ser esclarecido lá.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS, QUADROS E TABELAS	xviii
RESUMO	xix
ABSTRACT	xx
APRESENTAÇÃO	xxi
OBSERVAÇÕES	xxv

CAPÍTULO 1 - FREUD E A PULSÃO DE MORTE 1

1.1 ANTECEDENTES	1
1.1.1 PULSÃO OU INSTINTO?	1
1.1.2 A EVOLUÇÃO DA TEORIA FREUDIANA DAS PULSÕES	3
1.1.3 AGRESSÃO E PSICANÁLISE ANTES DE 1920	4
1.2 O CONCEITO FREUDIANO DE PULSÃO DE MORTE	5
1.2.1 PULSÃO DE MORTE: A ORIGEM DA VIDA, A CLÍNICA	5
1.2.2 O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO	8
1.2.3 A IDÉIA DE UMA PULSÃO DE MORTE PERMANECE CENTRAL	10
1.3 COMENTÁRIOS SOBRE A VISÃO FREUDIANA	13
1.3.1 CONTINUIDADE OU RUPTURA NA TEORIA?.....	14
1.3.2 ELEMENTOS DA TEORIA DA PULSÃO DE MORTE.....	16

CAPÍTULO 2 – REICH E A PULSÃO DE MORTE 19

2.1 A PULSÃO DE MORTE E OS PRIMEIROS ESCRITOS DE REICH	19
2.2 A RUPTURA	22
2.2.1 PULSÃO DE MORTE E CRÍTICA SOCIAL	22
2.2.2 SOBRE A TEORIA DO MASOQUISMO	23
2.2.3 A PSICANÁLISE DE REICH AMADURECE	25

2.3	AUTO-REGULAÇÃO VERSUS O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO	26
2.3.1	O CERNE BIOLÓGICO E A AUTO-REGULAÇÃO	26
2.3.2	REICH E “O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO”	30
2.3.3	PESTE EMOCIONAL, OTIMISMO E INVEJA	31
2.4	CONCLUSÕES	33
CAPÍTULO 3 – FREUD, REICH E A BIOLOGIA		37
3.1	OPINIÃO E CONHECIMENTO	37
3.2	FREUD: PSICANÁLISE E BIOLOGIA	39
3.3	REICH E A BIOLOGIA	47
3.3.1	O OLHAR ANALÍTICO	48
3.3.2	CORPO ANATÔMICO E CORPO ERÓGENO	49
3.3.3	LÁ AONDE AS PALAVRAS NÃO CHEGAM	51
3.3.4	A BIOLOGIA COMO BASE TEÓRICA E TÉCNICA DA CLÍNICA	53
3.4	BIOLOGIA E PSICOLOGIA	56
CAPÍTULO 4 – O QUE É VIVO QUER VIVER		63
4.1	FREUD, A PULSÃO DE MORTE E A ORIGEM DA VIDA	63
4.2	A VIDA DESEJA MORRER?	65
4.3	A FORÇA DE EROS E A ORIGEM DA SEXUALIDADE.....	68
4.4	SEXUALIDADE E PULSÃO DE MORTE	72
4.5	PULSÃO DE MORTE E HOMEOSTASE	74
4.6	CÉLULAS PROGRAMADAS PARA MORRER	78
4.7	O CATABOLISMO E A AUTODESTRUIÇÃO DE PROTEÍNAS	82
4.8	ALGUMAS CONCLUSÕES	84

CAPÍTULO 5 – O PRAZER: PRINCÍPIO, MEIO E FIM	87
5.1 UMA QUESTÃO DE PRINCÍPIOS	87
5.2 A FOME DE ESTÍMULOS, O TÉDIO E A CURIOSIDADE	90
5.3 BRINCAR E SAIR EM BUSCA DO MUNDO	93
5.4 ANATOMIA DO PRAZER	98
5.5 O PRAZER É UM MEIO DE SE CHEGAR A UM FIM	100
5.6 AQUÉM DO PRINCÍPIO DE PRAZER	103
CAPÍTULO 6 – PULSÃO E BIOLOGIA	107
6.1 A (S) TEORIA (S) PULSIONAL (AIS) DE FREUD.....	107
6.2 A PULSÃO E O APARELHO PSÍQUICO	111
6.2.1 A EVOLUÇÃO DA MENTE E DA CONSCIÊNCIA	111
6.2.2 DO ESTÍMULO FÍSICO À IMAGEM MENTAL	113
6.2.3 PULSÃO E CONSCIÊNCIA	117
6.3 PULSÃO E AUTO-REGULAÇÃO: UMA PROPOSTA	119
6.3.1 OS CAMINHOS DA PULSÃO	119
6.3.2 O ESTÍMULO (<i>REIZ</i>)	121
6.3.3 A PRESSÃO (<i>DRANG</i>)	123
6.3.4 REPRESENTAÇÃO (<i>VORSTELLUNG</i>) E APARELHO PSÍQUICO	126
6.3.5 O PROCESSO PRIMÁRIO	128
6.3.6 O PROCESSO SECUNDÁRIO	131
6.4 AS PULSÕES E O DESTINO DO CONCEITO DE PULSÕES	135
CAPÍTULO 7 – PULSÃO DE MORTE E AGRESSÃO	141
7.1 AUTO-AGRESSÃO E SUICÍDIO	141
7.1.1 O SUICÍDIO ALTRUÍSTA	141
7.1.2 O MITO DO SUICÍDIO EM ESCORPIÕES, LEMINGUES E CETÁCEOS	144
7.1.3 AUTO-AGRESSÃO	146

7.2	AGRESSÃO E ETOLOGIA	147
7.3	AGRESSÃO E SELEÇÃO NATURAL	150
7.3.1	AGRESSÃO E EMOÇÃO	150
7.3.2	INIBIÇÃO E CONTROLE DA AGRESSÃO	153
7.4	NOSSOS PARENTES MAIS PRÓXIMOS	159
7.4.1	AGRESSÃO E RECONCILIAÇÃO	160
7.4.2	CHIMPANZÉS E BONOBOBOS	162
7.4.3	MACHOS DEMONÍACOS	167
7.5	AGRESSÃO: ANATOMIA E GENÉTICA.....	172
7.6	MEDO E FUGA	175
7.7	AGRESSÃO, BIOLOGIA E PULSÃO DE MORTE	176
 CAPÍTULO 8 – FREUD: PULSÃO, ENTROPIA E MITOLOGIA		179
8.1	A PULSÃO, O INCONSCIENTE E O MAL-ESTAR	179
8.2	A PULSÃO DE MORTE	181
8.3	ENTROPIA E IMORTALIDADE	184
8.4	PLATÃO E SEUS ANDRÓGINOS	190
8.5	MITOLOGIA I - UNIÃO E FRAGMENTAÇÃO	192
8.6	MITOLOGIA II - O PARRICÍDIO NA HORDA PRIMITIVA	196
8.7	MITOLOGIA III - COOPERAÇÃO, SEXO E MORTE	198
8.8	CONCLUSÕES	199
8.8.1	O VALOR DO MITO	199
8.8.2	DE VOLTA AOS ELEMENTOS DA PULSÃO DE MORTE	201

CAPÍTULO 9 – REICH: BIOLOGIA E VIRTUDE	205
9.1 ENTRE A PSICANÁLISE E A BIOLOGIA	205
9.2 A NATUREZA HUMANA	207
9.2.1 MARXISMO E SEXUALIDADE	208
9.2.2 O BOM SELVAGEM	210
9.2.3 O GENE EGOÍSTA	215
9.2.4 A FUNÇÃO ADAPTATIVA DA TAPEAÇÃO	218
9.3 O CERNE BIOLÓGICO E O HUMANO VIRTUOSO	221
9.3.1 COOPERAÇÃO VERSUS COMPETIÇÃO	221
9.3.2 O AMOR AO PRÓXIMO: PARENTESCO E RECIPROCIDADE	225
9.3.3 EMPATIA E SIMPATIA	230
9.3.4 OS SENTIMENTOS MORAIS	233
9.3.5 HÁ AINDA LUGAR PARA UMA UTOPIA?	243
9.4 CONCLUSÕES	246
CAPÍTULO 10 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	249
10.1 COMPLETAR INCOMPLETUDES: OUTRAS PSICANÁLISES	249
10.2 REICH E FREUD: CONTINUIDADE E AMPLIAÇÃO DO DEBATE	254
10.3 RAZÃO E SENSIBILIDADES	259
10.4 CONCLUSÕES	260
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	265

LISTA DE FIGURAS, QUADROS E TABELAS

Figura 1 – A mudança do impulso ao atravessar a couraça	28
Figura 2 – Esferas do pensamento humano	54
Figura 3 – Esquema da circulação pulsional	120
Figura 4 – Esquema dos tipos de pulsão	138
Figura 5 – A Árvore Filogenética dos Primatas	163
Figura 6 – Esquema simplificado do controle da agressão e medo em vertebrados	176
Figura 7 - A evolução da cooperação em relação ao tamanho do grupo e ao custo da punição para os que não cooperam, em simulação em computador	230
Figura 8 - Variação da contribuição média dos membros de um grupo de jogadores de <i>Public Goods</i> conforme estabilidade do grupo e presença ou não da possibilidade de punição	236
Figura 9 – Representação dos níveis de abrangência do círculo moral	240
Quadro 1- Diferenças de significados e conotações entre <i>Trieb</i> e instinto	2
Tabela 1 – Duração dos períodos de vida em primatas	252

RESUMO

Trata-se de um ensaio teórico que aborda a psicanálise de Sigmund Freud, as idéias de Wilhelm Reich e a biologia, e cujo eixo é a teoria freudiana da pulsão de morte. O recurso à biologia se legitima pelo fato desta ser um elemento essencial das concepções de ambos os autores e pelo fato da teoria citada ter sido proposta por Freud como algo pertinente à biologia.

Dois movimentos se interligam ao longo da nossa trajetória. Em um deles, a pulsão de morte, nas visões de Freud e Reich, é o centro da discussão, e o conhecimento biológico é o quadro de referência que delimita o território em que o debate ocorre. Noutro, a pulsão de morte serve quase como um pretexto para discutir a obra de Freud e Reich, numa tentativa de atualizar suas formulações face ao avanço do conhecimento biológico nas últimas décadas.

Quatro temas são abordados mais detalhadamente: a) as idéias de Freud sobre a origem da vida; b) o princípio de prazer, ou seja, a tese de que o sistema nervoso funciona procurando diminuir a excitação; c) o conceito de pulsão frente às formulações da neurociência; e d) a agressão: o que é, como funciona, para que serve, de acordo com a biologia atual.

Fica claro que existem muitos elementos valiosos nas concepções freudianas e reichianas. Foram autores à frente de seu tempo, que elaboraram idéias inovadoras e que muitas vezes só agora podemos valorizar adequadamente. Por outro lado, o avanço do conhecimento faz com que muitos elementos que são parte do arcabouço teórico de cada um sejam questionados, em diversos níveis.

Especificamente em relação ao tema desta tese, os dados examinados levaram ao questionamento da pulsão de morte como uma característica de todos os seres vivos e como algo relacionado à origem da vida. Quanto à teoria da agressão, o que a biologia propõe parece ser algo diferente de um impulso apetitivo (como a fome e o sexo), auto-impelente e originado da deflexão para fora de uma tendência autodestrutiva.

Julgamos que mais estudos são necessários sobre este assunto, e propomos que o presente enfoque (estudar as divergências entre Freud e Reich recorrendo à biologia) seja estendido a temas como o orgasmo, a angústia e outros.

ABSTRACT

This is a theoretical essay addressing the psychoanalysis of Sigmund Freud, the ideas of Wilhelm Reich and biology, the central theme of which is the Freudian theory of death instinct. Resorting to biology is justified by the fact that it is a key element in the conceptions of both authors and by the fact that the above mentioned theory was claimed by Freud to be pertinent to biology.

Two trends intertwine throughout our trajectory. One, according to Freud's and Reich's view, regards the death instinct as the center of discussion, and biological knowledge is the frame of reference that sets the boundaries for discussion to take place. The other addresses the death drive almost as an excuse to discuss the work of Freud and Reich, in an attempt to update their formulations in consideration of the advancements in biological knowledge in recent decades.

Four topics are addressed in greater detail: a) Freud's ideas on the origin of life; b) the pleasure principle, in other words, the assumption that the nervous system works towards reducing arousal; c) the drive concept taking into account neuroscientific formulations; and d) aggression: what it is, how it works, what it serves, according to today's biology.

It is clear that Freud's and Reich's conceptions hold many valuable elements. They were both a long way ahead of their time, having formulated innovative ideas which only now can be appreciated properly. Still, advancements in knowledge lead to many elements of their theoretical outline being questioned on several levels.

Specifically as regards the subject matter of this thesis, the information under analysis led to some questioning over death instinct being a characteristic of all living beings and being related to the origin of life. As for the aggression theory, what biology proposes seems somewhat different from a desire drive (e.g. hunger and sex), self-impelling and originating in an outward deflection of an inclination towards self-destruction.

We believe that further studying is necessary on the subject and propose that the present approach (study the differences between Freud and Reich while resorting to biology) be extended to other topics, including orgasm, anxiety and others.

*Um imenso passo para mim,
Um minúsculo (se tanto!) passo para a humanidade.*

APRESENTAÇÃO

Numa noite de verão, em conversa com amigos sobre esta tese, eles me fizeram ver o quanto sou racional. Não pude deixar de concordar, mas foi um choque, pois me dei conta da empreitada na qual estava me metendo: analisar com os poucos recursos da razão algo tão fugidio, tão complexo, tão imenso como o psiquismo humano. Veio um medo de acabar fazendo aquilo que Nietzsche descreveu tão bem quando comentou de um homem que “... saiu como um herói em busca de verdades e acabou caçando uma pequena mentira enfeitada²”.

Fiquei abismado com a minha ousadia. Como consolo, veio o pensamento de que todo mundo que pesquisa e escreve teses nessa área faz o mesmo. Mesmo assim, quase desisti. Lembrei que, no atendimento em psicoterapia, os bons momentos de encontro, revelação e ajuda muitas vezes se originam de outras fontes, como a empatia, a emoção e a intuição. Além disso, quando a gente pensa muito racionalmente para lidar com filhos, amores e amigos, há uma grande chance de tudo ficar seco, duro, quadrado.

A ciência tem uma certa aridez que não parece propícia para falar do amor e do ódio, dos sonhos, do prazer e do desejo. Entretanto, resolvi prosseguir porque porto comigo a convicção de que se pode fazer algo para minorar o sofrimento das pessoas e que a razão é uma estratégia importante nessa empreitada. Alguns dirão que esta afirmativa é de uma ingenuidade atroz, pois a dor e a doença fazem parte da condição humana e são inextirpáveis. Claro que é assim em termos absolutos, mas, se cientistas como Sabin aderissem ao conformismo decorrente desta idéia, não teríamos hoje a vacina contra a poliomielite, por exemplo. Talvez se possa dizer que estamos, no campo da saúde mental, numa situação semelhante à da medicina antes dessa vacina. As muletas, os tratamentos fisioterápicos complexos e caros, a tecnologia dos “pulmões de aço”, bases do tratamento da poliomielite até a década de 1960, parecem apresentar uma semelhança grande com as internações psiquiátricas e tratamentos psicoterápicos de longa duração e resultado incerto. Quem sabe um dia não será possível desenvolver dispositivos e procedimentos tão simples, baratos e eficazes quanto uma gotinha ministrada a crianças? Wilhelm Reich acreditava

² Em “Assim Falou Zaratustra” (Nietzsche, 1987, p. 85).

nessa possibilidade, e creio que vale a pena tentar sair em busca desse seu sonho. Se estivermos errados e nada conseguirmos, pelo menos tentamos, e lutamos a boa luta ao invés de nos acomodarmos a uma passividade niilista.

Aqui está o resultado. Submeto ao público estas páginas escritas com muito suor e muito prazer (dizendo assim, parece até que estou falando daquelas coisas que o Reich gostava de estudar). Importa em primeiro lugar situar o leitor quanto ao olhar de onde se parte para a viagem que ora se inicia. Este trabalho é realizado do ponto de vista de um psicoterapeuta corporal neo-reichiano que, apesar de ver grandes méritos nessa forma de abordagem clínica, está insatisfeito com as fundamentações teóricas da mesma. Procurando em várias direções, dentro do campo reichiano e fora dele, algumas linhas de pesquisa foram se impondo e aprofundando. Uma delas foi buscar suporte em outros campos do conhecimento que pudessem clarear certos conceitos e formas de lidar com a prática psicoterápica. Coerentemente com essa trajetória, tento aqui dar mais um passo em relação a uma proposta delineada há mais de 10 anos:

As psicoterapias de inspiração reichiana podem buscar fundamentação na psicanálise, retomando suas origens; e podem também assimilar informações da ciência biológica. Tecendo os fios a partir destes campos estruturados e sistematizados, talvez se possa construir uma rede que dê sustentação mais consistente às nossas práticas e aos nossos conceitos.
(Rego, 1992a, p. 102).

Ou seja, busco auxílio nessas duas áreas para um exame das concepções teóricas e clínicas de Wilhelm Reich, no sentido de resgatar os elementos válidos dessa abordagem e descartar ou modificar o que estiver em desacordo com o avanço do conhecimento. Em trabalho anterior (Rego, 2002a), fiz um levantamento das compatibilidades e incompatibilidades entre as concepções de Reich e Freud, listando diversos pontos de desacordo entre as visões destes autores. Será aprofundado agora um desses pontos: a teoria freudiana da pulsão de morte. Este foi um dos principais focos do conflito entre as idéias de Reich e Freud ao redor do final da década de 1920 e começo da de 1930, período que culminou com a expulsão de Reich da Associação Psicanalítica Internacional em 1934. O campo da Orgonomia não será abordado, pois foi priorizada a produção reichiana que dialoga com a psicanálise a partir da biologia.

Apesar da motivação inicial se originar da clínica, pouco se falará dela. Tal conexão é abordada em outros trabalhos (Rego, 2003) e será deixada em segundo plano

aqui, tendo em vista a importância de discutir certos fundamentos teóricos básicos que permeiam todo o pensamento e a práxis relativos ao campo que resultou da aplicação das propostas de Wilhelm Reich aos dilemas humanos.

Ao lado do exame do conflito teórico entre Reich e Freud, o tema abordado permitirá o exame de um outro tópico de interesse mais geral: a relação entre a psicanálise e a biologia. Isto não é de modo algum estranho ao percurso desses autores (ver capítulo 3), que têm em comum a busca da biologia como fundamentação teórica.

No capítulo 1, são apresentadas as concepções freudianas sobre a agressividade e a evolução da teoria da pulsão de morte ao longo de sua obra. Evidencia-se que essa teoria apóia-se em um tripé: a) elementos oriundos da biologia; b) achados clínicos; e c) fatos relativos à sociedade, à história e à cultura. No capítulo 2, são apresentadas as idéias de Reich sobre os mesmos temas.

No capítulo 3, delineia-se a proposta de concentrar a atenção apenas nos aspectos biológicos da teoria da pulsão de morte, discutindo-se a validade desse enfoque frente às idéias de Reich e Freud. O primeiro se revela como um pioneiro que trouxe inovações ainda hoje relevantes nesse âmbito, e o segundo como um teórico que nunca abandonou suas raízes biológicas ao longo do percurso que trilhou.

Os quatro capítulos seguintes dedicam-se a temas específicos relativos à conexão entre pulsão de morte e biologia: a origem da vida e a concepção da pulsão de morte como algo que abrangeria todos os seres vivos (capítulo 4); o princípio de prazer como fundamento da teoria da pulsão de morte (capítulo 5); o próprio conceito de pulsão visto do ângulo da neurociência (capítulo 6); a abordagem biológica da questão da agressão (capítulo 7).

No capítulo 8, examina-se como ficam as concepções de Freud frente ao que foi discutido nos capítulos anteriores. No capítulo 9, o mesmo é feito com as idéias de Reich. O capítulo 10 dedica-se a considerações finais, apontando caminhos e direções que possibilitem aprofundar o que foi examinado.

Considero este trabalho como uma homenagem a Reich e Freud. De maneira alguma o vejo como um ataque à obra desses autores. É óbvio, entretanto, que algumas correções e revisões devem ser feitas. Afinal, passaram-se décadas de um século que registrou avanços espetaculares na ciência e na tecnologia. Seria absurdo pensar que suas idéias pudessem permanecer intocadas, válidas tal e qual foram formuladas em sua época.

Só se os víssemos como profetas, reveladores de um texto sagrado que deve ser venerado e acatado sem questionamentos, o que constituiria algo profundamente contrário ao espírito científico que ambos tanto fizeram questão de afirmar. Um trabalho escrito é como um fóssil, registro de um dado tempo, de uma maneira (inescapavelmente) limitada de pensar.

Há um ditado italiano sobre culinária que diz: *quello che si mette, lo si ritrova*. Ou seja, a qualidade de um prato dependerá da qualidade dos ingredientes colocados. Analogamente, as concepções e teorias de um autor dependem do que se conhece e se acredita num determinado momento, são um registro histórico derivado do ambiente cultural que condicionou a mentalidade e os horizontes intelectuais e emocionais daquele que escreve. Assim, desqualificar uma obra do passado é quase tão fácil e tão inútil quanto criticar alguém por não ter jogado os números certos na loteria que já correu.

O que se pretende fazer nesta tese é exatamente o oposto: justamente por serem autores geniais é que merecem a atenção e o trabalho de serem cotejados com aquilo que se descobriu desde então, em busca da preservação e recuperação do que permanece válido. Note-se que a idéia de uma assimilação de elementos da psicanálise pela psicoterapia corporal de base reichiana não é apenas um projeto pessoal ou uma mera curiosidade. No Brasil e no mundo todo, muito se tem discutido, pesquisado e escrito neste sentido (Albertini, 1994, 2003; Azevedo, 1990; Baker, 1980; Barreto, 2000; Bezerra, 2003; Boadella, 1992, 1997b; Boyesen, 1986; Briganti, 1987, 1994, 1995; Cerri, 1993, 1994; Cipullo, 2000; Cruz, 1994; Gaiarsa, 1993; Gallo, 2001; Lowen, 1982; Matthiesen, 2003; Monteiro, 2000; Rego, 1992a, 1994, 1995, 1996, 2002a, 2002b, 2003; Samson, 1994, 2002; Wagner, 1996, 2000; Weinmann, 2002a, 2003; Weinmann & Vitola, 1999; Xavier, 2002). Acredito que a continuidade deste esforço trará novos elementos úteis e importantes para o desenvolvimento destes campos.

Finalizando, é importante ressaltar que este trabalho prioriza a floresta, não as árvores. Meu senso de perfeição reclama e lamenta, pois inevitavelmente isso acarreta omissões e incorreções. Entretanto, venceu o anseio por um quadro amplo, por aquele lugar lá no alto da catedral em que os pilares se unem, onde se pode apreciar a unidade das coisas, onde Verdade e Beleza são uma coisa só. Corro o risco de que alguns dos alicerces sobre os quais me apóio não sejam tão sólidos, mas conto com a esperança de que eles possam ser reformados no futuro de modo a manter viável a construção. Caso isso não aconteça, espero que pelo menos esta tentativa sirva de inspiração a um pensador mais competente, que consiga algum dia dar conta dessa tarefa tão necessária.

OBSERVAÇÕES

A bibliografia é citada segundo o ano de publicação do texto consultado. Entretanto, conforme Albertini (2003, p. 79), “um cuidado óbvio, mas necessário, no estudo do pensamento desses autores que, como Freud e Reich, construíram ao longo de várias décadas suas abordagens, é o de (...) sempre situar no tempo qualquer posição teórica citada.” Assim, para os autores mencionados acima, incluiu-se na citação o ano da publicação original.

A tradução das citações em inglês foi feita pelo autor, a menos que se especifique o contrário. Optou-se por não traduzir o termo *ape*, pelo fato de que isto poderia comprometer o entendimento do que os autores originais quiseram dizer. Costuma-se em geral traduzi-lo como macaco ou primata, mas há problemas em ambos. Em primeiro lugar, é comum em primatologia fazer-se uma distinção entre macacos (*monkeys*) e *apes* (sendo o ser humano considerado um membro ilustre do grupo dos *apes*), havendo uma nítida diferenciação anatômica e cognitiva entre esses dois grupos (ver, por exemplo, Byrne, 1997; Povinelli, 1994; Visalberghi, Fragaszy & Savage-Rumbaugh, 1995). Primata é algo ainda mais abrangente, pois engloba os símios (*monkeys* e *apes*) e também os prossímios (lêmures, lórisés etc.). Desta maneira, o termo *ape* abrange apenas o ramo filogenético mais próximo ao *Homo sapiens*, constituído pelos chamados hominóides (Superfamília *Hominoidea*), que abarca os *apes* menores (gibões e siamangues) e os grandes *apes* (gorilas, orangotangos, chimpanzés, bonobos e humanos) (ver Figura 4).

Do mesmo modo, também foi deixado sem tradução o termo *grooming* que, conforme descrito por Corraze (1982, p. 116-117),

Trata-se, na origem, de um comportamento de asseio e, nos invertebrados sociais, o *grooming* parece restringir-se a essa única função. Ao envolver dois indivíduos (*allogrooming*), esse comportamento se vê acrescido de uma função social que é a ritualização da primeira. Durante a evolução, a atividade oral vai, pouco a pouco, cedendo lugar à manipulação, que será a forma privilegiada do *grooming* entre primatas.

Ele “apresenta uma grande importância para os primatas. Este comportamento desempenha funções de comunicação tátil entre os animais e de formação, manutenção e fortalecimento das ligações entre os membros de um grupo.” (Azevedo, 1999, p. 9). O *grooming* é considerado uma forma de redução de tensão entre indivíduos e “também pode participar na restauração das ligações entre os animais após episódios de agressão e como recompensa entre cooperadores após encontros agonistas...” (idem, p. 9-10). É um termo mencionado com frequência em textos da área, decorrente da sua grande importância na vida grupal que é substanciada na “necessidade insaciável de contato que é característica da ordem dos primatas” (de Waal, 1996, p. 11).

Devido a esta importância social, enfatizada no trabalho apresentado a seguir, o termo “catação”, usado por diversos autores da área (Azevedo, 1999; Santos, 1998), pode levar, segundo nosso entendimento, a um entendimento indevido do seu significado, ao enfatizar o aspecto higiênico em detrimento de sua função psicológica e relacional.

Mas tudo faltaria, se faltasse o sexo³
Walt Whitman

Pois não era melhor na paz clemente
do nada e do que ainda não existe,
ter ficado a dormir eternamente?
Antero de Quental

CAPÍTULO 1 - FREUD E A PULSÃO DE MORTE

1.1 ANTECEDENTES

Para começar o exame do tema da pulsão de morte em Freud, o primeiro passo será investigar as origens dessa concepção. Seguiremos inicialmente duas vertentes – o conceito de pulsão e o tratamento da questão da agressividade na obra freudiana pré-1920 – que depois constituirão elementos essenciais da formulação posterior.

1.1.1 PULSÃO OU INSTINTO?

Uma fonte de confusão importante se origina da tradução da palavra alemã *Trieb*, usada por Freud como um dos conceitos básicos de sua teoria. Em inglês, essa palavra foi traduzida como *instinct*. Na Edição Standard Brasileira, baseada na tradução inglesa, ficou também como “instinto”.

Segundo o “Vocabulário da Psicanálise,” “quando Freud fala de *Instinkt*, qualifica um comportamento animal fixado por hereditariedade, característico da espécie, pré-formado no seu desenvolvimento e adaptado ao seu objeto.” (Laplanche & Pontalis, 1991, p. 394). Já o termo *Trieb*, utilizado para nomear suas concepções, “... conserva sempre a nuance de impulsão (*treiben* = impelir); a ênfase se coloca menos numa finalidade definida do que numa orientação geral, e sublinha o caráter irremediável da pressão mais do que a fixidez da meta e do objeto”. (idem). Para os autores, portanto, utilizar a palavra instinto “... para traduzir *Trieb* falseia o uso da noção em Freud.” (ibidem).

Andrade (2003, p. 51) comenta que “... essa definição reducionista de *Instinkt* como comportamento totalmente herdado e automático (...) caiu em desuso pelos especialistas da área – os etólogos – depois da observação de que nos animais não-humanos também existe

³ *Yet all were lacking, if sex were lacking* (Tradução de Isa Mara Lando e Paulo César Souza). Citado por Freud numa entrevista, ao comentar sobre a importância da sexualidade: “Eu posso ter errado em muitas coisas, mas estou certo de que não errei ao enfatizar a importância do instinto sexual.” (Freud, 1926b/1990, p. 126).

interação entre genética e aprendizagem ...”. Ele propõe uma formulação que denomina de “... *Trieb* a força propulsora do comportamento instintivo. Desse modo, *Trieb* e *Instinkt* funcionam como um todo integrado (...) *Instinkt* corresponde a uma ação com um fim determinado; *Trieb* é o impulso incitador desta ação.” (idem, p. 53). Andrade opta pela tradução por instinto, listando diversas razões para assim o fazer (ibidem, p. 56-59), entre elas o fato de que, na edição inglesa, o termo *Trieb* foi traduzido como instinto (*instinct*) com a aprovação de Freud.

Hanns aponta para a polissemia (multiplicidade de sentidos) do termo *Trieb* na língua alemã, o que tornaria muito difícil sua tradução. Assim, para ele, “... nem ‘instinto’ nem ‘pulsão’ cobrem os significados do termo alemão.” (Hanns, 1999, p. 29).

O termo *Trieb* pode, eventualmente, ser empregado em alemão na acepção de ‘instinto’, significando uma seqüência de ações estereotipadas (...) em geral, o *Trieb* abarca todo o arco que se inicia na origem como Força Impelente Geral dos Seres Vivos e desemboca como Impulso ou Tendência do Indivíduo, enquanto *Instinkt* se refere primordialmente à manifestação dessa Força na espécie como Tendência de Comportamento Dirigido a Atividades e Objetos Determinados. (idem, p. 34-5).

alemão: <i>Trieb</i>	português: instinto
1 força interna que impele	1 ---
2 tendência, inclinação	2 ---
3 instinto, força biológica inata	3 força biológica inata
4 ânsia, impulso	4 ---
5 broto, rebento de vegetais	5 ---
6 ---	6 intuição, talento
7 ---	7 inclinação, tirocínio (diferente de 2)
8 ---	8 comportamento estereotipado

Quadro 1- Diferenças de significados e conotações entre *Trieb* e instinto.
(Conforme Hanns, 1996, p. 345).

Apesar das ressalvas, Hanns usa o termo “pulsão” em sua tradução de textos de Freud (ver Hanns, 2004), e a mesma opção é adotada no presente trabalho, dado que “o termo ‘pulsão’ não é de uso corrente em português, tornando-se quase que um neologismo do jargão psicanalítico ...” (Hanns, 1996, p. 344). Assim, ele permite uma maior sintonia com o texto freudiano original, enquanto “instinto” remete a diferentes significados e

conotações (ver Quadro 1). Entretanto, nas citações de Freud, manteremos o texto como está na Edição Standard Brasileira (Ed. Imago), onde aparece traduzido como “instinto”.

1.1.2 A EVOLUÇÃO DA TEORIA FREUDIANA DAS PULSÕES

De acordo com Laplanche & Pontalis (1991, p. 394-395),

Embora o termo *Trieb* só apareça nos textos freudianos de 1905, ele tem sua origem como noção energética na distinção que desde cedo Freud faz entre dois tipos de excitação (*Reize*) a que o organismo está submetido (...) existem fontes internas portadoras constantes de um fluxo de excitação a que o organismo não pode escapar e que é o propulsor do funcionamento do aparelho psíquico.

A idéia de que uma excitação somática tem um representante psíquico aparece formulada de duas maneiras diferentes nos textos de Freud. Nos “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”, afirma-se que “por ‘instinto’ deve-se entender provisoriamente o representante psíquico de uma fonte endossomática e contínua de excitação.” (Freud, 1905b/1972, p. 171)⁴. Do mesmo modo, em “Os Instintos e suas Vicissitudes”, é dito que a pulsão é “... o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente...” (Freud, 1915a/1974, p. 142). Entretanto, em outro artigo publicado no mesmo ano aparece uma formulação diferente: “um instinto nunca pode tornar-se objeto da consciência – só a idéia que o representa pode. Além disso, mesmo no inconsciente, um instinto não pode ser representado de outra forma a não ser por uma idéia.” (Freud, 1915c/1974, p. 203). Nessa segunda acepção, Freud usará então o conceito de representante psíquico da pulsão, que pode se manifestar através de uma idéia (representação) ou de um fator quantitativo, a quota de afeto (Freud, 1915b/1974).

Segundo Strachey (1969, p. 131), “esses dois conceitos, aparentemente divergentes, da natureza de um instinto, encontram-se em diversas passagens dos escritos subsequentes de Freud, embora o segundo predomine.” Note-se que o conceito é o mesmo: existe uma excitação somática que se manifesta como um elemento psíquico. Muda apenas a denominação dada – num caso é a fonte endossomática que se apresenta no aparelho psíquico com o nome de pulsão; no outro é a pulsão (somática) que se manifesta através de um “representante da pulsão”.

⁴ Segundo Strachey (1969, p. 130), o trecho citado apareceu somente a partir da edição de 1915 dos “Três Ensaios...”.

No mesmo sentido, de acordo com Laplanche e Pontalis (1991, p. 454),

... algumas vezes é a própria pulsão que aparece como ‘o representante psíquico das excitações provenientes do interior do corpo e que atingem a alma’; outras, a pulsão é assimilada ao processo da excitação somática, e é ela então que é representada no psiquismo por ‘representantes da pulsão’ ...

Nos “Três Ensaio...”, Freud expõe as bases da sua visão das pulsões sexuais: fala do objeto da pulsão (pessoa ou coisa, real ou imaginária) por meio do qual se atinge a meta, que seria a resolução da tensão interna oriunda das fontes somáticas (zonas erógenas). Em 1915, acrescenta aos elementos básicos da pulsão (fonte, meta e objeto) a noção de “... pressão ou força, concebida como um fator quantitativo econômico, uma ‘exigência de trabalho’ imposta ao aparelho psíquico.” (idem).

O conflito psíquico, noção central na teoria freudiana, estaria apoiado num antagonismo pulsional em que “... os instintos do ego e os instintos objetais se confrontavam mutuamente.” (Freud, 1930/1974, p. 139).

1.1.3 AGRESSÃO E PSICANÁLISE ANTES DE 1920

Segundo Peter Gay (1995, p. 531), “muitos anos antes de elevar a agressão ao mesmo patamar de seu adversário mortal, a libido, Freud estava longe de trivializar a versatilidade e a energia dos impulsos hostis.” Além da teoria do complexo de Édipo, o tema da agressividade surge em questões como o sadismo e o masoquismo, o complexo de castração, a resistência ao tratamento, a transferência negativa, a ambivalência, os chistes, sendo que “... as tendências hostis são particularmente importantes em certas afecções (neurose obsessiva, paranóia).” (Laplanche e Pontalis 1991, p. 77).

De acordo com Strachey, o tema da agressividade aparece desde o início da obra de Freud, e “... através de todos os seus primeiros escritos, o contexto em que ele predominantemente o encarou foi o do sadismo.” (Strachey, 1974, p. 78).

Para Freud (1905b/1972, p. 159-160), “... o sadismo corresponderia a um componente agressivo do instinto sexual que se tornou independente e exagerado e, por deslocamento, usurpou a posição de liderança.” Além disso, segundo ele, “pode-se demonstrar com frequência que o masoquismo nada mais é do que uma extensão do sadismo voltada para o próprio paciente⁵...” (idem, p. 160).

⁵ Em nota de rodapé acrescentada em 1924, Freud refere ter alterado suas concepções, passando a defender a tese da existência de um masoquismo primário.

Em "Os Instintos e suas Vicissitudes", Freud reafirma sua visão: "um masoquismo primário, não derivado do sadismo na forma que descrevi, não parece ser encontrado" (Freud, 1915a/1974, p. 149). Ele coloca a musculatura como a fonte orgânica provável do sadismo (idem, p. 154). É dito ainda que "... os verdadeiros protótipos da relação de ódio se originam não da vida sexual, mas da luta do ego para preservar-se e manter-se." (ibidem, p. 160). Ou seja, a agressão não seria mais apenas um aspecto da sexualidade, alcançando agora o âmbito das pulsões do ego.

Na apresentação do caso do "Pequeno Hans", Freud contesta a hipótese de Adler da existência de uma pulsão agressiva importante e independente das demais pulsões:

Não posso convencer-me a aceitar a existência de um instinto agressivo especial ao lado dos instintos familiares de autopreservação e de sexo, e de qualidade igual à destes (...) eu preferiria, no momento, aderir ao ponto de vista usual, que deixa a cada instinto o seu próprio poder de se tornar agressivo ... (Freud, 1909/s.d., p. 145-146).

1.2 O CONCEITO FREUDIANO DE PULSÃO DE MORTE

Conforme Mezan (1982, p. 250),

Nada faria um leitor desprevenido esperar, a partir de 1920, uma reforma tão extensa do edifício laboriosamente construído nas três décadas precedentes (...) contudo, chegado ao outono da vida, o jardineiro Freud decide empreender uma experiência decisiva com a árvore que plantara na primavera: o enxerto de uma muda nova, brotada de um ramo lateral e que até então recebera apenas algumas gotas de atenção. Iniciado sem alarde em 'Além do Princípio de Prazer', o experimento iria modificar de alto a baixo o aspecto da psicanálise, acarretando transformações profundas nos seus elementos essenciais.

Surgem assim, na década de 1920, diversos elementos novos, como uma diferente teoria da angústia e as noções de id, ego e superego. Focalizaremos aqui a teoria da pulsão de morte, uma das principais inovações desse período.

1.2.1 PULSÃO DE MORTE: A ORIGEM DA VIDA, A CLÍNICA

Num primeiro momento, a idéia da pulsão de morte aparece sob a forma de especulações sobre a origem da vida, ampliando a abrangência do conceito de pulsão,

considerada agora como estando muito além de algo na fronteira entre o somático e o psíquico. Segundo Freud (1920/1976, p. 76),

A tendência dominante da vida mental e, talvez, da vida nervosa em geral, é o esforço para reduzir, para manter constante ou para remover a tensão interna devida aos estímulos (o ‘princípio do Nirvana’⁶, para tomar de empréstimo uma expressão de Bárbara Low), tendência que encontra expressão no princípio de prazer, e o reconhecimento desse fato constitui uma de nossas mais fortes razões para acreditar na existência dos instintos de morte.

Partindo do conceito da pulsão como algo que busca o restabelecimento de um estado de não excitação, Freud faz uma exposição do que seriam os fundamentos teóricos e biológicos da sua teoria da pulsão de morte. Para ele, “... um instinto é um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas (...) ou, para dizê-lo de outro modo, a expressão da inércia inerente à vida orgânica.” (1920/1976, p. 53-54). De acordo com Freud, dado que tudo que vive morre e torna-se de novo inorgânico, “...seremos compelidos a dizer que o objetivo de toda vida é a morte...” (idem, p. 56).

O corpo, assim, estaria fadado a morrer, com exceção das células germinais, potencialmente imortais. Cuidando do destino destas últimas estariam as pulsões sexuais, em oposição às pulsões que conduzem à morte. Um exame mais detalhado destes aspectos da concepção freudiana será realizado no capítulo 4.

Em 1923, com “O Ego e o Id”, Freud retoma idéias expressas em 1920, afirmando que Eros “... abrange não apenas o instinto sexual desinibido propriamente dito e os impulsos instintuais de natureza inibida quanto ao objetivo ou sublimada que dele derivam, mas também o instinto autopreservativo...” (Freud, 1923/1976, p. 55). Haveria também “...um instinto de morte, cuja tarefa é conduzir a vida orgânica de volta ao estado inanimado...” (idem). Na seqüência, o tema da agressão ganha nova formulação:

... em resultado da combinação de organismos unicelulares em formas multicelulares, o instinto de morte da célula isolada pode ser neutralizado com sucesso e os impulsos destrutivos desviados para o mundo externo, mediante o auxílio de um órgão especial. Esse órgão especial pareceria ser o aparelho muscular; e o instinto de morte pareceria, então, expressar-se –

⁶ O termo “princípio de Nirvana” ficou consagrado na literatura psicanalítica, mas existem críticas a ele. Conforme Fromm (1979, p. 597-598), “o uso do princípio de Nirvana é infeliz, visto que interpreta erroneamente o Nirvana budista. Nirvana é, precisamente, não um estado de carência de vida produzido pela natureza (...) no estado de Nirvana, o Buda experimentava a alegria suprema”.

ainda que, provavelmente, apenas em parte – como um instinto de destruição dirigido contra o mundo externo e outros organismos. (ibidem, p. 56).

Em 1924, em “O Problema Econômico do Masoquismo”, avançam-se mais alguns passos. A pulsão de morte começa a se fazer importante nas concepções sobre a clínica. Segundo Strachey (1976, p. 198), Freud descrevia, em todos os seus escritos até 1919, o masoquismo como sendo derivado de um sadismo anterior. Em 1920, o enfoque muda, sendo dito que poderia haver um masoquismo primário e, no presente artigo, completa-se a mudança teórica com a afirmação plena dessa tese. Freud comenta que uma parte da pulsão de morte “... permanece dentro do organismo e, com o auxílio da excitação sexual acima descrita, lá fica libidinalmente presa. É nessa porção que temos de identificar o masoquismo original, erógeno.” (Freud 1924/1976, p. 204). Diz ainda que a supressão cultural dos impulsos destrutivos levaria a uma reintrojeção da pulsão de morte, produzindo “... um masoquismo secundário, que é acrescentado ao masoquismo original” (idem, p. 205), caso seja assimilada pelo ego, ou então é assumido pelo superego “e aumenta o seu sadismo contra o ego.” (ibidem, p. 212).

Em “A Negativa” (1925/1976, p. 299-300), é expandida a abrangência do conceito: “a polaridade de julgamento parece corresponder à oposição dos dois grupos de instintos que supusemos existir. A afirmação – como um substituto da união – pertence a Eros; a negativa – o sucessor da expulsão – pertence ao instinto de destruição.”

Numa entrevista de 1926, Freud comenta sua nova teoria afirmando que “a Morte é companheira do Amor. Juntos eles regem o mundo. Isso é o que diz meu livro *Além do Princípio do Prazer*. No começo a psicanálise supôs que o Amor tinha toda a importância. Agora sabemos que a Morte é igualmente importante.” (Freud, 1926b/1990, p. 120). Assim, “biologicamente, todo ser vivo, não importa quão intensamente a vida queime dentro dele, anseia pelo Nirvana, pela cessação da ‘febre chamada viver’(....) o objetivo derradeiro da vida é a sua própria extinção.” (idem, p. 120-121). De acordo com ele, “seria possível que pudéssemos vencer a Morte, não fosse por seu aliado dentro de nós. Neste sentido, pode ser justificado dizer que toda morte é suicídio disfarçado.” (ibidem, p. 121).

1.2.2 O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO

Na segunda metade da década de 1920, Freud vai além dos aspectos biológicos e clínicos já citados, dedicando-se a comentar as manifestações sociais da pulsão de morte. Na mesma entrevista citada acima, ele aponta que

O selvagem, como o animal, é cruel, mas não tem a maldade do homem civilizado. A maldade é a vingança do homem contra a sociedade, pelas restrições que ela impõe. As mais desagradáveis características dos homens são geradas por esse ajustamento precário a uma civilização complicada. É o resultado do conflito entre nossos instintos e nossa cultura. (ibidem, p. 124).

Em 1930, em “O Mal-Estar na Civilização”, a sociologia, a política e a história constituem objeto de suas reflexões, produzindo um texto marcante onde ele apresenta uma visão da natureza humana que teve grande impacto por causa da profundidade e da crueza com a qual retratou a humanidade. Para ele, os seres humanos

... são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo. (Freud, 1930/1974, p. 133).

Quando a inibição desta tendência deixa de existir, ela “... se manifesta espontaneamente e revela o homem como uma besta selvagem, a quem a consideração para com sua própria espécie é algo estranho.” (idem). Independentemente de qualquer vantagem obtida com a agressão ao semelhante, diz ele, o homem,

... se puder satisfazer qualquer tipo de desejo com isso, não se importará em escarnecer de mim, em me insultar, me caluniar e me mostrar a superioridade de seu poder; e, quanto mais seguro se sentir e mais desamparado eu for, mais, com certeza, posso esperar que se comporte dessa maneira para comigo (ibidem, p. 131). Não é fácil aos homens abandonar a satisfação dessa inclinação para a agressão. Sem ela, não se sentem confortáveis. (ibidem, p. 136).

Segundo o autor, “chega a hora em que cada um de nós tem de abandonar, como sendo ilusões, as esperanças que, na juventude, depositou em seus semelhantes, e aprende quanta dificuldade e sofrimento foram acrescentados à sua vida pela má vontade deles.” (ibidem, p. 134).

Para Freud, a explicação para isto adviria da existência de uma pulsão de morte nos seres humanos, que poderia ser “... desviada no sentido do mundo externo e vem à luz como um instinto de agressividade e destrutividade [e] qualquer restrição dessa agressividade dirigida para fora estaria fadada a aumentar a autodestruição.” (ibidem, p. 141). Ele relata a existência de resistências a esta teoria e as explica dizendo que “... as criancinhas não gostam quando se fala na inata inclinação humana para a ‘ruindade’, a agressividade e a destrutividade, e também para a crueldade.” (ibidem, p. 142). Haveria um confronto entre Eros – uma pulsão para preservar a vida e reuni-la em unidades cada vez maiores – e a pulsão de morte que estaria “... buscando dissolver essas unidades e conduzi-las de volta a seu estado primevo e inorgânico.” (ibidem, p. 141).

Para ele, a civilização está a serviço de Eros, ao reunir cada vez mais unidades em um todo, sendo a agressão o principal impedimento ao seu progresso:

... o natural instinto agressivo do homem, a hostilidade de cada um contra todos e a de todos contra cada um, se opõe a esse programa da civilização. Esse instinto agressivo é o derivado e o principal representante do instinto de morte, que descobrimos lado a lado de Eros e que com este divide o domínio do mundo. (ibidem, p. 145).

Coloca como o ponto mais doloroso da civilização e o seu maior estorvo “... a inclinação, constitutiva dos seres humanos, para a agressividade mútua” (ibidem, p. 167). Esta oposição seria tão forte que Freud chega a afirmar que “a questão fatídica para a espécie humana parece-me ser saber se, e até que ponto, seu desenvolvimento cultural conseguirá dominar a perturbação de sua vida comunal causada pelo instinto humano de agressão e autodestruição.” (ibidem, p. 170).

Como ressalta Franco (1995, p. 156), não deixa de ser curioso ver aquilo que, em termos psíquicos, apresentava um caráter “silencioso”, manifestando-se ruidosamente no plano social e histórico: “a pulsão de morte, quando aplicada à cultura, deixa de ser muda. Ela se torna visível no grande cenário da civilização, na grande disputa entre a vida e a morte. É bem por isso que a especulação sobre a morte torna-se em uma decifração do ódio e da guerra na civilização.”

Em “Por Que A Guerra?”, Freud reafirma suas idéias, dizendo que “... os instintos humanos são de apenas dois tipos: aqueles que tendem a preservar e a unir – que denominamos ‘eróticos’ (...) e aqueles que tendem a destruir e matar, os quais agrupamos como instinto agressivo ou destrutivo.” (Freud, 1932/1976, p. 252). “Esse instinto está em

atividade em toda criatura viva e procura levá-la ao aniquilamento, reduzir a vida à condição original de matéria inanimada. Portanto, merece, com toda seriedade, ser denominado instinto de morte.” (idem, p. 254). Afirma ele que “... se essas forças se voltam para a destruição no mundo externo, o organismo se aliviará e o efeito deve ser benéfico (...) o organismo preserva sua própria vida, por assim dizer, destruindo uma vida alheia.” (ibidem). A conclusão é que “... de nada vale tentar eliminar as inclinações agressivas dos homens.” (ibidem).

Como meio indireto de se contrapor à guerra, Freud propõe a utilização de Eros: “tudo o que favorece o estreitamento dos vínculos emocionais entre os homens deve atuar contra a guerra.” (ibidem, p. 255), seja pela amizade, pelo amor ou pela identificação. Segundo ele, “a psicanálise não tem motivo por que se envergonhar se nesse ponto fala de amor, pois a própria religião emprega as mesmas palavras: ‘Ama a teu próximo como a ti mesmo’. Isto, todavia, é mais facilmente dito do que praticado” (ibidem). É interessante notar essa opinião de Freud, pois ela permite nuançar a tradicional imagem dele como um pessimista e crítico dos ingênuos que acreditam no “amor” e na “bondade”. Aqui são retomados temas já expressos em 1930, abrandando um pouco o comentário então feito sobre o mesmo mandamento:

Qual é o sentido de um preceito enunciado com tanta solenidade, se seu cumprimento não pode ser recomendado como razoável? Através de um exame mais detalhado, descubro ainda outras dificuldades. Não meramente esse estranho é, em geral, indigno de meu amor; honestamente, tenho de confessar que ele possui mais direito a minha hostilidade e, até mesmo, meu ódio. (Freud, 1930/1974, p. 131).

1.2.3 A IDÉIA DE UMA PULSÃO DE MORTE PERMANECE CENTRAL

Em 1933, nas “Novas Conferências Introdutórias”, contrapondo-se aos que duvidam da sua teoria da pulsão de morte, diz que “... a crença na ‘bondade’ da natureza humana é uma dessas perniciosas ilusões com as quais a humanidade espera seja sua vida embelezada e enfeitada, enquanto, na realidade, só causam prejuízo.” (Freud, 1933/1976, p. 130). Reafirma que “... o masoquismo é mais antigo do que o sadismo e que este, o sadismo, é o instinto destrutivo dirigido para fora...” (idem, p. 131). Comenta que se a agressividade não encontrar satisfação no mundo externo,

... talvez ela se retraia e aumente a quantidade de autodestrutividade reinante no interior (...) a agressividade tolhida parece implicar em grave dano.

Realmente, parece necessário que destruamos alguma outra coisa ou pessoa, a fim de não nos destruirmos a nós mesmos, a fim de nos protegermos contra a impulsão de autodestruição. Realmente, uma triste descoberta para o moralista! (ibidem, p. 131-132).

Freud busca ampliar os argumentos já utilizados anteriormente como fundamentação biológica de sua teoria, argumentando que

... desde o momento em que uma situação, tendo sido uma vez alcançada, é desfeita, surge um instinto para criá-la novamente e ocasiona fenômenos que podemos descrever como uma ‘compulsão à repetição’ (...) possivelmente tudo o que qualificamos como manifestação de instinto⁷ em animais realiza-se sob as ordens da compulsão à repetição, que exprime a natureza conservadora dos instintos⁸ (ibidem, p. 132-133).

Conclui assim que, se

... a vida se originou da matéria inorgânica, então, de acordo com nossa suposição, deve ter surgido um instinto que procurou eliminar a vida novamente e restabelecer o estado inorgânico. Se reconhecemos nesse instinto a autodestrutividade de nossa hipótese, podemos considerar a autodestrutividade expressão de um ‘instinto de morte’ que não pode deixar de estar presente em todo processo vital. (ibidem, p. 133).

Em 1937, em “Análise Terminável ou Interminável”, enfatiza ainda mais o poder da pulsão de morte:

... se tomarmos em consideração o quadro total formado pelos fenômenos de masoquismo imanentes em tantas pessoas, a reação terapêutica negativa e o sentimento de culpa encontrados em tantos neuróticos, não mais poderemos aderir à crença de que os eventos mentais são governados exclusivamente pelos desejos de prazer. Esses fenômenos constituem indicações inequívocas da presença de um poder na vida mental que chamamos de instinto de agressividade ou de destruição, segundo seus objetivos, e que remontamos ao instinto de morte original da matéria viva. (Freud. 1937/1975, p. 276).

Strachey, na Nota do Editor que introduz o texto, afirma que

... o artigo, como um todo, dá impressão de pessimismo quanto à eficácia terapêutica da psicanálise (...) o fator impeditivo mais poderoso de todos, um fator que está além de qualquer possibilidade de controle (ao qual

⁷ *Instinkt* no original, conforme nota do Editor Inglês na Edição Standard Brasileira, p. 133.

⁸ *Trieb* no original, conforme nota do Editor Inglês na Edição Standard Brasileira, p. 133.

algumas páginas do trabalho são dedicadas), é o instinto de morte. Freud sugere aqui que este não é apenas, como apontara em trabalhos anteriores, responsável por grande parte da resistência encontrada na análise, mas que é, realmente, a causa suprema do conflito na mente. (Strachey, 1975, p. 242).

Em 1938, no “Esboço de Psicanálise”, Freud afirma que

... as forças que presumimos estar por trás das tensões causadas pelas necessidades do id são chamadas de instintos. Representam as exigências somáticas que são feitas à mente. Embora sejam a suprema causa de toda atividade, elas são de natureza conservadora; o estado, seja qual for, que um organismo atingiu dá origem a uma tendência a restabelecer esse estado assim que ele é abandonado. (Freud, 1938/1975, p. 173).

Reafirma então sua crença na existência de duas pulsões básicas, que chama de Eros e instinto destrutivo. O objetivo deste último seria “... desfazer conexões e, assim, destruir coisas. No caso do instinto destrutivo, podemos supor que seu objetivo final é levar o que é vivo a um estado inorgânico. Por essa razão, chamamo-lo também de instinto de morte.” (idem, p. 173-174). Ressalta a ligação entre a pulsão de morte e o superego:

... quando o superego se estabelece, quantidades consideráveis do instinto agressivo fixam-se no interior do ego e lá operam autodestrutivamente (...) Uma pessoa num acesso de raiva com frequência demonstra como a transição da agressividade, que foi impedida, para a autodestrutividade, é ocasionada pelo desvio da agressividade contra si própria: arrancar os cabelos ou esmurrar a face, embora, evidentemente, tivesse preferido aplicar esse tratamento a outrem. Uma porção de autodestrutividade permanece interna, quaisquer que sejam as circunstâncias, até que, por fim, consegue matar o indivíduo ... (ibidem, p. 175).

Freud comenta que

... os dois instintos básicos operam um contra o outro ou combinam-se mutuamente. Assim, o ato de comer é uma destruição do objeto com o objetivo final de incorporá-lo, e o ato sexual é um ato de agressão com o intuito da mais íntima união (...) Um excesso de agressividade sexual transformará um amante num criminoso sexual, enquanto que uma nítida diminuição no fator agressivo torna-lo-á acanhado ou impotente. (ibidem, p. 174).

Esta possibilidade das pulsões agirem tanto em oposição uma à outra quanto amalgamadas ou mescladas constituirá um dos pilares do pensamento freudiano: “Esta ação concorrente e mutuamente oposta dos dois instintos fundamentais dá origem a toda a variedade dos fenômenos da vida.” (ibidem).

1.3 COMENTÁRIOS SOBRE A VISÃO FREUDIANA

Apesar de sempre ter dado importância à agressividade, Freud vai atribuir a ela um papel ainda mais determinante e fundamental em seus escritos a partir de 1920. Tais hipóteses eram no início vistas com muita cautela. Em “Além do Princípio de Prazer”, ao introduzir sua idéia da pulsão de morte, adverte: “o que se segue é especulação, amiúde especulação forçada” (Freud, 1920/1976, p. 39), dizendo que “pode-se perguntar se, e até que ponto, eu próprio me acho convencido da verdade das hipóteses que foram formuladas nestas páginas. Minha resposta seria que eu próprio não me acho convencido (...) ou, mais precisamente, que não sei até onde nelas acredito.” (idem, p. 80). Porém, em 1930, parece estar bem mais convicto da validade de sua nova teoria: “não posso mais entender como foi que pudemos ter desprezado a ubiqüidade da agressividade e da destrutividade não-eróticas e falhado em conceder-lhes o devido lugar em nossa interpretação da vida”. (Freud, 1930/1974, p. 142).

Percebe-se nessa evolução das idéias de Freud uma grande coerência. Em 1920, ele apresenta o que chamou de especulação teórica, com grandes ressalvas. A partir daí, vemos que suas dúvidas parecem ir se dissipando e ele vai cada vez mais mudando sua forma de entender o funcionamento psíquico, assimilando progressivamente o conceito de pulsão de morte. A cada texto, ele ao mesmo tempo aumenta a amplitude da influência teórica do conceito de pulsão de morte, estendendo-o a novos campos, e reafirma as idéias básicas apresentadas em 1920, como que de maneira a não deixar dúvidas. O acompanhamento da evolução das idéias de Freud ao longo dos anos mostra claramente que ele cada vez mais valorizou a hipótese da pulsão de morte como fundamento essencial da sua compreensão do aparelho psíquico. Esse papel central não teria sido fortuito, dado que a nova teoria veio resolver questões pendentes das formulações freudianas. De acordo com Sulloway (1979, p. 403),

Todas as suas três dificuldades teóricas entre 1910 e 1920 (a questão do narcisismo e seu desafio ao dualismo pulsional, os problemas inter-relacionados da fixação no trauma e a compulsão à repetição, e o paradoxo da regressão) foram dissipadas pela nova dicotomia pulsional vida/morte.

1.3.1 CONTINUIDADE OU RUPTURA NA TEORIA?

A opinião de Freud sobre o grau de mudança que a teoria da pulsão de morte provocou na teoria psicanalítica é de que teria significado simplesmente uma continuidade, um desenvolvimento lógico e quase que inevitável de idéias anteriores. Diz ele que “ficaria feliz em desenvolver o tema se isso levasse à conclusão de que o reconhecimento de um instinto agressivo, especial e independente, significa uma alteração da teoria psicanalítica dos instintos.” (Freud, 1930/1974, p. 139). Logo a seguir descarta esta possibilidade, enfatizando a continuidade e a compatibilidade entre suas duas teorias: “veremos, no entanto, que a coisa não é bem assim, e que se trata simplesmente de focalizar de modo mais nítido uma mudança de pensamento há muito introduzida ...” (idem).

Alguns autores divergem desta idéia, apontando a existência de mudanças importantes, que fazem com que as duas teorias pulsionais sejam na realidade muito diferentes entre si. Por exemplo, segundo Laplanche & Pontalis (1991, p. 396), na nova teoria

... o conflito tópico (entre a instância defensiva e a instância recalcada) já não coincide com o conflito pulsional, pois o id é concebido como reservatório pulsional que inclui os dois tipos de pulsões. A energia utilizada pelo ego é retirada deste fundo comum, especialmente sob a forma de energia ‘dessexualizada e sublimada’.

Outra questão relaciona-se ao fato de que “o dualismo pulsões de vida – pulsões de morte é freqüentemente assimilado pelos psicanalistas ao da sexualidade e da agressividade, e o próprio Freud caminha por vezes nessa direção.” (idem, p. 13). De acordo com tais autores, isso não é tão simples, pois: a) definição de 1920 baseia-se na compulsão à repetição e não na agressividade; b) a auto-agressão tem importância clínica (melancolia, sentimento de culpa inconsciente, reação terapêutica negativa).

Gomes também defende o ponto de vista de que as duas teorias pulsionais de Freud são de natureza distinta: “evidencia-se que as duas teorias freudianas das pulsões utilizam conceitos bem distintos sobre o que é pulsão. Na primeira, o conceito se define em função dos conceitos de fonte, pressão, objeto e alvo, que não se aplicam ao conceito da segunda.” (Gomes, 2001, p. 249).

Mezan afirma que a argumentação defendida em “Luto e Melancolia” (Freud, 1915d/1974), “mostra o quão distante estava Freud, em 1915, de conceber a pulsão de

morte, e bastaria por si só para caracterizar a ruptura entre os textos posteriores ao ‘Além do Princípio de Prazer’ e os do período que estamos analisando [1905-1920].” (Mezan, 1982, p. 187). Para ele, “a pulsão de morte é um elemento tão radicalmente novo, e transtorna a rede da psicanálise de maneira tão profunda, que cremos necessário tomá-la como ponto de partida de uma nova fase.” (idem, p. 252). Assim,

A pulsão de morte altera o sentido do conceito de pulsão: basta tentar aplicar a ela os quatro fatores que definem a pulsão sexual (fonte, alvo, impulso e objeto) para se dar conta disso. Qual é a fonte somática da pulsão de morte? Pode-se dizer que ela tem um objeto como a pulsão oral ou a pulsão fálica? (Mezan, 1996, p. 353)

Gomes (2001, p. 253) rebate essas perguntas, reafirmando a diferença entre as duas teorias:

Qual a fonte da pulsão de morte? A pergunta, aparentemente legítima, revela o equívoco de aplicar o primeiro conceito à segunda teoria. O conceito de fonte da pulsão faz parte do primeiro conceito de pulsão (como exigência de trabalho feita ao aparelho psíquico pelos estímulos provenientes do interior do corpo) e não se aplica à pulsão de morte (uma tendência geral da vida orgânica) nem, estritamente falando, à pulsão de vida (enquanto tendência à unificação).

No mesmo sentido, Hanns⁹ argumenta que essa “... confusão resulta de uma má aplicação do nível hierárquico em que se encontra cada um desses conceitos. Nem a pulsão de vida e nem a de morte têm uma *Quelle*.” Para ele, na verdade “a pulsão de morte e a pulsão de vida se manifestam em todas as *Quelle*, as fontes.” (idem). Assim, “a pulsão de mamar é uma subpulsão da pulsão de alimentação, que tem várias possibilidades, e que por sua vez é uma subpulsão da pulsão de autoconservação. A pulsão de autoconservação e a pulsão sexual são subpulsões da pulsão de vida.” (ibidem). O esquema freudiano de fonte-meta-pressão-objeto “... vale ao nível das funções, dos sistemas operantes, das espécies, dos seres vivos. Não está naquele primeiro patamar, que é o da pulsão de morte e pulsão de vida.” (ibidem). Para Hanns, “na primeira teoria você está olhando para a pulsão enquanto uma finalidade especificada e não como um princípio geral. É um outro nível epistemológico, a pulsão de vida é tão abstrata ou não quanto a pulsão de morte. A idéia é que, se a pulsão de morte é silenciosa, a de vida também é.” (ibidem).

⁹ Conforme entrevista concedida por Luiz Alberto Hanns ao autor em 26 de agosto de 2004.

Estas argumentações caminham no sentido de ver a segunda formulação como diversa (e complementar) em relação à primeira. Entretanto, o próprio Freud, no “Esboço de Psicanálise”, parece colocar a pulsão de morte como algo que seguiria o mesmo padrão de perseguir uma meta de satisfação que adviria de uma mudança na fonte somática:

Dentro desse id operam os instintos orgânicos, que são, eles próprios, compostos de fusões de duas forças primevas (Eros e destrutividade) em proporções que variam e se diferenciam umas das outras por sua relação com órgãos ou sistemas de órgãos. O único e exclusivo impulso destes instintos é no sentido da satisfação, a qual se espera que surja de certas modificações nos órgãos, com o auxílio de objetos do mundo externo. (Freud, 1938/1975, p. 227).

Existem ainda autores que afirmam a existência de uma ruptura radical entre as duas formulações de Freud, no sentido de que a teoria da pulsão de morte conteria contradições internas que a inviabilizariam. Para a maioria deles, deveriam ser mantidas as concepções freudianas vigentes antes de 1920 e descartadas aquelas posteriores a essa data. Wilhelm Reich, um dos que defendem tal posição, será objeto de exame no capítulo 2. Outros teóricos que partilham ponto de vista semelhante são citados no capítulo 6, item 6.1

1.3.2 ELEMENTOS DA TEORIA DA PULSÃO DE MORTE

Encerrando este capítulo, importa aqui resumir os elementos constituintes essenciais da teoria freudiana da pulsão de morte. Isso será importante na discussão posterior, pois, como é uma teoria complexa, não cabe a princípio a opção simplista de aceitá-la ou rejeitá-la por inteiro. É possível que uma pessoa concorde com alguns destes elementos, critique outros, ficando ainda em dúvida em relação a uns tantos deles.

Essa teoria, tal como exposta neste capítulo, afirma que:

a) Existe uma pulsão agressiva independente da sexualidade, que é de grande importância na dinâmica psíquica.

b) Essa pulsão está na origem de diversos aspectos do tratamento psicanalítico, como a reação terapêutica negativa, o sadismo e o masoquismo, a compulsão à repetição e outros.

c) Pelo fato de tentar restabelecer o estado de coisas que havia antes do surgimento da vida, a pulsão de morte impele o organismo a voltar ao estado inanimado, à morte. A isso se chama princípio do Nirvana.

d) Apesar dessa tendência de volta ao inanimado, os atributos da vida teriam sido insuflados na matéria inanimada pela ação de uma força desconhecida até o momento.

e) A força citada no item anterior manifesta-se como uma pulsão de vida (Eros) que se contrapõe à pulsão de morte e a neutraliza em determinadas condições.

f) Eros leva à reunião de unidades em um todo, à relação com objetos; a pulsão de morte desfaz conexões, desagrega, desune, está associada ao narcisismo.

g) Ambas as pulsões existem em toda partícula de substância viva.

h) A pulsão de morte pode ser defletida para o exterior através da musculatura, sendo isso que gera as tendências destrutivas, a agressividade, a crueldade e a “maldade” do ser humano. Nesse caso pode ser chamada de pulsão destrutiva ou pulsão de domínio.

i) A pulsão de morte funciona ininterruptamente e pressiona continuamente à descarga, que se dá por meio da autodestruição ou da destruição de um objeto externo.

j) A inibição da agressividade externa fará necessariamente crescer a auto-agressão.

k) A pulsão de morte manifesta-se como um masoquismo primário. Esse masoquismo é anterior ao sadismo e constitui sua origem.

l) O aparelho psíquico é regulado por uma tendência à diminuição quantitativa da estimulação, que se manifesta tanto no princípio de Nirvana quanto no princípio de prazer.

m) A pulsão de morte é um fator decisivo na determinação da guerra e de outras formas sociais de agressão. A questão essencial da civilização é se conseguiremos dominar a perturbação da vida social causada pela pulsão de morte.

n) A pulsão de morte influencia a crueldade do superego para com o ego.

o) A agressividade humana faz parte de sua herança biológica e é inextirpável. A crença na bondade humana é uma ilusão.

p) O objetivo de toda vida é a morte.

q) A teoria da pulsão de morte está fundamentada em um tripé teórico: a) certos quadros da clínica psicanalítica; b) elementos da biologia; e c) aspectos sociais e culturais.

r) A existência daquilo que Freud chama de compulsão à repetição constituiria uma prova da existência de uma pulsão de morte.

s) A pulsão de morte pode manifestar-se como uma tendência contrária à vida¹⁰; ou como algo que é benéfico para a continuidade do processo vital¹¹.

t) A pulsão de vida e a pulsão de morte geralmente atuam fundidas (amalgamadas, mescladas), mas podem também funcionar de maneira independente uma da outra. Conforme a situação, pode haver predomínio de uma ou de outra.

u) O dualismo e a noção de conflito, centrais na concepção freudiana de psiquismo, passaram a se fundamentar na polaridade entre pulsões de vida e de morte.

v) Existem diversas formas de ver a relação entre as concepções freudianas sobre as pulsões antes e depois de 1920: entre outras possibilidades, há os que enxergam a continuidade de uma teoria única que vai se desenvolvendo ao longo do tempo (este parece ser o ponto de vista de Freud na maior parte de seus textos); outros acreditam haver uma mudança importante, em que a segunda teoria constitui algo diferente que vem complementar a primeira visão; e existem ainda aqueles que vêem uma diferença radical entre as duas teorias, sendo a primeira correta e a segunda incorreta.

¹⁰ Quando se fala de uma pulsão de morte “... cuja tarefa é conduzir a vida orgânica de volta ao estado inanimado...” (Freud, 1923/1976, p. 55). Ou que “seria possível que pudéssemos vencer a Morte, não fosse por seu aliado dentro de nós.” (Freud, 1926b/1990, p. 121). Ou ainda que “qualquer restrição dessa agressividade dirigida para fora estaria fadada a aumentar a autodestruição.” (Freud, 1930/1974, p. 141).

¹¹ No sentido de que “... o ato de comer é uma destruição do objeto com o objetivo final de incorporá-lo, e o ato sexual é um ato de agressão com o intuito da mais íntima união.” (Freud, 1938/1975, p. 174).

vai ser uma festa que eu vou dançar
até o sapato pedir pra parar
aí eu paro, tiro o sapato
e danço o resto da vida
Chacal

CAPÍTULO 2 – REICH E A PULSÃO DE MORTE

2.1 A PULSÃO DE MORTE E OS PRIMEIROS ESCRITOS DE REICH

Em “Conceitos de pulsão e libido de Forel a Jung”, um dos primeiros artigos psicanalíticos publicados de Reich, percebe-se sua concordância com diversas teses freudianas. Mas ali não se encontra nem uma palavra sequer sobre a teoria da pulsão de morte. Pelo contrário, podemos ver sua adesão às idéias anteriores de Freud, colocando o sadismo como uma pulsão parcial sexual (Reich, 1922/1975, p. 97) e falando da divisão básica entre as “... duas pulsões primordiais que não podem ser ainda mais divididas, a pulsão sexual e a da autopreservação.” (idem, p. 106). Reich parece desse modo não ter concordado ou não ter percebido que a nova teoria das pulsões proposta por Freud afirmava a oposição entre pulsão de vida e pulsão de morte.

Nesse artigo lemos que “em *Além do Princípio do Prazer* Freud expandiu sua explanação da motivação pulsional em várias direções.” (ibidem, p. 93). Isto demonstra que Reich conhecia o texto onde Freud expôs sua teoria sobre a pulsão de morte e inclusive concordava com várias das idéias ali expostas. Fica a pergunta: porque não há menção às novas formulações que Freud já apresentara e que não poderiam ser negadas por alguém que estava expondo as idéias freudianas sobre as pulsões? Uma hipótese plausível tem a ver com o fato de esse artigo ser derivado de uma palestra apresentada em 1919 (ver Albertini, 1994, p. 26), antes, portanto do surgimento do texto freudiano de 1920. Assim, possivelmente Reich já teria seu artigo escrito, apenas atualizando-o em 1922 para publicação. Isso, a nosso ver, apenas atenuaria o fato de as idéias referentes à pulsão de morte terem sido deixadas de lado, não justificando de todo a omissão.

Em “Sobre a energia das pulsões” (Reich, 1923/1995), apesar de citar o “*Além do Princípio de Prazer*” como uma das principais obras de Freud quanto à teoria das pulsões, novamente Reich não faz menção alguma à pulsão de morte. Nem elogios, nem críticas, nem comentários ou relatos. Parece que desde o início Reich não mostrou atração pela idéia

da pulsão de morte. Nesse artigo, expressa já a sua valorização da biologia ao afirmar que “a definição feita por Freud (a pulsão é um conceito que está na fronteira entre o psíquico e o somático) demonstra que considerações dos aspectos biológicos e fisiológicos, em adição aos aspectos psicológicos, são indispensáveis para clarificar a questão.” (idem, p. 144).

Em 1925, Reich publicou o seu primeiro livro, intitulado “O caráter impulsivo” (Reich, 1925/1975), sobre um tipo de patologia fronteira entre a neurose e a psicose. Há aqui uma assimilação bastante grande da segunda tópica de Freud. Traz contribuições novas às idéias do mestre, propondo, por exemplo, “... colocar o início da formação do superego numa época logo depois do nascimento¹².” (idem, p. 257). O livro de Freud “O Ego e o Id” é tomado inúmeras vezes como apoio e fundamentação de suas idéias. Pela primeira vez em um texto de Reich mencionam-se idéias de Freud relacionadas à pulsão de morte, mas isso é feito de modo um tanto tímido e ambivalente. Por exemplo, é citada a idéia de que existiria um masoquismo primário, sem dizer se concorda ou discorda. Mas essa menção é precedida da idéia oposta, ou seja, de que o masoquismo consiste em sadismo desviado em direção à própria pessoa (ibidem, p. 256-257). Em outro momento, Reich expõe a idéia de pulsão de morte, apenas para logo em seguida revelar uma visão diferente daquela de Freud, colocando como anterior e dominante a pulsão de vida:

... a culpa (necessidade de punição) é um elemento negador da vida (pulsão de morte) no homem (...) mas os sentimentos de culpa se desenvolvem posteriormente na ontogenia em relação ao narcisismo, daí a predominância das tendências afirmativas da vida. (ibidem, p. 317).

Reich discute diversos casos clínicos em seu livro, onde surgem elementos importantes de destrutividade e masoquismo como, por exemplo, tentativas de suicídio e homicídio; fantasias de prazer por meio do estupro e abuso sexual; relatos de uma paciente que se masturbava com uma faca e só se satisfazia quando alcançava um sangramento vaginal e que levava um chicote à sessão, pedindo que o analista a espancasse. Entretanto, em nenhum momento ele lança mão da hipótese da pulsão de morte ou de um masoquismo primário para explicar a dinâmica dos casos, mesmo partindo de um material aparentemente

¹² Esta tese se assemelha a pontos de vista expressos posteriormente por Melanie Klein. De acordo com esta autora, “o superego antecede de alguns meses o início do complexo de Édipo, início que eu situo no segundo trimestre do primeiro ano de vida...” (Klein, 1991, p. 273). Nesse mesmo texto de Reich encontramos outras idéias que se aproximam das defendidas por Klein, como em relação à importância decisiva dos acontecimentos relativos ao primeiro ano de vida (Reich, 1925a/1975, p. 275), a noção de objetos parciais (idem, p. 277), o papel da projeção na dinâmica da esquizofrenia (ibidem, p. 319). Na década de 1950, Reich atribuirá à inveja papel importante na dinâmica psíquica, o que também parece bastante próximo das formulações kleinianas (ver, por exemplo, Klein, 1991).

tão propício a isso. Enfatizará sempre o papel do ambiente e a frustração pulsional como fontes do ódio e das tendências destrutivas.

Num artigo sobre a educação de crianças, denominado “Os pais como educadores: a compulsão a educar e suas causas”, Reich parece incorporar em algum grau as teses freudianas (ver Albertini, 1994, p. 62-65). Por exemplo, comentando sobre as frustrações necessárias na educação de crianças, ele fala da “crueldade natural” das crianças (Reich, 1926/1975, p. 61).

Em 1927 Reich publica um livro sobre a função do orgasmo¹³, onde há uma discussão sobre a pulsão de morte no sétimo capítulo. Pela primeira vez parece admitir como verdadeira essa teoria de Freud. O próprio Reich comentará posteriormente tal adesão: “admito que partilhei esse ponto de vista nos primeiros anos seguintes à publicação de *O Ego e o Id*, e que só gradualmente comecei a ter dúvidas a respeito dele.” (Reich, 1935/1995, p. 271). Entretanto, o título do capítulo já é quase um resumo da sua opinião sobre o tema: “O instinto de destruição depende da estase libidinal”. Apesar de Reich nominalmente aceitar a idéia de uma pulsão destrutiva e comentar sobre ela, na discussão do assunto acaba revelando um ponto de vista diferente daquele de Freud:

... quando o instinto sexual não é satisfeito, o instinto de destruição ganha importância, enquanto que, no caso contrário, perde energia (...) a intensidade do instinto de destruição (isto é, das suas manifestações, do ódio, da agressividade, da brutalidade e do sadismo) depende ou da possibilidade atual de satisfação sexual ou da pressão exercida pela estase somática da libido. (Reich 1927/s. d., p. 209-210).

Assim, apesar de Reich aparentemente aceitar a idéia de uma pulsão destrutiva e comentar sobre ela, na discussão do assunto acaba revelando um ponto de vista diferente do defendido por Freud. Os impulsos destrutivos (ou autodestrutivos) existem, mas não seriam primários, e sim originados pela frustração da pulsão sexual e pela conseqüente estase da libido. Segundo ele, “... o instinto de destruição perde o seu poder sobre o mundo exterior quando falta a fonte libidinal.” (idem, p. 213).

2.2 A RUPTURA

¹³ Originalmente publicado com o título de “A Função do Orgasmo”, o livro foi posteriormente editado com o nome de “Psicopatologia e Sociologia da Vida Sexual” (Reich, 1927/s.d.) em português e de “Genitality in the Theory and Therapy of Neurosis” (Reich, 1927/1980) em inglês, para se diferenciar de um outro texto de Reich (1942/1984) que acabou sendo também chamado de “A Função do Orgasmo” apesar de ter muito pouco em comum com o primeiro (ver Higgins & Raphael, 1979).

2.2.1 PULSÃO DE MORTE E CRÍTICA SOCIAL

A trajetória vista acima parecia mostrar um Reich que vai assimilando a teoria da pulsão de morte e seguindo o caminho de Freud. Entretanto, em 1927 ocorre uma mudança de rumo na relação com Freud (ver Ilse Reich, 1978). Reich aprofunda seu envolvimento político (Nitzchke, 2004), e com isso a teoria da pulsão de morte parece ficar ainda mais indigesta para ele, pois tinha como consequência a atenuação ou mesmo a eliminação da crítica social que poderia ser derivada da primeira teoria das pulsões de Freud.

No início da década de 1930, Reich realiza um ataque frontal à teoria da pulsão de morte, listando argumentos a favor de um abandono dessa hipótese ao discutir a dinâmica do masoquismo. Nesse artigo, publicado em 1932 no *Internationalen Zeitschrift für Psychoanalyse* sob grande polêmica (ver Albertini, 1994, p. 47-49) e posteriormente incluído no livro “Análise do Caráter” como o capítulo XI, Reich (1933/1995, p. 222) comenta que “na teoria original, dizia-se que o sofrimento provinha ‘do mundo externo, da sociedade’. Agora se diz que deriva ‘da vontade biológica de sofrer, da pulsão de morte e da necessidade de punição’.” Segundo ele, a teoria da pulsão de morte

... remontou o conflito psíquico aos elementos internos e diminuiu, cada vez mais, o papel supremo do mundo externo, frustrante e punitivo (...) essa nova formulação bloqueou o caminho para a sociologia do sofrimento humano (...) a formulação original do conflito psíquico leva a uma crítica do sistema social. (idem).

Comenta criticamente a obra “O Mal-Estar na Civilização”, de Freud, dizendo que nela “... afirma-se que o sofrimento humano é inextirpável porque os impulsos destrutivos e os impulsos empenhados na autodestruição não podem ser dominados.” (ibidem).

O sofrimento provém da sociedade. Por isso, temos toda razão em perguntar por que a sociedade produz sofrimento e a quem isso interessa (...) os aspectos de nossa vida cultural que parecem ser autodestrutivos não são manifestações de ‘pulsões de auto-aniquilamento’; são manifestações de intenções destrutivas muito verdadeiras de uma sociedade autoritária, interessada na repressão da sexualidade. (ibidem, p. 263-264).

Em 1929, no livro “Materialismo dialético e psicanálise”, Reich procura compatibilizar a psicanálise com as teses marxistas. Comenta criticamente que, “enquanto a base física da pulsão sexual e da pulsão de nutrição é evidente, à noção de pulsão de morte falta um fundamento material igualmente claro...” (Reich, 1929/1973, p. 42). A pulsão de

morte seria “... o refúgio das especulações idealistas e metafísicas sobre a vida psíquica. Já suscitou na psicanálise vários equívocos ...” (ibidem, p. 43). Para ele, “a pulsão de agressão é também um instrumento da pulsão de nutrição (...) em minha opinião, a pulsão de destruição é uma formação secundária, tardia, do organismo, determinada pelas condições nas quais são satisfeitas a pulsão de nutrição e a sexualidade.” (ibidem, p. 44).

2.2.2 SOBRE A TEORIA DO MASOQUISMO

No texto sobre o masoquismo mencionado acima, Reich comenta os argumentos apresentados por Freud para defender a hipótese da pulsão de morte, dizendo que “os expoentes da hipótese da pulsão de morte fizeram todos os esforços para sustentar suas hipóteses (...) contudo, não se encontrou qualquer comprovação convincente.” (Reich 1933/1995, p. 219). Para ele, a hipótese da pulsão de morte “... não conduziu a nada de bom.” (idem, p. 221). Reich concorda com a formulação original de Freud, de que a frustração levaria a sentimentos destrutivos dirigidos para o mundo externo (agressão, sadismo); e a inibição do sadismo, por medo e frustração, por sua vez levaria à agressão contra si mesmo (masoquismo). Porém critica a mudança na qual “... supunha-se haver uma tendência biológica primária para a autodestruição, um masoquismo primário ou erógeno.” (ibidem). De acordo com Reich, “... a morte não precisa ser baseada em outra coisa que não a cessação gradual do funcionamento do aparelho vital.” (ibidem, p. 224).

Essa perturbação do processo vital é a antítese exata do que sabemos ser a característica fundamental da pulsão. O processo de enrijecimento quebra cada vez mais o ritmo de tensão e relaxamento. Para aceitar esses processos como a base de uma pulsão, teríamos de modificar nosso conceito de pulsão. (ibidem, p. 220).

Reich aqui parece ir na mesma direção de outros autores (ver capítulo 1, item 1.3.1), quanto à tese de que a segunda teoria das pulsões é na verdade incompatível com o conceito freudiano anterior de pulsão. Segundo ele, o postulado de uma compulsão à repetição introduzia “... um elemento indiscutivelmente metafísico, uma hipótese não-provada e ‘improvável’ que causou muita confusão desnecessária no desenvolvimento da teoria analítica.” (ibidem, p. 223). Para Reich, a teoria da compulsão à repetição seria correta quando formulada dentro do princípio de prazer, mas incorreta quando colocada “para além” do princípio do prazer.

Num caso clínico relatado, Reich interpretou a sensação de alívio do masoquista ao apanhar nas nádegas não como algo que fosse buscado com a finalidade de sentir dor e sim “... um movimento defensivo. O pênis tinha de ser protegido; era preferível baterem-lhe nas nádegas do que sofrer qualquer dano no pênis.” (ibidem, p. 229). A origem do comportamento masoquista estaria em que o sofrimento do masoquista “... corresponde a um fato concreto, que é a excitação interna aguda e contínua acompanhada da predisposição para a angústia.” (ibidem, p. 233). Para Reich, a teoria da pulsão de morte impediria o trabalho analítico com os pacientes masoquistas: ao explicar seus sintomas como resultado de uma necessidade biológica de punição, não haveria mais o que buscar.

A introdução à fase genital ocorreria tipicamente no caráter masoquista através do “... exibicionismo, seguido imediatamente de grave frustração e recalque desse prazer...” (ibidem, p. 239). Por isso “o caráter masoquista não pode tolerar elogios e tende para a autodepreciação e a auto-humilhação (...) qualquer espécie de elogio representa uma provocação das tendências exibicionistas.” (ibidem, p. 239-240).

Reich comenta que um paciente seu relatou ter desistido de ser bom aluno, dizendo que “se tivesse continuado a ser um bom estudante, ter-me-ia imaginado nu diante de uma grande multidão com um pênis excitado.” (ibidem, p. 239). Esta dinâmica impediria o masoquista de assumir uma posição de liderança, pelo mesmo medo de sobressair. “Daí ser-lhe necessário se humilhar para evitar a angústia.” (ibidem, p. 240).

Para ele, “a função da fantasia de apanhar é: ‘Bata-me para que, sem me sentir culpado, eu possa me aliviar?’” (ibidem, p. 250). Segundo Reich, isto não é tão incomum, ocorrendo muitas vezes em mulheres nas quais a fantasia de ser violentada serve para livrá-la do sentimento de culpa no ato sexual. Segundo Reich,

O masoquismo é uma consequência bastante tardia do desenvolvimento. (Isso se confirma pela observação direta de crianças.) Raramente surge antes do terceiro ou quarto ano de vida; portanto, por essa mesma razão, não pode ser a manifestação de uma pulsão biológica primária... (ibidem, p. 262).

Conclui, portanto, que “os fatos relativos ao masoquismo invalidam a hipótese de uma necessidade primária de punição. Se não é válida para o masoquismo, dificilmente será encontrada em outras formas de doença.” (ibidem, p. 263). De acordo com o autor, restariam muitas questões sem resposta quanto à dinâmica do masoquismo, mas “... a reincorporação do problema do masoquismo ao quadro de referência do princípio do prazer-

desprazer facilitará o esclarecimento dos problemas restantes, o que foi retardado pela hipótese da pulsão de morte.” (ibidem, p. 253).

2.2.3 A PSICANÁLISE DE REICH AMADURECE

No “Análise do Caráter”, além do artigo sobre o masoquismo já comentado, encontram-se muitas passagens onde são feitas críticas à teoria da pulsão de morte:

... em nossos casos, assim como em qualquer outro analisado em profundidade suficiente, somos capazes de descobrir que, na base de todas as reações, existe a antítese não entre amor e ódio, e certamente não entre eros e pulsão de morte, mas entre ego (...) e mundo externo (ibidem, p.256).

É dito que “o processo psíquico revela-se como o resultado do conflito entre a exigência pulsional e a frustração externa dessa exigência (...) quando se procura a origem da frustração da pulsão, ultrapassam-se os limites da psicologia e se entra no campo da sociologia.” (ibidem, p. 269). Segundo ele, “a base clínica sobre a qual Freud postulou sua teoria da pulsão de morte é a chamada reação terapêutica negativa.” (ibidem, p. 271). Mas “a reação terapêutica negativa pode ser atribuída à falta de uma técnica para lidar com a transferência negativa latente.” (ibidem, p. 271-272). Afirma que a reação terapêutica negativa não ocorrerá se forem seguidas algumas regras clínicas básicas, entre elas a de que “... todos os impulsos masoquistas são tratados não como manifestações primárias de uma vontade de autodestruição, mas como agressão que, na realidade, é dirigida contra objetos do mundo externo.” (ibidem, p. 272).

Reich propõe uma nova forma de conceber as pulsões. Substituindo o antagonismo pulsional concebido por Freud (inicialmente entre pulsão sexual e pulsão do ego, depois entre pulsão de morte e pulsão de vida), afirma que existiriam apenas as pulsões do id e que o conflito psíquico seria originário de uma função do ego que colocaria certas pulsões em oposição a outras como parte dos mecanismos de defesa: “... as pulsões do ego são apenas a soma total das exigências vegetativas em sua função de defesa. Partimos de idéias bem conhecidas ao deduzir que a pulsão do ego é a pulsão do id dirigida contra si própria ou contra outra pulsão.” (Reich, ibidem, p. 282).

Para o autor, “... a hipótese de uma pulsão de morte é uma tentativa de usar uma fórmula metafísica para explicar fenômenos que ainda não podem ser explicados com base em nossos conhecimentos e métodos atuais.” (ibidem, p. 308). Para ele, “a análise do caráter

revela que a ‘pulsão de morte’ resulta de uma inibição biopsíquica e que não há masoquismo primário.” (idem, p. 309).

Reich parte da idéia de que “... a hipótese da pulsão de morte contém, provavelmente, um núcleo racional...” (ibidem, p. 308). Relata ter encontrado em alguns “... pacientes empenhos pela desintegração, inconsciência, não-ser, dissolução, e outros desejos semelhantes. Encontrei, em resumo, material psíquico que parecia confirmar a existência de um autêntico empenho primário pela morte.” (ibidem, p. 309-310). Mas ao longo do tratamento, revelou-se que o material relatado tinha a ver com o orgasmo, já que “... a angústia de orgasmo aparece, com freqüência, na forma de angústia de morte, e que a idéia de satisfação sexual plena, em alguns neuróticos, está associada à idéia de morrer.” (ibidem, p. 310). Assim, “... o empenho pela não-existência, nirvana, morte, é idêntico ao empenho pela liberação orgástica, isto é, a experiência mais essencial do organismo vivo.” (ibidem, p. 312).

Coloca como diametralmente opostas “... a teoria metafísica da pulsão de morte e a teoria clínica do orgasmo dentro do âmbito da psicanálise...” (ibidem, p. 312). Ambas teriam nascido da tentativa de explicar a reação terapêutica negativa e ambas teriam buscado fundamentação na biologia, mas, enquanto “a primeira terminava por afirmar uma vontade absoluta de sofrimento e morte; a segunda abria o caminho a todo um complexo de problemas relativos à estrutura de caráter e a relações psicológicas e psicofisiológicas.” (ibidem, p. 312).

Em resumo, Reich faz um ataque à teoria da pulsão de morte em várias frentes. Propõe uma nova explicação para os fenômenos do masoquismo e da reação terapêutica negativa; afirma que as fantasias de morte estariam na verdade relacionadas ao desejo e ao medo do orgasmo; critica o fato de a teoria da pulsão de morte mascarar e ocultar a fonte social da neurose; defende a validade sem exceções do princípio do prazer.

2.3 AUTO-REGULAÇÃO VERSUS O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO

2.3.1 O CERNE BIOLÓGICO E A AUTO-REGULAÇÃO

Em 1942, Reich retoma a questão da pulsão de morte, trazendo mais contribuições contrárias a essa tese e propondo uma inovação teórica. Segundo ele, o homem civilizado

... desenvolveu uma estrutura psíquica que consiste em três estratos. Na superfície, usa a máscara artificial do autocontrole, da insincera polidez compulsiva e da pseudo-socialidade. Essa máscara esconde o segundo

estrato, o ‘inconsciente’ freudiano, no qual sadismo, avareza, sensualidade, inveja, perversões de toda sorte etc., são mantidos sob controle (...) Por baixo disso, na profundidade, existem e agem a socialidade e a sexualidade naturais, a alegria espontânea no trabalho e a capacidade para o amor. Esse terceiro e mais profundo estrato, que representa o cerne biológico da estrutura humana, é inconsciente e temido¹⁴. (Reich, 1942/1984, p. 200-201).

Como exemplos de qualidades que emergem espontaneamente em neuróticos tratados ou crianças educadas adequadamente estariam a “... honestidade natural, franqueza, objetividade, contato, humildade e amizade. Nós temos visto estas qualidades emergirem das profundezas de pessoas biopáticas. Agora nós as encontramos nas crianças cujo crescimento é natural.” (Reich, 1950/s.d., p. 20).

Reich, portanto, postula a existência de uma capacidade natural para o ajustamento social, afirmando que os horrores que Freud descreve seriam apenas resultados de uma negação básica da satisfação pulsional, especialmente no que diz respeito à sexualidade. Ou seja, a destrutividade não seria algo inerente ao ser humano, e sim apenas consequência de uma frustração severa: “toda educação sofre com o fato de que a adaptação social requer a repressão da sexualidade natural, e de que essa repressão torna as pessoas doentes e anti-sociais.” (Reich, 1942/1984, p. 186). Afirma:

É claro que não nego a existência de emoções malévolas inconscientes no animal humano e disse isso detalhadamente diversas vezes. Contudo, no meu modo de pensar o homem faz parte do resto da natureza. Por isso sua maldade está situada em outro sistema funcional que possui uma origem, uma razão para estar onde está e uma finalidade, como todas as funções naturais. (Reich, 1949/1973, p. 24).

De acordo com Reich, “... enquanto o impulso está tentando superar o encorajamento pela força, ele se transforma em raiva destrutiva, independentemente de sua natureza original.” (ibidem, p. 64). Uma representação gráfica desta concepção pode ser vista na Figura 1. É dito ainda que “... esse ódio não é desejado e suas razões não são

¹⁴ Conger (1993, p. 17) aponta a existência de algumas semelhanças entre Reich e Jung nesse tipo de formulação: “procedendo de direções diferentes e usando estilos diferentes, Jung e Reich percorreram as camadas da personalidade, a sombra e a defesa do caráter, a camada secundária e o inconsciente pessoal, para vivenciar o amplo mundo coletivo da natureza, que tem sua própria lógica fundamental.” Mais adiante, entretanto, este autor ressalta uma diferença fundamental entre ambos: “Reich acreditava que o mal era um resultado secundário da energia bloqueada e que o cerne do homem era simples, direto e amoroso. Jung pensava que o mal existia nas camadas mais profundas da psique...” (idem, p. 19).

conscientes. A razão do ódio é sempre atribuída a um motivo secundário, criando-se assim uma racionalização.” (ibidem, p. 70).

Em defesa de suas teses, comenta os trabalhos de Malinowski sobre a população das ilhas Trobriand, no Pacífico Sul. Segundo Reich, tais trabalhos mostrariam a possibilidade de existir uma sociedade humana praticamente sem repressão sexual, levando a um tipo diferente de pessoas e de cultura. Não haveria perversões sexuais, doenças mentais funcionais ou neuroses.

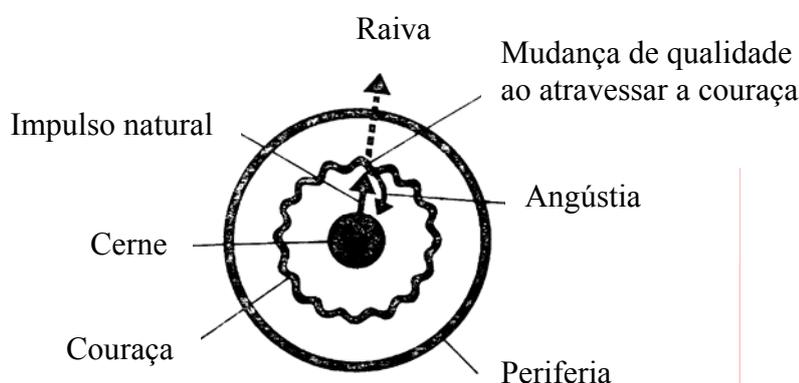


Figura 1 – A mudança do impulso ao atravessar a couraça.
(Reich, 1949/1973, p. 65).

A explicação de Reich para a existência de tamanho grau de repressão à sexualidade na sociedade atual não é de que isso seja necessário à civilização. No seu modo de ver, as restrições sociais à sexualidade teriam uma função política e econômica: “a supressão sexual tem a função de tornar o homem dócil à autoridade exatamente como a castração dos garanhões e dos touros tem a função de produzir satisfeitos animais de carga” (idem, p. 193). O patriarcado necessitaria de massas dóceis e que pudessem ser oprimidas e exploradas, e o objetivo inconsciente da educação teria passado a ser o de formar estruturas de caráter negadoras da sexualidade. Segundo Albertini (1994, p. 42), “pode-se afirmar que as idéias reichianas que vão emergindo da psicanálise trazem uma visão basicamente otimista frente às possibilidades de vida do homem” Assim,

... o pensamento reichiano dessa fase propugna que o problema (a neurose, a infelicidade humana ...) não tem sua origem no próprio homem, nem sua relação com a cultura é inerentemente conflituosa. Reich defende, então, que o mal vem de fora – da herança patriarcal, da estrutura social capitalista (...)

Sua concepção pulsional passa a negar a existência de uma pulsão destrutiva.
(idem, p. 67).

De acordo com esse autor, para Freud o “... conflito é parte constituinte do homem, não podendo ser evitado por qualquer espécie de reforma social.” (Albertini, 2003, p. 67). Assim, o texto freudiano “O Mal-Estar na Civilização” estaria “... centrado na tese do antagonismo inevitável entre satisfação pulsional e exigências da cultura.” (idem, p. 63). Já Reich se diferenciaria desse ponto de vista, propondo a possibilidade de uma forma de saúde mental baseada na auto-regulação e alcançável a partir de mudanças na organização social e cultural. Confirmando essa hipótese, Reich mostra-se bastante otimista quando sustenta, por exemplo, que

Assim que compreendermos totalmente o funcionamento natural, não haverá lugar para as estruturas psíquicas destruidoras da vida, que impedem o desabrochar construtivo da energia vegetativa, causando assim a doença e o sofrimento (...) talvez a ciência consiga, um dia, realizar o sonho da felicidade terrena da humanidade. (Reich, 1935/1995, p. 327).

Os impulsos anti-sociais poderiam ser eliminados em um mundo diferente, pois

... o organismo desencouraçado não conhece o impulso de estuprar ou assassinar jovens moças, de experimentar o prazer da violência (...) a pessoa encouraçada, por outro lado, não pode imaginar uma vida ordenada sem rígidas leis compulsórias contra o estupro e o assassinato sexual (...) está cheia de perversões e, portanto, o mundo se lhe afigura como uma vasta tentação pervertida. (Reich, 1949/1973, p. 73).

Em “O Éter, Deus e o Diabo” (Reich, 1949/1973), é feita uma análise do significado do conceito de “diabo” e de “mal”. Em muitas religiões, Deus representaria o *bem* e haveria em contrapartida, oposto a ele, um espírito maligno representando o *mal*. Segundo Reich, “o reino do diabo é tão horrível, as profundezas da estrutura humana tão cheias de impulsos profundamente anti-sociais e criminosos, que todos que lidaram com essa esfera pensaram que fosse a última e mais profunda camada possível da vida humana.” (ibidem, p. 137). Mas a recuperação da capacidade para o prazer e o orgasmo poderia trazer de volta o contato com o cerne biológico e a capacidade de auto-regulação, isso fazendo com que o “reino do diabo” perdesse força. Assim, o ser humano “poderia ter evitado cada uma das guerras da história da espécie humana, mas não sabia que tinha esse poder.” (ibidem, p. 123). Isso só não teria ocorrido porque nas sociedades civilizadas “... o que fazia a vida correr seu curso foi desprezado: o trabalho manual, o amor adolescente, os jogos genitais das crianças, a

alegria de viver. Aquilo que foi estabelecido para matar a vida recebeu altas honrarias...” (ibidem).

Nessas formulações, Reich cada vez mais se apóia no conceito de auto-regulação (ver item 3.3.4 e também Rego, 2002a), distanciando-se cada vez mais das idéias de Freud, que sempre procurou remontar a dinâmica psíquica a um conflito entre duas tendências.

2.3.2 REICH E “O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO”

Segundo Reich, a partir de reuniões na casa de Freud, nas quais se discutiam assuntos diversos relativos à psicanálise, inclusive sua relação com aspectos sociais, teria surgido um antagonismo entre as opiniões de ambos. De acordo com seu relato, o texto freudiano de 1930 (O Mal-Estar na Civilização) “... resultou dessas discussões sobre cultura, como uma defesa contra o meu trabalho em desenvolvimento e o ‘perigo’ que ele acarretava. As afirmações com que Freud se opunha às minhas opiniões apareceram no livro.” (Reich, 1942/1984, p. 179). Em trabalho posterior, este relato surge mais uma vez: “*Das Unbehagen in der Kultur* [O Mal-Estar na Civilização] foi escrito especificamente em resposta a uma das minhas conferências, apresentada na casa de Freud. Era eu que estava ‘*Unbehaglich in der Kultur*’¹⁵.” (Reich, 1952/1979, p. 53).

Roazen partilha da mesma opinião, dizendo que Reich propunha “... minorar os sofrimentos humanos através de modificações na estrutura tradicional da família ocidental (...) Freud mantinha-se cético; escreveu o livro *Mal-Estar na Civilização*, em resposta à posição de Reich.” (Roazen, 1978, p. 557).

Quando surgiu, a psicanálise teria tido um conteúdo revolucionário: “vista socialmente, a descoberta de Freud, da sexualidade infantil e da repressão sexual, era a primeira conscientização vaga da renúncia sexual que se vinha praticando por milhares de anos.” (Reich, 1942/1984, p. 196). Para Reich, este foi um passo fundamental, pois “a questão da sexualidade tinha de ser deslocada dos cantos escuros da estrutura social – onde, por milhares de anos, tinha vivido uma vida falsa, ulcerosa e suja – bem para a frente do brilhante edifício chamado ‘cultura’ e ‘civilização’.” (ibidem).

Em texto de 1908 (Moral Sexual ‘Civilizada’ e Doença Moderna), Freud questionou a influência deletéria da repressão social à sexualidade como danosa à saúde mental, o que, para Reich, estaria em consonância com o aspecto “revolucionário” da psicanálise. Mais

¹⁵ Aproximadamente “sentindo mal-estar na cultura”, conforme tradução encontrada em Albertini (2003, p. 62).

tarde, porém, Freud teria mudado o rumo de seu pensamento, colocando o conflito como interno e subjetivo, e não mais como produto de uma influência social externa. Reich o critica por concluir que

... influenciando os instintos, e não o mundo que obriga as pessoas a viverem com o desejo, é que o homem poderia esperar libertar-se de uma certa dose de sofrimento (...) Nesse ponto ninguém poderia mais, ou deveria, seguir Freud. Pelo contrário, era necessário reunir todos os recursos para lutar contra as conseqüências de semelhante opinião, expressa por uma autoridade. Eu sabia que um dia todos os espíritos da escuridão e do medo à vida apontariam Freud como seu chefe. (Reich, 1942/1984, p. 190).

Segundo Reich, Freud teria dito que a felicidade está em desacordo com todas as instituições do mundo, e ele contesta o antigo mestre:

Posso hoje provar experimentalmente que essa afirmação é incorreta. Naquele tempo, senti apenas que Freud estava escondendo uma realidade atrás de uma figura de linguagem. Admitir a possibilidade da felicidade humana teria sido a mesma coisa que admitir a incorreção da teoria do instinto de morte. Teria significado uma crítica às instituições sociais que destroem a felicidade da vida. Para manter essa posição resignada, Freud desenvolveu argumentos que deduziu da situação existente, sem perguntar se essa situação é inerentemente necessária e imutável (ibidem, p. 184).

2.3.3 PESTE EMOCIONAL, OTIMISMO E INVEJA

Em artigo publicado em 1945 e depois inserido como o capítulo XVI do “Análise do Caráter”, Reich discorre sobre o que ele chama de “peste emocional”. Esta seria uma “... doença endêmica, que tem atormentado os povos do mundo há milênios (...) alimentada por pulsões secundárias.” (Reich, 1949/1995, p. 461-462).

Reich afirma que o indivíduo saudável funcionaria de acordo com o núcleo biológico descrito acima, numa vida pautada pela auto-regulação espontânea. O caráter neurótico funcionaria normalmente de maneira inibida, de forma a que predomine a camada mais superficial da “máscara artificial do autocontrole”, com a função de conter as pulsões secundárias da segunda camada. Em certas condições, entretanto, os impulsos anti-sociais viriam à tona: “o processo em geral é o seguinte: as pulsões secundárias, mantidas sob controle pelos ideais religiosos e culturais, irrompem. A sexualidade do caráter atingido pela peste é geralmente sádica e pornográfica.” (idem, p. 471).

Para o âmbito da presente exposição, não é importante discutir a validade desse conceito de Reich. Interessa aqui observar como ele vai estruturando uma teoria que busca dar uma resposta às idéias de Freud manifestadas em 1930 e em outras obras. O texto reichiano sobre a peste emocional fala de um ser humano muito semelhante ao descrito por Freud em “O Mal-Estar na Civilização”. A diferença fundamental é que Freud atribui a causa desse estado de coisas a um impulso biológico inextirpável que, quando está amalgamado e subordinado à pulsão de vida, pode ser algo favorável à vida (ver Freud, 1938/1975), mas que quando atua como força preponderante leva às conseqüências descritas. Diferentemente, Reich acredita que isso seja uma decorrência de um tipo de sociedade (repressiva) modificável. Algumas manifestações da peste emocional seriam:

... sede de autoridade passiva e ativa; moralismo (...) métodos sádicos de educação; tolerância masoquista desses métodos ou revolta criminosa contra eles; fofoca e difamação; burocracia autoritária; ideologias de guerra imperialista (...) pornografia, agiotagem, ódio racial. (ibidem, p. 465).

A pessoa acometida de peste emocional caracterizar-se-ia “... por uma atividade social mais ou menos destruidora da vida. Seu pensamento é completamente perturbado por conceitos irracionais e governado quase exclusivamente por emoções irracionais.” (ibidem, p. 467). Para Reich, “o indivíduo com peste emocional (...) desenvolve sempre, como parte de sua estrutura, uma inveja acompanhada de um ódio mortal a tudo o que é saudável.” (ibidem, p. 470). Por outro lado, a pessoa saudável “... sente prazer naturalmente com a felicidade sexual dos outros. Do mesmo modo, é indiferente a perversões e tem aversão à pornografia.” (ibidem).

Na década de 1950, Reich mantém suas opiniões relatadas acima, mas nota-se um tom não tão otimista. Diz que “se você viver durante muito tempo no fundo de uma cava escura, você detestará a luz do sol. É mesmo possível que seus olhos acabem por perder a capacidade de tolerar a luz. Eis por que acaba-se por odiar a luz do sol.” (Reich 1953/1987, p. 6). Encontramos aqui um ponto de vista quase que idêntico ao mito da caverna de Platão, no qual provavelmente Reich se baseou para fazer essa analogia. Segundo ele “o homem é basicamente bom, mas é também um bruto.” (ibidem, p. 10).

Reich afirma que o ser humano encorajado teria ódio à vida e a tudo que é vivo. Dessa forma, haveria uma tendência disseminada a perseguir e assassinar aqueles que estão desencorajados e intensamente vivos. É o que teria ocorrido com Cristo e que vem se repetindo no dia a dia: “... em cada criança recém-nascida, Deus é reprimido, contido,

abolido, sufocado, odiado. Este é apenas um dos aspectos do assassinato permanente de Cristo. O Pecado (Mal) é uma criação do homem.” (ibidem, p. 20).

2.4 CONCLUSÕES

Reich vai desenvolvendo uma teoria própria sobre a agressão. Segundo ele, “... na esfera da vida, a raiva possuía função global de vencer ou eliminar situações de ameaça à vida.” (Reich, 1949/1973, p. 53). Ele critica os “mecanicistas da psicologia profunda” por difundir a idéia de que as emoções são irracionais. Afirma existirem dois motivos para ir em direção ao mundo: a) o impulso libidinal, que busca a satisfação; e b) o impulso destrutivo, que busca a eliminação das fontes de angústia (causada pela frustração libidinal). A agressividade seria decorrência de uma tentativa de gratificação. Com essa visão, distancia-se cada vez mais da formulação freudiana sobre o tema da agressão e da destrutividade. No mesmo sentido, ele comenta que

Uma criatura viva desenvolve um impulso destrutivo quando quer destruir uma fonte de perigo. Nesse caso, a destruição ou morte do objeto é a meta biologicamente determinada. O motivo original não é o prazer da destruição. De fato a destruição serve o ‘instinto de vida’ (emprego intencionalmente a expressão correta naquele tempo) e é uma tentativa de evitar a angústia e de preservar o ego na sua totalidade. Destruo uma situação perigosa porque quero viver e não quero ter nenhuma angústia. Em suma, o impulso de destruição serve a um desejo biológico primário de viver. (Reich, 1942/1984, p. 138).

Mais adiante, expõe seu ponto de vista sobre o que é a agressão:

Agressão, no sentido estrito da palavra, não tem nada a ver com sadismo ou com destruição. A palavra significa ‘aproximação’. Toda manifestação positiva da vida é agressiva: o ato do prazer sexual assim como o ato de ódio destrutivo, o ato sádico assim como o ato de procurar alimento. Agressão é a expressão de vida da musculatura e do sistema de movimento (....) Agressão é sempre uma tentativa de prover os meios para a satisfação de uma necessidade vital. Assim a agressão não é um instinto, no sentido estrito da palavra; consiste mais no meio indispensável de satisfação de todo impulso instintivo. (idem, p. 139).

Para Reich, a cultura atual cria a propensão à agressão por meio de inúmeros processos. O primeiro deles ocorreria já no nascimento, onde o bebê é privado de contato com a sua mãe:

O bebê, mal saído do contato orgonótico com o útero morno, que durou nove meses ininterruptos, esse bebê, transferido abruptamente de um ambiente de 37° C para outro de 18 a 20° C, não pode sentir o corpo da mãe (...) é aqui, precisamente aqui e não em conferências diplomáticas ou outro lugar qualquer que as crianças adquirem sua futura prontidão para fazer a guerra. (Reich, 1952/1979, p. 67-68).

Uma outra conclusão é que podemos delimitar alguns períodos da relação de Reich com a idéia da pulsão de morte. O primeiro seria de omissão ou negação, é como se essa idéia incômoda não existisse. Ou seja, nos primeiros escritos psicanalíticos de Reich (1922-1923) não há nenhuma menção à idéia da pulsão de morte.

Num segundo momento, há uma certa assimilação da tese de Freud, mas sempre acompanhada de ressalvas. Em 1926, afirma existir uma “crueldade natural da criança”. Em 1927, aceita a idéia da existência de uma pulsão de morte, mas fazendo a ressalva de que a intensidade desta dependeria da falta de satisfação sexual.

A ruptura com a teoria da pulsão de morte caracterizaria um terceiro período. Reich aprofunda a crítica a essa idéia, o que se torna uma das marcas distintivas do pensamento reichiano ao longo da década de 1930 até meados da de 1940. Nessa fase, sempre o vemos afirmando a destrutividade como aspecto secundário e nunca primário, o masoquismo como derivado do sadismo, a validade sem restrições do princípio de prazer, a influência ambiental como sendo muito mais importante do que os fatores intrapsíquicos na gênese dos distúrbios mentais e do sofrimento humano.

Fechando o ciclo, pode-se dizer que há um quarto período, aquele em que Reich volta a silenciar sobre o tema da pulsão de morte. Coerente com a evolução de seu pensamento (ver Rego, 2002a), em que a psicanálise vai se tornando cada vez menos importante, as teses freudianas vão desaparecendo de sua argumentação, os conceitos psicanalíticos vão sumindo de seus textos. Reich vai desenvolvendo sua própria teoria sobre a agressão e sobre a “maldade” humana, a partir de um referencial teórico próprio. A essência de suas críticas a Freud permanece válida, porém são ampliadas e desenvolvidas pela incorporação de novos conceitos e teorias.

Centralizando nossa atenção no terceiro período, que é o que mais interessa para a presente discussão, percebemos que a psicanálise de Reich apresenta certas peculiaridades que a diferenciam daquela defendida por Freud e diversos de seus discípulos (ver Rego, 2002a, 2003). A partir da exposição feita neste capítulo, é importante ressaltar aqui alguns aspectos que caracterizam esse modo particular de conceber a psicanálise e que estão relacionados, de alguma forma, à discussão sobre a hipótese da pulsão de morte. Podemos, assim, destacar que:

a) Já nos primeiros escritos psicanalíticos de Reich há uma forte adesão a certas teses de Freud, notadamente as expostas em seus artigos sobre metapsicologia, e também quanto ao narcisismo e ao desenvolvimento psicosexual.

b) Desde cedo (1923), Reich expressa sua idéia de que a psicanálise deve estar solidamente ancorada no funcionamento biológico do organismo, sendo aqui essencial a teoria das pulsões, entendidas como um conceito “entre o psíquico e o somático”.

c) Reich adere à segunda tópica, a concepção freudiana de um aparelho psíquico constituído por três instâncias – id, ego e superego. A teoria do caráter de Reich e a técnica por ele proposta (a Análise do Caráter) derivam das idéias expostas por Freud em “O Ego e o Id”, relativas à importância dos mecanismos de defesa do ego, e da resistência à análise.

d) Reich enfatiza os fatores ambientais na etiologia dos distúrbios mentais, criticando a posição, que atribui a Freud em seus escritos após 1920, de priorizar os fatores intrapsíquicos. Esse é um aspecto que Reich considera parte fundamental de seu compromisso político de mudar as condições sociais causadoras do sofrimento humano.

e) Substitui o antagonismo pulsional proposto por Freud (inicialmente entre pulsão sexual e pulsão do ego, depois entre pulsão de morte e pulsão de vida), pela idéia de que existem apenas as pulsões do id. O conflito psíquico teria origem na ação do ego, que colocaria algumas pulsões em oposição a outras como parte das funções de defesa.

f) A compulsão à repetição seria para ele um fenômeno real, porém algo que pode e deve ser formulado dentro do princípio de prazer. Desse modo, Reich explicitamente não acompanha Freud quando este vai “para além do princípio de prazer”.

g) A tendência à dissolução e ao nada, que Freud chamou de princípio de Nirvana, não passaria, segundo Reich, de algo inerente ao impulso orgástico. O orgasmo (chamado pelos franceses de *petit mort*), onde o ego se dissolve e derrete, e que depois leva a uma paz e quietude onde se calam os impulsos e angústias, é que seria o objetivo deste impulso.

h) Sem negar os achados freudianos relativos ao inconsciente recalado, Reich propõe a existência de um “cerne biológico” a partir do qual seria possível a auto-regulação somática e psíquica. Isso permitiria a existência de uma capacidade natural para o amor, a sexualidade e as relações sociais, sem necessidade de restrições e punições sociais importantes ou de uma educação rígida e severa que fosse pautada pela frustração pulsional como base de suas propostas.

i) De acordo com Reich, o ser humano “...poderia ter evitado cada uma das guerras da história da espécie humana, mas não sabia que tinha esse poder.” (Reich, 1949/1973, p. 123). Ou seja, Reich mostra-se radical em sua proposição da possibilidade de uma sociedade justa e fraterna, a ponto de achar possível a eliminação de todas as guerras.

j) É proposta uma nova forma de doença mental: a peste emocional, decorrente da supressão acentuada da auto-regulação do organismo. A peste emocional seria constituída por irrupções abruptas e intensas da segunda camada na vida relacional. Esta é uma peça importante no arsenal reichiano de combate à tese da pulsão de morte, pois permitiria explicar uma boa parte da ruindade, maldade e crueldade dos seres humanos, que eram apontadas como prova da existência de impulsos destrutivos primários.

k) A partir de meados da década de 1940, Reich vai atribuir importância cada vez maior à inveja em suas concepções. Notadamente no artigo sobre a peste emocional (capítulo 16 do "Análise do Caráter") e no livro “O Assassinato de Cristo”, ele enfatiza esse aspecto.

l) Reich propõe uma teoria da agressão fortemente calcada na biologia. A agressividade seria um meio de remover obstáculos que possam existir na busca da satisfação pulsional, não constituindo em si mesma uma pulsão.

Na natureza não pode haver
duas ou mais substâncias
da mesma natureza ou atributo.
Uma substância não pode ser
produzida por uma outra substância.

Espinosa

Fêmea condor, saltemos
sobre esta presa rubra,
dilaceremos a vida
que passa palpitando
e levantemos juntos
nosso vô selvagem.

Pablo Neruda

CAPÍTULO 3- FREUD, REICH E A BIOLOGIA

3.1 OPINIÃO E CONHECIMENTO

O que foi visto nos capítulos anteriores é que Freud e Reich apresentam opiniões bastante diferentes quanto à pulsão de morte. É difícil dizer, apenas a partir das exposições de cada um, quem está com a razão, pois cada um tem seus argumentos e seus exemplos clínicos. Estamos aqui defronte a um dos dilemas epistemológicos deste campo. Como afirmam Bleichmar e Bleichmar (1992, p. 170), “... a psicanálise não tem um sistema de avaliação empírico, convincente para todos, que permita asseverar a superioridade de uma teoria sobre a outra.” Isso tem feito com que muitas vezes as divergências não sejam resolvidas com a superação de uma hipótese sobre a concorrente, como ocorre em outros campos da ciência. Na verdade, o que acontece em geral é que haja um racha, fundando-se novas escolas e abordagens se houver número suficiente de seguidores.

Para tentar sair dessa “maldição de Babel¹⁶” (a multiplicidade de linguagens que impede a construção da torre do saber), podemos aqui lançar mão da diferenciação entre opinião e conhecimento como forma de clarear o caminho a seguir. Gonçalves, por exemplo, tomando a epistemologia como um “escrutínio crítico do que é tido como conhecimento”, busca

... critérios para diferenciar o conhecimento (episteme) da opinião (doxa). Segundo uma interpretação contemporânea, podemos dizer que os juízos ou enunciados por meio dos quais a opinião se expressa não são verificáveis e que (...) não se pode chegar a conclusão alguma a respeito de serem verdadeiros ou falsos. (Gonçalves, 1990, p. 91-92).

¹⁶ Segundo a Bíblia (p. 10), ao ver que os homens construíam uma torre que chegaria ao céu, Deus disse “Essa gente é um povo só, e todos falam uma só língua. Isso que eles estão fazendo é apenas o começo. Logo serão capazes de fazer o que quiserem. Vamos descer e atrapalhar a língua que eles falam, a fim de que um não entenda o que o outro está dizendo.”

Tentariamos, assim, sair do campo das "opiniões" e adentrarmos no do "conhecimento", uma tarefa nada fácil, mas que promete ser muito útil. Como poderíamos fazer isto? Verificamos que Freud baseou sua teoria da pulsão de morte em especulações biológicas, dados clínicos e fenômenos sociais, históricos e culturais.

A discussão no âmbito clínico é importante, obviamente, mas ela apresenta questões epistemológicas de grande importância. O aspecto subjetivo do material a ser analisado faz, por si só, com que os enunciados neste campo muitas vezes se caracterizem mais como opiniões do que como conhecimento propriamente dito. Outro aspecto a se notar é que "... é sempre possível construir uma hipótese que esteja de acordo com um conjunto qualquer de dados ..." (Hempel, 1974, p. 54). Assim, de acordo com Green (1988, p. 63), "... é verdade que nenhum argumento clínico constitui prova em favor da pulsão de morte, pois todo quadro clínico é suscetível de interpretações diversas ...". Uma prova desta afirmação pode ser vista em Fonseca (1999, p. 82-95) que faz uma releitura de casos clínicos de Freud (Dora e pequeno Hans), mostrando que se pode descrevê-los de acordo com um enfoque teórico relacional, bastante distinto daquele empregado por Freud. No mesmo sentido, LeDoux (1998) menciona possibilidades de interpretação dos casos clínicos de Freud a partir de um enfoque comportamental.

É este exatamente o caso na presente discussão, dado que Reich confirma, em linhas gerais, a existência dos fatos clínicos citados por Freud, porém explicando-os de outra maneira, como pode ser visto na discussão do masoquismo (ver capítulo 2, item 2.2.2) e da reação terapêutica negativa (ver item 2.2.3).

Do mesmo modo, a discussão no âmbito sociocultural gira em torno da interpretação de fatos, da análise de uma realidade já existente e não de observações experimentais. Um dos pontos críticos desta discussão é a intersecção com aspectos ideológicos, o que torna o debate sobrecarregado por paixões e contaminado por afetos decorrentes das conseqüências políticas de cada argumento.

Vejamos então o campo da biologia. Apesar das limitações de se restringir a este enfoque, ele parece permitir com maior facilidade a incorporação de elementos que vão além de uma mera opinião. O avanço do conhecimento nesse campo, os resultados experimentais e a imensa bibliografia existente constituem fatores que talvez permitam um esclarecimento pelo menos parcial das dúvidas levantadas. Entretanto, a discussão aqui parece ir para muito longe do centro do interesse dos dois autores estudados, cuja

contribuição – no que tange à discussão da pulsão de morte – está centrada na clínica. Poderíamos ficar num terreno muito distante daquilo que realmente interessa.

Apesar destas considerações, a biologia será o aspecto priorizado na discussão que faremos. A expectativa é que esse campo nos proporcione uma base mais sólida, a partir da qual possamos avançar em direção ao exame dos demais pilares da teoria da pulsão de morte. Esperamos que com isso se possa delimitar um pouco mais o leque de possibilidades nos demais campos, verificar o que é plausível ou não, distinguir caminhos que podem ser promissores daqueles que muito provavelmente serão estéreis. Resta saber se o recurso à biologia não constitui um movimento espúrio dentro da evolução do pensamento de Freud e Reich, ou seja, se faz sentido destacar este aspecto como algo importante no quadro das concepções destes autores. É o que faremos ao longo deste capítulo.

3.2 FREUD: PSICANÁLISE E BIOLOGIA

Freud, ao discutir sua hipótese da pulsão de morte, disse: “devemos, portanto, voltar-nos para a biologia, a fim de testar a validade da crença” (Freud, 1920/1976, p. 64).

... a biologia é, verdadeiramente, uma terra de possibilidades ilimitadas. Podemos esperar que ela nos forneça as informações mais surpreendentes, e não podemos imaginar que respostas nos dará, dentro de poucas dezenas de anos, às questões que lhe formulamos. Poderão ser de um tipo que ponha por terra toda a nossa estrutura artificial de hipóteses. (idem, p. 81).

Vemos Freud afirmando esse ponto em diversas passagens. No seu texto sobre o narcisismo, por exemplo, é dito que “... devemos recordar que todas as nossas idéias provisórias em psicologia presumivelmente algum dia se basearão numa subestrutura orgânica.” (Freud, 1914a/1974, p. 95). Nessa mesma obra, afirma que “... a hipótese de instintos do ego e instintos sexuais separados (isto é, a teoria da libido) está longe de repousar, inteiramente, numa base psicológica, extraindo seu principal apoio da biologia.” (idem). Além disso, segundo ele, “não podemos deixar de considerar o termo ‘instinto’ como um conceito fronteiro entre as esferas da psicologia e da biologia.” (Freud, 1913b/1974, p. 217). Em 1933, nas “Novas Conferências Introdutórias”, ele comenta a relação entre psicologia e biologia:

Por mais ciosamente que em geral defendamos a independência da psicologia de toda outra ciência, aqui se nos impõe o fato biológico inamovível de que o organismo individual vivo está sob o domínio de duas intenções, a autopreservação e a preservação da espécie (...) aquilo a cujo

respeito estamos falando agora é sobre a psicologia biológica; estamos estudando os concomitantes psíquicos dos processos biológicos. (Freud 1933/1976, p. 120).

Mais à frente, reafirma essa relação quando diz que sua “... inovação na teoria dos instintos; também ela se baseia essencialmente em razões biológicas.” (idem, p. 129). Ou seja, tanto em escritos relacionados à primeira formulação da teoria das pulsões quanto em seus escritos tardios, Freud não abandona a idéia de uma psicologia conectada aos aspectos biológicos. Ele chega mesmo a chamar “... a atenção para os muitos aspectos em que a psicanálise atua como intermediária entre a biologia e a psicologia.” (Freud, 1913b/1974, p. 217). Quando deixa de lado a anatomia, preocupa-se em frisar que esta é uma atitude que se é obrigado a ter enquanto o conhecimento biológico não avança a ponto de poder explicar e dar sustentação aos processos psíquicos:

A pesquisa nos tem fornecido provas irrefutáveis de que a atividade mental está vinculada à função do cérebro (...). Mas todas as tentativas para, a partir disso, descobrir uma localização dos processos mentais (...) têm fracassado redondamente (...). Verifica-se aqui um hiato que, por enquanto, não pode ser preenchido, e não constitui tarefa da psicologia preenchê-lo. Nossa topografia psíquica, *no momento* [grifo do autor], nada tem a ver com a anatomia ... (Freud, 1915c/1974, p. 200-201).

Mesmo quando parece afastar-se da biologia, Freud logo em seguida retorna a ela:

Julgamos necessário nos manter afastados de considerações biológicas durante nosso trabalho psicanalítico e abster-nos de utilizá-las para propósitos heurísticos, de maneira a não nos afastarmos de um julgamento imparcial dos fatos psicanalíticos que se nos apresentam. Mas, depois de completar nosso trabalho psicanalítico, teremos de encontrar um ponto de contato com a biologia... (Freud, 1913b/1974, p. 217).

No prefácio à terceira edição dos “Três Ensaio...”, podemos encontrar uma pista dos motivos que o levaram a distanciar-se da biologia:

... este trabalho se caracteriza não só por se basear inteiramente na pesquisa psicanalítica, como também por ser deliberadamente independente das descobertas da biologia (...) não havia necessidade de me desviar do meu caminho se o método psicanalítico conduzia, sob vários e importantes aspectos, a opiniões e descobertas que divergiam grandemente daquelas que se baseiam em considerações biológicas. (Freud, 1914b/1974, p. 128).

Assim, num momento em que a biologia não podia dar suporte aos avanços trazidos pela clínica psicanalítica, Freud não hesitou em seguir seu caminho, mesmo que ao preço de um descolamento de suas hipóteses da fundamentação biológica. Mas essa ruptura parece ser sempre vista como algo provisório e não definitivo.

A ligação entre psicanálise e biologia é apontada por diversos comentadores da obra de Freud. Strachey, na introdução da edição inglesa de "A Interpretação de Sonhos", de Freud, afirma que este jamais abandonou "... a crença de que, em última análise, teria que ser estabelecida uma base física para a psicologia." (Strachey, 1986, p. xxiv). No mesmo sentido, Andrade (2003, p. 18) diz que Freud "... manteve, outrossim, até o fim da vida a convicção de que as hipóteses provisórias da psicanálise seriam um dia explicáveis por meio de conhecimentos fornecidos pela biologia." Também para Mezan (1982, p. 37), Freud "... jamais se desfez da esperança de que um dia a correlação entre a psicologia e a realidade orgânica pudesse ser estabelecida." De acordo com Hanns (1999, p. 38.), "Freud, ao longo de toda a sua obra, manteve um modelo energético-econômico onde permanece o pressuposto de que há uma inter-relação entre o que ocorre no sistema nervoso e a percepção psíquica." Segundo Sussumi (2004, p. 8-9),

... Freud realizou a separação entre neurociência e psicanálise não porque, de fato, visse uma separação efetiva entre ambas. A visão de que os fenômenos psíquicos e neurobiológicos eram expressões de uma única realidade integrada nunca desapareceu em Freud. Naquela época, porém, as visões neurobiológicas dos fenômenos de natureza mental eram tão precárias – em função do desenvolvimento insuficiente da neurobiologia – que Freud, afim de comunicar e descrever os achados decorrentes de suas observações e dar a eles um significado dinâmico não podia utilizar, na linguagem, este componente neurobiológico.

Ades comenta que, em seus primeiros trabalhos, Freud estava firmemente fundamentado no referencial biológico e darwinista, tendo depois mudado sua perspectiva. Segundo este autor, têm surgido estudos procurando conectar esses dois campos (psicanálise e a biologia darwinista) e que, se "... é cedo ainda para celebrar a reunificação da família, celebremos a abertura do diálogo." (Ades, 2001, p. 134). Em artigo de Furlan (2000, p. 128), diz-se: "... o que pretendemos aqui, é apontar, em primeiro lugar, para a importância da relação da Psicanálise com a Biologia, presente do início ao fim da obra freudiana." Andrade (2003, p. 26) afirma: "creio haver indícios suficientes para supor que Freud desejava ver a psicanálise como uma metapsicologia científica edificada sobre uma

infraestrutura neurobiológica.” Para este autor, “o ajustamento entre o psicológico e o biológico constitui elemento tão essencial do modelo psicanalítico freudiano, que negar este paradigma é afastar-se do próprio referencial psicanalítico.” (idem, p. 21).

Para Bowlby (1989, p. 67), “desde 1895, quando Freud realizou sua primeira tentativa de esboçar uma estrutura teórica para a psicanálise, até 1938, um ano antes de sua morte, Freud havia determinado que sua nova disciplina deveria se adaptar aos requisitos de uma ciência natural.” Portanto, “aceitar que a psicanálise devesse abandonar seus objetivos de tornar-se uma ciência natural e, ao invés disso, considerar-se uma disciplina hermenêutica, me parecia não só o resultado de idéias obsoletas sobre ciência, mas, também, um conselho desesperado.” (idem, p. 66).

Kandel, um neurocientista ganhador do prêmio Nobel, também se ocupa da possibilidade de integração entre psicanálise e biologia. Segundo ele, a psicanálise não teria evoluído cientificamente e estaria entrando no século XXI com sua influência em declínio. Para Kandel (2003, p. 139), “este declínio é lamentável, já que ela continua a representar a visão mais coerente e intelectualmente satisfatória da mente humana.” Ele escreveu um artigo onde sugere “... uma forma de revigoração da teoria psicanalítica que se dá através do desenvolvimento de uma relação próxima com a biologia em geral e com a neurociência cognitiva em particular.” (idem, p. 140). Como resultado dos avanços recentes no campo das neurociências e do trabalho de muitos pesquisadores no sentido de articular estes conhecimentos com a psicanálise, têm ocorrido progressos tanto no plano intelectual quanto no campo institucional. Nava (2003, p. 20) relata que

Em 2000, fui a Londres, emocionadamente, ao I Congresso de Neuropsicanálise¹⁷. Simbolicamente, pelas mãos do Centro Anna Freud, o sonho do seu pai torna-se realidade. Sigmund Freud previu e desejou que um dia a biologia confirmaria a psicologia, que os avanços científicos iriam conformar as suas descobertas psicanalíticas. Neste congresso foram dados os primeiros passos nesse sentido.

Segundo Andrade (2003, p. 23), nesse congresso cerca de 400 participantes, entre psicanalistas e neurocientistas, “... perceberam a importância da retomada do estudo neuropsicológico interrompido por Freud em 1895, por já não existirem os óbices que o

¹⁷ Foi fundada nessa ocasião a *International Neuro-Psychoanalysis Society*, dedicada à integração entre as neurociências e a psicanálise. (<http://www.neuropsychanalysis.org/>).

levaram a pô-lo de lado, agora que o progresso da neurociência a aproximou da intimidade do psiquismo.”

De acordo com Solms, apesar dos avanços inegáveis da visão biológica e farmacológica dos aspectos mentais, este campo “... não produziu uma teoria ampla alternativa sobre a personalidade, a emoção e a motivação” (Solms, 2004a, p. 58). Assim, os neurocientistas teriam concentrado seu trabalho em aspectos específicos e estreitos, “... deixando de lado o quadro amplo. Hoje este quadro está voltando a ficar em evidência, e a surpresa é esta: ele não é diferente daquele que Freud delineou há um século atrás.” (idem). Um dos pontos importantes seria a questão do inconsciente:

Quando Freud introduziu a noção central de que a maioria dos processos mentais que determina nossos pensamentos, sentimentos e vontades cotidianos ocorre inconscientemente, seus contemporâneos rejeitaram a idéia como impossível. Mas os achados atuais estão confirmando a existência e o papel decisivo do processamento mental inconsciente. (ibidem, p. 59).

Um exemplo de integração entre psicanálise e neurociência é dado por Solms (2004b, p. 48) com a proposta de que ao fazer “... observações psicanalíticas em pacientes com lesões em partes específicas do cérebro, torna-se possível correlacionar diretamente os fenômenos psicanalíticos com os fenômenos neurocientíficos.” Uma das vantagens desse tipo de abordagem seria que, “ao produzir evidências científicas objetivas que não podem ser contraditas por hipóteses subjetivas, a neurociência dá-nos importante contribuição no sentido de demarcar os limites de nossa teorização, apontando-nos a fonte da imagem virtual que contemplamos.” (Andrade, 2003, p. 192). Apesar de tantas afirmações de Freud quanto à conexão entre psicanálise e biologia, muitos psicanalistas tomaram rumo diferente. Segundo Andrade (2003, p. 20),

Após a morte de Freud, os conhecimentos psicológicos por ele considerados provisórios foram assumidos como definitivos pela maioria de seus seguidores, de forma a apartá-los completamente das raízes biológicas (...) a maioria dos psicanalistas deixou de ver a psicanálise como ciência natural, havendo boa parte que passou até mesmo a repudiar a idéia de ser ela uma ciência, preferindo considerá-la uma hermenêutica.

De acordo com este autor, isso teria levado a uma “...estagnação teórica, a par de certo descrédito por parte da comunidade científica, com repercussões negativas em meio às pessoas cultas.” (ibidem, p. 21). Para ele, “não é desejável que a psicanálise desconheça o

que tem sido descrito pela neurociência, sob pena de continuar querendo viajar só de trem, como se fazia no tempo de Freud, quando a civilização já está no rumo dos vôos espaciais.” (ibidem, p. 183).

Entre aqueles que defendem uma psicanálise que se apóia sobre outras bases estaria, por exemplo, Garcia-Roza (1997, p. 9), que critica a interpretação biologizante da psicanálise: “a redução da pulsão ao biológico foi um dos mais lamentáveis desvios impostos à teoria psicanalítica.” Segundo ele, “a única organização imposta às pulsões é a decorrente da estrutura de significantes”, já que “a pulsão não tem objeto próprio (ou objeto natural), seu objeto será oferecido pela fantasia” (idem, p. 144). Desse modo, “a sexualidade ficaria libertada de uma referência biológica incômoda e difícil de ser sustentada teoricamente.” (ibidem, p. 145).

Recharadt afirma que Freud teria usado suas especulações biológicas como andaimes para edificar um modelo teórico do psiquismo e, “uma vez encontrado o modelo aplicável à psicologia, não precisou mais da biologia. A filosofia e a mitologia forneceram-lhe modelos fecundos.” (Recharadt, 1988, p. 48). Recharadt & Ikonen (1988, p. 72) afirmam que a psicanálise “... só poderia ser compreendida como uma ciência da interpretação. Seus biologismos existem apenas enquanto forma. São, de fato, apenas modelos quase naturalísticos cuja função é de dar forma a termos e a modelos de pensamento referentes ao domínio psíquico.” Ayres¹⁸ deixa clara a diferença entre essas abordagens:

Nas ciências naturais a grande meta é identificar regularidades causais e o grau de confiança que se pode ter nelas para poder saber **como fazer**. Porém, quanto mais se faça desenhos para conhecimento da realidade nos quais os ‘como fazer’ estejam implicados em opções, em decisões sobre o ‘**como ser**’ (casos das ciências humanas), menos se poderá responder suas perguntas na forma do ‘é assim’, e mais se precisará responder ‘faz sentido que seja assim?’

Ou seja, existem psicanalistas que defendem uma ruptura entre a psicanálise e a biologia, visto abrangerem domínios diferentes. Tais autores acabam propondo alterações importantes na teoria psicanalítica, no sentido de concebê-la como algo pertencente apenas ao campo da filosofia, da lingüística e da cultura. Recuperam, de alguma maneira, a antiga distinção entre o ser humano e os outros animais.

¹⁸ Em comunicação pessoal ao autor em 30/03/2004.

Entretanto, muitos comentadores questionam essa abordagem, enfatizando que a concepção de Freud abrangeria tanto a dimensão do orgânico/pulsional/energético quanto o plano da cultura/representação/símbolo. Para Birman (1991b, p. 208), “a duplicidade de modelos teóricos presentes no discurso freudiano, isto é, a metapsicologia cunhada numa linguagem positivista e um método de investigação intersubjetiva centrado na palavra, indica esse duplo registro que o discurso freudiano pretendeu abarcar.” De acordo com ele, essa duplicidade teria dado margem à constituição de “psicanálises” diversas:

Entre os anos quarenta e sessenta, a tradição anglo-saxônica discutiu a cientificidade da psicanálise pelo caminho teórico norteado pela filosofia neopositivista e pelo cientificismo naturalista, enquanto a tradição francesa tematizou a questão pela mediação da fenomenologia e da hermenêutica. (Birman, 1994, p. 29).

Desse modo, na tradição francesa, “a metapsicologia, nos seus enunciados fisicalistas, e os enunciados do modelo cientificista presentes no discurso freudiano foram criticados e colocados em segundo plano, pois a racionalidade psicanalítica seria definida pela sua dimensão interpretativa.” (idem, p. 40). Assim, para alguns autores,

... estes dois modelos seriam teoricamente incompatíveis, não existindo entre eles qualquer possibilidade de solução de compromisso. A psicanálise como saber precisaria, portanto, depurar-se de seu modelo naturalista de cientificidade, a fim de se desenvolver em suas potencialidades teóricas como saber da interpretação. (ibidem, p. 41).

Segundo Birman (ibidem, p. 61),

O existencialismo sartriano e a filosofia fenomenológica de Merleau-Ponty criticaram a psicanálise em seu registro metapsicológico, argumentando que essa leitura do psíquico era mecanicista, tendo como conseqüência nefasta a coisificação e a objetivação do sujeito. Em contrapartida, destacaram a inovação freudiana em sua leitura interpretativa do psíquico.

Contrapondo-se a isso, Hyppolite (1989, p. 77) diz que “Freud situa-se tanto no plano de uma ciência positiva – à qual sempre quis permanecer fiel – como no de uma filosofia.” Ele propõe a convivência com essa dualidade: “não queríamos escolher entre Freud o sábio positivista, ou o filósofo, descartando um para ficar com o outro.” (idem). O autor aponta que o próprio Freud “... quis uma espécie de síntese, a qual não conseguiu atingir, e há uma originalidade nesta mistura, nesta recusa de separar uma filosofia da natureza e uma filosofia do espírito. Em Freud vai-se sempre de uma imagem naturalista a

uma compreensão e vice-versa.” (ibidem, p. 90). No mesmo sentido, Ricoeur (1978, p. 137) afirma que

A leitura aqui pressuposta toma o discurso freudiano por um discurso misto, que articula questões de sentido (sentido do sonho do sintoma, da cultura etc.) e questões de força (investimento, balanço econômico, conflito, recalque, etc.). Admite-se, aqui, que este discurso misto não é um discurso equívoco, mas que é adequado à realidade que pretende explicar, a saber, a ligação do sentido com a força numa semântica do desejo.

Nessa visão, o aspecto hermenêutico¹⁹ da psicanálise é destacado:

O homem é o homem do desejo, do desejo que se mascara e se dissimula. Do desejo que, ainda que dissimulado, insiste em aparecer na fala humana (...) o que é dito freqüentemente quer dizer outra coisa (...) a psicanálise parece então como portadora de um esquema de interpretação do duplo sentido da linguagem humana. (Franco, 1995, p. 71).

A psicanálise habitaria o campo da ambigüidade da palavra e do símbolo, um lugar caracterizado pelo afastamento das certezas claras e pela convivência com a polissemia²⁰. Entretanto, esse campo precisaria estar articulado com a biologia:

Nada mais perigoso do que extrapolar as conclusões da semiologia, generalizando a ponto de dizer ‘tudo é signo, tudo é linguagem’. O homem se transformaria em pura linguagem. Mas ao ligar o símbolo à pulsão, a psicanálise obriga-nos a fazer o trajeto inverso e a recolocar o significante no existente. (idem, p. 97).

No dizer de Ricoeur (1978, p. 222), “antes que o sujeito se ponha consciente e voluntariamente, ele já estava posto no ser em nível pulsional. Esta anterioridade da pulsão com respeito à tomada de consciência e à volição significa a anterioridade do plano ôntico com relação ao plano reflexivo, a prioridade do existo sobre o penso.” Esse autor argumenta que os dois aspectos são indivisíveis na formulação freudiana, que ela se caracteriza exatamente por seu propósito de abarcar as duas dimensões, devendo-se compreender “... que a energética passa por uma hermenêutica e que a hermenêutica descobre uma energética. Este ponto é aquele em que a posição do desejo se anuncia num e por um processo de simbolização.” (Ricoeur, 1977, p. 67). Em outras palavras, talvez seja mais

¹⁹ “Hermenêutica é a teoria que preside a interpretação de um texto.” (Franco, 1995, p. 71). Seria, assim, “... a retirada de uma máscara, uma denúncia da dissimulação.” (idem, p. 74).

²⁰ Para Franco (1995, p. 89), “a polissemia é funcional, pertence ao próprio funcionamento da linguagem. Sem a polissemia da palavra o léxico teria de ser muito mais extenso, impraticavelmente mais extenso.”

apropriado dizer que “a psicanálise é, simultaneamente, uma arte hermenêutica e uma ciência.” (Holm-Hadulla, 2003, p. 1217)

Pelo que foi exposto acima, a psicanálise de Freud, se tem uma raiz essencial no campo do biológico, por outro lado o ultrapassa quando trata das significações, da hermenêutica. Assim, faz sentido examinar os aspectos biológicos da teoria freudiana, mas não se pode perder de vista a parcialidade inerente a isso. Não se quer aqui mutilar a visão freudiana, reduzindo-a ao campo dos processos somáticos e pulsionais. Nem se pretende negar “... o golfo epistemológico radical que a subjetividade representa.” (Scheurich, 2000, p. 839). Ou seja, as abordagens subjetiva e objetiva são vistas como complementares, não cabendo o reducionismo de entender a primeira como meramente decorrente da segunda. O presente trabalho é um recorte, um caminho parcial, que deve no futuro ser articulado aos demais planos e dimensões, para que se possa chegar a um quadro abrangente.

É interessante observar que, apesar das importantes mudanças introduzidas em 1920, as duas formulações freudianas da teoria das pulsões estão enraizadas na biologia:

Quanto à relação com o biológico, ambas vêm as pulsões como fortemente alicerçadas no nível orgânico da vida. Na primeira teoria, a fonte somática e o alvo último da satisfação mostram as pulsões, tanto de autoconservação quanto sexuais, como profundamente dependentes de fenômenos biológicos. Na segunda, as pulsões são tendências gerais da própria matéria orgânica, que se refletem na vida psíquica. (Gomes, 2001, p. 255).

Finalizando, vale lembrar que Freud foi sempre um espírito aberto e sua visão sobre a própria obra pode ser inspiradora. Segundo ele, a psicanálise jamais

... fecha a porta a uma nova verdade (...) A vida muda. A psicanálise também muda (...) Consegui desencavar monumentos soterrados nos substratos da mente. Mas ali onde eu descobri alguns templos, outros poderão descobrir continentes. (Freud, 1926b/1990, p. 125).

3.3 REICH E A BIOLOGIA

A ligação do pensamento de Reich com a biologia e os aspectos somáticos da psicoterapia é notória e talvez nem precisássemos comentá-la. Entretanto, isso se faz necessário para que possamos continuar seguindo nossa linha de argumentação. Interessamos especialmente, para a presente discussão, ver como Reich vai fazendo conexões com elementos da biologia a partir de um referencial psicanalítico.

3.3.1 O OLHAR ANALÍTICO

No livro "Análise do Caráter" (Reich, 1933/1995), é enfatizada a observação do corpo nas sessões de análise. Começa aqui a tomar forma o que os reichianos hoje chamam de Leitura Corporal, ou seja, o aproveitamento intensivo de elementos da comunicação não-verbal do paciente como material clínico.

Isso foi algo que Reich desenvolveu a partir do que aprendeu com Freud. Já no seu artigo sobre o caso Dora, ao comentar que o fato desta mexer em sua bolsa durante a sessão seria uma manifestação de seu desejo de masturbação, este afirma, em uma frase famosa, que “o que tem olhos para ver e ouvidos para ouvir pode convencer-se de que nenhum mortal pode guardar um segredo. Se os seus lábios permanecem silenciosos, ele conversa com a ponta dos dedos; a revelação transpira dele por todos os poros.” (Freud, 1905a/1972, p. 12). Porém, em outros casos clínicos de Freud esse elemento visual parece perder importância no relato, vindo-se pouca atenção dada a este assunto. O que predominará posteriormente no campo da psicanálise será a atenção às sutilezas da palavra e seus meandros de significação, desenvolvendo a chamada escuta analítica.

Parece haver certa ambigüidade no campo psicanalítico quanto a isso. Nos relatos clínicos muitas vezes se valorizam aspectos observados dos analisandos. Por outro lado, alguns apontam o contato visual como prejudicial ao tratamento, como se pode ver em Mezan (1988a, p. 446): “a disposição que exclui o olhar tem assim uma função técnica precisa, a de criar condições favoráveis para que se instale a situação analítica propriamente dita (...).” para Freud, esta condição é absolutamente indispensável à estruturação do campo analítico...”. Martinez (1993) mostra como é variável a valorização clínica do universo visual, com Freud dando pouca ênfase a esse tipo de material, Ferenczi dando grande valor ao mesmo e Reich fazendo disso o centro de sua abordagem.

A posição analítica (o psicanalista sentado atrás do paciente que está deitado num divã) prioriza a escuta e prejudica de maneira importante o acesso do olhar do analista ao que ocorre com seu paciente, principalmente quanto à expressão facial, que é um dos principais meios de comunicação não-verbal em humanos (Corraze, 1982; Morris, 1987). Para Reich, tão importante quanto a “escuta analítica” e constituindo em um bom número de casos a primazia do processo terapêutico, estará o “olhar analítico”: “poderemos ler a verdade se soubermos ler a linguagem expressiva do movimento da face ou do modo de andar de cada homem.” (Reich, 1953/1987, p. 26). Esse enfoque tem como consequência a introdução do corpo real no *setting*. Conforme Gaiarsa (1982, p. 105-107), há aqui uma

mudança de universo sensorial que caracterizaria uma diferença muito maior em relação a Freud do que qualquer divergência conceitual. Segundo esse autor, “Freud bem declaradamente se pôs fora do campo visual do paciente. A situação de Édipo, que tanto fascinou Freud, resolveu-se exatamente como a técnica psicanalítica: Édipo, como Freud, arrancou-se os olhos.” (idem, p. 107).

Um exemplo da importância desse aspecto é encontrado em texto sobre grupanálise (psicoterapia de grupo de base analítica), no qual a autora exalta a importância daquilo que se observa num *setting* em que há contato visual. Observamos aqui frases que poderiam ter sido escritas por Reich: “... as interpretações podem ser baseadas nos aspectos corporais do grupanalizando. Por vezes o que chama a atenção do grupanalista não é tanto o que o grupanalizando diz mas o modo como ele está com o seu corpo.” (Nava, 2003, p. 65). Da mesma maneira, Gabbard e Westen (2003, p. 825) afirmam que “de um ponto de vista contemporâneo, um aspecto importante do papel do analista é ajudar o paciente a se tornar consciente dos padrões inconscientes expressos em seu comportamento não-verbal.”

É curioso perceber o fascínio de autores atuais do campo psicanalítico quando “descobrem” coisas das quais Reich já falava há cerca de 70 anos, sem lhe dar o devido crédito. Isso parece confirmar que Reich, em dado momento de sua trajetória, foi um psicanalista que aprofundou e ampliou a importância dos aspectos biológicos em sua teoria e técnica. Assim, talvez seja inevitável, para outros psicanalistas que se voltem para a biologia, trilhar de alguma forma os mesmos caminhos dos quais Reich foi pioneiro.

3.3.2 CORPO ANATÔMICO E CORPO ERÓGENO

Ao fundar uma clínica baseada na escuta, Freud distancia-se da abordagem médica tradicional que incluía ver e tocar. Reich retoma estas possibilidades, inserindo-as em sua forma de tratamento. Mas a ruptura não é apenas técnica. O corpo, na psicanálise de Freud, é um “corpo erógeno”, como se pode perceber já em seus primeiros escritos: “... nas suas paralisias e em outras manifestações, a histeria se comporta como se a anatomia não existisse, ou como se não tivesse conhecimento desta.” (Freud, 1893a/1987, p. 188). Assim, na histeria as “...simbolizações foram empregadas por muitos pacientes num enorme conjunto das chamadas nevralgias e dores. É como se houvesse a intenção de expressar o estado mental através de um estado físico...” (Freud, 1893b/1987, p. 42). Segundo Cukiert (2000, p. 25),

... o postulado teórico da existência de uma ordem corporal representada, distinta da anatomopatológica, permite pensar a partir de uma anatomia imaginária, já que o histérico produz seus sintomas somáticos e sofre suas dores na imagem do corpo e não na materialidade de sua estrutura anatômica. Podemos mesmo dizer que o ‘corpo histérico’ subverte o corpo da anatomia, marcando a forma como o corpo de que se trata em Psicanálise não é o corpo em seu puro aspecto somático.

Entretanto, para Reich, além do corpo erógeno, é também o corpo orgânico, material, que se faz presente no *setting*. É o corpo (anatômico) que constituirá, no dizer de Cukiert (idem, p. 4), a “via régia de acesso ao inconsciente”. Ao longo da década de 1930, incorporam-se cada vez mais os elementos somáticos à abordagem reichiana. Em 1934, ele apresenta pela primeira vez suas idéias inovadoras de que “todo aumento de tônus muscular e enrijecimento é uma indicação de que uma excitação vegetativa, angústia ou sensação sexual foi bloqueada e ligada”, havendo “uma identidade funcional entre couraça do caráter e hipertonia ou rigidez muscular” (Reich, 1935/1995, p. 315). A idéia de trabalho com a musculatura não era novidade na psicanálise, tendo já Ferenczi proposto exercícios de relaxamento como forma de superar resistências (ver Boadella, 1985, p. 114). Inúmeros aspectos da teoria freudiana (como a fixação, o recalque e a resistência) são agora compreendidos em conexão com o tônus muscular do indivíduo (ver Rego, 2003).

Em 1936, deixa de lado o tabu analítico de não tocar e propõe a abordagem física das atitudes musculares no tratamento analítico, rompendo ainda mais com as prescrições relativas ao *setting* da psicanálise²¹. Reich propõe uma clínica que se orienta por metas que diferem das de um trabalho psicanalítico tradicional, aqui também enfatizando aspectos biológicos. No primeiro capítulo do "Análise do Caráter", ainda dentro da ortodoxia psicanalítica, ele afirma que “em termos de técnica, portanto, a solução do conflito requer a ‘eliminação do recalque’; em outras palavras, tornar consciente o conflito inconsciente.” (Reich, 1933/1995, p. 18). Porém, no capítulo 15, texto do fim da década de 1940, a meta terapêutica se mostra bem distinta: “este é o nosso grande dever: capacitar o animal humano a aceitar a natureza que existe dentro de si, parar de fugir dela, e passar a desfrutar daquilo

²¹ É interessante notar que aqui Reich parece recuperar formas de intervenção utilizadas por Freud no início de sua carreira, época em que o aspecto biológico era mais proeminente. Segundo relato deste último, escrito em 1895, referente a um tratamento da Sra. K, que estava com dores no peito, “No caso dela, inventei uma terapia estranha, de minha própria autoria: procuro áreas sensíveis, pressiono-as e, desse modo, provoço acessos de tremor que a aliviam. (...) quando pressiono um ponto de sua cavidade axilar, ela afirma senti-lo ao longo de todo o braço, até os dedos.” (Freud, 1895b/1986, p. 121). Este relato poderia muito bem ser relativo a uma sessão de psicoterapia corporal reichiana atual.

que agora tanto o atemoriza.” (Reich, 1949/1995). Ou seja, o objetivo do tratamento seria recuperar a vitalidade perdida ou bloqueada, fazer a bioenergia circular livremente, deixar a sabedoria espontânea da natureza (auto-regulação) acontecer.

3.3.3 LÁ AONDE AS PALAVRAS NÃO CHEGAM

Um dos pontos distintivos da clínica reichiana é a procura de meios para tratar de questões que estão para além da palavra. Reich comenta a limitação das intervenções verbais frente às questões humanas:

As idéias da psicologia ortodoxa e da psicologia profunda estão presas a estruturas verbais. Mas o funcionamento do organismo vivo está além de todas as idéias e conceitos verbais (...) o início do funcionamento da vida é muito mais profundo do que a linguagem e está além dela. (Reich, 1949/1995, p. 332-333)

Em resumo, “... o orgonoterapeuta aprende, compreende e influencia a linguagem do organismo vivo.” (ibidem, p. 334). Propõe, por exemplo, o uso da imitação de gestos, expressões e atitudes do paciente como forma de perceber o que se passa com este: “os movimentos expressivos do paciente provocam involuntariamente uma imitação no nosso próprio organismo. Imitando esses movimentos, ‘sentimos’ e compreendemos a expressão em nós mesmos e, conseqüentemente, no paciente.” (ibidem, p. 335). Mais uma vez, podemos fazer um paralelo com autores psicanalíticos recentes, os quais “descobrem” isto que Reich já relatara décadas atrás, ao comentar que a comunicação não-verbal

... é sentida como mais verdadeira do que a verbal. Talvez estas sejam uma das possibilidades de atingir as partes mais recônditas do nosso aparelho psíquico, as vivências que se encontram antes da palavra (...) estas vivências existem dentro de nós, embora estejam para além do uso da palavra, e a possibilidade de serem vivenciadas no contexto grupanalítico pode talvez explicar o acesso a material profundo que de outro modo não seria acessível ... (Nava, 2003, p. 65).

Kandel aponta para a importância de considerar a diferença entre a memória explícita (ou declarativa), que consistiria da “... memória consciente de pessoas, objetos e lugares” (Kandel, 2003, p. 143); e a memória implícita (também chamada procedural, ou “não declarativa”), envolvendo habilidades motoras e perceptivas, como o modo de andar, por exemplo. Ao comentar a limitação de trabalhar apenas com a memória explícita, ele também chega a formulações bastante próximas às de Reich: “durante os 2 a 3 primeiros

anos de vida, quando a interação da criança com sua mãe é particularmente importante, a criança depende primeiramente de sua memória procedural (...) a memória declarativa se desenvolve em período posterior.” (idem, p. 150).

Ainda segundo esse autor, “muitas das mudanças que se desenvolvem no processo terapêutico durante a análise não estão no campo da compreensão consciente e, sim, no campo dos comportamentos e conhecimentos não-verbais do inconsciente procedural.” (ibidem, p. 145). Do mesmo modo, Pally (1997, p. 1232) afirma que “uma vez que a memória implícita é não-conceitual e não-linguística, pode ser difícil pesquisá-la em sua plenitude utilizando o método da livre associação verbal.” Isso tem levado a propostas de alteração da técnica, considerando como insuficiente a interpretação dos conteúdos recalçados para torná-los conscientes (Fonagy, 1999; Stern et al., 1998).

Questões muito importantes podem estar conectadas a este domínio. Por exemplo, segundo Silva et al. (2003, p. p. 61), “funções cognitivas complexas e subjetivas, como padrões morais, utilizadas no juízo de valor, podem fazer parte da memória implícita, e a sua existência só é apreendida através da observação do proceder do indivíduo.” De acordo com Squire e Kandel (2002, p. 181), “tal como as interações entre bebês e pais, parece que muitas das alterações que fazem avançar o processo terapêutico não são atribuíveis a interpretações verbais ou a perspectivas conscientes, mas a alterações nos conhecimentos não declarativos inconscientes.” Seriam especialmente importantes os chamados “momentos de encontro”, definidos como “... momentos significativos de entendimento implícito e de confiança” (idem). Para esses autores, “ao contrário do pensamento psicanalítico clássico, em que as interpretações e as perspectivas conscientes são encaradas como os eventos chave para o progresso do processo psicoterapêutico, um momento de encontro não exige que o material inconsciente se torne consciente.” (ibidem).

Ainda segundo eles (ibidem, p. 163), “as capacidades de memória mais simples e as que talvez tenham surgido mais precocemente na evolução, parecem ser as memórias não declarativas ligadas à sobrevivência, alimentação, acasalamento, defesa e fuga.” Por exemplo, “a memória não declarativa pode ser o único tipo de memória disponível nos invertebrados, porque os mesmos não possuem as estruturas cerebrais e a organização cerebral para apoiar a memória declarativa.” (idem, p. 24). Ou seja, a importância clínica descrita acima remete de modo direto a um território eminentemente biológico, aquém das palavras e representações, já que a capacidade para a memória declarativa (que inclui a linguagem) parece ser uma conquista recente do ponto de vista filogenético.

Bergson, autor que influenciou de forma importante o pensamento de Reich, parece ter sido um precursor do estudo da memória não declarativa. Suas idéias a esse respeito talvez tenham motivado, pelo menos em parte, as formulações reichianas aqui descritas. Ao final do século XIX ele já comentava sobre a existência de dois tipos de memória: “a primeira registraria, sob a forma de imagens-lembranças, todos os acontecimentos de nossa vida cotidiana à medida que se desenrolam (...) atribuiria a cada fato, a cada gesto, seu lugar e sua data.” (Bergson, 1990, p. 62). A segunda seria

... voltada para a ação, assentada no presente e considerando apenas o futuro. Esta só reteve do passado os movimentos inteligentemente coordenados que representam seu esforço acumulado (...) A bem da verdade, ela já não nos representa nosso passado, ela o encena; e, se ela merece o nome de memória, já não é porque conserve imagens antigas, mas porque prolonga seu efeito útil até o momento presente. (idem).

3.3.4 A BIOLOGIA COMO BASE TEÓRICA E TÉCNICA DA CLÍNICA

Há uma ruptura teórica importante quando Reich integra às suas formulações o conceito de auto-regulação²². De acordo com Bellini (1993, p. 53),

1934 pode ser o marco temporal da ruptura de Reich com os freudianos e reinício de uma jornada pela vegetoterapia (até 1948) que o levou ao encontro de uma biologia teórica, cujo conceito principal era o da auto-regulação.

Para esta autora (idem, p. 54), “auto-regulação é a ‘sabedoria do corpo’, reações e ritmos coordenados que permitem o equilíbrio dinâmico do corpo. Em Reich, auto-regulação não será um conceito formalizado, será um axioma, um princípio que se tornará central em seu pensamento.” Albertini (1994, p. 68-9) partilha da mesma opinião:

Pode-se observar um princípio subjacente, fundamental, básico, primário, que organiza e dá sustentação teórica ao pensamento reichiano. Esse princípio é o da auto-regulação, uma espécie de competência espontânea, visceral, da própria vida. Tal concepção vai substituir as teses psicanalíticas que também faziam parte do conjunto das idéias de Reich até este momento [anos 30]. Nesse sentido, o conceito de auto-regulação passa a ser hegemônico no arcabouço teórico reichiano.

²² Nas palavras de Damásio (2004, p. 37), “todos os organismos vivos, desde a humilde ameba até o ser humano, nascem com dispositivos que solucionam automaticamente, sem qualquer raciocínio prévio, os problemas básicos da vida.”

Em “O Éter, Deus e o Diabo” (Reich, 1949/1973), Reich traça um diagrama (ver Figura 2) da evolução progressiva das esferas do pensamento humano. A visão biológica é colocada num patamar muito mais abrangente do que a psicanálise. Afirmo em 1944 que “... o economista sexual e vegetoterapeuta é essencialmente um bioterapeuta e não mais um psicoterapeuta.” (Reich, 1944/1995, p. 10). Diz que “a coisa mais importante que já aconteceu na psiquiatria foi a descoberta de que a origem das neuroses era somática ...” (Reich, 1952/1979, p. 74). Afirmo ainda que o orgonoterapeuta “... está treinado a ver um paciente acima de tudo como um organismo biológico (...) o aspecto psicológico do sofrimento emocional continua a ser importante e indispensável; já não é, contudo, o aspecto mais importante da biopsiquiatria orgonômica.” (Reich, 1949/1995, p. 11-12).

Nosso trabalho concentra-se nas profundezas biológicas, no sistema plasmático, ou, como dizemos tecnicamente, no núcleo biológico do organismo. Este, como fica logo evidente, é um passo decisivo, porque significa que deixamos a esfera da psicologia (idem, p. 331) A orgonoterapia, ao contrário de todas as outras formas de tratamento, tenta influenciar o organismo não por meio da linguagem humana, e sim levando o paciente a se expressar biologicamente. (ibidem, p. 334).

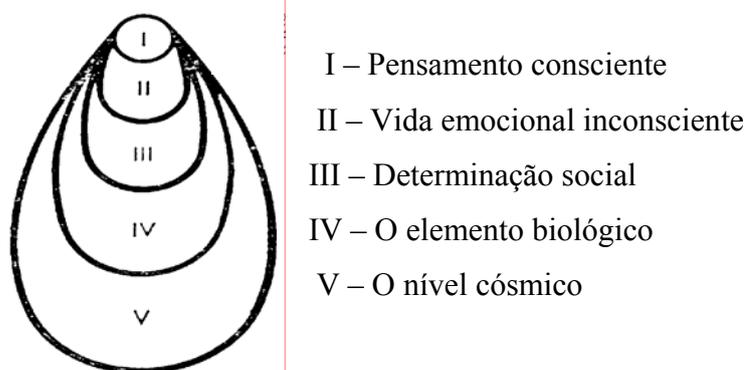


Figura 2 – Esferas do pensamento humano.
 (Reich, 1949/1973, p. 22).

Há aqui uma “... uma confiança na razão da natureza, nos seus mecanismos regulatórios e compensatórios. De acordo com essa orientação teórica, o fundamental é não perder os vínculos com essa capacidade vital e, além disso, propiciar condições ambientais para o seu pleno exercício.” (Albertini, 2003, p. 82). Em “Crianças do Futuro”, ao relatar o desenvolvimento de um menino criado de forma saudável, fica bem evidente o quanto a fundamentação na biologia e na auto-regulação leva a conclusões que divergem de Freud:

Sua repugnância às excreções surgira por modo próprio. Este fato está em concordância com a higiene natural que vemos em cachorros, gatos, ratos de pesquisa etc. Deste modo, relatos sobre um gosto ‘herdado’ ou ‘natural’ pelos prazeres fecais revelam-se um mito oriundo do fato da psicanálise derivar suas idéias e observações de estruturas de caráter encouraçadas, em confundir os impulsos secundários com tendências naturais. Este erro leva à noção de que a criança nasce com inclinações para a sujeira e que tem que ‘sublimar’ seu desejo anal pré-genital. As observações são corretas, mas referem-se a estruturas humanas já distorcidas. (Reich, 1950/s.d., p. 19).

Em “O Éter, Deus e o Diabo”, publicado em 1949, Reich refere-se ao ser humano quase que sempre como o “animal humano”, denomina-se “biopsiquiatra”, fala de uma “estrutura biopsíquica”, de um “aparelho biopsíquico”, de uma “vida biossocial”, de “fenômenos biofuncionais”. Fala de uma biofísica orgone e chama os distúrbios que se propõe a tratar de biopatias. O prefixo *bio* torna-se como que uma marca registrada do pensamento reichiano: irá inclusive aparecer em muitas das denominações de abordagens criadas pelos chamados neo-reichianos (a Psicologia Biodinâmica de Gerda Boyesen, a Análise Bioenergética de Alexander Lowen, a Biossíntese de David Boadella).

Nas escolas de psicoterapia corporal influenciadas por Reich criaram-se diversas formas de intervenção somática, que são utilizadas tanto em conjunto com uma abordagem verbal quanto de modo independente desta: massagens (Boyesen, 1986; Southwell, 1983), exercícios físicos (Lowen & Lowen, 1985), grupos de movimento (Gama & Rego, 1994), *actings* (Navarro, 1996), técnicas respiratórias (Gama & Rego, 1994; Lowen & Lowen, 1985), trabalhos a partir da propriocepção (Keleman, 1995). Cipullo (2000), em seu exame do papel da fala na Análise Bioenergética, mostra como a pendência entre ser um bioterapeuta ou um psicoterapeuta ainda está bastante presente nessas abordagens.

Note-se que este tipo de abordagem não foi específico das psicoterapias reichianas. De acordo com Bercherie (1989), a divisão entre os tratamentos físicos e as abordagens psicológicas (então chamadas “tratamentos morais”) dos distúrbios mentais existe desde os primórdios da Psiquiatria. E a psiquiatria ao longo do século XX, principalmente em sua segunda metade, caracterizou-se em grande medida pela ênfase dada ao tratamento de doenças mentais a partir de intervenções somáticas, especialmente a psicofarmacologia. Ou seja, o campo reichiano não foi o único a biologizar o psiquismo. A busca feita por Reich de formas biológicas de tratamento dos distúrbios mentais que fossem além da psicanálise nada

tem de estranho e exótico. Quando propõe este caminho, ele na verdade está em sintonia com todo um movimento científico vigente na sociedade em que vivia.

3.4 BIOLOGIA E PSICOLOGIA

A partir do que foi examinado no presente capítulo, parece claro que não estaremos cometendo nenhuma violência contra o pensamento de Freud ou Reich se buscarmos as conexões entre suas idéias e o conhecimento revelado pelos vários ramos da biologia contemporânea. Muito pelo contrário, tudo indica que estes dois autores na verdade apreciariam muito que isso fosse feito.

Veremos que o conhecimento nessa área aumentou enormemente desde que Reich e Freud publicaram seus trabalhos. Os avanços recentes quanto aos aspectos biológicos do psiquismo foram tão acentuados que hoje se fala até na fusão da neurologia com a psiquiatria (Martin, 2002) e na possibilidade de leitura de pensamentos por meio de neuroimagem (Ross, 2003). É um consenso entre os cientistas desse campo que “todos os processos mentais, mesmo os processos psicológicos mais complexos, derivam de operações do cérebro.” (Kandel, 1998, p. 460). Segundo Pinker (2004, p. 68),

Quando um cirurgião manda uma corrente elétrica para o cérebro, a pessoa pode ter uma experiência vívida, tal como na vida real. Quando substâncias químicas penetram no cérebro, podem alterar a percepção, o humor, a personalidade e o raciocínio de uma pessoa. Quando morre um pedaço de tecido cerebral, uma parte da mente pode desaparecer...

O fato de explorarmos neste capítulo e nos seguintes as conexões entre psicologia e biologia não quer dizer que entendamos a primeira como redutível integralmente à segunda. Acreditamos firmemente que o funcionamento da mente humana contém elementos importantes que transcendem a biologia, fazendo com que não seja possível entendê-la unicamente a partir desse referencial. Este é um assunto tão importante que julgamos adequado explicitar brevemente nossa posição quanto a esse aspecto.

É um tema controverso, dado que “a palavra ‘reducionismo’ adquiriu, nas últimas décadas, o status de termo de baixo calão em certos meios acadêmicos.” (Lütz, 2004, p. 1). Esse é um debate que parece comportar diversas posições. Uma delas assume uma “... crítica à idéia da unidade, seja do conhecimento, seja do ser humano. Cada disciplina acadêmica, assim como cada descrição do indivíduo, cumpre sua função específica, em vocabulários muitas vezes irreduzíveis uns aos outros. Poderá haver milhares de formas de

descrever coisas e pessoas...” (Arendt, 2000, p. 223). Partindo dessa visão, seria errôneo tentar entender fenômenos de uma área do conhecimento com conceitos e teorias de outros campos.

De acordo com Lütz (2004, p. 3), “por outro lado, os reducionistas acreditam que existem maneiras de unificar os conhecimentos pelo fato de que todas as áreas compartilham certos ‘componentes’ comuns.” Assim, “uma ‘Teoria de Tudo’, como passou a ser denominada a unificação fundamental, é imaginada como sendo subjacente a todos os fenômenos naturais.” (Zylbersztajn, 2003, p. 2). Existiria “... uma ordem lógica na natureza de acordo com a qual ramos da física, como a termodinâmica, e outras ciências, como a biologia e a química, podem ser consideradas como repousando nas leis mais profundas da física das partículas elementares.” (idem, p. 5).

O que seria condenável seria o exagero de tentar explicar tudo a partir daquilo que é mais básico ou elementar. Conforme Pinker (2004, p. 105): “o reducionismo, como o colesterol, existe na forma boa e na ruim. O reducionismo ruim – também chamado ‘reducionismo voraz’ ou ‘reducionismo destrutivo’ – consiste em tentar explicar um fenômeno com base em seus elementos constituintes menores ou mais simples.” Outros qualificativos têm sido propostos para isto, como o de “... reducionismo eliminativo, segundo o qual as outras ciências tenderiam a perder a sua autonomia, sendo absorvidas pela física de partículas.” (Zylbersztajn, 2003, p. 6). Ou ainda “reducionismo ganancioso”, que designaria “... a tolice das formas absurdas do reducionismo; é claro que você não pode explicar todos os padrões que nos interessam no nível da física (da química ou qualquer nível baixo).” (Dennet, 1998, p. 107).

Este reducionismo “ruim” seria errôneo por, entre outras coisas, negligenciar o conceito de propriedades emergentes²³, ou seja, processos e dinâmicas que surgem a partir da interação de subunidades, mas que não podem ser explicados simplesmente pelo estudo dos componentes. Desse modo, em cada nível de complexidade, propriedades inteiramente novas aparecem e, portanto, “... novas leis, conceitos e generalizações tornam-se necessárias.” (Zylbersztajn, 2003, p. 6). Essa formulação permite compatibilizar a conexão de um dado fenômeno com níveis mais elementares de explicação, dado que as leis desse nível continuam aplicáveis, ao mesmo tempo em que ressalta a impossibilidade de

²³ “O aparecimento de características novas em conjuntos, que não podem ser deduzidas do conhecimento das suas partes, consideradas em separado ou em combinações parciais, tem sido designado pelo termo emergência.” (Zylbersztajn, 2003, p. 6). Ver discussão sobre o tema no capítulo 4, item 4.2.

explicação com base apenas nessas mesmas leis. Para os adeptos dessa visão, as críticas ao reducionismo seriam decorrentes de uma distorção:

Apresenta-se o reducionismo como consistindo na decomposição de objetos (ou sistemas) em partes menores e no estudo destas partes, tratando-se posteriormente o todo como se fosse meramente a soma das partes. Essa imagem grotesca e desnecessariamente simplista não corresponde à realidade... (idem, p. 2).

Pinker é de opinião que o campo de estudos que se apóia na psicologia evolucionista não padece dessa falha, ao contrário do que tem sido dito. Segundo ele, “o reducionismo voraz está longe de ser a opinião da maioria, e é fácil mostrar por que ele é errado.” (Pinker, 2004, p. 105). Para o autor, “o reducionismo bom (também chamado de reducionismo hierárquico) consiste não em substituir um campo de conhecimento por outro, mas em conectá-los ou unificá-los.” (idem, p. 106). Assim, “os grandes pensadores das ciências da natureza humana afirmam categoricamente que a vida mental tem de ser compreendida em vários níveis de análise, e não apenas no mais inferior.” (ibidem).

Esta parece ser uma verdade relativa, pois freqüentemente encontramos nos autores dessa área considerações que priorizam quase que exclusivamente uma consideração evolucionista. “Para que este traço de personalidade, esta tendência ou este comportamento teriam servido no ambiente em que nossos ancestrais evoluíram?” Esta parece ser a pergunta onipresente, que deixa em segundo plano (quando não ignora completamente) os demais níveis de análise. Em especial no que se refere ao campo da subjetividade e da cultura, encontramos alguns exemplos de uma ingenuidade que poderíamos até perdoar (atribuindo-a ao entusiasmo juvenil gerado pela descoberta de novas abordagens), não fosse pelo perigo de subestimar outros campos do conhecimento. Um exemplo desse perigo pode ser visto quando um autor da área comenta sobre a psicanálise, dizendo que certas concepções errôneas

... levaram Freud a dizer muitas coisas que soam como sem sentido para os darwinistas atuais. Por que as pessoas teriam um instinto de morte (‘tânatos’)? Por que as garotas iriam querer ter um genital masculino (‘inveja do pênis’)? Por que iriam os meninos querer ter sexo com suas mães e matar seus pais (o ‘complexo de Édipo’)? Imagine genes que encorajassem especificamente algum destes impulsos, e você estará imaginando genes que não estão exatamente destinados a se espalhar do dia para a noite numa população de caçadores/coletores. (Wright, 1994, p. 315).

Esse argumento só seria válido se considerássemos o nível biológico como o único relevante para a determinação dos fenômenos. Estaríamos aqui diante de um exemplo de reducionismo “ruim”? Parece que sim. Talvez se possa questionar a pulsão de morte no plano da biologia, mas, se referenciada em outros patamares, pode encontrar validade e utilidade. E se o complexo de Édipo e a inveja do pênis não tiverem origem na seleção natural? Seriam menos verdadeiros? Se levássemos ao pé da letra as afirmações de Wright, parece que seria necessário descartar conceitos úteis da clínica apenas pelo fato deles aparentemente não serem compatíveis com a biologia darwinista.

Num sentido mais amplo, podemos considerar o suicídio, a depressão, a contracepção, a homossexualidade, entre tantas outras características humanas. Se pensarmos como Wright, quanto à pouca possibilidade de que “genes que encorajassem especificamente algum destes impulsos” pudessem prosperar numa população de caçadores/coletores, parece que teríamos duas opções: ou estas coisas não existem; ou então admitir a existência de outras determinações além da biologia e da genética, o que abre espaço para o complexo de Édipo, a inveja do pênis etc. Em outras palavras, se o fenômeno humano comporta elementos tão frontalmente contrários à sobrevivência (como o suicídio não altruísta) e ao sucesso reprodutivo (contracepção), possivelmente sejam necessárias outras ordens de explicação além daquelas decorrentes do darwinismo²⁴.

Num outro exemplo, Pinker comenta sobre a constituição americana e a luta pela independência, afirmando que “a teoria da natureza humana pela qual se pautaram os líderes da revolução poderia ter saído diretamente da moderna psicologia evolucionista.” (2004, p. 404). São listados inúmeros aspectos em que a legislação e os costumes vigentes nos Estados Unidos parecem seguir os preceitos da visão evolucionista atual, levando-o a considerar os pais da pátria como gênios intuitivos que teriam vislumbrado noções que só seriam formuladas claramente séculos depois. Em momento algum lhe ocorre pensar no caminho oposto, ou seja, que a psicologia evolucionista e inúmeras outras teorias dos diversos campos da ciência tenham sido influenciadas fortemente pela ideologia dominante. Ou seja, ele parece praticar uma forma de reducionismo “ruim” ao deixar de considerar outras ordens de explicação além da biologia. Note-se que no mesmo livro ele alerta para

²⁴ Numa visão mais equilibrada, Kandel (1998, p. 460), que é um neurocientista respeitado, afirma que “para muitos aspectos do comportamento individual e grupal, uma análise biológica pode não se mostrar como o nível ótimo, ou nem mesmo um nível informativo, de análise, tal como uma resolução subatômica freqüentemente não é o nível ótimo de análise para problemas biológicos.”

esse tipo de distorção ao dizer que “as observações sempre são contaminadas por teorias, e as teorias são saturadas de ideologia e doutrinas políticas...” (idem, p. 274).

Especialmente quando se trata da psicologia humana, muitos aspectos dela exigem outra ordem de explicação além da biologia. Em outras palavras, poderíamos dizer que a biologia é necessária mas não suficiente para explicar o fenômeno humano. Por exemplo, de Waal (2001, p. 36) comenta que na primeira infância “é impresso em nós um sistema moral através de um processo que, apesar de centenas de vezes mais complicado do que o *imprinting* dos pássaros, pode ser tão efetivo e duradouro quanto este.” Ou seja, haveria uma complementaridade entre natureza e cultura, uma prontidão (de origem biológica) para assimilar um código moral e uma linguagem no início da vida. Mas o conteúdo (qual língua, quais regras morais) vai ser dado pela sociedade e pela família, e isso vai determinar o comportamento, as atitudes e a imagem que a pessoa tem de si mesma.

Outro aspecto que diferenciaria os humanos seria a questão da autonomia: em um certo momento da vida, este ser percebe que não é escravo das determinações biológicas nem culturais, que possui uma autonomia em relação a ambas e que isso pode aumentar cada vez mais. As pessoas descrevem esse momento com a expressão "desde que eu me entendo por gente", com isso significando o dom misterioso de perseguir seu próprio caminho, contra ou a favor da determinação biológica, contra ou a favor da determinação cultural. Como disse Sartre (1986, p. 73), "cada um é sempre responsável por aquilo que foi feito dele - mesmo se ele não puder fazer mais que assumir essa responsabilidade. Eu acho que um homem pode sempre fazer alguma coisa daquilo que fizeram dele.”

Dennet aponta aqui um erro comum entre os psicólogos evolucionistas: a “falácia genética”, apontada já por Darwin e Nietzsche, que poderia ser formulada como afirmando que “a causa da origem de uma coisa e a sua utilidade final, o seu verdadeiro emprego e lugar em um sistema de propósitos, estão a mundos de distância um do outro.” (Dennet, 1998, p. 493). Assim, a elevada capacidade cognitiva humana, a linguagem e a consciência teriam sido criadas pela seleção natural, surgindo como dispositivos cujo propósito evolutivo seria incrementar o sucesso reprodutivo. Essa seria a sua gênese. Mas isso não significa que ainda hoje servem unicamente a este fim. Dennet usa o exemplo dos vírus: as células de um organismo evoluíram sua maquinaria bioquímica para assegurar o seu sucesso reprodutivo, mas os vírus “manipulam o comportamento de seus hospedeiros para favorecer os interesses deles e não os de seus hospedeiros.” (idem, p. 494). Nessa analogia, o

equivalente dos vírus seriam os “memes²⁵”, que infestariam nossos aparatos cognitivos, fazendo-os funcionar em seu benefício e não mais estritamente no interesse dos genes.

Esta última possibilidade, de a criatura rebelar-se contra o criador, é um tema recorrente nos produtos da imaginação humana. Ficando apenas nos filmes, temos o clássico "2001 - Uma Odisséia no Espaço", onde um computador se torna tão inteligente e autônomo que assume o comando da nave espacial e tenta eliminar os humanos. Mais recentemente, filmes como "Blade Runner" e as séries "O Exterminador do Futuro" e "Matrix", têm como base do enredo um mundo futuro onde as máquinas ganharam autonomia e se rebelaram contra os humanos que as criaram.

Uma das maneiras de entender o fascínio desse tipo de história é que elas falam da condição humana, ou seja, são uma forma de tentar entender nosso dilema de estarmos cada vez mais autônomos em relação às imposições físicas, mentais e comportamentais da nossa herança genética. Estamos próximos inclusive da capacidade de mudar o próprio código genético que ainda é o determinante último de certas características essenciais de nossa identidade. Como diz Diamond (1999, p. 63), "talvez o que mais nos caracterize como espécie seja nossa capacidade, única entre os animais, de fazer escolhas contra-evolutivas". Essa autonomia gera um mundo de possibilidades que introduz uma diferença fundamental: se antes a direção da mente era assegurar a sobrevivência e o sucesso reprodutivo, agindo segundo os parâmetros inscritos no cérebro, agora não há meta definida, muitos são os caminhos que podem ser percorridos. Passa-se da biologia para o âmbito da filosofia. O raciocínio selecionado pela evolução para melhor se adaptar ao ambiente agora é usado para inquirir “quem sou?”, “qual é o sentido da vida?”

Isto tem uma implicação curiosa: de acordo com Fromm (1979), as pulsões (instintos) são racionais, no sentido de que, em condições naturais, fazem surgir pensamentos, sentimentos e ações que promovem o funcionamento adequado do organismo no qual estão presentes. Assim, seríamos levados ao resultado intrigante de que, na verdade, todos os animais seriam racionais, exceto o *Homo Sapiens*. Este seria o único animal realmente irracional (ou capaz de ser irracional), no sentido de motivar sua conduta com base em princípios diferentes da busca do melhor para sua sobrevivência e reprodução.

²⁵ Um meme seria um tipo novo de replicador, ele “ainda está na sua infância, vagueando desajeitadamente num caldo primordial, mas já está conseguindo uma mudança evolutiva a uma velocidade que deixa o velho gene muito atrás. O novo caldo é o caldo da cultura humana (...) memes são melodias, idéias, ‘slogans’, modas do vestuário, maneiras de fazer potes ou de construir arcos.” (Dawkins, 1979, p. 214).

Dada a dificuldade de isolar os aspectos biológicos dos não-biológicos em humanos, procuraremos, em nossas argumentações, restringir os exemplos aos animais não-humanos. Entretanto, em certas ocasiões será útil e necessário examinar como isto se passa entre os humanos, sem com isso pretender limitar a explicação do fenômeno humano unicamente ao campo da biologia. O que buscamos enfatizar é que, apesar dos perigos inerentes ao se considerar os aspectos biológicos do psiquismo, a alternativa oposta, de situar estas duas disciplinas como sendo de ordem totalmente distinta, traz o risco de desaguar no dualismo cartesiano, como adverte Japiassu (1978, p. 111):

Em oposição a essa corrente, que tentava decalcar a metodologia das ciências humanas na metodologia das ciências naturais, surge outra corrente, tentando ser fiel ao dualismo cartesiano da alma e do corpo (...) foi assim que começou a ser elaborada a teoria metodológica segundo a qual devia-se mostrar a irreducibilidade do Espírito e da Matéria, da Natureza e do Pensamento...

Conforme afirma Del Nero (1997, p. 21),

Na alegoria religiosa o verbo se fez carne; na ciência contemporânea é a carne que se faz verbo. Tomar da mente apenas o verbo, roubando-lhe a carne, é deixar que as palavras, que deveriam comunicar e organizar os discursos, cumpram apenas o papel histriônico de seduzir pela retórica vazia.

Nave Terra
cheia de natureza
o Sol é convosco
bendita sois vós entre os planetas
e bendito é o fruto de vossa semente
Vida
Rita Lee/Roberto de Carvalho

CAPÍTULO 4 – O QUE É VIVO QUER VIVER

4.1 A PULSÃO DE MORTE E A ORIGEM DA VIDA

Em “Além do Princípio de Prazer”, de 1920, Freud introduz a hipótese da existência de uma pulsão de morte e busca fundamentá-la por meio de princípios biológicos. No presente capítulo, analisaremos essa fundamentação, examinando-a à luz do conhecimento científico atual. Segundo Freud (1920/1976, p. 56),

Os atributos da vida foram, em determinada ocasião, evocados na matéria inanimada pela ação de uma força de cuja natureza não podemos formar concepção (...) a tensão que então surgiu no que até aí fora uma substância inanimada se esforçou por neutralizar-se e, dessa maneira, surgiu o primeiro instinto: o instinto a retornar ao estado inanimado.

Hoje em dia, apesar de não se saber exatamente como surgiu a vida, o avanço da biologia permite a formulação de hipóteses bastante detalhadas e fundamentadas²⁶. Há uma grande variedade de concepções, mas, por outro lado, existe um consenso na comunidade científica quanto à validade das idéias básicas de Darwin (Catton & Gray, 1985; Dawkins, 1979, 2001; Diamond, 1993; Mayr, 2000). Segundo Dennet (1998, p. 20),

O ponto fundamental do darwinismo contemporâneo, a teoria da reprodução e evolução baseada no DNA, é hoje incontestável entre os cientistas (...) ela é inarredável, não devido a uma ou duas enormes cadeias de pensamentos que poderiam – inútil esperança – possuir elos frágeis, mas por estar firmemente atada a centenas de milhares de fios de evidências que a ancoram virtualmente a todas as áreas do conhecimento humano (...) a esperança de que ela seja ‘refutada’ por alguma estrondosa descoberta é quase tão razoável quanto a de que retornemos a uma visão geocêntrica e descartemos Copérnico.

²⁶ Reich, em seu período orgonômico (ver Rego, 2002), apresenta uma visão particular sobre a origem da vida a partir de suas experiências com o que ele chamou de “bions” (Reich, 1948/1997). Dado que essas idéias colidem com o conhecimento científico aceito (Gardner, 1957; Rycroft, 1971) e não estão diretamente relacionadas com o tema da pulsão de morte, e também porque seu exame nos levaria demasiadamente longe do caminho proposto, optamos por circunscrever a exposição aos elementos não relacionados à Orgonomia.

Como parte dessa teoria está a crença de que “todas as coisas vivas descendem de uma coisa viva²⁷.” (idem, p. 162). Quanto à questão de como teria surgido o primeiro ser vivo, “só pode haver uma solução, e a conhecemos muito bem em linhas gerais: antes de haver bactérias, com metabolismos autônomos, havia coisas quase vivas, mais simples.” (ibidem, p. 163). A idéia básica²⁸ é que certas moléculas orgânicas, formadas em condições pré-bióticas, seriam capazes de fazer réplicas de si mesmas:

O acúmulo de conhecimentos sugere fortemente que entre 3,5 a 4 bilhões de anos, em algum lugar da terra, sistemas auto-replicativos de moléculas de RNA misturadas a outras moléculas orgânicas, que possivelmente incluíam pequenos polipeptídeos, começaram o processo de evolução. Sistemas com conjuntos diferentes de polímeros competiam pelas mesmas substâncias precursoras presentes, com a finalidade de construir suas próprias réplicas (...) o sucesso foi dependente da exatidão e da velocidade com as quais as cópias eram feitas, e também da estabilidade das novas moléculas. (Alberts et al., 1997, p. 9).

Ou seja, haveria uma diferença na capacidade de cada molécula específica para produzir réplicas. As mais capazes (em um dado ambiente) predominariam e esse processo, repetido ao longo de incontáveis “gerações”, constituiria a “evolução por seleção natural”. Um passo decisivo teria sido o surgimento de membranas, que facilitaram o desenvolvimento da química incipiente desses antecessores da matéria viva. Isso não é difícil de explicar, pois certas moléculas “... tendem espontaneamente a se agregar em bicamadas, criando pequenas vesículas fechadas, cuja parte aquosa é completamente isolada do meio externo.” (idem, p. 10). Teriam surgido assim, num processo de centenas de milhões de anos, as primeiras bactérias. Daí em diante a história é conhecida.

Retornando a Freud, podemos dizer que hoje já temos uma concepção bastante elaborada e precisa sobre como os atributos da vida foram “evocados na matéria inanimada”. E essa concepção vai numa direção contrária à hipótese que ele propõe, de que teria surgido desde o início uma primeira pulsão no sentido de uma tendência de retorno à matéria inanimada. A formulação darwinista parece afirmar exatamente o oposto. Ou seja, as estruturas que sobreviveram tiveram que ter características e mecanismos que justamente

²⁷ A partir disto, é possível conceber que “o que chamamos corpo é um processo, uma corrente contínua de eventos, sem saltos nem elos perdidos, que se estende como forma corporificada por pelo menos 3,8 bilhões de anos dos aproximadamente cinco bilhões do nosso planeta.” (Favre, 2004, p. 80).

²⁸ Uma descrição de hipóteses e especulações sobre a origem da vida pode ser encontrada em Alberts et al. (1997), Dawkins (2001), Dennet (1998), Hazen (2001) ou Martin e Russell (2003).

impedissem a qualquer custo esse retorno à matéria inanimada. Se alguma molécula ou organismo tivesse algo do tipo de uma pulsão que os reconduzisse ao inorgânico, eles seriam sobrepujados pelos que não tinham tal característica e, ao longo de certo número de gerações, eliminados²⁹.

Dawkins mostra de maneira eloqüente que os seres vivos atuais são sobreviventes de uma longa batalha evolutiva na qual só os bem adaptados ao meio prosperaram:

Todos os organismos que já viveram – cada animal e cada planta, todas as bactérias e todos os fungos, cada coisa rastejante, e todos os leitores deste livro – podem olhar para seus ancestrais e fazer a seguinte afirmativa orgulhosa: nem um único de nossos ancestrais morreu na infância. Todos eles alcançaram a vida adulta, e cada um deles foi capaz de achar pelo menos um parceiro heterossexual e ser bem sucedido em copular. Nem um único de nossos ancestrais foi morto por um inimigo, ou por um vírus, ou por um passo em falso num desfiladeiro, antes de gerar pelo menos uma criança. Milhares de contemporâneos de nossos ancestrais falharam em todos estes aspectos, mas nenhum de nossos ancestrais falhou (...). Dado que todos os organismos herdaram seus genes de seus ancestrais, e não dos contemporâneos deles mal sucedidos, todos os organismos possuem genes bem sucedidos (...). É por isso que pássaros são tão bons em voar, os peixes tão bons em nadar, os macacos tão bons em subir em árvores. É por isso que amamos a vida e amamos o sexo e amamos as crianças. (Dawkins, 1995, p. 1-2).

4.2 A VIDA DESEJA MORRER?

Prosseguindo nosso exame das idéias de Freud, ele afirma que, dado que tudo que vive um dia acaba morrendo e torna-se de novo inorgânico, “... seremos compelidos a dizer que o objetivo de toda vida é a morte ...” (ibidem, p. 56). Entretanto, o fato de os organismos vivos morrerem não quer dizer que seu objetivo é a morte. Pelo contrário, segundo o que afirma a biologia, os organismos que sobreviveram ao longo de incontáveis gerações foram exatamente aqueles que, de uma maneira ou outra, desenvolveram formas de se contrapor à morte. Além disso, o próprio conceito de morte é discutível, só se aplicando inteiramente a organismos multicelulares com reprodução sexuada:

²⁹ Um argumento contra esta idéia poderia ser que a pulsão de morte, por estar amalgamada à pulsão de vida, teria seus efeitos deletérios diluídos ou mesmo neutralizados, não sendo assim eliminada pelas forças da seleção natural. Este assunto será discutido no capítulo 8.

A ligação romântica do sexo com a morte, na arte, reflete a verdadeira história evolutiva. Por estranho que pareça, o envelhecimento e a morte que consideramos normais – e que nos dão tanta tristeza, quando pensamos em nossa extinção final – não existiam na origem da vida, nem por milhões de anos depois dela ... (Margulis & Sagan, 2002, p. 101). Supridos de energia, alimento, água e espaço suficientes, todas as bactérias e muitos prototistas³⁰ continuam imortais. Realizam o metabolismo e se multiplicam sem limitação (...). Não existe cadáver intrínseco, nem mortalidade, nem um necessário ‘ser para a morte’, nas palavras do filósofo alemão Martin Heidegger (...). Em contraste, os ‘indivíduos’ sexuais – o legado de corpos que crescem, amadurecem e inevitavelmente morrem, que nos foi deixado pelos prototistas – evoluíram em época relativamente recente, há menos de um bilhão de anos. (idem, p. 105).

Se um ser humano tivesse a capacidade de gerar dez cópias exatas de si mesmo e depois de algum tempo duas ou três delas morressem, poder-se-ia dizer que essa pessoa morreu? O fato de essa questão comportar tanto uma resposta positiva quanto uma negativa revela que o conceito de morte só teria plena validade para organismos que constituem a única cópia existente de si. A idéia de que o objetivo da vida é a morte, portanto, ficaria ainda mais sem sentido.

Esse tipo de argumentação é analisado por Freud quando ele comenta as idéias de Weismann de que “... os organismos unicelulares são potencialmente imortais e que a morte só faz seu aparecimento com os metazoários multicelulares.” (Freud, 1920/1976, p. 63). Ele percebe claramente as implicações desse tipo de pensamento ao afirmar que, “se a morte é uma aquisição tardia dos organismos, então não há o que falar quanto a ter havido instintos de morte desde o começo da vida sobre a Terra.” (idem, p. 66). Freud justifica sua adesão à hipótese da pulsão de morte dizendo que “o debate que se seguiu às sugestões de Weismann não conduziu, até onde posso perceber, a nenhum resultado conclusivo em qualquer direção.” (ibidem). Conclui ele que “não se realizou nossa esperança de que a biologia contradissesse redondamente o reconhecimento dos instintos de morte. Estamos livres para continuar a nos preocupar com sua possibilidade, se tivermos outras razões para assim proceder.” (ibidem, p. 69). Entretanto, de acordo com o conhecimento biológico atual, pode-se dizer que as teses de Weismann constituem praticamente um consenso, o que estaria em

³⁰ Categoria utilizada pelos autores, abrangendo os chamados protistas (eucariotas com organização unicelular) e mais certas algas, micetozoários etc. (ver Margulis e Sagan, 2002, p. 196-7).

confronto com a idéia de uma pulsão de morte nos moldes propostos por Freud, como o próprio reconhece acima. Contudo, ele traz um outro argumento:

As forças instintuais que procuram conduzir a vida para a morte podem também achar-se em funcionamento nos protozoários desde o início; no entanto, seus esforços podem ser tão completamente ocultos pelas forças preservadoras da vida que talvez seja muito difícil encontrar qualquer prova direta de sua presença (...) a assertiva de Weismann, de que a morte é uma aquisição tardia, se aplicaria apenas a seus fenômenos manifestos e não tornaria impossível a pressuposição de processos a ela tendentes. (ibidem).

Dessa maneira, não haveria como provar a inexistência da pulsão de morte. Realmente este é um ponto crítico, pois praticamente nunca é possível descartar de modo definitivo a existência de uma força oculta postulada. Teremos que nos valer aqui da idéia da parcimônia científica³¹, no sentido de eliminar as hipóteses desnecessárias.

Frente às inúmeras evidências mostrando que os organismos vivos fazem um enorme esforço para sobreviver, alimentar-se, escapar de predadores, Freud nos dá uma curiosa explicação para isso, dizendo, quanto aos instintos de autoconservação, que sua

... função é garantir que organismo seguirá seu próprio caminho para a morte, e afastar todos os modos possíveis de retornar à existência inorgânica que não sejam os imanentes ao próprio organismo (...) o organismo deseja morrer apenas do seu próprio modo (...) daí surgir a situação paradoxal de que o organismo vivo luta com toda sua energia contra fatos (perigos, na verdade) que poderiam auxiliá-lo a atingir mais rapidamente seu objetivo ... (ibidem, p. 57).

Freud procura explicar por que isso teria se constituído dessa forma:

Assim, por um longo tempo talvez, a substância viva esteve sendo constantemente criada de novo e morrendo facilmente, até que influências externas decisivas se alteraram de maneira a obrigar a substância viva sobrevivente a divergir mais amplamente de seu original curso de vida e a efetuar *detours* mais complicados antes de atingir seu objetivo de morte. Esses tortuosos caminhos para a morte, fielmente seguidos pelos instintos de conservação, nos apresentariam hoje, portanto, o quadro dos fenômenos da vida. (ibidem, p. 56).

³¹ *Pluralitas non est ponenda sine necessitate*, ou seja, não se deve aumentar desnecessariamente o número de hipóteses utilizadas para explicar algo, segundo o princípio de Ockham, também conhecido como “navalha de Occam”. (Encyclopaedia Britannica Online).

Aqui, Freud parece estar fora do paradigma neodarwinista, ao propor que a sobrevivência e a evolução da complexidade nos seres vivos deveu-se a “influências externas decisivas” não especificadas. Na verdade, o mecanismo de seleção natural pressupõe uma variabilidade dos diversos seres vivos que resultaria num sucesso reprodutivo maior ou menor conforme o ambiente. As características menos adaptativas vão sendo eliminadas, e este seria o motivo do aperfeiçoamento contínuo dos mecanismos homeostáticos e também a causa da diferenciação dos organismos.

Não há nenhuma evidência de que exista algum fator externo que insuffle uma força vital à matéria inanimada para que ela possa se contrapor à pulsão de morte e percorra o caminho que levará à vida. Tal formulação, nesse contexto, parece remeter a uma força sobrenatural, alguma forma de criacionismo em que a vida não é gerada por uma dinâmica interna e natural da matéria, mas por uma força exterior a ela. Para Dennet (1998, p. 79),

Vastas distâncias devem ter sido percorridas desde a aurora da vida, com os seres mais primitivos e simples se auto-reproduzindo, expandindo-se para fora (diversidade) e para cima (excelência) (...) Em nenhum momento algo milagroso – lá de cima – teria sido necessário. Cada etapa foi cumprida pela ascensão rude, mecânica e algorítmica, partindo de uma base já construída pelo esforço da escalada anterior.

Parece que de uma maneira misteriosa, segundo o texto freudiano, certas alterações, introduzidas de fora (sem se saber muito bem como) na matéria viva, seriam incorporadas de algum modo (também misterioso) ao seu funcionamento e depois passadas aos descendentes. Como já visto acima, na verdade os mecanismos de auto-regulação foram selecionados ao longo de bilhões de anos, sobrevivendo apenas aqueles que se mostraram úteis e eficazes em termos de garantir o sucesso reprodutivo dos organismos.

4.3 A FORÇA DE EROS E A ORIGEM DA SEXUALIDADE

Na visão freudiana, o corpo estaria fadado a morrer, com exceção das células germinais, potencialmente imortais. As pulsões que cuidam do destino destas últimas constituiriam as pulsões sexuais, opostas às pulsões que conduzem à morte. Dessa maneira, o que as pulsões sexuais “... claramente visam, por todos os meios possíveis, é a coalescência de duas células germinais...” (Freud, 1920/1976, p. 63). Essas células germinais trabalhariam “... contra a morte da substância viva e têm êxito em conseguir para ela o que só podemos encarar como uma imortalidade potencial.” (idem, p. 58).

Essas pulsões sexuais não necessariamente teriam surgido com a sexualidade dos organismos multicelulares, pois, apesar de ser “... certo que a sexualidade e a distinção entre os sexos não existiam quando a vida começou, permanece a possibilidade de que os instintos que posteriormente vieram a ser descritos como sexuais possam ter estado em funcionamento desde o início...” (ibidem, p. 58-9).

Assinalando que “... a conjugação, a coalescência temporária de dois organismos unicelulares, possui efeito preservador de vida e rejuvenescedor sobre ambos” (ibidem, p. 70), e que nos organismos multicelulares uma célula ajuda a conservar a vida da outra, Freud vai mais além na sua teorização, estendendo a ação da pulsão de morte e da pulsão sexual para o âmbito da fisiologia celular:

... podemos supor que os instintos de vida ou instintos sexuais ativos em cada célula tomam as outras células como seu objeto, que parcialmente neutralizam os instintos de morte (isto é, os processos estabelecidos por estes) nessas células, preservando assim sua vida, ao passo que as outras células fazem o mesmo para elas ... (ibidem, p. 70).

De acordo com essa linha de pensamento, se houvesse apenas a pulsão de morte, nenhum organismo sobreviveria. Portanto, para manter “... a hipótese dos instintos de morte, temos de supor que estão associados, desde o início, com os instintos de vida.” (ibidem, p. 78). Seria então fundamental para os seres vivos, segundo a teoria freudiana, o contato com outros organismos para garantir a sobrevivência através da troca libidinal:

... os processos vitais do indivíduo levam, por razões internas, a uma abolição das tensões químicas, isto é, à morte, ao passo que a união com a substância viva de um indivíduo diferente aumenta essas tensões, introduzindo o que pode ser descrito como novas ‘diferenças vitais’, que devem então ser vividas. (ibidem, p. 76).

Freud lamenta que a ciência de seu tempo esteja ainda pouco desenvolvida, prejudicando o aprofundamento de sua teoria: “precisamos de mais informações sobre a origem da reprodução sexual e dos instintos sexuais em geral. Trata-se de problema capaz de atemorizar um leigo, e que os próprios especialistas ainda não foram capazes de resolver.” (ibidem, p. 77). No mesmo sentido: “a ciência tem tão pouco a nos dizer sobre a origem da sexualidade, que podemos comparar o problema a uma escuridão em que nem mesmo o raio de luz de uma hipótese penetrou.” (ibidem, p. 78). Como já se passaram mais de oito décadas desde então, tendo havido uma grande evolução do conhecimento nesse

campo, parece apropriado fazer aqui, no intuito de melhor embasar a discussão, um breve resumo sobre o que se conhece atualmente em biologia sobre as origens da sexualidade.

Em primeiro lugar, é necessária uma discussão do que se entende por sexo. Todos concordam que aquilo que gerou você e eu (ou seja, a reprodução por meio da cópula entre um macho e uma fêmea) é sexo. Além disso, existem autores que incluem no conceito de sexo diversos outros fenômenos: “No nível mais elementar, o sexo é a recombinação genética. É a mistura ou a união de genes, isto é, moléculas de DNA provenientes de mais de uma fonte.” (Margulis e Sagan, 2002, p. 12). Isto não é consenso: por exemplo, Prescott, Harley e Klein (1996), apesar de descreverem com detalhes as diversas formas de recombinação genética em microorganismos, utilizam o termo sexualidade de modo bem mais restrito. Dado que Freud trata o tema de forma ampla, pressupondo uma pulsão sexual já existente nas primeiras bactérias, procuraremos acompanhá-lo, expondo o assunto do modo mais abrangente possível.

A recombinação de material genético parece ter surgido muito cedo na história evolutiva, há cerca de três bilhões de anos, ou seja, quase um bilhão de anos depois do surgimento dos primeiros seres vivos, segundo as estimativas atuais baseadas nos registros fósseis. Supõe-se que um importante fator para seu aparecimento teria sido o ambiente primitivo hostil, caracterizado por intensa radiação solar, que teria levado ao freqüente rompimento das cadeias de DNA. Mecanismos de restauração do mesmo desenvolveram-se (estando presentes até os dias de hoje), sendo que um dos processos possíveis seria a assimilação de DNA oriundo de outros organismos. Verifica-se realmente que “... o processo de sexualidade bacteriana é quase idêntico ao processo de restauração dos genes em bactérias bombardeadas por luz ultravioleta.” (Margulis e Sagan, 2002, p. 52).

Essa troca de material genético teria facilitado muito a adaptação ao ambiente. Antes de esse processo ocorrer, as inovações adaptativas só podiam surgir devido a mutações. Além de serem relativamente pouco freqüentes, estas podem ser comparadas a erros tipográficos na cópia de um livro: a maioria tende a ser deletéria, apenas uma minoria delas leva a um aumento da capacidade de sobrevivência. Já a recombinação seria mais semelhante a uma citação, a incorporação de um trecho de DNA que já se provou bem sucedido em outro ser. Note-se que neste caso o “sexo” é algo desvinculado da reprodução. A recombinação produz uma mudança na bactéria, que passa a ser algo diferente do que era. Mais tarde, quando ela se reproduz por divisão, formam-se dois novos organismos iguais ao original, sendo um processo independente do outro.

A conjugação bacteriana tem sido bastante estudada nas últimas décadas, dado que “essa versão simples, quase primordial de sexo, tornou-se atualmente uma ameaça, pois uma das conseqüências da conjugação em bactérias foi o aparecimento e a rápida propagação de cepas que são resistentes a diversos antibióticos.” (Catton e Gray, 1985, p. 18). Isso mostra o quanto é útil (para as bactérias) esse processo.

Muito posteriormente ao sexo bacteriano, há cerca de dois bilhões de anos, teria surgido o que alguns chamam de hipersexualidade (e que muitos não consideram como sexo), dando origem às células eucariotas (com núcleo). Organelas como as mitocôndrias e cloroplastos teriam sido originalmente bactérias que se associaram a outra bactéria, resultando num organismo complexo único (Alberts et al., 1997). Aqui, “... parceiros sumamente diferentes fundiram-se em caráter permanente, para produzir uma nova ‘prole’, com genes de cada uma das espécies.” (Margulis e Sagan, 2002, p. 58).

Um terceiro tipo de recombinação genética teria evoluído depois disso. Supõe-se que, sob determinadas condições, dois seres eucariotas acasalaram-se, produzindo um tipo diferente de conjugação em que há troca de material genético e não simplesmente um doador e um receptor, como acontecia nas bactérias. Ocorreria, pelo menos em algum momento do ciclo, a duplicação do material genético (estado diplóide). Outra diferença é que os organismos envolvidos teriam de ser obrigatoriamente muito semelhantes para que seu material genético pudesse ser pareado. Na conjugação das bactérias não há essa exigência, pois um organismo pode se apropriar de material genético originado de um ser muito diferente de si. Esse processo não teria função reprodutiva num primeiro momento:

... a maioria dos prototistas acasalados cria um tipo de estrutura para o inverno, que é um propágulo resistente. Nesses organismos, acasalar-se para formar um ser duplicado não dá início, como nos animais, ao crescimento de um embrião. Em geral, tudo o que isso faz é levar a uma estrutura diplóide protegida, capaz de resistir às ameaças ambientais. (idem, p. 80).

Com base na observação de organismos atuais, supõe-se que isso começou devido ao fato de que alguns protozoários sobrevivem devorando seus semelhantes em situações de aperto. Ou seja, se essa teoria estiver certa, a reprodução sexuada como a conhecemos hoje teria tido uma origem surpreendente no hábito de canibalismo celular³².

³² Uma curiosidade interessante é que, se essa hipótese estiver correta, haveria um paralelo entre certa maneira vulgar de se expressar, onde um homem diz que “comeu” uma mulher, no sentido de que copulou com ela, e a origem do sexo reprodutivo, onde um protozoário foi realmente comer outro protozoário e acabou “copulando” com ele/ela e produzindo descendentes.

Num desenvolvimento posterior desse mecanismo, surgiu a reprodução sexuada em seres multicelulares (produção de gametas haplóides por meio da meiose), com machos e fêmeas, e tudo mais que caracteriza o sexo tal como o conhecemos. Assim, a recombinação genética foi simplesmente “... uma estratégia de sobrevivência que funcionou e que, por conseguinte, foi repetidamente usada.” (ibidem, p. 81).

4.4 SEXUALIDADE E PULSÃO DE MORTE

Examinemos agora a afirmação freudiana de que nenhum organismo sobreviveria sem a ação das pulsões sexuais se contrapondo à pulsão de morte. Como foi visto, durante muitos bilhões de anos a reprodução dos organismos deu-se de forma independente do sexo. Supõe-se que a reprodução sexuada³³ surgiu apenas há cerca de um bilhão de anos, ou seja, a vida existiu cerca de três bilhões de anos sem ela, o que parece contradizer a afirmação de Freud de que, sem as pulsões sexuais, nenhum organismo sobreviveria, devido à ação da pulsão de morte. Mesmo se entendermos sexo num sentido mais amplo, abrangendo a recombinação genética por conjugação entre bactérias, ainda assim a vida teria existido na Terra, sem nenhuma forma de sexo, durante cerca de um bilhão de anos, o que do mesmo modo estaria em desacordo com a visão freudiana.

Retomemos a afirmação de Freud (1920/1976, p. 70) de que “... os instintos de vida ou instintos sexuais ativos em cada célula tomam as outras células como seu objeto, que parcialmente neutralizam os instintos de morte...”. Como é que seria esse processo num animal multicelular? É de se crer que haja uma copulação entre as células adjacentes? Não, é evidente que isso não ocorre. Haveria uma troca de alguma forma de “energia vital” entre elas, cada célula “amaria” outras e isso de alguma forma evitaria a morte? Ou será uma mera metáfora para a comunicação bioquímica entre as células, ou a nutrição por meio da glicose e oxigênio que chegam aos tecidos pelo sangue? É apropriado falar em “sexo” para tais interações, ou em pulsões sexuais? Ou seja, a formulação freudiana parece suscitar muitas perguntas quando se tenta verificar como se daria exatamente o processo.

Freud (idem) atribuiu um “efeito rejuvenescedor” à união de dois organismos unicelulares, advindo de um “aumento das tensões químicas” nos processos vitais do organismo, causado pelo contato com a substância viva de um indivíduo diferente e suas pulsões sexuais. Como foi visto, o efeito benéfico nada mais é do que a apropriação de

³³ Quando Freud fala em “coalescência das células germinais” como o objetivo das pulsões sexuais (ver acima), ele parece estar falando da reprodução sexuada, caracterizada pelo “... sexo meiótico e por fecundação, que envolve a fusão celular.” (Margulis & Sagan, 2002, p. 63).

DNA que produz características adaptativas em bactérias; ou então a formação de cistos em protozoários com intercâmbio de material genético, também resultando em melhor adaptação ao ambiente. Há um benefício que favorece a sobrevivência de um modo específico, e não um “rejuvenescimento”, mesmo porque este termo pressupõe um ciclo de infância-juventude-maturidade-velhice, algo não aplicável a organismos unicelulares.

Além disso, os radiolários, amebas e diversas algas não realizam o acasalamento e a troca de material genético com outro organismo. Segundo Prescott, Harley e Klein (1996, p. 532), “os protozoários em geral se reproduzem assexuadamente por fissão binária.” De acordo com a hipótese freudiana isso seria impossível, dado que sem o suposto rejuvenescimento causado pelas pulsões sexuais tais organismos deveriam envelhecer e morrer, inviabilizando-se sua existência.

Outro aspecto que ressalta quanto ao sexo é que muitos processos diferentes são abarcados sob essa denominação. Isso pode confundir aquele que estuda e que deseja tirar conclusões gerais sobre o tema. Assim, podemos classificar grosseiramente os seres vivos como estando em uma destas categorias em relação à sexualidade:

1- Seres unicelulares sem conjugação, inexistência de qualquer mecanismo que possamos conceber como ligado à sexualidade.

2- Seres unicelulares com conjugação: mecanismos bioquímicos automáticos que promovem determinadas ações em resposta a certos estímulos. O “sexo” (recombinação genética) não está relacionado à reprodução.

3- Aquilo que é chamado por alguns de “hipersexualidade”, a endossimbiose de diversos tipos de bactérias que resultou no surgimento das células eucariotas.

4- A fusão de dois protozoários formando células diplóides como defesa contra condições ambientais adversas.

5- Seres multicelulares, com reprodução sexuada por meio da formação de gametas.

6- Nos animais, especialmente em vertebrados, essa reprodução sexuada é em grande parte mediada por uma regulação neuroendócrina do comportamento associado à corte, copulação, oviposição, cuidado com a prole etc.

7- Em mamíferos, o sistema límbico, ligado aos sentimentos e emoções, tem um papel importante nas atividades ligadas à sexualidade. Seria isto, nos humanos, que é percebido como desejo sexual e que constitui tema das teorias e técnicas em psicanálise.

Assim, uma das conclusões a que se pode chegar é que seria muito complicado derivar teorias gerais a partir de tema tão complexo e variado. Concordamos aqui com Margulis e Sagan (ibidem, p. 90) em que “a história, o significado e o nível de complexidade da sexualidade diferem a tal ponto, nos diferentes grupos de organismos, que qualquer teoria geral sobre o sexo está fadada a ser falaciosa.”

4.5 PULSÃO DE MORTE E HOMEOSTASE

Para Freud (1920/1976, p. 53-54), “... um instinto é um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas (...) ou, para dizê-lo de outro modo, a expressão da inércia inerente à vida orgânica.” Assim, “a entidade viva elementar, desde seu início, não teria desejo de mudar; se as condições permanecessem as mesmas, não faria mais do que constantemente repetir o mesmo curso de vida.” (idem, p. 55). Ele afirma que o objetivo da vida “... deve ser um estado de coisas antigo, um estado inicial de que a entidade viva, numa ou noutra ocasião, se afastou e ao qual se esforça por retornar...” (ibidem, p. 55-56). Ainda de acordo com Freud,

Toda vida conjuga o desejo de manter-se e um anseio pela própria destruição. Do mesmo modo como um pequeno elástico esticado tende a assumir a forma original, assim também toda matéria viva, consciente ou inconscientemente, busca readquirir a completa e absoluta inércia da existência inorgânica. (Freud, 1926b/1990, p. 120).

Analisemos a idéia da existência de um impulso orgânico para “restaurar um estado anterior de coisas”. Para isso, estaremos aqui lidando com os conceitos de auto-regulação e homeostase. Segundo Bellini (1993), datam do século XVIII os primeiros estudos de fisiologia mostrando a existência de mecanismos de auto-regulação na biologia, ou seja, a existência de processos que funcionariam automaticamente para que os organismos pudessem manter-se vivos. No século XIX, os trabalhos de Claude Bernard

... sobre as funções do sistema nervoso simpático nas secreções glandulares e na circulação do sangue mostraram que, na fisiologia, o termo regulação foi essencial para a construção de um modelo de dinâmica e equilíbrio para o ser vivo e foi após Claude Bernard que o termo regulação entrou no vocabulário de fisiologia. (Bellini, 1993, p. 20).

Outros estudos nas áreas de fisiologia e embriologia, nessa mesma época, confirmam e ampliam as descobertas de Bernard. Assim “no início, então, do século XX o conceito de regulação já possui uma determinada extensão.” (idem, p. 21). Essa idéia vai ganhar cada

vez maior importância ao longo do século XX, constituindo-se em um dos fundamentos do conhecimento atual nos campos da Biologia, Fisiologia e Medicina.

De acordo com Jacob (1989, p. 189), “são necessários mecanismos de regulação tanto para proteger as células de qualquer variação inoportuna quanto para coordenar suas atividades individuais em função do interesse geral. As partes devem funcionar em harmonia com o todo.” O viver produz continuamente desequilíbrios, devendo haver mecanismos compensatórios para manter as condições internas dentro de parâmetros compatíveis com a vida. Segundo Guyton (1984, p. 4-5),

O corpo humano possui milhares de sistemas de controle. De todos, os mais complexos são os sistemas de controle genético, que operam no interior de todas as células para controlar a função intracelular e, também, para controlar todos os processos vitais (...) muitos outros sistemas de controle atuam no interior dos órgãos para controlar as partes individualizadas dos mesmos, enquanto outros executam sua tarefa atuando em todo o organismo para controlar as inter-relações entre os diversos órgãos.

Segundo Ganong (1983, p. 22), “para descrever ‘os vários ajustes fisiológicos que servem para restaurar o estado normal, uma vez que tenha havido desvio’, W. B. Cannon criou o termo homeostase.” Dessa maneira, “desvios em relação a um determinado ponto normal ajustado são detectados por estruturas sensitivas e sinais partindo destas estruturas deflagram modificações compensadoras que se continuam até que o ponto ajustado seja de novo atingido.” (idem). Na verdade, estudos recentes revelam que as coisas são mais complexas do que isso. Segundo Goldberger et al. (2002, p. 2466),

De acordo com os conceitos clássicos do controle fisiológico, sistemas saudáveis são auto-regulados para reduzir a variabilidade e manter a constância fisiológica. Contrariamente às previsões da homeostase, entretanto, o produto final de uma ampla variedade de sistemas, como o batimento cardíaco humano normal, flutua de uma maneira complexa, mesmo em condições de repouso (...). A elucidação dos mecanismos fractais e não-lineares envolvidos no controle fisiológico e na sinalização complexa estão emergindo como um grande desafio da era pós-genômica.

No mesmo sentido, Damásio (2004, p. 312) afirma que “a palavra ‘homeodinâmica’ é ainda mais apropriada do que ‘homeostasia’ porque sugere o processo de procura de um ajustamento, e não um ponto fixo de equilíbrio.”

Autores modernos fazem uma distinção entre a auto-regulação que depende de um controle centralizado (como o cérebro) e aquela que estaria baseada numa auto-organização das unidades componentes. Assim, é freqüente encontrar

... sistemas biológicos que funcionam a partir de mecanismos de controle descentralizados, nos quais as numerosas subunidades do sistema – as moléculas de uma célula, as células de um organismo, ou os organismos de um grupo – ajustam suas atividades por si mesmos, com base em informações locais e limitadas. (Seeley, 2002, p. 314).

Tais sistemas funcionariam com base na interação dos seguintes aspectos: retroalimentação negativa como força estabilizadora (ou seja, que vai na direção oposta da perturbação); retroalimentação positiva³⁴ (mudança na mesma direção da perturbação); variáveis de distribuição aleatória gerando diversidade sobre a qual a retroalimentação opera, e interações múltiplas³⁵. Como decorrência, “em níveis mais elevados de complexidade, emergem características novas dos sistemas que não poderiam ser previstas a partir dos níveis mais básicos. Com estas novas características surgem novas capacidades.” (Kendler, 2001, p. 997). Estes seriam padrões “emergentes”, ou seja, propriedades, estruturas, dinâmicas e coerências que resultam da interação das subunidades, mas que não podem ser deduzidas apenas a partir do conhecimento dos componentes³⁶. O estudo desse aspecto constituiria um aprofundamento daquilo que é expresso na máxima aristotélica de que o todo é maior do que a soma das partes (Anderson, 2002).

Segundo o que foi visto acima, não se pode usar a idéia de homeostase para deduzir que os mecanismos biológicos não fazem nada mais do que “constantemente repetir o mesmo curso de vida”. Do jeito como está formulada, essa idéia parece atribuir à matéria viva características inexplicáveis e ininteligíveis, parecendo existir algo um tanto antropomórfico, como um “desejo” de repetir, um “conservadorismo” sem outra finalidade senão a satisfação de uma tendência inata.

A “inércia inerente à matéria orgânica” não é uma entidade inexplicável ou sobrenatural e nem é absoluta, como visto acima. Esta “inércia” significa que foram selecionados pelo ambiente os organismos que são competentes em manter sua homeostase,

³⁴ Note-se que este mecanismo parece ir em sentido contrário ao princípio de constância freudiano (ver discussão desse tema no capítulo 5), que seria mais compatível com a retroalimentação negativa.

³⁵ Segundo Csete e Doyle (2002, p. 1668), “modelos realísticos de redes biológicas não serão simples e exigirão sinais múltiplos de retroalimentação, uma dinâmica de componentes não lineares, numerosos parâmetros incertos, modelos estocásticos de ruído, dinâmicas de parasitismo e outros modelos de incerteza.”

³⁶ Pode-se ver a vida como uma propriedade emergente de interações físico-químicas complexas, ou a consciência como uma propriedade emergente de interações entre neurônios e o ambiente (Coveney, 2003).

ou seja, capazes de retornar a um valor determinado de temperatura corporal ou de pH no sangue, por exemplo, se houver um desvio por qualquer motivo. Em outras palavras, dentro de uma coleção de organismos variados, em que alguns apresentavam estes mecanismos e outros não, a seleção natural teria favorecido os primeiros, estes então passando tais características aos seus descendentes e assim por diante.

Desse modo, a inércia só pode ser entendida como um conjunto de processos que apresenta uma resistência natural a alterar certos parâmetros que são essenciais à manutenção da vida. Mas não há nada de inércia nesses processos, e menos ainda quando se trata, por exemplo, da embriologia, onde a regulação está configurada não para o retorno a um ponto inicial, mas sim como ordenação de um processo que vai se alterando continuamente numa direção programada. Tanto que para isto se propõe um nome diferente de homeostase, mas com afinidade a este, o de homeorese³⁷.

O sistema cardiovascular, além da reação de luta/fuga, tem mecanismos de regulação para responder a variações do organismo ou do meio ambiente. A distribuição do sangue se altera para responder ao calor, ao frio e à perda de volume (desidratação, hemorragia). Em caso de ferimentos dos vasos sanguíneos, “as artérias e arteríolas lesadas constringem-se fortemente. A constrição parece ser causada pela liberação local de serotonina pelas plaquetas que aderem à parede do vaso na área lesada.” (Ganong, 1983, p. 488). O ciclo menstrual da mulher é um outro exemplo de uma auto-regulação que não está direcionada à manutenção da constância de um dado parâmetro. Também a chamada aclimatação, em que o organismo desenvolve, no decorrer de quatro a sete dias, uma maior tolerância ao calor quando em contato com um ambiente mais quente do que o habitual (Petersdorf, 1980, p. 56), mostra que os mecanismos reguladores tendem a adaptar o organismo às condições vigentes e não são fruto de uma mera “inércia” inexplicável. O mesmo se aplica à febre, onde o nível de temperatura a ser buscado pelo organismo é elevado em alguns graus, como resposta adaptativa a uma invasão bacteriana, por exemplo. O fato de ficarmos bronzeados quando expostos ao sol é outro exemplo de mudança auto-regulada do organismo que não retorna a um estado anterior.

Freud diz que “a entidade viva elementar, desde seu início, não teria desejo de mudar” (Freud, 1920/1976, p. 53-54). Este ponto de vista parece entrar em contradição com

³⁷ Segundo Bellini (1993, p. 30-31), “Enquanto a homeostase dá uma configuração estática ou duradoura ao organismo, há outro processo que significa o organismo em desenvolvimento ou em mudança, mas uma mudança auto-regulada, ou seja, flexível dentro de certos limites. É o que Waddington chama de ‘homeorese’, em grego, preservação de um fluxo.”

fatos como a resistência bacteriana a antibióticos, facilitada pela troca de material genético entre as bactérias atingidas. Se esses microorganismos realmente não “gostassem” de mudanças, o tratamento de doenças infecciosas seria bem mais fácil. Um exemplo radical da capacidade de mudança da matéria viva parece ser constituído pelos chamados extremófilos, nome dado a bactérias que se adaptaram à vida em condições extremas como fontes vulcânicas no fundo dos mares, rochas a grandes profundidades, áreas geladas. Algumas delas vivem e se reproduzem em água que pode chegar a 95° C (Deckert. et al, 1998). Se não houvesse capacidade de mudança e adaptação, não haveria como explicar a imensa biodiversidade encontrada no nosso planeta, dado que a própria evolução das espécies constitui um eloqüente testemunho da capacidade de mudança dos seres vivos.

A vida é constante mudança. A “natureza conservadora dos instintos” só pode ser entendida, portanto, como uma natureza que busca conservar as condições adequadas à sobrevivência e à reprodução. Não como um conservadorismo em geral, que conserva por conservar. Se este raciocínio estiver correto, fica questionada a fundamentação de Freud para concluir que a “natureza conservadora da matéria viva” busca o estado inicial não-orgânico do qual se afastou. Nós e nossos antepassados fomos extremamente eficazes em “conservar” os mecanismos que se opunham ao retorno ao inorgânico. Fomos extremamente “conservadores” em nosso apego à tradição de bilhões de anos de combater tudo aquilo que nos desviasse da meta de não retornar ao inorgânico, pelo menos não antes que assegurássemos uma descendência que continuasse a “tradição”.

Freud (1920/1976, p. 55) disse que “estaria em contradição à natureza conservadora dos instintos que o objetivo da vida fosse um estado de coisas que jamais houvesse sido atingido.” Como se poderia explicar então o anseio de um bebê recém-nascido pela primeira mamada, ou a excitação de um rapaz ou uma moça em querer experimentar pela primeira vez uma relação sexual? Se a pulsão impele apenas para um ponto já atingido, como entender a inelutável busca humana pelo que é novo, desconhecido?

4.6 CÉLULAS PROGRAMADAS PARA MORRER

Como visto acima, uma tendência autodestrutiva seria altamente disfuncional na luta pela sobrevivência e pelo sucesso reprodutivo. Os seres que portassem tal característica seriam eliminados, a não ser que isso implicasse em alguma vantagem adaptativa. Em muitos fenômenos biológicos é isto que se revela, mostrando como processos autodestrutivos na verdade podem estar a serviço da manutenção da homeostase e da

sobrevivência. Interessa aqui, portanto, examinar esse tipo de mecanismo biológico, no sentido de verificar se é realmente algo a favor da vida, ou se não poderíamos identificar aí processos relacionados à existência de uma tendência para a morte na matéria viva. Iniciaremos essa jornada pelo estudo da morte celular programada, um tema que tem despertado muito interesse nas últimas décadas. De acordo com Hetts (1998, p. 300),

Virtualmente todas as células animais estão equipadas com uma maquinaria genética para cometer suicídio. Em circunstâncias fisiológicas normais, células danificadas ou envelhecidas sacrificam a si próprias para o bem maior do organismo como um todo através de um tipo de morte celular geneticamente programada chamada apoptose.

Existem diferentes tipos de morte celular: um seria a necrose, uma forma de

... morte celular não controlada que ocorre quando as células sofrem danos agudos graves (ex. hipertermia, hipóxia etc.) que danificam a membrana citoplasmática. Essas células necróticas causam alterações nas células vizinhas provocando uma reação inflamatória local. (Rubens, 2002, p. 7).

Na apoptose, diferentemente, a célula murcha, encolhe e fragmenta-se em pequenos corpos apoptóticos que são fagocitados e digeridos por macrófagos ou células adjacentes. Não há liberação de material citoplasmático, mantém-se a integridade da membrana e não ocorre inflamação (Hetts, 1998; Rubens, 2002). A importância desse fenômeno é ressaltada pelo fato de que “a apoptose não é um evento raro. Pelo contrário, a ampla maioria das mortes celulares que ocorrem ao longo da vida de um organismo envolve a apoptose.” (Amarante-Mendes & Green, 1999, p. 1054).

Conforme Duke et al (1996, p. 48), a apoptose “... é essencial para o adequado funcionamento do corpo; uma regulação falha pode estar por trás de muitas doenças (...). A morte celular não é, como desde há muito se supunha, invariavelmente ruim para o corpo; na verdade, ela é necessária.” Por exemplo, no desenvolvimento embriológico, em muitas áreas do sistema nervoso central e periférico ocorre morte celular programada em cerca de metade dos neurônios. De acordo com Sastry e Rao (2000, p. 1),

Esta perda relativamente grande de neurônios é uma característica comum em muitos tipos de neurônios (motores, sensoriais, interneurônios, autonômicos etc.), ocorre em todos os vertebrados, e parece ter evoluído como um mecanismo adaptativo durante o desenvolvimento do sistema nervoso (...) o efeito benéfico deste mecanismo é que, embora muitos neurônios sejam produzidos em excesso, somente uma parte deles obtém

suficiente suporte neurotrófico para sobreviver, sendo que os restantes morrem, facilitando uma apropriada inervação das células alvo pelos neurônios.

É através da apoptose que se elimina o tecido existente entre os dedos para que eles se formem adequadamente. Uma falha aí pode levar a malformações. Além disso, a apoptose “... também atua como parte dos mecanismos de defesa do hospedeiro eliminando as células produzidas em excesso ou aquelas funcionalmente anormais, como as geneticamente danificadas ou aquelas infectadas por vírus.” (Rubens, 2002, p. 8). De acordo com Hetts (1998, p. 300), “a morte celular por apoptose é uma parte integral do desenvolvimento e da homeostase no tecido adulto”.

Em relação às doenças autoimunes, durante a maturação dos linfócitos T no timo, “... aqueles que seriam ineficazes ou poderiam atacar os tecidos do próprio corpo cometem suicídio antes de terem a chance de entrar na corrente sanguínea.” (Duke et al., 1996, p. 51). Ou seja, a falha na autodestruição dessas células defeituosas pode levar a uma série de doenças auto-imunes como o lupus eritematoso sistêmico, artrite reumatóide, tireoidite de Hashimoto, diabetes mellitus autoimune e outras (Duke et al., 1996; Hetts, 1998; Rabinovitch, 2000).

Da mesma forma, “a incapacidade de uma célula geneticamente alterada de cometer suicídio pode contribuir para um câncer.” (Duke et al., 1996, p. 51). Assim, células cancerosas que se multiplicam seriam células que se “esqueceram” de morrer³⁸, num certo sentido. Para Hetts (1998, p. 304), “a compreensão da apoptose tem aberto uma nova dimensão no entendimento e tratamento da câncer.” Segundo ele, até recentemente, a compreensão desta doença e as estratégias terapêuticas enfatizaram quase que exclusivamente o papel da proliferação das células, com pouca atenção para o papel da insuficiência de apoptose. Como exemplo, o autor cita o fato de encontrar-se uma mutação no gene p53 (envolvido no mecanismo de apoptose) em talvez 55 a 70% de todos os cânceres humanos.

Um outro mecanismo importante seria o aumento, na célula cancerosa, de substâncias que inibem a apoptose, como a proteína Bcl-2 e outras semelhantes. Isso tornaria essa célula não-responsiva ao comando do sistema imune para que ela se

³⁸ É curioso notar que Freud, ao discutir sua teoria da pulsão de morte, afirma que “as células dos neoplasmas malignos que destroem o organismo, talvez também devessem ser descritas como narcisistas” (Freud, 1920/1976, p. 70) pelo fato de buscarem destino próprio, sem se subordinarem ao bem comum do organismo.

autodestruísse. Isto é confirmado por estudos como o de Rubens, sobre o papel da apoptose em leucemias, onde se revelou uma “... alta expressão do Bcl-2 nas células blásticas, principalmente nas leucemias linfoblásticas agudas.” (Rubens, 2002, p. 85). O mesmo se encontrou em relação ao câncer de próstata (Hering et al., 2001). O câncer revela assim a enorme importância da apoptose para a homeostase do organismo. Como diz Ridley (1998, p. 29), “as suas células hepáticas vieram não do fígado da sua mãe, mas sim de um óvulo no ovário dela. A ordem para parar de se replicar e tornar-se uma boa célula hepática é algo que ela nunca ouviu antes em todos os dois bilhões de anos de sua existência imortal.” Esse é um fato curioso: nossas células germinais vêm de uma linhagem que nunca parou de replicar-se, e de repente dão origem a muitos bilhões de células que não devem seguir o “hábito” de continuar se dividindo além de um certo ponto. Realmente, parece necessária a existência de um controle preciso e eficiente, do qual a apoptose é uma parte fundamental.

Esta importância da apoptose para a manutenção da saúde reflete-se na complexa cadeia de mecanismos regulatórios de seu funcionamento em humanos. Existem, assim, fatores e sinais indutores da apoptose e outros protetores em relação à mesma. Segundo Rubens (2002, p. 10), “a maioria das células do organismo depende de sinais enviados por fatores de crescimento que inibem a indução da apoptose.” Ou seja, essas células estariam propensas a cometer suicídio constantemente e só não o fariam devido a essa mensagem química originada em alguma parte do corpo. Essa complexidade de fatores regulatórios revela a existência de controles bem definidos no organismo quanto à indução da apoptose ou à proteção contra ela.

A apoptose constitui uma destruição que é benéfica e necessária para a continuidade dos processos vitais. Apesar de ser uma tendência autodestrutiva, parece ser algo diferente daquilo que Freud descreveu em relação à pulsão de morte³⁹. Uma das evidências mais fortes nesse sentido pode ser vista no processo de formação do cristalino dos olhos, em que a apoptose “... destrói o núcleo e todas as organelas, mas interrompe o processo exatamente antes de a destruição se completar, deixando uma membrana externa intacta, um citoesqueleto interno de proteínas e um plasma espesso e transparente.” (Dahm, 2004, p. 58). Isso mostra um alto grau de auto-regulação, revelando que “as células do cristalino na

³⁹ Ressaltando que Freud em certas passagens comenta que a pulsão de morte pode ter um efeito a favor da vida (ver discussão no capítulo 1, itens 1.2.3 e 1.3.2). Entretanto, permanece a diferença com a formulação freudiana de uma tendência à morte, de retorno ao inanimado, dado que a apoptose é exatamente um mecanismo que auxilia a não retornar ao inanimado.

verdade usam a engrenagem da morte não para destruir a si mesmas, mas para coreografar o processo de diferenciação.” (idem).

Confirmando isso, vemos que a apoptose é um fenômeno que aparece muito cedo na escala evolutiva. Segundo Margulis & Sagan (2002, p. 107), “a apoptose, equivalente celular do suicídio, provavelmente proliferou em virtude de pressões da seleção sobre corpos multicelulares.” Por exemplo, o estudo do desenvolvimento do verme nematóide *Caenorhabditis elegans* mostra que nele a apoptose é extremamente precisa e previsível: genes específicos são ativados para matar exatamente 131 células, deixando 959 no verme adulto (Hetts, 1998, p. 301). Tem sido relatada também a ocorrência de processos semelhantes à apoptose em plantas (Hoeberichts & Woltering, 2003; Kuriyama & Fukuda, 2002; Lam, Pontier & del Pozo, 1999) e em protozoários (Barcinski, 1998; Barcinski & Dosreis, 1999; Welburn, Lillico & Murphy, 1999). Isto indica algo preservado ao longo da diferenciação das espécies, ou seja, essa capacidade seria algo muito importante para a sobrevivência de organismos multicelulares e até mesmo de unicelulares⁴⁰.

4.7 O CATABOLISMO E A AUTODESTRUIÇÃO DE PROTEÍNAS

Segundo Freud (1920/1976, p. 69),

... dois tipos de processos estão constantemente em ação na substância viva, operando em direções contrárias, uma construtiva ou assimilatória, e a outra destrutiva ou dissimilatória⁴¹ Podemos atrever-nos a identificar nessas duas direções tomadas pelos processos vitais a atividade de nossos impulsos instintuais, os instintos de vida e os instintos de morte?

Cabe-nos, portanto, examinar também este aspecto do funcionamento dos seres vivos. Ou seja, verificar se no processo de destruição e degradação de substâncias químicas, próprio do metabolismo celular, poderia haver algum sinal da existência de uma tendência própria do organismo de retorno ao inanimado.

Mais uma vez nos deparamos com questões ligadas à auto-regulação, nesse caso em relação ao metabolismo, que é um termo “... usado para indicar todas as transformações químicas e energéticas que ocorrem no organismo.” (Ganong, 1983, p. 222). O metabolismo pode ser subdividido em anabolismo, ou biossíntese, que é a formação de substâncias

⁴⁰ Barcinsky (1998) procura explicar a apoptose em parasitas unicelulares pela possibilidade de que a morte por necrose evoque ou facilite a defesa imunológica e a resposta inflamatória do hospedeiro.

⁴¹ Na edição em espanhol da Editora Amorrortu (Buenos Aires, 1993), lê-se “duas classes de processos de orientação contrária: uma de anabolismo – assimilatória – e outra de catabolismo – dissimilatória.” (p. 48).

complexas a partir de elementos mais simples; e catabolismo, que “... envolve todas as reações químicas degradativas da célula viva.” (Lagassé, 2001). Nesse último, grandes moléculas como os polissacarídeos e as proteínas são divididas em unidades menores. Este processo provê elementos simples para a construção de novas moléculas complexas necessárias ao funcionamento celular. Além disso, “o catabolismo também provê a fonte da energia química necessária para a manutenção da célula viva.” (idem). Assim, por exemplo, o catabolismo da glicose fornece energia para a contração muscular, a condução nervosa, a síntese de proteínas, a manutenção da membrana celular e inúmeras outras funções importantes. Portanto, se o catabolismo é essencial para o ciclo energético da vida e para a síntese de proteínas e outras substâncias vitais, parece incorreto associá-lo a uma pulsão de morte que procura fazer a matéria viva voltar ao estado inorgânico. Pelo contrário, o catabolismo está na essência do processo vital e sua interrupção (por falta de oxigênio ou pela ação de uma droga como o cianeto) leva rapidamente à morte.

Além dos fatos mencionados, há um processo de auto-regulação das proteínas que merece especial atenção. Segundo Ganong (1983, p. 237), “as proteínas constituintes do organismo são continuamente hidrolisadas até aminoácidos e resintetizadas. A velocidade de renovação das proteínas endógenas em média é de 80 a 100 g/dia ...”. Essa degradação se dá mesmo que não haja necessidade de consumo de proteínas para geração de energia. Poderíamos nos perguntar se pelo menos essa degradação constante de proteínas não poderia indicar a existência de algum processo bioquímico que procurasse levar o organismo à morte. O exame dessa questão mais uma vez nos levará a perceber que a resposta é exatamente o inverso: o catabolismo protéico está a serviço da vida e não da morte. Segundo Goldberg, Elledge e Harper (2001, p. 56),

A cada minuto de cada dia acontece em todas as nossas células uma cena que parece saída de um filme de Indiana Jones. Num certo momento, uma proteína sem sorte está circulando pela célula, tentando fazer seu trabalho. No instante seguinte ela fica marcada para ser destruída e é sugada por um túnel escuro, onde é rapidamente cortada em pedaços.

Os autores estão descrevendo estruturas celulares, os proteassomas, chamadas por eles de “matadouros moleculares”. Segundo os mesmos, uma célula típica de nosso corpo possui cerca de 30.000 dessas estruturas. A maioria das proteínas é substituída rapidamente, através de um processo incessante de fabricação e destruição. De acordo com Dahm (2004, p. 56-57), “as moléculas que compõem as células humanas têm tipicamente uma meia-vida

que vai de uns poucos minutos a vários dias. Dentro de cerca de seis meses, 90 por cento das moléculas que constituem nossos corpos são substituídas por novas.”

Uma das funções dos mecanismos proteolíticos intracelulares seria “... o descarte das proteínas danificadas ou erroneamente montadas. Uma outra função é conferir meias-vidas curtas para certas proteínas normais, cuja concentração deve variar precisamente com as alterações do estágio da célula.” (Alberts et al., 1997, p. 218-219). Com isso eliminam-se proteínas defeituosas ou provenientes de vírus e bactérias, além de controlar o andamento de processos vitais através do aumento ou diminuição da destruição de proteínas específicas. Por exemplo, a divisão celular depende do aumento da destruição de proteínas inibidoras desse ciclo, que estão normalmente presentes no meio celular. Outros processos em que a ação do proteassoma é essencial incluem a diferenciação celular, a resposta ao estresse, a adaptação metabólica a mudanças e a resposta imunológica (gerando peptídeos antigênicos) (Dunlop, Rodgers & Dean, 2002).

Destruição insuficiente de proteínas defeituosas em células nervosas pode levar ao acúmulo destas proteínas, que se depositam nos tecidos cerebrais, isso podendo levar a patologias como a Doença de Parkinson e a Doença de Alzheimer (Goldberg, Elledge & Harper, 2001; Ding & Keller, 2001). Distúrbios de seu funcionamento têm sido relacionados a inúmeras doenças, e drogas que interferem na sua atividade têm sido propostas como eficazes em doenças inflamatórias, imunológicas e no câncer (Mitchell, 2003; Richardson et al., 2003). Além disso, a perda da eficácia dos proteassomas parece ser um dos componentes do processo de envelhecimento, pois “é provável que a perda da função proteolítica contribua para a fragilidade aumentada das células de organismos envelhecidos.” (Szweda, Friguet & Szweda, 2002, p. 29). Conforme Dunlop, Rodgers e Dean (2002, p. 895), “o proteassoma desempenha um papel essencial na manutenção da homeostase celular por meio de sua contribuição para muitos processos biológicos...”

4.8 ALGUMAS CONCLUSÕES

Existem tendências autodestrutivas como parte do funcionamento das células. Porém nunca no sentido de recondução do organismo à morte, ao estado inorgânico. Pelo contrário, é uma auto-agressão que é a favor da vida e não contra ela. É a destruição do que ameaça o funcionamento adequado dos mecanismos que perpetuam a vida. O que sobressai ao longo daquilo que foi examinado no presente capítulo parece ser a importância, a abrangência e a complexidade dos mecanismos de auto-regulação nos seres vivos e ao longo de sua

evolução, conservando o que ajuda na preservação da vida e da reprodução e destruindo o que atrapalha tais fins.

Não há evidência na bibliografia examinada de que exista uma tendência orgânica para a autodestruição. Pelo contrário, encontramos sempre uma surpreendente variedade de formas de preservação do processo vital, mesmo nas condições mais adversas. Além disso, podemos olhar o processo evolutivo como incluindo a descoberta e a invenção de novos jeitos, complexos e simples, de preservar a continuidade da vida.

Os conceitos de auto-regulação e homeostase parecem estar em consonância com as idéias de Reich sobre o tema, sendo aparentemente menos compatíveis com certas formulações freudianas relativas à teoria da pulsão de morte. Aquilo que foi exposto neste capítulo faz com que tenhamos a concordar com Garcia-Roza (1997, p. 132), em que “o recurso à biologia, que a partir do capítulo 5 é a marca distintiva de *Além do princípio de prazer*, não fornece a Freud uma base segura para a definição da pulsão de morte”.

Porque teria Freud se aventurado por territórios tão distantes daquilo que ele dominava, produzindo hipóteses que mesmo os seus seguidores mais fiéis tiveram dificuldade para aceitar? Talvez não fosse possível, com o conhecimento científico existente à época, ter clareza do que poderia ser correto ou não. E, entre a opção de formulá-las da maneira que foi possível, permitindo que elas circulassem e frutificassem em sua obra e na de outros; e a outra possibilidade, de sacrificar a novidade no altar da plausibilidade, da conformidade ao restante do conhecimento científico existente; não podemos senão admirar e aplaudir a coragem de Freud de seguir em frente e defender seus pontos de vista.

Creemos que coragem é uma das palavras, talvez a outra seja coerência. Sabendo que sua teoria tem um pé na biologia, Freud parece não ter hesitado em buscar sua fundamentação nesse campo. Ao contrário de outros autores, que prudentemente se recusaram a entrar por esse território, abrigando-se no campo protegido da clínica, ele tentou trilhar caminhos, formular hipóteses e fazer conexões. Por mais que possa ter errado, ele forneceu um ponto de partida a partir do qual se pode refletir, questionar. Como pesquisadores, respeitamos e admiramos a postura de Freud, pois nos dá pontos de apoio, são afirmações que se pode examinar, verificar ... e ao fim concordar ou discordar. Há um diálogo, um intercâmbio, há possibilidade de progresso. Freud nunca pretendeu ser um profeta ou um oráculo que produzisse verdades inquestionáveis, nem jamais aspirou a algo semelhante à infalibilidade papal. Muito pelo contrário, ele mesmo se contrapunha às suas

próprias idéias anteriores, reformulando-as, desenvolvendo-as e mesmo descartando algumas delas. No capítulo 8 retomaremos esta discussão.

De acordo com Hempel (1974, p. 52), “...é altamente desejável para uma hipótese científica que seja também confirmada por ‘nova’ evidência, por fatos que não eram conhecidos ou não eram levados em conta no momento da formulação.” Se tomarmos uma hipótese clínica e a levamos a sério, ou seja, se julgarmos que aquela idéia pode ter validade em outros campos que não apenas o território em que foi formulada, teremos a possibilidade de testá-la de forma mais rigorosa. Quando Freud expande suas teses clínicas para abranger novos territórios, como a biologia e a antropologia, ele parece fazer exatamente isso. Uma hipótese que tenha validade não apenas no âmbito da clínica pode se articular aos outros campos e outras disciplinas, recebendo a confirmação e o apoio que “... pode vir também de ‘cima’, isto é, de hipóteses mais amplas ou de teorias que implicam a hipótese considerada e que têm o apoio de uma evidência independente.” (idem, p. 55).

Assim, de nosso ponto de vista, não interessa tanto ficar apontando se Freud errou ou acertou aqui ou acolá. Importa, sim, seguir seu exemplo de procurar elos com o restante do conhecimento, dialogar com essa biologia que tanto progrediu e que torna obrigatória uma revisão de textos escritos há tanto tempo.

Me colaram no tempo, me puseram
 uma alma viva e um corpo desconjuntado. Estou
 limitado ao norte pelos sentidos, ao sul pelo medo,
 a leste pelo Apóstolo São Paulo,
 a oeste pela minha educação.

Murilo Mendes

Cada dia sem gozo não foi teu
 Foi só durares nele. Quanto vivas
 Sem que gozes, não vives.
Fernando Pessoa

CAPÍTULO 5 – O PRAZER: PRINCÍPIO, MEIO E FIM

5.1 UMA QUESTÃO DE PRINCÍPIOS

Nas formulações freudianas, a idéia da existência de uma pulsão de morte está sempre intimamente associada com a idéia do princípio de prazer. Tanto que é exatamente no contexto de uma obra centrada na discussão desse princípio que é pela primeira vez formulada a hipótese de uma pulsão de morte. De acordo com Freud (1920/1976, p. 76),

... a tendência dominante da vida mental e, talvez, da vida nervosa em geral, é o esforço para reduzir, para manter constante ou para remover a tensão interna devida aos estímulos (...) tendência que encontra expressão no princípio de prazer, e o reconhecimento desse fato constitui uma de nossas mais fortes razões para acreditar na existência dos instintos de morte.

A conexão entre esses conceitos é confirmada quando se diz que “o princípio de prazer parece, na realidade, servir ao instinto de morte.” (idem, p. 85). Ainda no mesmo texto de Freud, em seu início, é introduzida uma outra denominação (o princípio de constância) para algo muito semelhante:

Os fatos que nos fizeram acreditar na dominância do princípio de prazer na vida mental encontram também expressão na hipótese de que o aparelho mental se esforça por manter a quantidade de excitação nele presente tão baixa quanto possível, ou, pelo menos, por mantê-la constante. Essa última hipótese constitui apenas outra maneira de enunciar o princípio de prazer (...) O princípio de prazer decorre do princípio de constância; na realidade, esse último princípio foi inferido dos fatos que nos forçaram a adotar o princípio de prazer. (ibidem, p. 19).

Em “O Ego e o Id”, é reafirmada essa afinidade: “o princípio de prazer serve ao id como bússola em sua luta contra a libido – a força que introduz distúrbios no processo de vida.” (Freud, 1923/1976, p. 62-3). Em 1924, Freud questiona a afirmação de que o prazer está sempre relacionado à diminuição da excitação e o desprazer ao aumento da mesma:

Não se pode duvidar que há tensões prazerosas e relaxamentos desprazerosos de tensão. O estado de excitação sexual constitui o exemplo mais notável de um aumento prazeroso de estímulo desse tipo, mas certamente não é o único⁴². O prazer e o desprazer, portanto, não podem ser referidos a um aumento ou diminuição de uma quantidade (que descrevemos como ‘tensão devida a estímulo’), embora obviamente muito tenham a ver com esse fator. Parece que eles dependem, não desse fator quantitativo, mas de alguma característica dele que só podemos descrever como qualitativa. (Freud, 1924/1976, p. 200).

Muda aí também a relação entre o princípio de Nirvana e o princípio de prazer:

... o princípio de Nirvana, pertencendo, como pertence, ao instinto de morte, experimentou nos organismos vivos uma modificação através da qual se tornou o princípio de prazer, e doravante evitaremos encarar os dois princípios como um só (...). O princípio de Nirvana expressa a tendência do instinto de morte e tendo como objetivo a redução quantitativa do estímulo; o princípio de prazer representa as exigências da libido. (idem, p. 200-201)

Ou seja, o princípio de prazer, que antes era ou idêntico ao princípio de Nirvana ou uma decorrência deste, agora constitui algo oposto a ele⁴³. Com essa formulação, Freud procura colocar as pulsões de vida dentro do alcance do princípio de prazer, o que não ocorria na visão anterior. Assim, o aparelho psíquico seria governado por três princípios:

O princípio de Nirvana expressa a tendência do instinto de morte e tendo como objetivo a redução quantitativa do estímulo; o princípio de prazer representa as exigências da libido; e a modificação do último princípio, o princípio de realidade, representa a influência do mundo externo. (ibidem, p. 201).

Existem, portanto, diversos princípios em psicanálise: o princípio de constância, o princípio de Nirvana, o princípio de prazer e o princípio de realidade⁴⁴. São eles de grande importância teórica, mas há uma variação em suas definições ao longo do tempo que torna

⁴² Nos “Três Ensaio...”, Freud já havia comentado que elementos do pré-prazer genital (como o olhar e a carícia) possuem componentes de prazer e de desprazer ao mesmo tempo. Um excesso de prazer nesses casos constituiria “... o mecanismo de muitas perversões, que consistem em demorar-se nos atos preparatórios do processo sexual.” (Freud, 1905a/1972, p. 217).

⁴³ Entretanto, esta solução parece não se manter como definitiva, pois, no “Esboço de Psicanálise”, Freud afirma que “a consideração de que o princípio de prazer exige uma redução, no fundo a extinção, talvez, das tensões das necessidades instintivas (isto é, o Nirvana) leva às relações ainda não avaliadas entre o princípio de prazer e as duas forças primevas, Eros e o instinto de morte. (Freud, 1938/1975, p. 227-8).

⁴⁴ Sem contar o “princípio de inércia”, mais ou menos semelhante aos mencionados, formulado por Freud em seu “Projeto para uma Psicologia Científica” (Freud, 1895a/1987).

as coisas pouco claras. Laplanche e Pontalis (1991, p. 357) comentam sobre “... as contradições e as imprecisões, os deslizamentos de sentido que estão ligados aos enunciados freudianos...” nesse campo. Afirmam que “o princípio de constância está na base da teoria econômica freudiana” (idem), mas sua definição varia ao longo de sua obra e “... dessa pluralidade de acepções, é difícil determinar qual a que coincide exatamente com o que Freud entende por princípio de constância.” (ibidem).

Uma das contradições apontadas seria que Freud atribui ao princípio de constância tanto a tendência à redução da excitação quanto a de mantê-la constante: “as definições propostas contêm sempre um equívoco: a tendência para a redução absoluta e a tendência para a constância são consideradas equivalentes.” (ibidem, p. 359-360). O mesmo se aplicaria ao princípio de Nirvana, já que a definição freudiana desse princípio, em 1920, “... é idêntica à que Freud apresenta, no mesmo texto, do princípio de constância, e contém portanto a ambigüidade de considerar equivalentes a tendência para manter constante um determinado nível e a tendência para reduzir a zero qualquer excitação.” (ibidem, p. 364).

Laplanche e Pontalis contestam a formulação freudiana: “Ora, a tendência à redução a zero da energia interna de um sistema não parece assimilável à tendência, própria dos organismos, a manterem constante, a um nível que pode ser elevado, o seu equilíbrio com o que os cerca.” (ibidem, p. 357). No mesmo sentido, Mezan (1982, p. 265) aponta o “equívoco na conceptualização do Princípio do Prazer – como tendência ora a reduzir a zero o nível de estimulação, ora a mantê-lo no mais baixo limite possível (o que evidentemente não é o mesmo)...”.

Para o presente trabalho, não é preciso fazer uma exegese do que Freud realmente quis dizer com a formulação de seus vários princípios. O que interessa destacar aqui é que:

a) Uma das fundamentações básicas da idéia de pulsão de morte provém do entendimento do aparelho psíquico como sendo regulado por uma força que tende a eliminar a excitação provocada pelos estímulos.

b) Existe na formulação de Freud tanto a menção a uma força que tenta eliminar a tensão, quanto a uma força (que pode ser a mesma anterior sob outras condições, ou algo diferente dela) que procura manter essa tensão constante.

c) É afirmada uma relação importante entre quantidade de excitação e as sensações de prazer e desprazer. Em certas passagens freudianas, afirma-se mesmo que o fator econômico (quantitativo) seria o único determinante do prazer e do desprazer.

Será feito a seguir um exame dessas concepções, no sentido de tentar compreendê-las à luz dos conhecimentos atuais sobre a psicofisiologia do prazer e do desprazer.

5.2 A FOME DE ESTÍMULOS, O TÉDIO E A CURIOSIDADE

O primeiro ponto a ser considerado é que, como o próprio Freud ressaltou, existem condições em que o aumento da excitação é prazeroso. Na verdade, o ser humano busca estímulos quase que continuamente. Se a vida mental fosse regida unicamente por um princípio que levasse à redução da excitação, o mais provável seria que as pessoas, com suas obrigações cumpridas e as necessidades fisiológicas satisfeitas (fome, sexo, excreção) se limitassem a ficar deitadas e quietas no escuro, evitando toda e qualquer estimulação, viesse esta do mundo externo, ou de dentro, oriunda da imaginação e da fantasia.

Uma pessoa que está à noite em casa em geral ainda tem uma dose razoável de fome de estímulos e excitação. Muitas vezes sairá para uma festa, um bar, um cinema ou teatro; e voltará muito frustrada se não tiver conseguido alguma excitação, se a noite tiver sido chata. Em casa as pessoas também ficam frustradas se não conseguem estimular-se com a novela ou o esporte na TV. O que essas pessoas estão querendo evitar é a monotonia e o ser humano não é o único a ser assim. Segundo Heron (1970, p. 192),

Os organismos superiores evitam, de modo ativo, um ambiente completamente monótono. Um rato, num labirinto que ofereça diferentes caminhos para chegar à comida, variará sua escolha ao invés de usar os mesmos caminhos todas as vezes. Ele apresentará uma tendência a evitar as áreas em que esteve muito tempo e a explorar as menos familiares.

Nos animais em cativeiro, mesmo com as necessidades fisiológicas satisfeitas, observa-se que “essa existência parasita retira-lhes os estímulos que lhes irão permitir uma expressão ativa de suas faculdades físicas e mentais; por conseguinte, os animais quase sempre se mostram entediados, estúpidos e apáticos.” (Fromm, 1979, p. 155). Assim, “... as observações da vida diária mostram que o organismo humano, assim como o organismo animal, tem necessidade de um certo mínimo de excitação e estimulação.” (idem, p. 322).

A monotonia é uma questão humana importante. Pessoas que são forçadas a trabalhar por longos períodos em tarefas repetitivas se mostram aborrecidas e descontentes com seus empregos (Melamed et al., 1995) e, não raro, seu desempenho declina. A monotonia da dieta não é apreciada e pode provocar diminuição da ingestão de alimentos (Zimmerer et al., 2003; Meiselman, deGraaf & Leshner, 2000). Dirigir em condições de

monotonia é desprazeroso, diminui o grau de alerta e pode aumentar o risco de acidentes (Thiffault & Bergeron, 2003). Esse é um problema sério em viagens espaciais, devido à baixa estimulação por longos períodos, segundo especialistas da área (Cooper, 1996; Winisdoerffer & Soulez-Lariviere, 1992).

Heron relata experimentos onde se colocavam pessoas em um ambiente de estimulação mínima: um cubículo com iluminação constante e som de ar condicionado que abafava os pequenos ruídos, onde o indivíduo ficava deitado, com visores que borravam as imagens, um travesseiro que limitava a audição e bloqueio do tato. Os resultados mostraram que “a exposição prolongada a um ambiente monótono tem, então, efeitos definitivamente deletérios. O raciocínio dos indivíduos é perturbado; ele mostra reações emocionais infantis; sua percepção visual fica alterada; ele sofre alucinações.” (Heron, 1970, p. 196). Assim, conclui ele que “um ambiente sensorial variável parece ser essencial para os seres humanos. Sem isso, o cérebro para de funcionar de forma adequada e desenvolvem-se anormalidades de comportamento.” (idem, p. 197).

O ser humano na verdade evita as situações de baixa estimulação e o tédio é visto como desagradável, o que fica evidente no fato de ser utilizado como castigo para crianças (ficar virado para o canto, não sair de casa, não assistir televisão). Para os adultos, do mesmo modo, uma forma de punição comum é obrigar o sujeito a reduzir a sua liberdade de procurar estímulos diversos, trancando-o numa cadeia. Inclusive dentro dela, a punição para quem não segue as normas é uma privação ainda maior de estímulos: a cela solitária. Para indivíduos com uma vida interior rica, como pensadores e artistas, a fonte interna de estímulos pode suprir a monotonia externa, e a cadeia então não constituirá um castigo tão duro, podendo inclusive constituir uma oportunidade para a produção de obras de vulto.

Estudos sobre o estresse ocupacional enfatizam o problema da baixa estimulação. A monotonia no trabalho mostrou-se um fator associado a patologias como o infarto do miocárdio (Alfredsson et al., 1982) e alcoolismo (Margolis et al., 1974). Há praticamente um consenso entre os pesquisadores do campo da saúde ocupacional de que tanto a estimulação excessiva quanto a baixa estimulação podem trazer doenças e outros problemas. Segundo uma expressão feliz de Frankenhaeuser (1981, p. 492), os seres humanos necessitam, para manter o equilíbrio biopsíquico, de um fluxo moderadamente variado de estímulos, de interação social e de ter controle sobre suas atividades.

Um dos componentes do comportamento de busca de estímulos é aquilo que se convencionou chamar de curiosidade. Segundo Butler (1970, p. 187),

A curiosidade é certamente um dos motivos mais fortes no comportamento humano. As crianças começam muito cedo a explorar o mundo que as rodeia: excitam-se por visões e sons novos, manipulam e investigam continuamente seus brinquedos ou outros objetos pequenos, e, em geral, são extremamente receptivas às novidades em seu ambiente. Sem dúvida, uma privação severa da estimulação ambiental pode retardar permanentemente o desenvolvimento de uma criança.

O autor relata experimentos com macacos, mostrando que a satisfação da curiosidade (como poder olhar para o trabalho no laboratório, ver outro macaco ou um trenzinho de brinquedo) constituiu-se numa motivação poderosa para a aprendizagem, às vezes maior do que o alimento. Havia uma constante busca por estímulos e, numa experiência com chimpanzés, estes "... mostravam uma forte preferência pelos objetos removíveis em relação aos fixos e pelos objetos que produziam um som ou acendiam uma luz em relação àqueles que não provocavam qualquer modificação do ambiente" (idem, p. 188-189). Num curioso relato de um estudo sobre leões africanos, que faz pensar sobre as raízes da motivação científica, Masson e McCarthy (2001, p. 271) comentam que

Durante o dia, os cientistas olhavam os leões dormirem. À noite, os rastros revelaram que quatro leões tinham vindo até a cerca e olhado os cientistas dormindo. Enquanto as pessoas examinavam as fezes dos leões, os leões cavavam a latrina dos seres humanos e inspecionavam o seu conteúdo ...

De acordo com Lyons (1993, p. 393),

Em contraste com os comportamentos filiais, que ocorrem sob condições de alta excitação e fazem com que esta se reduza, os comportamentos exploratórios ocorrem sob condições de baixa ou moderada excitação e sua realização leva a aumento desta excitação. Comportamentos exploratórios, direcionados para os outros, são atividades de busca de estimulação.

A importância atual da indústria de entretenimento leva a crer que a busca por estimulação é uma constante na vida humana. Fromm (1979, p. 627) afirma que "o homem, em todas as épocas, procura a excitação, a estimulação, as relações de amor e amizade, mostra-se ávido por ampliar seu relacionamento com o mundo". Portanto, "o homem parece ser motivado tanto pelo princípio de ampliação de tensão quanto pelo de redução de tensão". (idem). Como vimos, em algumas passagens Freud expressa idéias que não são muito diferentes disso, porém o que prevalece na sua definição dos princípios citados é a idéia de busca de redução da estimulação como lei básica do psiquismo.

Inúmeros mitos falam da curiosidade como força determinante da natureza humana. Na lenda de Édipo, é exatamente o desejo de saber que o leva a descobrir sua terrível história. Na Bíblia, Adão e Eva perdem o paraíso por conta da sua curiosidade, a humanidade se dispersa e se desentende devido ao anseio dos habitantes de Babel de construir uma torre que lhes permitisse conhecer o céu.

A questão da necessidade de estimulação pode adquirir aspectos dramáticos quando se trata de recém-nascidos. Montagu (1988) relata evidências sobre o quanto a estimulação cutânea é fundamental, especialmente no início da vida dos humanos e outros animais, mostrando os danos que a sua falta pode causar. Spitz (1983, p. 234-247) descreve os efeitos da privação afetiva em bebês: “descobrimos que todas as crianças de nossa amostra que desenvolveram esta síndrome [depressão anaclítica] tinham uma experiência em comum: em dado momento, entre o sexto e o oitavo mês de vida, todas elas ficaram privadas da mãe por um período praticamente ininterrupto de três meses.” (idem, p. 236).

A procura ativa de estimulação parece estar envolvida no problema do abuso de substâncias químicas. Inúmeros estudos sobre drogadição apontam a curiosidade e a busca de prazer como estando entre os principais motivos do início e manutenção do uso de drogas lícitas e ilícitas (Ahmadi & Hasani, 2003; Cyngler, 2002; De Micheli & Formigoni, 2002; Sanchez & Nappo, 2002; Ahmadi et al., 2001; da Silva et al., 2000).

Assim, percebemos que existe uma tendência para busca de estimulação nos humanos e outros animais, e que há um prazer associado a isso. Isso parece ir contra a hipótese freudiana de um aparelho psíquico regido pela busca da redução da estimulação.

5.3 BRINCAR E SAIR EM BUSCA DO MUNDO

Ao longo do caminho evolutivo dos vertebrados, mamíferos, primatas e humanos, a importância dos reflexos e comportamentos inatos vai diminuindo, enquanto cresce o papel do aprendizado a partir do contato com o ambiente. Para que esse aprendizado ocorra, é necessário o desenvolvimento do brincar e do comportamento exploratório, ou seja, a experimentação ambiental em situações de menor risco para de certa maneira “calibrar” o sistema nervoso central e o comportamento, de modo a dar conta das tarefas relativas ao ambiente físico e social, além do desenvolvimento das habilidades motoras.

De acordo com Panksepp (1998, p. 296), “... tem sido bastante comum na literatura humana combinar o brincar e as atividades exploratórias sob a mesma rubrica.” Entretanto, os estudos mais recentes têm apontado que “parece mais razoável concluir provisoriamente

que os circuitos exploratórios e de BRINCAR⁴⁵ básicos do cérebro são distintos, e que eles normalmente operam de modo antagônico.” (idem). Entre as comprovações disso estaria o fato de que “psicoestimulantes como as anfetaminas, que revigoram o comportamento exploratório, reduzem de forma marcante o comportamento de brincar.” (ibidem, p. 283).

Existiria assim um circuito cerebral⁴⁶, mediado em grande parte pela dopamina, responsável por “... sentimentos de engajamento e excitação quando buscamos os recursos materiais necessários para a sobrevivência do corpo, e também perseguimos os interesses cognitivos que trazem um significado existencial positivo para as nossas vidas.” (ibidem, p. 144). Esse sistema não seria exclusivo dos homens: “o cérebro dos mamíferos contém um sistema de ‘forrageamento/exploração/investigação/curiosidade/interesse/expectativa/BUSCA’ que leva os organismos a buscar avidamente os frutos de seu ambiente – de nozes a conhecimento.” (ibidem, p. 145). Assim, “... neurônios interoceptivos, que detectam desequilíbrios hídricos, energéticos, térmicos e outros, energizam a busca de recursos vitais promovendo a ativação do sistema de BUSCA.” (ibidem, p. 155-156). Além da ativação interna, esse sistema seria também colocado em ação por aspectos do ambiente relacionados aos itens desejados, sendo tal conexão dependente de aprendizado.

Em humanos, os sentimentos ativados pela sua estimulação poderiam ser descritos como “interesse intenso”, “curiosidade engajada”, “antecipação ávida” ou uma “sensação de que algo muito interessante e excitante está acontecendo” (ibidem, p. 149). Isso fica bem claro a partir de estudos com drogas psicoativas: enquanto opióides remetem a sensações de prazer, estimulantes do sistema de BUSCA, como a cocaína e anfetaminas, produzem um “... estado altamente energizado de poder psíquico e de engajamento no mundo” (ibidem, p. 150). Haveria um aumento da oferta de dopamina no sistema nervoso, levando a um estado psicológico

... semelhante ao desejo generalizado ou de impulsos de buscar satisfação
(...) isso está de acordo com os relatos subjetivos mais comuns em sujeitos humanos, que indicam que aquilo que está sendo experienciado são sentimentos positivos de energização, ativação, poder. (ibidem, p. 385).

Assim, esse seria um sistema inespecífico, ativado quando o animal sente fome, sede, frio ou desejo de companhia social/sexual. Verifica-se que “animais famintos podem

⁴⁵ Panksepp (1998) propõe a existência de circuitos emocionais específicos no cérebro dos mamíferos, grafando-os em letras maiúsculas para indicar quando se refere a eles. Por exemplo, RAIVA (RAGE), BUSCA (SEEKING), MEDO (FEAR), CUIDADO (CARE) etc.

⁴⁶ Este circuito parece ser basicamente subcortical, sendo notadamente relevantes estruturas como a área tegmentar ventral, o hipotálamo lateral e o núcleo acumbens. (Panksepp, 1998, p. 145).

experienciar uma ativação persistente do forrageamento, e se eles não conseguirem esta necessidade por meio de um comportamento consumatório homeostaticamente satisfatório, eles começarão a exibir comportamentos consumatórios alternativos.” (ibidem, p. 161). Ou seja, a carência sexual poderia levar a comer e vice-versa.

Quanto ao brincar, é típico em mamíferos que o animal jovem brinque⁴⁷ e explore intensamente o ambiente, reduzindo depois este tipo de atividade na vida adulta. Em muitos primatas parece haver uma persistência desse tipo de comportamento ao longo de toda a vida, mantendo-se no adulto um forte apetite para brincar, ser curioso, buscar novidades, aprender. Alguns autores teorizam inclusive que uma das linhas evolutivas do ser humano teria sido a chamada neotenia, denominação dada à retenção de características infantis como forma de adaptação ao ambiente⁴⁸. Byrne (1995, p. 86) enfatiza a importância cognitiva e a função biológica do brincar:

Experiências em brincadeiras serviriam muito bem para construir um repertório de regras úteis, e têm a vantagem de evitar alguma consequência desagradável que uma falha em problemas ‘reais’ poderia acarretar. Uma tendência para brincar com objetos na infância pode então ter a função biológica de construir um repertório aumentado de soluções possíveis

O tipo de brincadeira realizada na infância tem a ver com as habilidades que serão utilizadas na vida adulta. Por exemplo, a brincadeira de um gatinho com um novelo de lã ou um carretel parece servir como um treino para suas futuras atividades de predador. Da mesma maneira, o uso de ferramentas estaria relacionado a uma experiência infantil de brincar com objetos. Segundo ele, “a maioria dos animais, de fato, não tem uma tendência forte, em sua infância, a brincar com objetos (...). Apenas chimpanzés e humanos, entre os grandes *apes*, investem regularmente um grande tempo em brincar com objetos isolados.” (idem). Isto explicaria o fato de só estas espécies mostrarem um amplo uso de ferramentas na natureza. No mesmo sentido, Byrne e Russon (1998, p. 677) afirmam que

O brincar com companheiros ou com objetos pode ter a função de adquirir uma gama de rotinas que levam a resultados específicos. Na brincadeira, por definição, os resultados por si próprios não têm função biológica, mas quando ocorre a percepção da existência de uma relação entre uma dada

⁴⁷ “De acordo com o melhor do nosso conhecimento, existe um impulso (*urge*) básico para brincar entre os jovens da maioria das espécies de mamíferos.” (Panksepp, 1998, p. 18).

⁴⁸ “Uma sucessão de características (cabeça e olhos grandes, caninos pequenos, curiosidade durante a vida inteira e relativa ausência de pilosidade) é bem explicada pela tese da neotenia – a tendência para a persistência de caracteres infantis.” (Margulis & Sagan, 2002, p. 153).

seqüência de comportamentos e seu resultado, esta nova rotina pode no futuro ser ativada e contribuir para a genuína resolução de um problema.

Também Fontaine (1994) estuda o papel da brincadeira na capacitação e adaptação físicas em relação ao ambiente. Segundo ele, os estudos sobre os benefícios desse tipo de atividade apontam para pelo menos 32 funções para o brincar e a exploração.

É evidente em crianças a importância e o prazer relacionados ao brincar. Estudos mostram que há uma base neural para isto, sendo que alguns neurotransmissores ativam o impulso de brincar (glutamato, opióides e receptores colinérgicos muscarínicos), enquanto outros o inibem (serotonina, noradrenalina, oxitocina e GABA) (Panksepp, 1998, p. 280-294). Os mecanismos cerebrais envolvidos parecem ser os mesmos para muitos mamíferos, o que confirmaria o valor adaptativo desse tipo de comportamento.

Pesquisas com ratos juvenis mostraram que esses animais brincam espontaneamente, "... mesmo quando nunca tenham tido a experiência de brincar em fases anteriores do desenvolvimento. Tal como os jovens pássaros voam quando chega o tempo certo, do mesmo modo os mamíferos jovens brincam ao chegar à idade certa." (idem, p. 281).

As brincadeiras de luta parecem constituir o tipo mais comum de comportamento de brincar em mamíferos machos. O substrato neuronal para briga e brincadeira parece ser bastante diferente, entretanto. Por exemplo, a brincadeira de luta serve como recompensa em ratos, tanto para o "vencedor" como para o "perdedor". Na luta real, esse efeito não é observado para aquele que é dominado. Outra evidência é que a "... testosterona, que é bastante poderosa na promoção da dominância agressiva, tem um efeito relativamente pequeno, exceto que em alguns pares ela reduz a brincadeira de luta." (ibidem, p. 286). A conclusão é que "parece evidente que os circuitos do BRINCAR são amplamente independentes dos circuitos da agressão." (ibidem).

Dentre os diversos sistemas sensoriais, a sensibilidade tátil parece estar especialmente ligada à estimulação do brincar. A cócega, relacionada ao brincar em muitos animais, apresenta uma distribuição de sensibilidade própria para cada espécie, que pode aumentar sua extensão quando o animal está com um humor favorável a brincadeiras.

O circuito cerebral do brincar não está plenamente estabelecido. A lesão de núcleos talâmicos específicos parece diminuir o comportamento de brincar em ratos. Lesões do neocórtex parecem não afetar a brincadeira, entretanto. Muitas vezes ocorre até o contrário: "lesões massivas do córtex cingulado também têm pouco efeito no brincar de ratos.

Aumento substancial do brincar pode ser produzido por amplas lesões frontais, o mesmo acontecendo com as septais.” (ibidem, p. 291). Por outro lado, a ativação dos circuitos do brincar parece ter um amplo efeito sobre o córtex.

Um dado interessante sobre a neuroquímica deste tipo de comportamento é que “uma ativação modesta dos opióides cerebrais promove o brincar, e a brincadeira em andamento promove a liberação de opióides.” (ibidem, p. 294). Este dado parece dar um substrato para a evidência de que normalmente as crianças permanecem motivadas a manter seu comportamento de brincar por longos períodos. Parece também colocar claramente uma contraposição à tese da tendência universal do sistema nervoso de funcionar sempre no sentido da redução dos estímulos. Se os fatos estiverem corretos, trata-se nitidamente de um sistema de retroalimentação positiva (ver capítulo 4, item 4.5).

Em certas formulações, Freud parece aproximar-se da visão aqui defendida, porém depois toma outros rumos. Ao comentar que as crianças, em suas brincadeiras, revivem e repetem experiências desagradáveis pelas quais passaram, afirma nesses casos “...existir uma produção de prazer provinda de outra fonte.” (Freud, 1920/1976, p. 29). Essa fonte, entretanto, não seria um prazer próprio ao brincar e adviria da possibilidade de viver o papel do agressor e vingar-se do que sofreu num substituto. Também pode ocorrer “... de uma ligeira sensação de prazer tornar da mesma forma possível a consecução de um prazer maior e assim operar como uma ‘gratificação de incentivo’.” (Freud, 1905a, p. 217). Ou seja, admite uma retroalimentação positiva, e não apenas a retroalimentação negativa que parece ser a base do princípio de prazer. Nessa mesma obra, ele aponta a possibilidade das perversões serem geradas por uma perturbação do mecanismo normal em que o prazer dos processos sexuais preparatórios dá origem a uma tensão que levará ao prazer genital maior: o perigo surgiria quando “... o pré-prazer se revela demasiadamente grande e o elemento de tensão demasiadamente pequeno. O motivo para prosseguir no processo sexual então desaparece, todo o caminho é atalhado e o ato preparatório em questão toma o lugar do objetivo sexual normal.” (idem).

5.4 ANATOMIA DO PRAZER

O tema da localização de áreas cerebrais relacionadas à experiência de prazer vem sendo estudado há várias décadas. Artigo de Olds relata as primeiras experiências desse tipo, que foram realizadas em ratos. Implantando eletrodos em certas regiões do cérebro de ratos, os pesquisadores verificaram que o animal, colocado dentro de uma caixa, “... podia

ser dirigido praticamente para qualquer ponto da caixa, à vontade do experimentador. Cada passo na direção certa era pago com um choque; ao chegar ao local indicado, o animal recebia uma série mais longa de choques.” (Olds, 1970, p. 201).

Colocando os animais numa caixa onde eles próprios controlavam uma alavanca que ativava a estimulação elétrica, verificou-se que pressionavam a alavanca até cerca de 5.000 vezes por hora, conforme a área ativada. Diversas áreas do mesencéfalo e do sistema límbico mostraram esse efeito, sendo ele maior em certas regiões do hipotálamo. Quando a corrente era desligada, os ratos pressionavam a alavanca algumas poucas vezes e depois interrompiam o comportamento. Em situações de controle, sem estímulo elétrico, os animais pressionavam a alavanca cerca de 10 a 25 vezes por hora. Os autores levantam a “... hipótese de que a estimulação cerebral nessa região deve excitar algumas das células nervosas que seriam excitadas pela satisfação dos impulsos básicos – fome, sexo, sede etc.” (idem, p. 202). É dito que

A forte estimulação elétrica dessas áreas parece ser mais satisfatória do que as recompensas usuais de comida etc. Essa descoberta contradiz a teoria, há muito sustentada, de que a forte excitação do cérebro significa punição. Em algumas áreas do cérebro, ela significa recompensa. (ibidem, p. 203).

Nesse mesmo artigo, é dito que a estimulação de outras áreas específicas produziu efeito inverso, com diminuição ou mesmo eliminação do comportamento de pressionar a alavanca. O autor comenta ainda relatos de outros estudos, em que experiências com macacos mostraram resultados comparáveis aos descritos acima. Eccles (1995, p. 102) relata que estudos com humanos confirmaram os mesmos achados, com os sujeitos tendendo à auto-estimulação dessas regiões de modo semelhante aos ratos descritos por Olds. Panksepp (1998, p. 144-163) chama a atenção para o fato de que parte dos efeitos de auto-estimulação elétrica do cérebro poderia ser atribuída não à estimulação de áreas relacionadas ao prazer propriamente dito (de tipo consumatório), mas sim de circuitos apetitivos que levariam à perpetuação do comportamento por outras vias que não a recompensa pelo “prazer”.

Esse tipo de estudo ganhou impulso com as modernas técnicas de neuroimagem. A existência de regiões cerebrais ligadas tanto ao prazer quanto ao desprazer tem sido comprovada em experimentos que utilizaram tomografia por emissão de pósitrons ou ressonância magnética. Existem estudos com cheiros aversivos (Zald & Pardo, 1997), avaliação da atividade cerebral quando ocorrem arrepios prazerosos ao ouvir música (Blood

& Zatorre, 2001), estímulos gustativos prazerosos e desprazerosos (O'Doherty, et. al., 2001), visão de imagens prazerosas, desprazerosas e neutras (Lane et al., 1997).

Em um experimento, pessoas ingeriram chocolate continuamente. No início havia um forte desejo por esse alimento, mas depois a saciedade fazia com que ele se tornasse desagradável. Com isso, o estímulo físico manteve-se constante ao longo do tempo, variando apenas o grau de prazer e desprazer e permitindo mapear as áreas cerebrais correspondentes. Segundo os autores, os “resultados dão apoio à hipótese de que existem dois sistemas motivacionais separados: um orquestrando os comportamentos de aproximação e outro os comportamentos de evitação.” (Small et al., 2001, p.1720).

Um caso de epilepsia do lobo temporal revelou a existência de sensações de orgasmo em uma mulher, como manifestação da aura que precede o ataque convulsivo:

Há controvérsia na literatura a respeito da existência do prazer e do êxtase como manifestação de aura epiléptica. Neste caso, ficou evidenciada a presença da aura de prazer, através da investigação clínica, eletrencefalograma e remissão das crises com a terapêutica adotada (fenitoína). (Tanuri, Thomaz & Tanuri, 2000, p.178).

Em relação a estados de êxtase místico. Ristol, estudando os escritos e a vida de Santa Teresa D'Ávila, afirma que o “... caráter epiléptico dos êxtases da santa oferece, em nossa opinião, poucas dúvidas.” (Ristol, 2003, p. 886). Comentando que o romancista russo Fiodor Dostoievsky apresentava quadro semelhante, descrito em várias passagens de seus escritos, diz que “... este tipo de epilepsia, na qual predominam os sintomas afetivos positivos, também tem sido denominada de epilepsia de Dostoievsky.” (idem, p. 879).

Além da anatomia, estudos enfocando a bioquímica cerebral têm importância quanto ao tema do prazer. Por exemplo, foi realizada uma análise da concentração de dopamina no núcleo acumbens de ratas por meio de microdiálise *in vivo* (Pfaus et al., 1995). Mostrou-se que houve aumento da liberação desse neurotransmissor quando ocorreu estimulação sexual pela visão de um macho ou pela realização do coito. Em outro estudo com o mesmo tipo de metodologia (Fiorino, Coury & Phillips, 1997), o mesmo ocorreu em machos, inclusive com o chamado “efeito Coolidge⁴⁹”. Ou seja, o nível de dopamina, que havia aumentado com a visão de uma fêmea e com a copulação, decresceu com a saciedade. Porém, quando

⁴⁹ “O efeito Coolidge descreve o reinício do comportamento sexual em animais sexualmente saciados em resposta a uma nova parceira receptiva.” (Fiorino, Coury & Phillips, 1997, p. 4849).

introduzida uma nova fêmea disponível, houve outro ciclo de excitação e copulação, acompanhado por nova elevação do neurotransmissor.

O estudo dos mediadores neuroquímicos do prazer revelou que um velho hábito das mães parece ter fundamento: “descobriu-se que substâncias doces promovem liberação de opiáceos no cérebro e animais jovens (bem como bebês humanos) tornam-se menos sensíveis à dor e choram menos depois da administração de água com açúcar em suas bocas.” (Panksepp, 1998, p. 184).

Ou seja, as evidências analisadas parecem confirmar a hipótese de que o prazer e o desprazer estão ligados a sistemas cerebrais de auto-regulação e não seguem a hipótese freudiana quanto a dependerem apenas do grau maior ou menor de estimulação. Existiriam áreas especializadas no sistema nervoso que sinalizariam ao animal que certas ações são bem vindas, enquanto que outras deveriam ser evitadas (resultando na experiência subjetiva de prazer ou desprazer, respectivamente, nos animais que tenham tal capacidade).

5.5 O PRAZER É UM MEIO DE SE CHEGAR A UM FIM

Será examinada aqui a relação entre prazer e auto-regulação, ou seja, como as sensações de prazer e desprazer se conectam aos processos homeostáticos do organismo. Segundo Panksepp (1998, p. 164), “... sensações geram prazer ou desprazer em relação direta com a sua influência no equilíbrio homeostático do corpo.” De acordo com ele, “a evolução automatizou e eliminou a escolha na maioria dos aspectos mais importantes da homeostase.” (idem, p. 165). Até mesmo a regulação respiratória normal é feita de maneira praticamente automática, dado que “... o recurso necessitado está, na maioria das circunstâncias, prontamente disponível.” (ibidem).

Para outros aspectos da homeostase, como a alimentação e o sexo⁵⁰, é necessária uma busca ativa e sua aquisição estaria ligada a mecanismos motivacionais em certos animais, especialmente mamíferos. Mesmo a respiração, quando ameaçada, pode evocar este tipo de regulação. No caso de obstrução aguda do fluxo de ar para os pulmões, “... desperta-se um estado emocional muito poderoso – uma condição semelhante ao pânico que reflete a existência de um sistema de resposta no tronco cerebral, chamado de alarme de

⁵⁰ Homeostase tem aqui um sentido mais amplo, já que não se trata de manter uma condição fixa. Segundo Guyton (1984, p. 4), “algumas vezes a reprodução não é considerada uma função homeostática, porém participa na manutenção de condições estáticas pela geração de novos seres que substituem aqueles que morrem. Isso, talvez, pareça constituir um exagero no emprego do termo homeostasia, porém ilustra que, numa análise final, essencialmente todas as estruturas do organismo estão organizadas de modo a contribuir para manter a continuidade da vida.”

sufocamento.” (ibidem, p. 166). O prazer e o desprazer não dependem do estímulo em si, mas da avaliação cerebral de sua influência na homeostase:

Estímulos que promovem um retorno à homeostase são em geral experienciados como prazerosos, enquanto aqueles que prejudicam a homeostase são desprazerosos ou mesmo perturbadores. Desse modo, o mesmo estímulo pode ser agradável sob certas circunstâncias e desagradável sob outras. (ibidem, p. 182).

Isso pode ser verificado na experiência cotidiana: se estivermos com frio, a entrada num recinto quente será prazerosa. Mas se entrássemos nesse mesmo lugar, à mesma temperatura, vindos de um dia quente e abafado, poderíamos considerá-lo desconfortável. Este tipo de sinalização seria de grande importância na auto-regulação do organismo:

O prazer indica algo que é biologicamente útil (...) estímulos úteis são aqueles que informam ao cérebro sobre o seu potencial de restaurar as condições corporais na direção do equilíbrio homeostático quando elas se desviaram do ponto de ajuste biologicamente determinado (...) temos mecanismos cerebrais que geram várias formas de desconforto (fome, sede, frio etc.) quando os recursos do corpo se desviam do equilíbrio e sentimos prazer e alívio quando realizamos atos que diminuem o desequilíbrio. (ibidem).

De acordo com Margulis e Sagan (2002, p. 139), “os animais, assim como os micróbios que os antecederam, desenvolveram meios econômicos para perceber o mundo circundante, em especial as partes do mundo que são importantes para a perpetuação, no jogo evolutivo da vida.” Isso não parece ser exclusivo dos humanos, sendo

... mais razoável supor que o prazer sensorial é um sistema de codificação ancestral do cérebro para alguns dos valores biológicos mais cruciais, que todos os mamíferos compartilham, e não acreditar que seja algo unicamente humano, ou mesmo supor, como fizeram os behavioristas, que o prazer é uma invenção da imaginação humana. (Panksepp, 1998, p. 183-184).

No mesmo sentido, Andrade (2003, p. 74) vê a mente humana como “... regulada por sensações de prazer e desprazer, resquício dos mecanismos de biorregulação existentes em todos os organismos vivos.” Assim, “o prazer sentido pelo corpo através da satisfação constitui acontecimento positivo diante de um sistema preparado para a continuação da vida. Ao contrário, o desprazer da frustração de uma necessidade é negativo, constituindo ameaça à vida.” (idem, p. 78).

A partir do que foi relatado acima, talvez se possa dizer, num jogo de palavras, que o prazer, mais do que um princípio, é um meio de chegar a um fim. Ou seja, as sensações de prazer e desprazer parecem constituir um recurso desenvolvido para orientar a busca da homeostase em organismos com um sistema nervoso complexo e sofisticado e que devem chegar a decisões que lhe permitam sobreviver. De acordo com Dawkins,

Uma das maneiras dos genes resolverem o problema de fazer previsões em ambientes bastante imprevisíveis é incorporar a capacidade de aprender. Aqui, o programa poderá assumir a forma das seguintes instruções à máquina de sobrevivência: ‘eis aqui uma lista de coisas definidas como gratificantes: gosto doce na boca, orgasmo, temperatura moderada, uma criança sorrindo. E eis aqui uma lista de coisas desagradáveis: vários tipos de dor, náusea, estômago vazio, uma criança gritando. Se por acaso você fizer alguma coisa que for seguida por uma das coisas desagradáveis, não o faça novamente, mas, por outro lado, repita qualquer coisa seguida por uma das coisas boas. A vantagem deste tipo de programação é que ele reduz grandemente o número de regras detalhadas que devem ser introduzidas no programa original. (Dawkins, 1979, p. 80).

Podemos supor que, nos animais que não possuem a capacidade de ter experiências subjetivas, esse fosse um sistema automático de programação do comportamento. Não haveria consciência nem sensibilidade em jogo, apenas uma dinâmica de funcionamento que induziria a repetição de certos comportamentos que resultaram na estimulação dos centros neurais de recompensa. Do mesmo modo, a eliminação ou diminuição de comportamentos ocorreria com a excitação de áreas cerebrais ativadas por ameaças à homeostase. No homem (e eventuais animais que tenham algum tipo de consciência) parece óbvio que este tipo de sinalização neural apareça na tela mental com uma qualidade que qualificamos como “agradável/gostoso” ou “desagradável/dolorido”.

Obviamente, estamos lidando aqui com esquemas simplificados, que correm o risco de passar à categoria de simplórios se levarmos ao pé da letra sua aplicação a humanos. Veja-se o masoquismo, onde algo que provoca dor na maioria das pessoas pode ser sentido por alguns como prazeroso, ou, em um exemplo mais banal, a “dor gostosa” que alguns pacientes relatam quando recebem uma massagem que gera dor, mas ao mesmo tempo libera uma tensão. Tudo isso parece recomendar a lembrança de que o psiquismo humano apresenta sutilezas e complexidades não redutíveis a explicações esquemáticas.

5.6 AQUÉM DO PRINCÍPIO DE PRAZER

Retomando as formulações freudianas, percebemos que há questionamentos que surgem quando elas são confrontadas com o conhecimento biológico. Em primeiro lugar, não parece haver evidência científica de que “o sistema nervoso é um aparelho que tem por função livrar-se dos estímulos que lhe chegam, ou reduzi-los ao nível mais baixo possível.” (Freud, 1915a/1974, p. 140). Se o questionamento apresentado neste capítulo for verdadeiro, isso eliminaria a justificativa de Freud para fundamentar a hipótese da pulsão de morte com base no princípio de prazer.

Além disso, os mecanismos cerebrais ligados ao prazer e ao desprazer parecem estar relacionados à homeostase, não à quantidade de excitação ou estímulo por si só. As implicações aqui também são amplas para a teoria psicanalítica, obrigando-a a algumas reformulações se quiser se adequar às evidências mencionadas. O mesmo vale para a teoria reichiana, pelo menos naquilo em que ela concorda com o princípio de prazer freudiano.

O fato dos mecanismos cerebrais relacionados ao prazer serem específicos de animais com sistemas nervosos desenvolvidos delimita a abrangência de seu alcance como regulador biológico. Falar em “prazer” para invertebrados, por exemplo, talvez só faça sentido num sentido metafórico, esticando o uso do termo para além de sua significação original. Mais ainda para organismos unicelulares, plantas e fungos.

É interessante notar que, se por um lado os fundamentos teóricos dos conceitos de princípio de prazer, princípio de constância e princípio de Nirvana ficam questionados com o exposto acima, por outro isso pode não significar uma alteração tão grande na abordagem clínica. Se esses princípios forem entendidos como algo que faz parte da auto-regulação do organismo, não só muitas das formulações psicanalíticas podem se manter, como também se abre um campo de ampliação da teoria e da técnica.

Para algumas funções vitais, em organismos com sistema nervoso desenvolvido, ele permanece válido em suas linhas gerais. Para a fome e a excreção, principalmente, o modelo de uma excitação desagradável, que provoca um movimento de descarga sentido como prazeroso, é perfeitamente compatível com a neurofisiologia. Quanto à sexualidade, o próprio Freud ressaltou o fato de o aumento de tensão muitas vezes ser sentido como prazeroso, em aparente contradição com a equivalência entre excitação e desprazer, mas perfeitamente de acordo com a noção de centros de prazer no cérebro que participam da

regulação da homeostase. Apesar disso, no geral a sexualidade pode também ser vista a partir desse modelo de tensão → desprazer → descarga → prazer.

Podemos pensar que existem vários níveis de auto-regulação, nenhum deles absoluto, havendo superposição dos campos em casos específicos:

a) A auto-regulação que independe (ou quase) do sistema nervoso. Por exemplo, a regulação do pH sanguíneo, a maior parte das respostas imunológicas, o metabolismo celular, o funcionamento dos vegetais, fungos e microorganismos em geral etc.

b) A auto-regulação mediada pelo sistema nervoso de maneira automática, sem passar pela consciência e nem sendo mediada pela sinalização dos sistemas de prazer-desprazer. Por exemplo, a regulação da pressão arterial e a manutenção do equilíbrio.

Em outros casos, certos grupos de neurônios fazem o elo entre as informações captadas no ambiente e tendências inscritas no cérebro. Estes mecanismos dariam o rumo geral: direcionar para o alimento, a sexualidade, a assimilação de informações etc.

Conforme seja o caso e a necessidade do organismo, a reação de prazer estará vinculada ao aumento ou à diminuição da quantidade de estímulo. Dessa forma, teríamos mais dois níveis de auto-regulação:

c) A auto-regulação mediada pelo sistema nervoso através dos mecanismos de prazer e desprazer, onde o desequilíbrio de um parâmetro homeostático é indicado por uma sensação de desprazer e o retorno ao equilíbrio por uma sensação de prazer. Seria o caso da fome, da eliminação de excretas e, em grande medida, do sexo. Considerando apenas este processo, podemos validar quase que completamente a tese freudiana⁵¹. O princípio de prazer de Freud continuaria tendo validade, mas constituindo, assim, um caso particular dentro de uma lei mais geral, como tantas vezes se verifica na ciência.

d) Também mediada pelo prazer/desprazer, mas neste caso a sensação de prazer estaria correlacionada ao aumento da excitação, à busca de estímulos. Seria o que ocorre na curiosidade, no brincar e no comportamento exploratório. O princípio de prazer freudiano não seria aplicável aqui.

⁵¹ “O curso tomado pelos eventos mentais está automaticamente regulado pelo princípio de prazer, ou seja, acreditamos que o curso desses eventos é invariavelmente colocado em movimento por uma tensão desagradável e que toma uma direção tal, que seu resultado final coincide com uma redução dessa tensão.” (Freud, 1920/1976, p. 17).

Poder-se-ia dizer, portanto, que, “além do princípio de prazer”, existem outros princípios e modos de funcionamento da matéria viva e do sistema nervoso, mas numa acepção diferente daquela utilizada por Freud em seu famoso título. Talvez se possa dizer que as formulações freudianas sobre o princípio de prazer encontram uma validade bastante grande quando lidamos com a forma de auto-regulação descrita no item C acima. Ou seja, uma parte do sistema nervoso e do aparelho psíquico realmente funcionam da forma descrita por Freud. Mas isso não é uma característica de todos os seres vivos, não dá suporte à hipótese de uma tendência do sistema nervoso de redução total da estimulação, não é a única maneira de auto-regulação dos seres vivos e não é o único princípio de funcionamento do psiquismo.

Esta nova formulação do princípio de prazer, se por um lado contradiz a sustentação teórica da hipótese da pulsão de morte do modo como Freud a propôs, por outro se mostra bastante compatível com grande parte das demais formulações psicanalíticas, principalmente as relacionadas à clínica. Se a reprodução (libido genital), a fome (oral) e a excreção de fezes (anal) e urina (uretral) seguem o princípio de que o aumento da excitação é vivido como desprazer e a descarga da tensão é percebida como prazer; e se é mantida a idéia defendida por Freud de que os distúrbios psíquicos se originam basicamente das vicissitudes das pulsões sexuais⁵² (entendidas, de acordo com esse autor, de maneira ampla e incluindo componentes orais, anais, uretrais, genitais e outros); podemos chegar à conclusão de que quase toda a teoria psicanalítica das neuroses continua válida, o mesmo se podendo dizer da clínica psicanalítica.

Essa nova formulação vem apenas ressaltar que talvez se necessitem acréscimos à teoria para dar conta dos fenômenos que não seguem o princípio freudiano de prazer. Talvez não seja à toa que Winnicott, ao elaborar suas concepções sobre o brincar (Winnicott, 1975), use outro modelo teórico em sua psicanálise. Como visto acima, o brincar parece enquadrar-se na categoria D, o que torna a dinâmica psíquica desse tipo de atividade possivelmente algo distinto do funcionamento pulsional estudado por Freud. Solms (2004c, p. 17) parece concordar com isso quando afirma que “parece haver um impulso de brincar. Mamíferos precisam brincar, como precisam de água, como precisam de ar. E há a dinâmica social. Isso não é de jeito nenhum o que esperaríamos na psicanálise freudiana.”

⁵² Note-se que, se pensarmos em termos da seleção natural, cujo único “critério” de sucesso é a capacidade de deixar o maior número de descendentes possível, é óbvio que a sexualidade seja um dos elementos mais decisivos da vida mental, ou mesmo talvez o mais importante de todos.

No mesmo sentido, talvez se possa dizer que as formulações de Bowlby (1989, 2001) sobre o comportamento exploratório tiveram que procurar outras referências teóricas, diferentes do modelo pulsional freudiano. Por exemplo, ao descrever o comportamento de crianças pequenas que, tendo uma base segura em uma figura materna confiável, partem para explorar o mundo e retornam periodicamente a ela, este autor afirma que “é evidente que não existe uma maneira de explicar este tipo de comportamento em termos de uma estrutura de energia psíquica que é, então, descarregada.” (Bowlby, 1989, p. 69). Segundo ele, “em consequência do desenvolvimento da ciência da etologia, que tem suas raízes mergulhadas na biologia, acredito ter chegado agora o momento em que a teoria psicanalítica do instinto pode ser reformulada.” (Bowlby, 2001, p. 65).

Amor um mal que mata e não se vê:
 Que dias há que na alma me tem posto
 Um não sei quê, que nasce não sei onde,
 Vem não sei como, e dói não sei por quê.

Luis de Camões

CAPÍTULO 6 – PULSÃO E BIOLOGIA

Tendo examinado a pulsão de morte, iremos agora em busca de algo mais fundamental, que é a discussão de como fica o próprio conceito de pulsão se confrontado com o conhecimento biológico. Não é algo simples, dado que “o conceito de pulsão é reconhecido como o mais fundamental do arcabouço analítico, na fronteira entre o corpo e a alma, e os destinos das pulsões passam à categoria de fatores heurísticos para todo o campo de fenômenos cobertos pela psicanálise.” (Mezan, 1982, p. 247-248).

6.1 A (S) TEORIA (S) PULSIONAL (AIS) DE FREUD

Conforme discutido no capítulo 1 (item 1.3.1), diversos autores comentam que haveria duas teorias pulsionais diferentes: uma antes de 1920 e outra depois desta data. Entretanto, Freud sempre afirmou tratar-se de uma continuidade com a concepção anterior. Retornando a esse tema, o exame do sentido de *Trieb* na língua alemã parece mostrar que não há um salto semântico tão grande na passagem de uma teoria para a outra. Segundo Hanns (1999, p. 32), o termo *Trieb* (pulsão) apresenta múltiplos significados:

Se tomarmos o conjunto dos empregos do termo encontrados em antigos e atuais dicionários, notaremos que, de forma geral, trata-se de uma Força Impelente dos seres vivos. Essa Força Impelente manifesta-se em todos os níveis de existência dos seres vivos, isto é, abarca um ‘arco’ que parte do absoluto e grandioso, passa pela espécie e chega ao indivíduo específico. Para facilitar a visualização desse ‘arco’, podemos didaticamente classificar as manifestações do *Trieb* em quatro níveis.

1 – Na língua alemã, bem como no texto de Freud, o *Trieb* pode se manifestar genericamente como uma grande Força que Impele ou Princípio da Natureza (em Freud, pulsão de vida, de morte, etc.).

2- Esta mesma Força que Impele pode manifestar-se como Força Biológica específica de cada espécie (pulsão de reproduzir-se, de mamar, de gregarismo).

3- Finalmente, o *Trieb* pode aparecer como manifestação dessa Força que Impele na esfera do indivíduo. A Força Impelente e motivadora (o *Trieb*) brotará no indivíduo como fenômeno somático-energético. É descrita por Freud como: a) processo fisiológico que envolve neurônios, nervos, fontes pulsionais situadas em glândulas, etc. e b) como processo energético-econômico onde está em jogo o acúmulo de energia, a circulação e a descarga.

4- de outro lado, o *Trieb* aparecerá para o indivíduo, isto é, será percebido como fenômeno psíquico (idéia, vontade, dor, medo, sensações, impulsos) e irá impeli-lo para certas ações.

A partir dessas múltiplas possibilidades, torna-se necessário definir qual é a abrangência com a qual estamos trabalhando. Num nível mais amplo, estaria o *Trieb* como característica geral de todos os seres vivos. Esta parece constituir a essência das teses freudianas em seus trabalhos a partir de 1920. Comenta Hanns⁵³:

Do ponto de vista tradicional, *Trieb* é utilizado para se referir a uma força dos viventes, uma força da natureza específica da matéria orgânica. Freud vai esticar um pouco esse uso, vai entrar numa zona um pouco cinzenta que é a da físico-química, onde ele vai especular sobre tendências das moléculas a se organizar como matéria orgânica e se transformar em seres vivos, em organismos. Assim, não é tão descabido se você, no idioma alemão, usa *Trieb* para tudo aquilo que é diferença de potencial, que impele, aguilhoa, e que é referente aos viventes, as aves, as ostras, os vírus. E também, no idioma alemão, aos princípios que regem a vida. Digamos que é um pequeno salto, que não chega a ser absurdo, numa zona cinzenta, você forçar um pouco, esticar o termo para falar de uma matéria que teria quimicamente uma espécie de predisposição, embora seja um uso já bem metafórico, especulativo.

Resta saber como ficaria esse conceito ao ser cotejado com o conhecimento biológico examinado nos capítulos anteriores. Por um lado, podemos conceber a “pulsão” (equivalendo ao Eros freudiano) como um sinônimo de “processos de auto-regulação da matéria viva”. Nessa acepção, Eros, ou pulsão de vida, seria algo que se manifesta em tudo aquilo que é vivo, não por ter sido insuflado na matéria orgânica por uma força externa, mas sim pelo fato da seleção natural ter gradualmente eliminado os organismos que não

⁵³ Conforme entrevista concedida por Luiz Alberto Hanns ao autor em 26 de agosto de 2004.

apresentassem esta característica. Eros entendido aqui como uma propensão a fazer tudo que pudesse viabilizar a continuidade da vida, seja aprimorando seus mecanismos de autorregulação, seja aperfeiçoando sua competência reprodutiva, seja juntando-se a outros organismos para cooperação mútua, seja conseguindo ser mais forte/rápido/esperto que os concorrentes.

Ao longo de bilhões de anos de evolução, naturalmente predominaram os organismos dotados de uma intensa “força impelente”, não sendo assim inapropriado o termo pulsão (*Trieb*) para designar os aspectos 1, 2 e 3 listados no item anterior. Nessa acepção, o aspecto 4, relativo aos fenômenos psíquicos, poderia ser considerado como abrangendo uma estratégia específica de Eros – o desenvolvimento de uma mente (ou consciência) como instrumento adaptativo. Do mesmo modo que os morcegos desenvolveram seu radar (ecolocalização) e os pavões suas imensas caudas coloridas, os humanos teriam desenvolvido a consciência como um recurso que os ajudasse na busca da sobrevivência e do sucesso na geração de descendentes. Ou seja, seria válido manter o conceito de pulsão como algo que abarca toda a matéria viva, ficando a questão da passagem do somático ao psíquico apenas como um caso específico dentro desta formulação.

Entretanto, tal concepção, que é em linhas gerais compatível com a teoria pulsional freudiana pré-1920 e com as idéias de Reich, por outro lado parece apresentar diversos pontos de conflito com as formulações relativas à pulsão de morte. É exatamente aqui que encontramos uma encruzilhada teórica decisiva, que separará diversas correntes de pensamento. Existem seguidores de Freud que, por entenderem que a pulsão de morte é incompatível com a biologia, afirmam que só existiriam pulsões de vida (Andrade, 2003; Fenichel, 1981; Fromm, 1979, 1980; Jones, 1989, 1991; Winnicott, 1990a, 1990b, 1994a, 1994b). Outros, enfatizando o princípio de constância freudiano, defendem que “toda pulsão, enquanto pulsão, é pulsão de morte” (Assoun, 1983, p. 208). Outros ainda tentam escapar desta contradição retirando de alguma maneira o conceito de pulsão do campo da biologia (Garcia-Roza, 1997; Green, 1988; Rechart, 1988; Segal, 1988; Wine, 1992). Existem também os que defendem que as pulsões são, sim, algo pertinente ao campo da biologia e que há espaço para a existência tanto de uma pulsão de vida quanto de uma pulsão de morte (Hanns, 1999).

Resta ainda o caso de Melanie Klein, que, segundo Hanna Segal (1983, p. 9), “... foi o único seguidor importante de Freud a adotar-lhe integralmente a teoria do instinto de

morte e a esgotar todas as suas implicações clínicas”. Apesar da importância desse conceito em sua obra, Klein parece não manifestar efetivamente uma opinião quanto ao embasamento biológico proposto por Freud. Não critica, não comenta, não desenvolve, permanecendo no campo de uma concordância implícita⁵⁴.

Os comentários acima dão margem a afirmações como a de Green (1988, p. 60):

No que concerne à pulsão de morte, notemos que nenhum dos sistemas teóricos pós-freudianos assume a letra da teoria freudiana. Isso vale inclusive para o sistema kleiniano (...) se o papel da agressividade é considerado fundamental em vários destes sistemas, o quadro teórico no qual esta é conceptualizada difere do de Freud.

Vendo tantos intérpretes qualificados de Freud enxergando coisas tão diferentes em sua obra, não é fácil continuar nosso caminho. A opção que faremos aqui será, por enquanto, focalizar aquilo que julgamos ser o ponto chave do conceito de pulsão em termos psicológicos. Segundo Freud (1915a/1974, p. 142), “se agora nos dedicarmos a considerar a vida mental de um ponto de vista biológico, um ‘instinto’ nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático”. Ou seja, ele não restringe o conceito de pulsão, ele deixa em aberto a possibilidade de ampliá-lo, mas nos avisa que vai priorizar um aspecto particular do *Trieb*, que é aquele que surge quando se “considera a vida mental de um ponto de vista biológico”.

Essa é a passagem decisiva, pois é aqui que se articula a conexão entre o somático e o mental, entre a biologia e a psicologia, entre a energética e a hermenêutica (ver capítulo 3, item 3.2). No mesmo sentido, esse é ponto enfatizado por Birman (1991b, p. 208) ao dizer que “o conceito de pulsão é a categoria fundamental da metapsicologia freudiana, pois, definida no limite entre ‘o somático e o psíquico’, permite pensar a impossibilidade e os impasses colocados pela articulação entre os registros do corpo e da representação.”

A pulsão, vista nesse âmbito “entre o mental e o somático”, seria, claro, um conceito aplicável apenas a organismos dotados de vida mental. Há uma ampla discussão científica em relação à existência ou não de consciência em animais e, em havendo, quais seriam suas características em não-humanos. Mas parece haver um consenso de que certamente não é um fenômeno que abrange todos os seres vivos, incluindo vírus, bactérias, vegetais, fungos,

⁵⁴ Conforme Rechartt e Ikonen (1988, p. 81-82) apontam, “Melanie Klein não esclarece se a pulsão de morte que ela concebe é biológica ou psicológica. Seus discípulos, como Segal, parecem se inclinar no sentido de uma interpretação psicológica.”

insetos e outros. Não cabe discutir aqui a existência ou não de consciência em animais não-humanos. Se ficar comprovado que esta é uma característica exclusivamente humana, pulsão seria um conceito aplicável somente a humanos. Se for verificada a existência de alguma forma de vida psíquica em outros organismos, provavelmente o conceito de pulsão também poderia ser aplicado a eles, com as devidas adaptações (sobre a questão da consciência em animais, ver Ades, 1997; Griffin, 1991).

6.2 A PULSÃO E O APARELHO PSÍQUICO

Examinemos, então, qual poderia ser exatamente a relação entre consciência, psiquismo e pulsão. Para tanto, percorreremos alguns tópicos que darão suporte à exposição de uma forma específica de ver a questão, que é procurar uma correspondência entre a neurociência e a teoria pulsional freudiana.

6.2.1 A EVOLUÇÃO DA MENTE E DA CONSCIÊNCIA

Um dos postulados propostos por Darwin (ver Dennet, 1998) é que os órgãos especializados, comportamentos e capacidades dos seres vivos surgem gradualmente, a partir de pequenas mudanças cumulativas numa dada direção. Como teria evoluído a consciência? Uma hipótese é que, a partir da capacidade de aprender com os fatos vividos, certos animais teriam ido além: aprender também com a simulação de situações possíveis. Segundo Dawkins (1979, p. 82), “nenhuma simulação pode prever exatamente o que acontecerá na realidade, mas uma boa simulação é muito preferível à tentativa e erro cegos.”

Você imagina o que aconteceria se seguisse cada uma das alternativas disponíveis. Estabelece um modelo em sua cabeça, não de tudo no mundo, mas do conjunto restrito de entidades que você acha que talvez sejam relevantes (...) a simulação é ao mesmo tempo mais segura e mais rápida.
(idem).

Segundo esse autor, “a evolução da capacidade de simular parece ter culminado na consciência subjetiva (...) talvez a consciência se origine quando a simulação que o cérebro faz do mundo se torna tão complexa que precisa incluir um modelo de si mesma.” (idem, p. 82-3). Com ele concorda Bueno (1997, p. 176): “resultados experimentais já dão suporte para a idéia de que o imaginário deve ser um processo básico, evolucionariamente derivado de processos relativamente simples de percepção e condicionamento, parte dos processos adaptativos que servem de guia para a ação.” Além disso, de acordo com Damásio (2000, p. 43-44),

Se as ações estão no cerne da sobrevivência e seu poder vincula-se à disponibilidade de imagens orientadoras, então um mecanismo capaz de maximizar a manipulação eficaz de imagens a serviço dos interesses de um organismo específico conferiria uma enorme vantagem aos organismos que o possuísem, e esse mecanismo provavelmente teria prevalecido na evolução. A consciência é precisamente esse mecanismo.

Conforme Campos, Santos e Xavier (1997, p. 185), “quando um dado ambiente possui simplicidade e regularidade, portanto previsibilidade, a seleção natural pode favorecer a evolução de um sistema adaptado e otimizado para aquele ambiente.” Porém, quanto mais o ambiente for complexo e imprevisível, maior valor terá o desenvolvimento de um sistema com maior plasticidade e flexibilidade. Assim, teriam surgido organismos capazes de modificar seu comportamento por tentativa e erro. Num nível mais sofisticado,

... um ‘modelo interno do ambiente’ é adaptativo na medida em que permite avaliar as conseqüências futuras das ações correntes, sem por em risco a integridade do sistema no desempenho da ação (...). A vantagem evolutiva dessa, digamos, ‘consciência primária’ (definida como o conhecimento dos estímulos externos e internos) é que ela ajuda a abstrair e organizar mudanças complexas num ambiente envolvendo múltiplos sinais concomitantes (...) esse tipo de consciência seria experienciada como uma cena, um quadro, uma imagem mental dos eventos categorizados em curso. (idem, p. 186-187).

Andrade (2003, p. 91) parece concordar com essa visão: “... a teoria freudiana concebe o psiquismo como um processo evolutivo segundo o qual a mente é um processo adaptativo para a preservação da vida.” Se a consciência apareceu entre os vertebrados, os mamíferos, os primatas⁵⁵ ou algum homínido, isto não é tão importante para a presente discussão. Parece razoável supor que, quando essa capacidade surgiu, o organismo no qual ela se manifestou apresentava limitações cognitivas. O que é um jeito educado de afirmar que provavelmente esse animal não devia ser lá muito inteligente, pelo menos não a ponto de lidar de uma maneira sofisticada com as informações que apareciam em sua tela mental. Isso quer dizer que tais informações muito provavelmente tiveram que ser mostradas a ele de forma simplificada e fácil de compreender. Na linguagem atual da informática, diríamos que a interface cérebro-mente obrigatoriamente teve de ser amigável (*user-friendly*).

⁵⁵ A autoconsciência parece ser privilégio de alguns primatas filogeneticamente mais próximos dos humanos (e, talvez, alguns cetáceos, como os golfinhos), a julgar pelos estudos com auto-reconhecimento ao espelho (Povinelli, 1994; Ujhelyi et al., 2000).

É o que podemos ver no uso de computadores. A máquina processa dados na forma de informações binárias (sim ou não). Esse processamento deve ser transformado em algo que seja inteligível ao usuário humano. Um exemplo é o que ocorre se envio uma mensagem por correio eletrônico à minha amada dizendo “Eu te amo muito”. O meu computador não tem a menor idéia do significado do que estou dizendo, para ele o que eu inseri no teclado está registrado em sua memória no padrão ASCII⁵⁶ e a minha mensagem, vista cruamente, apareceria desta forma (em um padrão de 8 bits por caractere):

```
01000101011101010010000001110100011001010010000001100001011011010110
1111001000000110110101110101011010010111010001101111
```

Se isto aparecesse assim na tela de meu monitor, eu não teria a menor idéia se o que está representado é o que realmente escrevi. Pior ainda, se a mensagem chegasse dessa forma à minha amada, ela não saberia se é uma declaração de amor, uma bronca, ou algo sem nexos. Para que possa entender a mensagem, é preciso que o computador traduza os impulsos eletrônicos em algo que ela possa compreender: letras, números, imagens.

Do mesmo modo, aquilo que aparece na tela mental deve estar exposto de uma forma relativamente operacional. É como se a natureza (o processo de seleção natural) tivesse criado uma solução simples e econômica de dispor fatos e possibilidades significativos para a sobrevivência num formato em que “a consciência serve de palco, o pensamento, a emoção e a vontade, de protagonistas principais; a memória, a linguagem, a percepção e a motricidade (ação motora), de modelos de encenação e transmissão de conteúdos.” (Del Nero, 1997, p. 123).

Note-se que pensar na mente como um palco ou uma tela faz supor a existência de alguém que se dê conta dessas informações e as utilize para tomar decisões. Caberia então estudar esse lugar “de onde, no corpo da alma de uma pessoa, se produz a palavra eu⁵⁷”. Entretanto, tal tarefa nos desviaria muito de nosso caminho, e será deixada em aberto.

6.2.2 DO ESTÍMULO FÍSICO À IMAGEM MENTAL

A formação do mundo psíquico é algo que tem suas peculiaridades. Um exemplo disso pode ser visto em relação à formação de imagens. Conforme Gregory (1990, p. 9),

⁵⁶ Sigla para *American Standard Code for Information Interchange*. Computadores só podem entender números e o código ASCII é a representação numérica de um caractere. Por exemplo, o código ASCII para a letra m (minúscula) é 109, o que em código binário (8 bits) seria 01101101. Para o espaço em branco é 32, equivalente a 00100000 e assim por diante.

⁵⁷ Verso da canção “Drama”, de Caetano Veloso.

... o olho é freqüentemente descrito como uma câmera, mas são as características da percepção que não têm nada a ver com a qualidade de câmera que são mais interessantes. Como a informação que vem dos olhos é codificada em termos neurais, na linguagem do cérebro, e depois reconstituída sob a forma da experiência dos objetos à nossa volta?

Ou seja, aquilo que chega ao cérebro oriundo dos olhos é apenas uma série de sinais codificados e não uma foto do mundo externo. Seria algo mais ou menos como a série de uns e zeros exibida acima. Estes sinais são processados e, a partir disso, ocorre a construção de uma representação mental que é percebida. Conforme Squire e Kandel,

Os sinais nervosos que transmitem a informação visual são idênticos aos que transportam informações sobre sons ou odores (...) a natureza da informação transmitida por um sinal nervoso é determinada não pela natureza do sinal, mas pelos percursos cerebrais particulares através dos quais o sinal viaja. (2002, p. 37).

Um exemplo interessante é o da percepção de cores. Fisiologicamente, “existem três tipos de receptor (cones) sensíveis à cor, que respondem respectivamente ao vermelho, ao verde e ao azul (ou violeta).” (Gregory, 1990, p. 124). Isso significa que enxergar a cor amarela é uma fabricação do nosso cérebro, pois ela não está sendo percebida diretamente. É uma dedução do nosso aparelho processador de informações oculares. Ou seja, o amplo espectro de sutilezas e tonalidades que percebemos num por do sol ou num quadro que nos encanta não passa de uma composição “computadorizada”, uma dedução cerebral a partir de informações simples⁵⁸. O fato da percepção de cores ser uma construção cerebral e não uma visão direta da realidade permite que diferentes culturas construam concepções de cor diversas (Davidoff, Davies & Roberson, 1999; Saunders & Brakel, 1997).

Outra característica interessante é a visão em profundidade. São produzidas duas imagens planas nas retinas, mas não enxergamos essas duas imagens planas e sim apenas uma imagem com profundidade. Ou seja, isso que aparece na mente quando olhamos à nossa volta não é a “realidade” direta “fotografada” pelos nossos olhos. É uma composição fabricada por meio de um processamento complexo a partir dos dados sensoriais obtidos da

⁵⁸ “E a coloração emocional de um objeto é tão fantasiosa quanto sua coloração física. A doçura da fruta, o pavor de altura e o nojo da carniça são fantasias de um sistema nervoso que evoluiu para reagir a esses objetos de modos adaptativos. As ciências da natureza humana parecem insinuar que o mesmo vale para certo e errado, mérito e demérito, beleza e feiúra, santidade e vileza. São construções neurais, filmes que projetamos no interior de nosso crânio, modos de estimular os centros de prazer do cérebro, tão sem realidade quanto a diferença entre vermelho e verde.” (Pinker, 2004, p. 266).

luz que chega às retinas. Obviamente, trata-se de uma imagem operacional, que permite aos nossos primos primatas pular de galho em galho sem cair, com visão tridimensional.

Mais um exemplo seria o fato da imagem se manter aparentemente imóvel mesmo quando corremos, pulamos ou viramos a cabeça. Se o que vemos fosse só a transposição de uma cena objetiva, teríamos sérios problemas: as imagens ficariam saltando como nos vídeos caseiros quando a câmera sacoleja. Na verdade há uma compensação complexa no cérebro, principalmente a partir dos sinais de comando da musculatura ocular, que são integrados e processados juntamente com os estímulos visuais, de modo a anular as distorções e produzir uma imagem que aparece como estável apesar das variações sensoriais (ibidem, p. 98-101). De acordo com Squire e Kandel (2002, p. 80),

... quase metade do córtex cerebral dedica-se ao processamento da informação visual. Mais de 30 áreas cerebrais diferentes participam da tarefa e cada área parece concentrar-se em aspectos particulares da tarefa, por exemplo, a cor, a forma, o movimento, a orientação ou a localização espacial de um objeto.

Ou seja, chega a ser surpreendente que tenhamos uma imagem visual única. Aquilo que parecia um retrato, uma cópia fiel de algo existente no mundo externo, revela-se como uma construção cerebral, um artefato útil para lidar com o mundo à nossa volta. Hempel (1974, p. 101) cita texto de Eddington, em que este procura explicitar a diferença entre aquilo que é percebido pelos sentidos e a realidade segundo a ciência, falando sobre as “duas” mesas com as quais se relaciona:

Uma delas me é familiar desde a infância ... Tem extensão, é relativamente permanente, é colorida e, sobretudo, é substancial ... A mesa nº 2 é a minha mesa científica. É ... feita quase que exclusivamente de vazio. Dispersas nesse vazio estão numerosas cargas elétricas movendo-se em grande velocidade; mas o tamanho total delas não chega à bilionésima parte do tamanho da própria mesa. (Entretanto) suporta o papel em que escrevo tão satisfatoriamente quanto a mesa nº 1, pois quando coloco a folha sobre esta, há uma sucessão vertiginosa de choques das partículas contra o verso, de modo que o papel fica praticamente mantido no mesmo nível como se fora uma peteca ... Tudo está em saber se o papel está equilibrado como se estivesse sobre um enxame de moscas ... ou se está amparado porque existe uma substância embaixo dele, sendo propriedade intrínseca de uma substância a de ocupar espaço com exclusão de outra substância ... Não

preciso dizer que a Física moderna, usando de uma lógica implacável e as mais delicadas experiências, convenceu-me de que a minha segunda mesa, a científica, é a única que realmente está ali ... Nem preciso acrescentar que a Física moderna jamais conseguirá esconjurar a primeira mesa – estranho composto de natureza exterior, de imagens mentais e de preconceito atávico – que permanece visível aos meus olhos e tangível ao meu tato.

Além do que foi afirmado, a experiência que temos do mundo é fortemente influenciada por outros fatores além dos dados sensoriais objetivos. Segundo Gregory

Os cérebros grandes dos mamíferos, e particularmente os humanos, permitem que a experiência passada e a antecipação do futuro desempenhem um amplo papel em aumentar a informação sensorial, de modo que não percebemos o mundo meramente a partir da informação sensorial disponível em dado momento, mas sim usamos essa informação para testar hipóteses sobre o que está diante de nós. (1990, p. 221). A visão de objetos envolve muitas fontes de informação além daquelas que o olho encontra quando ele olha para um objeto (...) objetos são muito mais do que padrões de estimulação: objetos têm passados e futuros. (idem, p. 10).

No mesmo sentido, de acordo com Nava (2003, p. 38),

As percepções não são precisas nem são uma cópia direta do mundo exterior. A sensação é uma abstração, não é uma replicação do mundo real. (...) o cérebro constrói uma representação interna dos acontecimentos físicos externos após analisá-los em componentes parciais. Esta reconstituição é feita segundo as regras do cérebro e o modo como ocorre é uma das maiores questões das neurociências (...) este fluxo de informações é editado num aparente contínuo de percepções unificadas. Assim sendo, a aparência de nossas percepções não passa de uma ilusão.

Bueno (1997, p. 169) parece partilhar da mesma opinião ao afirmar que “os resultados de processamentos sensoriais e perceptuais são submetidos a tratamentos computacionais ou combinatórios, formando as representações.” No mesmo sentido, Damásio (2000, p. 406) diz que “a estrutura e as propriedades da imagem que vemos são construções do cérebro inspiradas por um objeto.”

O paladar também apresenta essa característica de uma construção criada para servir de interface a um eu que gerencia o comportamento. O que surge na tela mental é a resultante da combinação de informações oriundas de dois sistemas sensoriais: gustação e

olfato integrados num só condensado, numa síntese que é apresentada à consciência. Seria como se percebêssemos o som e a luz de uma maneira combinada, inseparável. O próprio reconhecimento dos sabores parece depender de uma cultura que os nomeie: “recentemente, o gosto designado pela palavra japonesa *umami* veio a ser reconhecido como um ‘quinto sabor’ (além de doce, salgado, amargo e azedo; umami captura o que é às vezes definido como o gosto de proteína).” (Araújo et al., 2003).

Tudo isso ajuda a entender por que as pessoas constroem uma realidade própria. Como diz Andrade (2003, p. 98), “às vezes a influência da expectativa em função do padrão anterior é tão grande, que a pessoa ouve o que já estava em sua mente, isto é, o que correspondia à sua expectativa, e não o que foi dito realmente.” Segundo ele, “o *wishful thinking*, através do qual se vê o que se deseja, tem incidência tão ampla, que só é considerado patológico quando atinge proporções exageradas.” (idem, p. 130).

Os processos examinados acima talvez possam explicar porque algumas pessoas enxergam a “aura” dos outros. Muitas vezes usamos metáforas ligadas à visão para expressar percepções. Dizemos que alguém está com uma expressão “luminosa”; ou que outra pessoa parece “ter uma nuvem escura sobre a sua cabeça”, ou que fulano está “meio cinza”. Por outro lado, estudiosos da comunicação não-verbal apontam para a existência de um “espaço pessoal”, definido como “...uma área com limites invisíveis que cerca o corpo da pessoa, e na qual os estranhos não podem entrar.” (Sommer, 1973, p. 33). No mesmo sentido, Davis comenta que “a noção do eu individual não se restringe aos limites da pele. Ela passeia dentro de uma espécie de bolha particular...” (Davis, 1979, p. 91). Dessa maneira, talvez não seja tão estranho que alguns cérebros produzam uma imagem na consciência que sinalize com cores esse espaço pessoal, como forma de descrever de forma condensada e simbólica certas percepções sobre as pessoas à sua volta⁵⁹.

6.2.3 PULSÃO E CONSCIÊNCIA

Mas, o que tem isso a ver com as pulsões? Cremos que o que foi exposto acima constitui um modelo que nos será útil ao vermos como se dá a ligação entre soma e psique.

⁵⁹ Note-se que isso é pouco diante do que o cérebro humano pode criar. Por exemplo, Shermer, em sua coluna *Skeptic*, no *Scientific American*, conta de sua experiência de ter sido abduzido por alienígenas, atribuindo-a a uma alucinação hipnopômica (ao acordar). Segundo ele, pesquisas recentes mostram que “... algumas fantasias são indistinguíveis da realidade, e elas podem ser tão traumáticas quanto uma experiência real.” (Shermer, 2005, p. 20).

Um exemplo: estou aqui a digitar esta tese. Já tomei café da manhã, mas restou algum apetite. Aparece em minha mente a dúvida – “vou comer algo agora ou não?”. Outras considerações surgem – “se for comer, quero algo salgado”; talvez não deva comer, meu peso está sob controle, mas não devo exagerar na gula, pode ser apenas uma consequência da ansiedade de escrever. Talvez daqui a pouco eu me levante e vá até a cozinha pegar algo para saborear. Este exemplo revela que estou usando minha capacidade de consciência subjetiva para lidar com demandas complexas: talvez haja uma pequena necessidade de fornecimento de energia ao organismo, e o sódio parece ser um nutriente em falta. Mas não preciso ter uma avaliação detalhada e precisa do desequilíbrio homeostático, basta que isso surja como um apetite, um desejo de comer algo salgado e um “menu” vago das opções disponíveis em minha casa para saciá-lo, e, vagamente, algo que apareceria numa tela de computador⁶⁰ como “outras opções de comida salgada caso nenhuma das anteriores o satisfaça”. Se eu “cliquei” mentalmente nessa última, surgem opções de sushi, pizza, churrasco, categorizadas por distância, preço e disponibilidade. Ou seja, o conteúdo da tela mental traz informações operacionais que permitem uma escolha originada de algo que é experienciado como um “eu”.

Se resolvo ceder ao impulso, não preciso ter consciência de cada músculo acionado para chegar até a cozinha. Há também um mapa inscrito em meu cérebro que permite ir até lá sem prestar atenção. Posso continuar pensando na tese enquanto caminho e pego um amendoim ou um biscoito de polvilho. Ou seja, em linguagem de computador, eu vi um menu imaginário à minha frente, com as opções “ir comer”, “não ir comer e eliminar isso da minha tela atual”, “manter na consciência para usar como material para escrever”. A partir do momento em que aciono a opção “ir comer”, minha consciência fica desocupada para outras coisas e uma série de procedimentos motores e cognitivos inconscientes entram em funcionamento para viabilizar a ação.

O que percebo não é um desprazer, e sim uma pressão (ver item 6.3.3 adiante), um convite, ou algo similar a uma propaganda⁶¹, uma imagem vaga de uma comida saborosa, acompanhada pelo eco, quase uma sombra, de uma voz convidativa dizendo qualquer coisa como “nossa, cara! Vai ser muito bom se você topar esta idéia! Vai ser um prazer indescritível!” Sei que se passar muito tempo sem atender a essa voz, haverá a sobreposição

⁶⁰ E surge a dúvida: será que esse jeito de pensar decorre da influência do que vejo na tela dos computadores, ou os criadores de *software* é que copiaram o modo de processamento de informações natural do cérebro?

⁶¹ Mais uma vez, será que percebo o mundo assim influenciado pela propaganda ou é a propaganda que copia o jeito pelo qual meu cérebro me apresenta o mundo?

de uma sensação desconfortável localizada em várias regiões (deserógenas?) do meu corpo, ambas me pressionando a comer. Percebo que não consigo separar meus pensamentos dos desejos e nem das sensações. Eles formam uma mistura indissociável. O que surge na tela mental são informações simplificadas relativas a memórias, manifestações de impulsos reguladores, simulações de alternativas etc., que se apresentam para que eu decida o melhor caminho. Como bem resume Panksepp (1998, p. 183), “estados de sentimento podem ter sido um modo neuro-simbólico de o cérebro codificar, numa forma relativamente simples, valores intrínsecos para as várias opções de comportamento que estão disponíveis numa dada situação.”

Na concepção aqui apresentada, a teoria das pulsões seria uma tentativa de compreensão do que ocorre na passagem do somático para o psíquico. Estudaria como um fenômeno físico é processado de forma a se tornar uma manifestação subjetiva – representações, sentimentos ou estados motivacionais (desejos). Buscaria compreender como foi formada essa tela mental, que elementos a compõem, como se dá o processamento de informações, qual foi a origem evolutiva desse mecanismo, qual a influência dos elementos somáticos na origem dos componentes da tela mental. Estudaria ainda o papel da consciência nesse processo mental: o que é consciente ou inconsciente, porque é consciente ou inconsciente, quando é consciente ou inconsciente. Como afirma Del Nero (1997, p. 97), “a mente é cheia de objetos do mundo, de emoções e planos. O cérebro, órgão mole e cinzento, tempestade de potenciais elétricos. Definitivamente, sem um código de transposição, esses dois mundos, mente e cérebro, seriam inconciliáveis.”

6.3 PULSÃO E AUTO-REGULAÇÃO: UMA PROPOSTA

6.3.1 OS CAMINHOS DA PULSÃO

Procuraremos agora examinar aquilo que aparece “... como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo” (Freud, 1915a/1974, p. 142). Em outras palavras,

... ilustraremos o percurso de *Trieb* na esfera individual como um circuito de circulação pulsional que brota no somático como ‘energia-estímulo nervoso’ e atinge o sistema nervoso central na forma de sensações e imagens (idéias) para, então, ser descarregado através de certas ações mentais ou motoras. (Hanns, 1999, p. 49).

Ou seja, tentaremos delinear uma teoria das pulsões que parta dos conceitos psicanalíticos e dialogue com a neurofisiologia. Para tal, nos apoiaremos no importante trabalho de Hanns (1999), em que ele aprofunda e detalha a teoria pulsional freudiana. O esquema mostrado na Figura 3 é bastante útil, pois foi baseado na teoria freudiana, e ao mesmo tempo parece ser compatível tanto com a visão de Reich (ver capítulo 2) quanto com a biologia. Esta será a matriz de onde tentaremos articular esses campos.

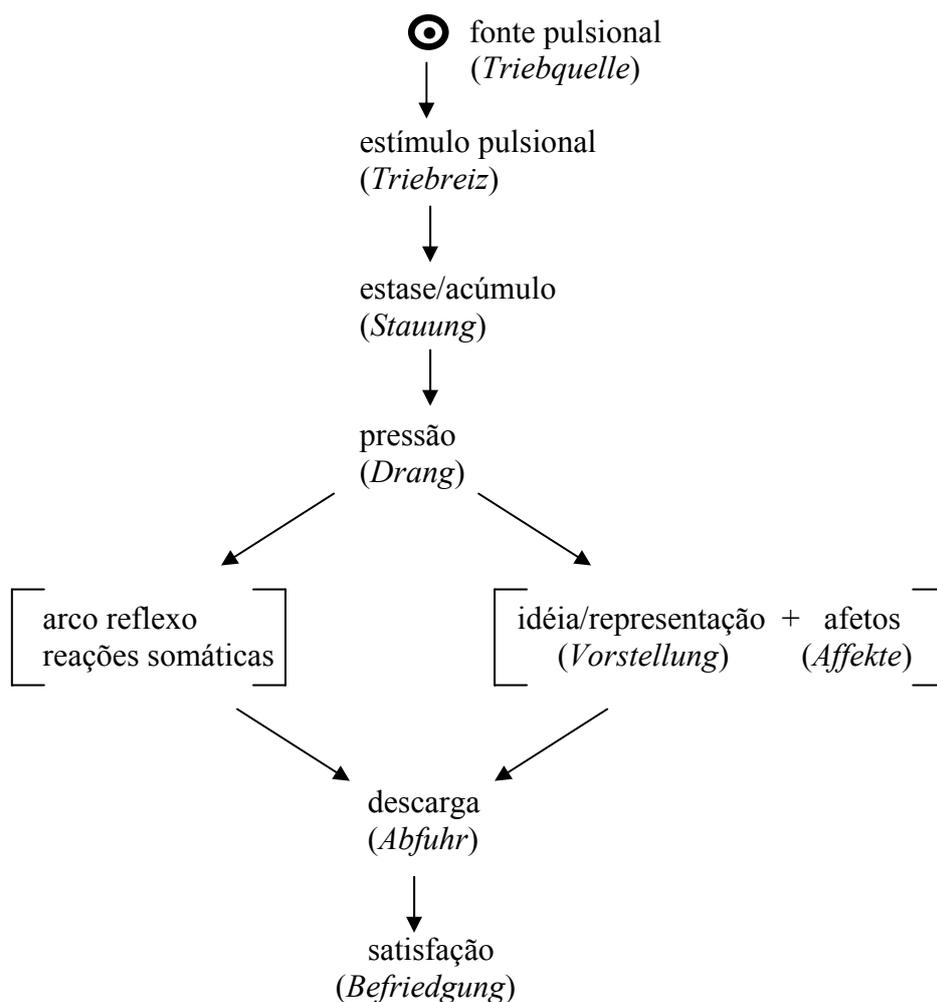


Figura 3 – Esquema da circulação pulsional (Hanns, 1999, p. 50)

Esse esquema é válido basicamente dentro dos processos de auto-regulação que são compatíveis com o princípio de prazer freudiano (ver capítulo 5, item 5.6). Ou seja, mecanismos que dependem do surgimento na tela mental de representantes psíquicos das demandas orgânicas e que são ligados aos sistemas de recompensa cerebrais. Assim, “a ação que leva à descarga será guiada por imagens e afetos que representam e qualificam o objeto de satisfação desejado e o percurso para atingi-lo.” (idem, p. 51). Segundo Freud,

Reconhecemos nosso aparelho mental como sendo, acima de tudo, um dispositivo destinado a dominar⁶² as excitações que de outra forma seriam sentidas como aflitivas ou teriam efeitos patogênicos. Sua elaboração na mente auxilia de forma marcante um escoamento das excitações que são incapazes de descarga direta para fora... (Freud, 1914a/1974, p. 102).

Aqui aparece claramente a consciência como uma instância que viabiliza certas demandas internas que visam a manutenção da homeostase e o sucesso reprodutivo. Existem, entretanto, correntes filosóficas que descrevem isso de maneira diferente. Por exemplo, a teoria do materialismo eliminativo (ou epifenomenalismo) diz que “a causa suficiente para todos os eventos materiais é oriunda de outros eventos materiais.” (Kendrel, 2001, p. 992). Nessa acepção, seria falsa a impressão de que resolvemos tomar água quando estamos quando sede, expressa na seguinte seqüência: hipotálamo detecta desidratação (cérebro) → sensação subjetiva de sede (mente) → decisão de beber algo (mente) → acionamento da motricidade (cérebro). O processo cerebral funcionaria de modo independente da instância mental (hipotálamo → centros executivos frontais → córtex motor), e a consciência constituiria apenas no dar-se conta do que está ocorrendo, uma percepção *a posteriori*. Apesar da importância desse debate, ele nos levaria longe demais do nosso trajeto. Assim, mesmo sabendo que a visão aqui apresentada é uma entre outras, seguiremos nosso caminho considerando que a psique tem um papel na cadeia de eventos que leva do estímulo à ação. Em outras palavras, assumimos, com as ressalvas acima, que o desejo e a intencionalidade têm um lugar essencial na existência humana.

6.3.2 O ESTÍMULO (*REIZ*)

Como elemento inicial desse ciclo estaria “... o ‘estímulo’ (*Reiz*) que brota lá onde nasce a pulsão e circula por todo o construto psíquico.” (idem). O termo *Reiz*,

... tal qual ‘estímulo’ em português, tem uma dupla face: refere-se tanto ao estímulo que chega quanto à percepção-sensação dos efeitos internos produzidos pelo estímulo. Assim, o *Reiz* é o estímulo em geral excitatório-irritativo (raio de luz, corrente elétrica, etc.), e é a conseqüente excitação-irritativa (sensação de ardência, de incômodo, etc.). (ibidem, p. 53-4).

Existiria uma diferença entre estímulos em geral e os estímulos pulsionais. Estes últimos “... são gerados por fonte somática interna e produzidos incessantemente, enquanto

⁶² Hanns (1999, p. 55) questiona a tradução de *bewältigen* por “dominar”, afirmando que o mais correto seria “lidar” ou “dar conta de”.

os *Reize* podem provir de fonte externa (raios de luz, frio, etc.).” (ibidem, p. 56). Assim, “a pulsão (*Trieb*), através de órgãos ou glândulas que servem de fonte somática pulsional (*Triebquelle*), gera estímulos pulsionais.” (ibidem). Num momento seguinte do ciclo, tais

... estímulos, emitidos pelas fontes somáticas, por somação vão atingindo um volume relevante e se fazem notar pela psique como sensações com determinado colorido afetivo e característica imagética, ou seja, como representações/idéias (*Vorstellungen*) carregadas de afeto (por exemplo, dor de dente, vontade de urinar, desejo de beijar, etc.). (ibidem, p. 57).

Esse seria um momento importante da regulação homeostática, uma forma de impelir o organismo a realizar as ações adequadas para sua sobrevivência e reprodução: “*Trieb* é um estímulo sobre a mente derivado de uma necessidade que a obriga a trabalhar para encontrar uma forma de fazer cessar ou diminuir o estímulo mediante uma ação sobre o mundo externo.” (Andrade, 2003, p. 58).

Na regulação da sede, por exemplo, a ingestão de água “... é controlada por dois sistemas distintos, um para sede osmótica e outro para sede volumétrica.” (Panksepp, 1998, p. 185). O primeiro identifica a desidratação sanguínea monitorando a concentração intracelular de sódio em receptores situados no hipotálamo anterior. O segundo responde à perda de fluido extracelular, refletida no volume sanguíneo, por meio principalmente de uma área especializada chamada órgão subfornical, situada na junção entre os ventrículos laterais e o terceiro ventrículo. A ativação desses mecanismos produz sede em graus variáveis, conforme o grau de desequilíbrio detectado.

Vemos, então, que existem duas possíveis fontes somáticas (*Triebquelle*), que no caso podem consistir tanto na redução do volume sanguíneo total quanto na desidratação do organismo. Isso é detectado por neurônios sensoriais especializados, localizados em estruturas cerebrais específicas, constituindo um estímulo que vai ativar outras áreas do cérebro, eventualmente envolvendo sensações de desprazer ou incômodo.

Algo semelhante parece ocorrer em relação à fome: “uma diminuição no nível de glicose pode preceder e iniciar a alimentação em animais e humanos. Infusões periféricas de glicose diminuem a ingestão alimentar em animais experimentais, sendo o nervo vago a conexão entre os glicorreceptores periféricos e o cérebro.” (Mancini & Halpern, 2002, p. 230). Além disso, haveria “... um papel funcional dos glicorreceptores hipotalâmicos na modulação de ingestão alimentar e atividade nervosa autonômica.” (idem, p. 231).

A neurofisiologia pode nos indicar, como vimos acima, quais são os órgãos e sistemas corporais que servem como fonte pulsional. Um acréscimo importante à teoria pulsional é que a fonte, para se tornar efetiva como um estímulo pulsional, deve ser percebida pelo sistema nervoso através de neurônios especializados, em seu caminho até as percepções conscientes. Na concepção de Freud isso está implícito, mas o detalhamento de como o sistema nervoso se envolve nesse processo pode torná-lo mais inteligível. Essa seria uma grande contribuição à teoria das pulsões, permitindo um mapeamento detalhado e uma melhor compreensão do funcionamento das fontes pulsionais.

6.3.3 A PRESSÃO⁶³ (*DRANG*)

O próximo passo no ciclo pulsional estaria na geração da pressão pulsional, dado que a provocação para a ação “... ocorre no momento em que o acúmulo de *Reiz* produz o *Drang* (pressão), cuja tendência é causar incômodo e desprazer.” (Hanns, 1999, p. 57). Assim, “... o *Drang* é o momento em que o somático é percebido psiquicamente como desagradável e exige uma ação do sujeito para conseguir uma descarga ...” (idem, p. 74). Ou seja, apareceria como uma pressão, percebida subjetivamente como ímpeto para agir. Seria esse o elo intermediário entre a pulsão e a ação, podendo-se “... considerar o *Drang* como a parte impelente (impulsionante) da pulsão.” (ibidem).

No mesmo sentido, segundo Andrade (2003, p. 52), “concebe-se *Trieb* como um conjunto de forças de incitação à ação (...) *Trieb* é a fonte de toda conduta espontânea (...) Em princípio, *Trieb* corresponderia em castelhano a tendência, estado latente de *Drang*.” Também Birman (1994, p. 114) parece concordar com essa visão: “antes de mais nada a pulsão é ‘exigência de trabalho’, isto é, força e ‘pressão’ (*Drang*).” A pressão seria então “...a porta de saída do somático e a porta de entrada no psíquico.” (Hanns, 1999, p. 57).

... o acúmulo de *Reize* (estímulos que tendem a ser desagradáveis) provoca um tipo de pressão que é percebido psiquicamente como *Drang*, isto é, provoca uma necessidade/urgência. O sujeito, guiando-se por imagens de objetos de alívio, busca então encontrá-los praticando ações motoras visando livrar-se da pressão, isto é, procura atividades e objetos que propiciem a descarga dos estímulos (*Abfuhr*) e a conseqüente satisfação. (idem, p. 73-4).

⁶³ Para Hanns (1999, p. 71), traduzir *Drang* por pressão “... retirou-lhe muito do sentido original”, pois a palavra alemã abrange significados como ânsia, vontade, empurrar etc. Um exemplo é *Harndrang* = necessidade/vontade de urinar, que expressa simultaneamente a pressão na bexiga e o ímpeto de realizar a ação.

Em outras palavras, “é sob a forma de *Drang* que o *Trieb* adquire uma dimensão psíquica, pois o *Drang* se expressa por imagens (imagens de desconforto e imagens de alívio almeçadas) e afetos (desconforto, urgência e alívio).” (ibidem, p. 75).

A entrada da pulsão no psíquico se dá, portanto, sob o impacto de *Drang*, isto é, sob pressão, e, mais que isso, a ação motora que conduz a pulsão à sua meta também se dá sob *Drang* (...) estar no *Drang* significa estar simultaneamente ameaçado pela aflição e dirigido ao desejo. (ibidem).

Esses estados mentais podem se impor à consciência com grande força e quando há forte distensão do reto ou da bexiga, por exemplo, “as sensações são tão insistentes que é difícil manter outros pensamentos na mente.” (Panksepp, 1998, p. 166). Assim, o estímulo pulsional produz uma pressão que é incômoda, que é percebida como desprazer (*Unlust*). De acordo com Freud (1923/1976, p. 35), “as sensações de natureza prazerosa não têm nada de inerentemente impelente nelas, enquanto que as desprazerosas o têm no mais alto grau. As últimas impelem no sentido da mudança, da descarga ...”. Hanns (1999, p. 61) comenta que “o prazer de que trata Freud é o prazer que se segue ao desprazer, pois é dos estímulos desprazerosos e impelentes que ele parte.”

Voltando à neurofisiologia, podemos tomar a formulação psicanalítica como descrevendo o processo de transcrição subjetiva de uma necessidade de se fazer algo para restaurar a homeostase. Considerando que essa necessidade deve aparecer na tela mental de uma forma inteligível e que a imagem mental é uma construção feita pelo sistema nervoso, seria mesmo óbvio que surgisse algo como uma sensação de pressão (talvez por uma analogia cinestésica com a experiência de ser empurrado por alguém) e de desconforto (expressão psíquica da ativação de áreas cerebrais que sinalizam a evitação).

Do mesmo modo que a imagem visual é um construto que facilita a avaliação dos acontecimentos e a tomada de decisões, a imagem do desprazer seria um construto que apresenta ao ego (àquilo que na pessoa porta seu senso de identidade e que ela sente como responsável por suas decisões), de uma maneira simplificada, um resumo ou uma sinopse da situação, incluindo um vetor (pressão) de direção, como indicação de rumo a tomar.

“Tanto *Trieb* quanto *Reize* são termos que têm a conotação de provocar certa inquietação e, eventualmente, incômodo.” (Hanns, 1999, p. 56). Isso colocaria em movimento a memória e a imaginação, no sentido de elaborar um plano de ação para resolver o problema. A psicanálise aqui – “o objetivo primordial das ações empreendidas pelo sujeito é cessar o efeito dos estímulos.” (Hanns, 1999, p. 57) – se assemelha à neurofi-

siologia: “temos mecanismos cerebrais que geram várias formas de desconforto (fome, sede, frio etc.) quando os recursos do corpo se desviam do equilíbrio, e sentimos prazer e alívio quando realizamos atos que diminuem o desequilíbrio.” (Panksepp, 1998, p. 182).

Esse ciclo de carga e descarga seria o “... cerne da condição existencial em torno da qual se organizará a vida psíquica, as representações, os afetos e as significações (...) funcionalmente, esta fisiologia pulsional será descrita como economia psíquica e será uma presença central em toda clínica.” (Hanns, 1999, p. 53). Ou seja, a idéia de pressão (*Drang*) liga-se a conceitos centrais da metapsicologia freudiana, como libido⁶⁴, investimento ou catexia⁶⁵ e ponto de vista econômico⁶⁶.

Uma correlação com a neurofisiologia talvez possa ser feita através daquilo que Panksepp (1998, p. 144-163) denomina sistema de BUSCA (ver capítulo 5, item 5.3), um circuito cerebral presente em mamíferos, ativado por demandas regulatórias internas e que levaria a um estado de alerta geral caracterizado por sentimentos como curiosidade, exploração, interesse, acompanhados por uma disposição intensificada para o comportamento exploratório e para ações destinadas a obter satisfação consumatória (beber se tiver sede, comer se tiver fome).

Em outras palavras, parece haver uma estrutura cerebral destinada a produzir *Drang* e colocar em movimento representações e ações que assegurem a sobrevivência e o sucesso reprodutivo. Um dado interessante é que o autor, um neurocientista acima de qualquer suspeita de misticismo, utiliza muitas vezes a idéia de uma “energia mental”:

... a ativação do sistema de BUSCA tem uma tonalidade de sentimento característica – uma energização psíquica que é difícil de descrever, mas que é semelhante ao sentimento revigorante de antecipação que sentimos quando buscamos ativamente excitação e outras recompensas (...) Esse sistema neuroemocional de operação harmoniosa *impulsiona e energiza* [grifo do autor] muitas complexidades mentais que os humanos experienciam como sentimentos persistentes de interesse, curiosidade, busca de sensações... (Panksepp, 1998, p. 145). Neurônios interoceptivos, que detectam desequilíbrios hídricos, energéticos, térmicos e outros, energizam a busca de

⁶⁴ “Na medida em que a pulsão sexual representa uma força que exerce uma ‘pressão’, a libido é definida por Freud como a energia dessa pulsão.” (Laplanche & Pontalis, 1991, p. 267).

⁶⁵ “... a energia investida é a energia pulsional que provém das fontes internas, exerce uma pressão contínua e impõe ao aparelho psíquico a tarefa de transformá-la. É assim que uma expressão como ‘investimento libidinal’ significa investimento pela energia das pulsões sexuais.” (Laplanche & Pontalis, 1991, p. 256).

⁶⁶ “O ponto de vista econômico consiste em considerar os investimentos na sua mobilidade, nas variações de sua intensidade, nas oposições que entre eles se estabelecem...” (Laplanche & Pontalis, 1991, p. 121).

recursos vitais promovendo a ativação do sistema de BUSCA. (idem, p. 155-156). Todas as formas de pensamento indutivo, incluindo aquelas que energizam as atividades científicas, derivam deste tipo pensamento (...). Os animais parecem dar vazão à frustração da energia neuroemocional que emerge de expectativas não preenchidas em qualquer alvo disponível. (ibidem, p. 161).

Do mesmo modo, ao comentar a ação de drogas como a cocaína e anfetaminas, que estimulam esse sistema cerebral, ele diz que “o estado afetivo que essas drogas induzem não é simplesmente um ‘prazer’, mas sim um estado altamente energizado de poder psíquico e engajamento com o mundo, durante o qual a pessoa está ávida para procurar diversas atividades dirigidas para a obtenção de objetivos.” (ibidem, p. 150). É evidente que o autor utiliza o termo enquanto metáfora e não como uma realidade física. Mas, de qualquer modo, percebe-se aqui que o ponto de vista econômico de Freud e Reich parece não constituir algo estranho à neurociência, muito pelo contrário.

6.3.4 REPRESENTAÇÃO (*VORSTELLUNG*) E APARELHO PSÍQUICO

Os estímulos pulsionais, “... ao atingirem a mente, adquirem uma feição psíquica (imagens carregadas de afeto)...” (Hanns, 1999, p. 76). Ou seja, “... a pulsão é representada psiquicamente (substituída, simbolizada, tem representantes) por imagens ou palavras.” (idem, p. 80). No mesmo sentido, Mezan (1998, p. 353-354) afirma que “a representação é a atividade própria da psique (...) equivale à tradução em elementos psíquicos das vivências corporais e relacionais que constituem a sua trama muda.” Para Ricoeur (1978, p. 143), “a pulsão só é acessível em seus rebentos psíquicos, em seus efeitos de sentido, mais precisamente, nas distorções de sentido. E é porque a pulsão advém à linguagem em seu representante psíquico, que se torna possível interpretar o desejo, embora este, enquanto tal, permaneça indizível.”

Nesse processo, “a percepção de uma necessidade fazia deslocar a quota de afeto dessa necessidade para a representação da satisfação da necessidade anterior, constituindo uma alucinação.” (Andrade, 2003, p. 79). Essa alucinação seria uma estrutura afetivo-ideativa que constituiria “... uma espécie de etapa transicional para o desdobramento das estruturas propriamente ideativas, que são o substrato do pensamento. Por isso, Freud disse que o pensamento nada mais é do que o sucessor da alucinação.” (idem, p. 80). Nesse processo, “o estado de desejo faz surgir a fantasia, que se apresenta como etapa intermediária entre a alucinação e o pensamento.” (ibidem, p. 82).

A importância do conceito de representação é ressaltada em diversas abordagens do psiquismo. Por exemplo, Del Nero (1997, p. 121), partindo de um enfoque baseado na ciência cognitiva e nas funções cerebrais, afirma que “a idéia de representação como base das operações mentais é fundamental (...) a manipulação dessas representações-cenários através de regras lógicas ou de outros modos de relação é um dos cerne da vida mental.”

Em Freud, aquilo que representa psicicamente o estímulo orgânico “... é designado pelo substantivo *Vorstellung* (imagem, idéia, representação, reprodução mental, visualização interna de objetos).” (Hanns, 1999, p.80). Este termo com frequência “... é equiparado por Freud a uma imagem (*Bild*) ou colocado em conexão com uma imagem (*Bild*).” (idem, p. 81), Desse modo,

... a pulsão é *darstellbar* (traduzível, delegável, simbolizável) em imagens, *vertretbar* (substituível, delegável, simbolizável) por essas imagens e essas mesmas imagens são *Vorstellungen* (representações internas, reproduções mentais, são imagens guardadas em memória que reproduzem objetos ou ações aos quais a pulsão se liga e que são ativáveis). (idem, p. 83).

A *Vorstellung* “... pode ser representação de um objeto presente (percepção); reprodução de uma percepção anterior (recordação); antecipação de algo futuro a partir da combinação de imagens já disponíveis (previsão); união de várias imagens ou idéias de algo possível ou desejado (imaginação).” (Mezan, 1998, p. 351-352). Segundo este autor, “o próprio da representação não é reproduzir o mundo exterior, mas ativar na psique determinadas reações que se traduzem por uma vivência afetiva.” (idem, p. 354).

Dados das neurociências permitem ampliar o conceito de representação. Conforme Squire e Kandel (2002, p. 133), “o animal forma um mapa espacial do ambiente circundante. Quando entra num novo ambiente, formam-se novos campos de lugar no espaço de alguns minutos (...) Este mapa espacial é o exemplo mais bem entendido de uma representação interna complexa no cérebro.”

Essa passagem de um estímulo orgânico para o campo da representação seria algo crucial na constituição da psicologia e de todas as práticas a ela relacionadas. Segundo Birman (1991a, p. i), “a proposição fundamental da psicanálise é aquela que enuncia como sendo sua exigência básica a metaforização das pulsões, onde a pulsão como força se inscreve no universo da representação.” O próprio conceito de aparelho psíquico estaria relacionado ao fato de as representações estarem articuladas umas com as outras:

As *Vorstellungen* (imagens, idéias, representações) estão associadas (*verknüpft*, interligadas, relacionadas) entre si, formando uma extensa malha (ou tela) de idéias e imagens inter-relacionadas. Esta matriz é o campo psíquico pelo qual as pulsões, ou melhor, as manifestações dos estímulos pulsionais se movimentarão (...) são elas que compõem o mundo interno, são a matriz através da qual o sujeito decodifica os estímulos internos e externos que lhe chegam. É esse sistema de *Vorstellungen* (que podem se encontrar em estado consciente ou inconsciente) que compõe o que Freud denominou como aparelho psíquico. (Hanns, 1999, p. 84).

Birman (1994, p. 114) enfatiza a articulação entre a pressão e a representação: “a absorção da ‘pressão pulsional’ pela inscrição simbólica possibilita a ordenação do sujeito.” Porém, com a continuidade da pressão, “as articulações realizadas pela ordem simbólica são permanentemente desarrumadas e impõe-se a demanda de novos arranjos de relação entre as representações.” (idem).

6.3.5 O PROCESSO PRIMÁRIO

Freud distingue dois modos de funcionamento do psiquismo: “o processo primário caracteriza o sistema inconsciente e o processo secundário caracteriza o sistema pré-consciente-consciente...” (Laplanche & Pontalis, 1991, p. 371). Segundo Hanns (1999, p. 84), no processo primário “o aparato psíquico se restringe a imaginificar os processos (dotá-los de imagens) e qualificá-los afetivamente (associá-los ao prazer e ao desprazer).” De acordo com Brenner (2003, p. 1094), no processo primário

Os opostos se equivalem; as regras da lógica são ignoradas; não há sentido de tempo; o deslocamento e a condensação são aceitos e usados de acordo com o desejo, e os processos de pensamento são não-verbais, com as palavras sendo tratadas mais como objetos do que como significantes.

Por exemplo, a fome se manifestaria por imagens proprioceptivas, imagens de busca de alimento, deglutição e satisfação. “Essa seqüência de representações (*Vorstellungen*) que ficou ‘impressa’ pelo percurso daquela pulsão se ativará sempre que o sujeito for tomado pela sensação de fome (...) a seqüência desencadeada pelo desconforto inicial dirige-se para um objeto de alívio...” (Hanns, 1999, p. 85-86). Formam-se, então, “... grupos de imagens vinculadas entre si (complexos). Um conjunto de *Vorstellungen* pode ser ativado a partir de uma *Vorstellung* isolada, bem como os afetos ligados a uma representação podem ‘contaminar’ outras representações.” (idem, p. 86).

Assim, “quando a pulsão se manifesta, evoca-se o complexo de imagens e afetos a ela vinculado e desencadeiam-se certos movimentos motores.” (idem). Esse tipo de funcionamento “... diferencia-se do arco-reflexo, pois opera com imagens e afetos, se organiza por relações obtidas a partir de vivências de prazer e desprazer e supõe uma certa volição...” (ibidem, p. 87). Esse processo caracterizaria a transição de um funcionamento baseado numa engrenagem bioquímica complexa, porém mecânica – como na visão de Descartes⁶⁷ dos animais enquanto autômatos – para uma outra ordem de funcionamento.

Talvez se possa descrever dessa forma o funcionamento psíquico de mamíferos (e talvez outros animais), nos quais provavelmente estão presentes as capacidades de evocar memórias e de imaginar. O processamento de imagens⁶⁸ (visuais, auditivas, táteis etc.) afetivamente carregadas, resultando numa pressão em direção a certos comportamentos, pode ser o modo de funcionamento dessa classe de animais. Se verdadeira, esta hipótese poderia tornar mais compreensível o funcionamento do processo primário, entendendo-o como um aparelho de processamento de informações e de tomada de decisões filogeneticamente mais primitivo.

Outros autores parecem compartilhar da crença nessa possibilidade: “... ao estudar os afetos nos animais, Panksepp acha que no fundo está a estudar os fenômenos que se passam a nível do *Id*.” (Nava, 2003, p. 81). Segundo Solms (2004a, p. 61), “no nível profundo de organização mental que Freud chamou de *id*, a anatomia funcional e a química dos nossos cérebros não é muito diferente da dos nossos animais domésticos.” Andrade (2003, p. 87) parece ser da mesma opinião quando afirma que

... o processo primário foi o primeiro no processo evolutivo e que em algum período da trajetória evolutiva da espécie foi predominante (...) nossa espécie guarda traços genéticos de seus antepassados, nos quais o processo primário foi predominante, tendo o secundário surgido em estágio evolutivo posterior.

O processo primário se caracterizaria por uma disposição imediatista a sair do desprazer, num processo em que as imagens e o pensamento imagético

⁶⁷ “... se houvesse máquinas assim, que tivessem os órgãos e a figura de um macaco, ou de qualquer outro animal sem razão, não disporíamos de nenhum meio para reconhecer que elas não seriam em tudo da mesma natureza que esses animais...” (Descartes, 1983, p. 60).

⁶⁸ Relativas àquilo que Freud chamou de representação de coisa, ou seja, as representações relacionadas a imagens, em oposição à representação de palavra (ver Laplanche & Pontalis, 1991, p. 450-451).

... servem aqui como elementos condutores que guiam a pulsão da fonte à meta, quando esta já está disponível. No processo primário predominam as vivências, são fenômenos descritos por palavras alemãs mais próximas do corpo e evocam conotativamente imagens de sensações, algo diverso dos pensamentos propriamente ditos. (Hanns, 1999, p. 88).

De acordo com Hanns (idem), “o sujeito, neste estado, como se diz em alemão, ‘age no afeto’ (*im Affekt handeln*), isto é, está tomado por afetos e sem raciocinar.”

Na esfera psíquica do processo primário, a interligação se fará entre sensações de desprazer e prazer-alívio (por exemplo, fome-comer-saciação, ou vontade sexual-coito-gozo) e estabelece, portanto, seqüências que partem do desprazer e se dirigem ao prazer. (ibidem, p. 94).

Talvez não seja um salto de imaginação grande demais supor que cavalos e cachorros possuam uma mente ou consciência que funcione mais ou menos deste jeito⁶⁹: uma articulação de estados afetivos com imagens (percebidas, lembradas e imaginadas) que indiquem cursos de ação e objetos de desejo, sem espaço para lógica, ordenação no tempo ou raciocínio, na qual não está proibida a contradição. Evidências de estudos em animais revelam a existência de um processamento de informações que está baseado no manejo de representações. Segundo Bueno (1997, p. 167-168),

... um animal possui uma representação se ele puder utilizar uma informação que não está disponível no seu ambiente presente. Estudos mostram, neste sentido, que os animais podem formar representações de uma ampla faixa de eventos: campos magnéticos, pressão do ar, luz ultravioleta e polarizada, estímulos complexos visuais, auditivos, tons, cantos de pássaros, relações espaciais (de labirintos, de estrelas), tempo, número, categorias de estímulos, etc.

No mesmo sentido, Panksepp (1998, p. 31) relata experimentos mostrando que “... pombos podem gerar representações internas de estímulos visuais em movimento e podem usar estas representações para resolver problemas quando os estímulos visuais estão temporariamente fora do campo de visão”.

⁶⁹ Note-se que esta é uma especulação paralela ao eixo de discussão examinado. Freud parece não ter cogitado dessa possibilidade quando afirma: “É verdade que, até onde sabemos, não existe nenhum aparelho psíquico que possua apenas um processo primário e, nessa medida, tal aparelho é uma ficção teórica. Mas pelo menos isto é um fato: os processos primários acham-se presentes no aparelho anímico desde o princípio, ao passo que somente no decorrer da vida é que os processos secundários se desdobram e vêm inibir e sobrepor-se aos primários...” (Freud, 1900/1972, p. 642).

Note-se que não é necessário supor, para a presente discussão, a existência de uma consciência nos animais não-humanos. Pode haver um processamento cognitivo sem a mediação de um estado consciente e de um “ego”, mas, de qualquer modo, o mecanismo mencionado parece envolver algo que leve em conta os dados sensoriais (percebidos, lembrados e imaginados) e a influência da ativação de estruturas cerebrais relacionadas a estados afetivos. Ou seja, o que chamamos de “processo primário” pode ser algo que ocorra com ou sem a participação de uma consciência no organismo em questão.

Esse processo teria a vantagem evolutiva de constituir uma “edição” das informações colhidas pelos órgãos sensoriais, por meio do destaque de certas representações e diminuição da importância de outras, pela pressão na direção de determinadas opções de comportamento, pela mudança no estado de espírito com facilitação de certas tendências e inibição de outras. Por exemplo, se estou com fome, os objetos comestíveis que vejo, farejo ou imagino podem ir ganhando destaque progressivo na minha tela mental conforme essa fome cresce, bem como a pressão que me impele a quebrar uma determinação de dieta, por exemplo. Um objeto de desejo sexual pode se configurar de maneira tão intensa, a pessoa em questão se revestir de um brilho tão especial, e a minimização de outras considerações (morais, de alerta de risco de doença ou gravidez, de vergonha) ser tão completa, que acabo sendo levado a uma ação que não realizaria não fosse este estado de espírito especial ter tomado conta de mim. Num labirinto imaginário, é como se uma seta brilhante e atraente indicasse o caminho a ser seguido nas encruzilhadas, uma inteligência embutida em mim que torna tendenciosas as decisões, influenciando decisivamente na direção a ser tomada. Não haveria organização no tempo, contradição ou raciocínio porque esta consciência estaria vinculada basicamente ao aqui e agora, algo semelhante ao que Damásio (2000, p. 33-34) chama de “consciência central” e que ele concebe como sendo algo não exclusivamente humano. Um sistema desse tipo teria óbvias vantagens evolutivas, desde que estivesse calibrado no sentido de aumentar a chance de o animal fazer escolhas que aumentem as suas chances de sobrevivência e sucesso reprodutivo.

6.3.6 O PROCESSO SECUNDÁRIO

Até aqui, assistimos a uma mudança de funcionamento que parece corresponder, grosso modo, à passagem de um funcionamento basicamente estereotipado, a partir de reflexos inscritos no sistema nervoso ou de um aprendizado por tentativa e erro, para uma outra forma, na qual é feita uma avaliação do presente que leva em conta o passado

(memórias) e os futuros possíveis (projeção imaginativa), com base em imagens sensoriais de diversos tipos e estados afetivos moduladores. Essa passagem marca a

.. entrada das pulsões num patamar psíquico. Neste campo, as pulsões que acometem o aparelho psíquico continuam a fluir para a descarga, mas são guiadas por rotas de imagens e sensações. As ondas de estímulos pulsionais que invadem o aparelho correm por percursos não mais somáticos e predefinidos pela anatomia, mas pelas marcas deixadas pela experiência. (Hanns, 1999, p. 91).

O chamado processo secundário remeteria a um outro patamar, no qual

... as pulsões passam a assumir formas mais estáveis no âmbito representacional. Este aparelho não é mais um condutor que funciona através de associações de seqüências, mas que acumula, distribui e encaminha as cargas pulsionais a partir de um estoque de associações disponíveis com as quais ele opera segundo regras de raciocínio. (idem).

Serão agora “... as relações de sentido entre imagens e afetos que direcionarão o movimento. Em outras palavras, será o pensamento, o simbólico, a linguagem, a vontade como desejo que estarão em jogo. Haverá uma atenção que recorre à memória e uma volição que monitora as ações.” (ibidem, p. 91-92). Na descrição de Brenner, (2003, p. 1094), o processo secundário “opera em conformidade com as regras da lógica, tem uma atitude realista frente ao tempo e ao espaço, repudia a metonímia e funciona verbalmente no sentido comum do termo.” Mais uma vez, este conceito apresenta paralelo importante com formulações vindas do campo da ciência cognitiva:

Os animais não têm, segundo minha hipótese, a mente completa porque, embora possuam a capacidade de forjar sincronizações ou processamento mental em seus cérebros, falta-lhes consciência plena, linguagem desenvolvida (e com ela a ordem lógica do pensamento) e operações de vontade sobre o mundo. (Del Nero, 1997, p. 122).

Esse novo modo de funcionamento permite reconhecer contradições lógicas. As imagens sensoriais seriam mais estáveis e reevocáveis, pois “a maior abrangência e complexidade psíquica se dá inicialmente pela predominância da capacidade de retenção (ligação, *Bindung*) da energia pulsional.” (Hanns, 1999, p. 92). Ou seja, “o atamento (*Bindung*) da energia pulsional às idéias/imagens (*Vorstellungen*) possibilita (...) empreender no cotidiano as ações necessárias à suspensão das necessidades (obter alimento, amor, fugir de perigos externos, etc.).” (idem, p. 93). No processo secundário, as

... redes intermediadas pela palavra permitem conectar o desejo e as vias de satisfação pulsional culturalmente possíveis. No processo secundário formam-se equivalências simbólicas (por exemplo, apetite-opções gastronômicas-prazer de degustar uma iguaria, ou apetite-dieta-prazer de se imaginar esbelto ... (ibidem, p. 94).

Num comentário sobre o papel do Ego no processo secundário, articulando isto com a neurofisiologia, Nava (2003, p. 110) afirma que “a capacidade fundamental do ego não tinha tanto a ver com a consciência mas com a inibição. Freud considerou que esta capacidade para inibir as energias pulsionais é a base das funções executivas do Ego e corresponde ao processo secundário de pensamento.” De acordo com esta autora,

As regiões do cérebro responsáveis por este tipo de inibição são os quadrantes ântero-internos dos lobos frontais. De fato, a lesão bilateral desta região do cérebro dá origem a um estado mental compatível com as características descritas por Freud como sendo as específicas do sistema inconsciente. Estas características são: ausência de contradição mútua, processo primário (mobilidade de catéxis), ausência de noção de tempo e substituição da realidade externa pela realidade psíquica. (idem, p. 111).

Uma das características distintivas do processo secundário é que, “... quando acrescentadas de afetos e inseridas na cultura na forma de ‘desejos’, as ações pulsionais do sujeito podem se ressignificar e estar em franca contradição com a finalidade biológica da ‘necessidade’ que lhe serviu de matriz.” (Hanns, 1999, p. 95). Essa passagem é especialmente significativa, pois permite uma compreensão de fenômenos em que o ser humano difere significativamente de outros animais (ver capítulo 3, item 3.4). Estamos aqui próximos ao conceito de sublimação, onde uma meta pulsional “biológica” é substituída por outra que guarda com a primeira apenas uma relação simbólica.

Um estudo de Boysen (1997) pode ajudar a entender a importância dessa questão. Nele se mostra que chimpanzés são capazes de desempenhar tarefas envolvendo contagem, associação de quantidades com os numerais correspondentes e somas simples. Num dos experimentos, o sujeito deveria escolher entre duas bandejas com doces (sabidamente apreciados por ele), cada uma com quantidades diferentes (de zero a seis). Os doces da bandeja escolhida eram dados a um outro chimpanzé (o observador), ficando a bandeja remanescente com aquele que fez a escolha.

O resultado foi que os indivíduos testados escolhiam (acima do acaso) a bandeja com mais doces, apesar disso significar uma recompensa menor. Quando, ao invés dos doces, foram apresentados algarismos arábicos no mesmo desenho experimental, os resultados se inverteram, com o sujeito escolhendo o número menor. Segundo a autora, “em nossos estudos, os chimpanzés foram incapazes de selecionar o menor dos dois conjuntos de comidas de maneira a obter uma recompensa maior, mas foram capazes de fazê-lo se o estímulo de alimento tivesse sido substituído por símbolos de números.” (Boysen, 1997, p. 456). A hipótese levantada para explicar o ocorrido é que “... uma disposição, baseada num incentivo direto, em direção ao conjunto maior de comida, interfere com a disposição oposta oriunda de uma situação de reforço.” (idem). Ou seja, “os símbolos podem permitir que um organismo processe eficientemente essa informação selecionada (...) minimizando a interferência que pode ocorrer a partir de níveis mais baixos ou de disposições avaliativas mais primitivas.” (ibidem, p. 457).

Resultados semelhantes foram verificados em estudos com crianças humanas, “... que eram incapazes de inibir a tendência de aproximação de itens alimentares e foram capazes de responder mais adaptativamente quando o estímulo alimentar foi apresentado de modo mais abstrato, usando representações em diapositivos coloridos.” (ibidem).

A idéia aqui defendida é que os humanos, com sua função cognitiva grandemente desenvolvida, podem interpretar de maneira simbólica a realidade, num grau não alcançado por nenhum outro animal. Camadas e mais camadas de significado simbólico são atribuídas a cada objeto, pessoa, acontecimento. Isto se desenvolve até um ponto em que o significado simbólico de algo pode ser mais importante do que o aspecto concreto. Tal como os chimpanzés acima descritos, isso vai levar a uma resposta diferente, resultado de uma diferente apreensão do real. Só que num grau muito maior e mais abrangente.

Como Freud dizia, tudo é aquilo e outra coisa ao mesmo tempo. O ser humano freqüentemente opera a partir de significados, colocando em segundo plano os fatos do mundo "real". Certas determinações biológicas e tendências inatas passam por uma transformação simbólica. O uso intensivo de símbolos, com o conseqüente afastamento do direcionamento instintivo direto, pode talvez explicar a atração de muitos homens pelo sexo anal, tomada aqui como exemplo desse jeito humano de funcionar. Presumivelmente existe uma predisposição inata a evitar esse orifício quando do ato sexual, o que explicaria ser isto tão incomum nos diversos mamíferos, apesar da proximidade entre os genitais e o ânus. Dados da prática psicoterápica mostram a importância da simbolização superposta a este

desejo. Um refere que a atração pelo sexo anal se deve ao desejo de penetrar em todos os orifícios da companheira, um desejo de conhecer totalmente o objeto amado. Para outro, significaria um sinal de dominação e humilhação (sadismo) a que submete a mulher. Para um terceiro, pode ser ainda o meio de viabilizar a fantasia de que está copulando com um homem (homossexualidade). Para um quarto, poderia significar que está evitando o risco de engravidar, ou o risco de castração (fantasia da vagina dentada). Outro ainda poderia se atrair por este tipo de ato sexual pelo fato de associar inconscientemente o ato genital ao incesto proibido. Ou seja o significado simbólico atribuído ao ato parece ser muito mais importante do que a ação em si mesma⁷⁰. Um impulso agressivo pode ser canalizado construtivamente para uma profissão na qual é normal cortar pedaços das pessoas e fazer jorrar sangue, como a cirurgia. Um impulso para ser o macho alfa e aumentar o sucesso reprodutivo pode contribuir para levar um indivíduo a ser papa, posição de altíssimo prestígio porém de pouco valor para a geração de descendentes. Assim, é importante assinalar esse momento onde se encontra uma explicação biológica de como e por que o ser humano pode transcender sua própria biologia.

A idéia da existência de um processo secundário, nos termos descritos acima, permite entender como se dá a integração das diversas pulsões num aparelho psíquico capaz de raciocínio, abstração, lógica, ordenação no tempo, causalidade, planejamento. Ela nos mostra algo que parte de um fenômeno biológico – a geração de um processamento psíquico consciente como estratégia evolutiva, um recurso biológico/neuronal de sobrevivência e reprodução – e que, pela sua própria dinâmica, abre as portas para fenômenos de outra ordem (culturais e simbólicos) que interagem com os primeiros num processo complexo. Esse modelo deixa evidente o quanto os mais abstratos e elevados modos de funcionamento psíquico estão baseados em (e amalgamados com) processos mais primitivos que funcionam de maneira indissolúvel com os primeiros.

6.4 AS PULSÕES E O DESTINO DO CONCEITO DE PULSÕES

Concluindo este capítulo, é importante retomar o debate sobre o conceito de pulsão dentro da visão psicanalítica. O primeiro ponto que salta aos olhos é a diversidade de opiniões quanto a estes temas, o que, como tudo na vida, tem um lado bom e um lado ruim. O bom é que essa multiplicidade é enriquecedora, abre os horizontes, é quase que uma celebração da criatividade e da imaginação humanas. Haver idéias diferentes e, melhor

⁷⁰ Isso parece nos levar à conclusão curiosa de que, apesar dessa prática ser muitas vezes denominada de “bestial”, na verdade ela seria algo especificamente humano, que nos diferenciaria dos outros animais.

ainda, poder dialogar com pessoas que defendem pontos de vista díspares, é algo que aprimora os conceitos e permite uma sofisticação das teorias. Se estivessem todos de acordo entre si quanto às suas crenças, teríamos um panorama intelectual talvez tão entediante quanto uma orquestra composta só de violinos, ou um jardim só de margaridas.

Por outro lado, não é fácil lidar com a confusão resultante. Para lançar uma nova teoria não é preciso muito mais do que papel e caneta. Como diz Quintana, “Uma página em branco é a virgindade mais desamparada que existe. Só por isso é que abusam tanto dela, que fazem tudo dela...” Em outras palavras, a imaginação humana é capaz de conceber infinitas possibilidades de explicar o mesmo conjunto de fatos, e aos incautos muitas vezes basta que isso esteja impresso em letra de forma para ganhar uma certa credibilidade. Assim, as concepções se multiplicam e há um componente de caos que pode ser paralisante nessa profusão de possibilidades. Pode decorrer daí um anseio por limitar, delimitar, clarear os conceitos, definir uma abordagem.

No território das pulsões isso é ainda mais evidente, dada a polissemia do termo *Trieb* (ver item 6.1). A variedade de sentidos é um salvo conduto para que se conceitue pulsão de muitas maneiras diferentes, a maioria delas interessante. Assim, apesar do presente trabalho estar focalizado nas idéias de Freud e Reich, pode ser importante observar a produção de outros autores. Não com o sentido de realizar uma análise crítica e profunda de suas idéias em comparação com as expostas anteriormente, mas com o propósito de aclarar o eixo de pensamento que estamos adotando. Seria, então, mais um contraste esclarecedor do que uma exegese.

Por exemplo, para Garcia-Roza (1997, p. 127, “a pulsão ocupa um outro lugar, situado além da ordem e da lei, além do inconsciente e da rede de significantes, além do princípio de prazer e do princípio de realidade, além da linguagem: é o lugar do acaso.” Este autor frisa “... que não se trata aqui da distinção entre o pré-consciente/consciente e o inconsciente, mas de uma outra, mais radical, entre o aparato anímico (que abarca o Ics e o Pcs/Cs) e as pulsões.” (idem, p. 128). Esta seria uma postura crítica à interpretação biologizante da psicanálise: “a redução da pulsão ao biológico foi um dos mais lamentáveis desvios impostos à teoria psicanalítica” (ibidem, p. 9).

Para ele, a pulsão de morte seria preponderantemente criativa e não destrutiva: “enquanto a pulsão sexual é conservadora, pois além de constituir uniões tende a mantê-las, a pulsão de morte é renovadora. Ao colocar em causa tudo o que existe, ela é potência criadora” (ibidem, p. 134). Assim, a pulsão de morte “é, portanto, criadora e não

conservadora, posto que impõe novos começos ao invés de reproduzir o ‘mesmo’. A verdadeira morte – a morte do desejo, da diferença – sobrevém por efeito de Eros e não da pulsão de morte.” (ibidem, p. 137). Como consequência, “o verdadeiro conservadorismo não é pois o da pulsão de morte e sim o da pulsão sexual (...) a pulsão de morte teria então por meta superar a monotonia sem fim da pulsão sexual enquanto reprodutora do ‘mesmo’.” (ibidem, p. 150).

Vemos aqui uma reviravolta na concepção tradicional sobre a pulsão de morte que parece abrir horizontes, indicar caminhos, faz pensar sob um prisma diferente em relação a diversos aspectos da existência humana e do trabalho analítico.

Outro texto que aborda a questão da pulsão de morte é “Pulsão e Inconsciente”, de Noga Wine. Aponta-se aí a importância das idéias de Hegel, no sentido de que “a negatividade é o fundamento da dialética hegeliana (...) e é a associação desta noção com a idéia de morte que importa ao se pensar a pulsão negadora enquanto pulsão de morte.” (Wine, 1992, p. 99). Essa visão apontaria para um novo estatuto ontológico da negação, onde a potência suprema do entendimento “... é associada ao fato da morte enquanto finitude e limite; ao ser consciente da sua morte, o homem torna-se livre para ser uma singularidade.” (ibidem, p. 100).

Para a autora, “essa é uma grande inovação, que se confronta com a filosofia de Platão. Platão retoma a famosa frase de Parmênides – ‘O Ser é, o não-ser não é’ – e nega qualquer estatuto ontológico ao ‘Não’.” (ibidem, p. 101). A filosofia de Hegel subverteria essa concepção através do conceito de *Aufhebung*, que seria “... a positividade do negativo, no próprio movimento da sua realização, que é o devir que ele engendra.” (ibidem). O entendimento, a potência suprema, manifesta-se pela separação que efetua: “Só separando os elementos da totalidade é que o homem pode progredir, no sentido de revelar essa totalidade. Para Hegel, essa força que separa é uma força milagrosa. Pode-se aproximá-la da pulsão de morte...” (ibidem, p. 103). Isto permitiria uma conexão com aspectos importantes da psicanálise:

Em seu artigo sobre a denegação, *Die Verneinung* (1925), Freud diz que é por obra da negação que a função intelectual se destaca do processo afetivo. Ele acha que essa negação é sucessora da expulsão de algo para fora do eu e que essa operação é obra da pulsão de morte. (ibidem, p. 96).

Assim, Wine afirma que a satisfação do “... desejo faz com que venha a se extinguir, junto com o desejo, a própria consciência de si, cuja essência é esse desejo.” (p. 113). É

feita ainda uma distinção entre pulsão e instinto: “se o instinto enquanto saber organizado é vida mantida pelo domínio do princípio do prazer, a pulsão, em contrapartida, que está fora desse domínio e vem abalá-lo, é, então, de morte.” (ibidem, p. 153).

Laplanche também propõe um modo diferente de conceber as pulsões. Ele fala em “funções de autoconservação”, propondo que seja negado a estas a denominação de pulsão: “opomos a autoconservação, sob o carro chefe das grandes funções visando a homeostase do organismo, à sexualidade, somente para a qual vale plenamente a descrição proposta em ‘Pulsões e destinos das pulsões’.” (Laplanche, 1988, p. 21).

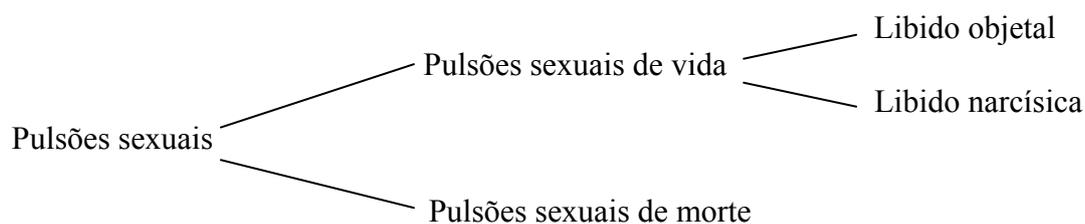


Figura 4 - Esquema dos tipos de pulsão (Laplanche, 1988, p. 20).

Segundo ele, “a autoconservação não é parte interessada no conflito psíquico. Ela não é recalcada (...) Somente a sexualidade é objeto do recalque...” (idem). Em seu enfoque, a pulsão de morte seria um tipo de pulsão sexual (ver Figura 4). Isso viria resolver uma aparente contradição da teoria original, dado que Freud teria negado a existência de uma “... energia própria às pulsões de morte (...) o dualismo pulsional deveria, portanto, ser conciliado com um monismo energético.” (ibidem, p. 24). A pulsão de morte representaria a sexualidade em “...seu aspecto demoníaco, sujeito ao processo primário e à compulsão à repetição.” (ibidem, p. 23).

Schmidt-Hellerau (2002) contesta a formulação de Laplanche e a exclusão feita por ele das pulsões do ego do âmbito da metapsicologia, propondo que o conflito pulsional básico seria entre as pulsões sexuais e as pulsões de autopreservação. Segundo ela, “... na linha de prolongamento da pulsão de autopreservação eu reinseri a pulsão de morte, tal como Freud tentou fazer por um momento quando ele formulou a ‘oposição entre as pulsões de morte ou do ego e as pulsões de vida ou sexuais’ (1920 ...” (Schmidt-Hellerau, 2002, p. 1272). A pulsão de morte, em sua concepção, seria dirigida para dentro, para o sujeito, não estando relacionada à agressão. Haveria um dualismo energético, inclusive, com a proposição de denominações diferentes: haveria a “... tendência libidinal (que corresponde à

pulsão sexual ou de vida)...” (idem, p. 1274-1275), e a “... tendência lética (correspondente à pulsão de autopreservação ou de morte)...” (ibidem).

Tais exemplos confirmam a multiplicidade de concepções instigantes e atraentes que cerca este campo. Frente a isso, é preciso tomar alguma posição, mesmo que provisória, para que se possa sair da paralisia. Às vezes são atribuídos nomes diferentes para a mesma coisa. Nesse caso não há tanta confusão, pois, como versa a famosa frase, “aquilo que chamamos rosa, com outro nome qualquer teria o mesmo doce perfume⁷¹.” Mas aqui, ao contrário, o mesmo nome (pulsão) é dado a coisas diferentes, o que talvez seja uma das grandes fontes de confusão: a palavra é a mesma, mas cada autor está falando de algo distinto e, como decorrência, é quase impossível chegar a um consenso.

Queremos apresentar nossa visão, sem pretender que ela seja superior às demais, ou que deva substituí-las. É um ponto de partida, como se estivéssemos lançando um novo produto (que talvez nem seja tão novo assim!), entrando na disputa por uma participação no mercado de idéias. O tempo e o debate dirão se ela merece existir e, eventualmente, evoluir e se disseminar.

Em nossa concepção, o termo pulsão designaria estritamente aquilo que ocorre na passagem do somático para o mental, nos termos descritos no presente capítulo. Seria uma teoria relativa aos processos que fazem com que um estímulo físico chegue a ser representado psiquicamente. Tudo que acontece no organismo dos viventes que não tenha a ver com a instância psíquica seria algo entregue aos cuidados da biologia, em suas diversas vertentes (biologia molecular, etologia, neurociência etc.). A teoria aqui proposta diria respeito apenas à interface entre a biologia e a psicologia, devendo estar articulada tanto aos aspectos objetivos quanto aos subjetivos. Espera-se que, a partir da contribuição da neurociência, seja possível num futuro próximo conhecer-se quais e quantas são as pulsões, como se dá a sua transformação em representações e determinar o papel dos estados afetivos nesse processo. Não caberia, nesta formulação, falar em pulsão de morte, pelos motivos discutidos ao longo deste trabalho. A pulsão de vida seria uma denominação supérflua, na medida em que todas as pulsões seriam de vida, todas elas entendidas como manifestações de Eros.

Quanto ao número de pulsões básicas ou primárias, isto dependeria basicamente da pesquisa neurocientífica. Segundo Solms (2004c, p. 17), além das pulsões fundamentais

⁷¹ *That which we call a rose by any other name would smell as sweet.* Em *Romeu e Julieta* (Shakespeare, 1989, p. 912).

propostas por Freud, “o que descobrimos com a neurociência é que há pelo menos outros três impulsos, provavelmente cinco, talvez até seis.”

Em sua essência, a visão aqui proposta tem seu fundamento nas concepções metapsicológicas de Freud antes de 1920, sendo compatível com a neurociência e com as formulações de Reich naquilo em que ele preserva suas raízes psicanalíticas. Entretanto, dado o progresso do conhecimento nas últimas décadas, diversas correções, adaptações e reformulações necessitam ser feitas em relação às idéias desses autores, para que se possa aproveitar a genialidade de seus *insights* em um quadro de referência atualizado.

As formulações diferentes sobre as pulsões – aqui incluindo os autores mencionados acima, as idéias de Freud depois de 1920 e tantos outros autores – não são de maneira alguma desprezíveis ou descartáveis. Consideramos valiosas e importantes tais propostas, mas pouco compatíveis com as nossas idéias sobre o que é uma pulsão. Nesse sentido, descortina-se um trabalho necessário de busca e de diálogo para se possa aproveitar o que há de bom nas abordagens citadas, criando possibilidades e alternativas teóricas que dêem conta dessa tarefa.

Eu penso que encontrei por fim
o elo perdido entre os animais
e o homem civilizado.
Somos nós.

Konrad Lorenz

Quem acreditou que Deus era amor de fato
E o amor a lei final da Criação –
Embora a Natureza, vermelha em dente e garra
Com rapina, guinchasse contra seu credo⁷² –

Alfred, Lord Tennyson

CAPÍTULO 7 – PULSÃO DE MORTE E AGRESSÃO

Freud (1930/1974, p. 141) refere a existência de uma pulsão de morte nos seres humanos, que poderia ser “... desviada no sentido do mundo externo e vem à luz como um instinto de agressividade e destrutividade (...) qualquer restrição dessa agressividade dirigida para fora estaria fadada a aumentar a autodestruição.” Nosso objetivo neste capítulo será verificar se a tese freudiana encontra apoio na biologia quanto às concepções sobre a agressão e autodestruição nos seres vivos. Quatro perguntas básicas nos nortearão:

a) Podemos encontrar sinais de autodestruição ou busca de sofrimento (masoquismo primário) em outros seres vivos além dos humanos?

b) A agressão é realmente derivada da deflexão para fora de uma pulsão que tenta conduzir o organismo de volta ao inorgânico?

c) É verdade que a inibição ou contenção da agressividade voltada para o exterior aumenta inevitavelmente a agressão interna?

d) A agressão animal pode ser descrita segundo o modelo pulsional válido para a fome, a sede e o sexo? Ou seja, a agressão é uma pulsão?

7.1 AUTO-AGRESSÃO E SUICÍDIO

7.1.1 O SUICÍDIO ALTRUÍSTA

Entre humanos, ocorrem por ano cerca de um milhão de suicídios e dez milhões de tentativas de suicídio no mundo (Mann, 2003). Se o comportamento de causar dano a si mesmo está relacionado a uma tendência autodestrutiva inata, comum a todos os viventes, deveríamos esperar que a ocorrência de suicídio entre organismos vivos fosse significativa. As bactérias se suicidariam, as plantas, fungos e animais também deveriam estar sujeitos a esse tipo de desequilíbrio eventual entre Eros e Tanatos.

⁷² No original: *Who trusted God was love indeed/ And love Creation's final law--/ Tho' Nature, red in tooth and claw/ With ravine, shriek'd against his creed--*

Uma ressalva se faz necessária quanto ao que se entende por suicídio. Segundo o conceito clássico de Durkheim, enunciado no século XIX, "chama-se suicídio todo caso de morte que resulte direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo, praticado pela própria vítima, sabedora de que devia produzir esse resultado." (Durkheim, 1971, p. 14). Definições atuais preservam a mesma essência: "Comportamento suicida é aquele referente à ocorrência de atos que provocam dano a si mesmo e que têm como finalidade por um fim à própria vida." (Mann, 2003, p. 819). Se entendermos tais definições em sentido estrito, não haveria sentido em aplicá-las aos animais não-humanos, dado que, ao que parece, estes não têm capacidade cognitiva para entender a morte e não podem, portanto, deliberadamente colocar um fim à sua própria vida.

Só podemos analisar aqui relatos de comportamentos que pareçam tender para a morte, o que coloca uma questão importante: como distinguir uma tendência para a morte (pulsão autodestrutiva) de distúrbios ou limitações na auto-regulação? Dada a variabilidade entre os organismos, uma parte dos mesmos apresentará tendências não-adaptativas, obviamente. Se ocorrem, por exemplo, defeitos congênitos, morte infantil por leucemia, a não percepção da chegada de um predador, parece mais simples entender tudo isso como o lado "perdedor" na luta pela sobrevivência. Pela própria definição de seleção natural, alguns organismos e genes não produzirão descendentes, por exibirem características que diminuem suas chances em relação a outros. Portanto, ficaria estranho dizer que os não selecionados possuem dentro de si um anseio pela morte. Talvez seja mais apropriado dizer que, na zebra que foi pega pelo leão, a pulsão de vida dela não foi tão eficaz quanto a pulsão de vida dele.

O suicídio altruísta humano é altamente valorizado em nossa cultura. Medalhas e honrarias são dadas a soldados que se sacrificaram nos campos de batalha, a Igreja celebra seus mártires. Entretanto, não parece ser essa a norma entre outros vertebrados. Wilson afirma que "... é somente entre os animais inferiores, e nos insetos sociais em particular, que encontramos o suicídio altruístico comparável ao do homem. Muitos membros das colônias de formigas, abelhas e vespas estão prontos a defender seus ninhos com ataques alucinados contra intrusos." (Wilson, 1981, p. 151).

Segundo ele, as abelhas possuem ferrões com ponta em forma de anzol, que engancham na pele do animal atacado, "... e quando a abelha se afasta o ferrão permanece firmemente introduzido, arrancando toda a glândula de veneno e boa parte das vísceras com ela." (idem). A abelha logo morre, mas o veneno continua a ser instilado e o odor

desprendido atrai outras abelhas para atacar o mesmo local. Como o animal altruísta que morre deixa de produzir descendentes, isso parece ir contra o mecanismo de seleção natural. Porém, de acordo com esse autor,

A seleção natural engloba a seleção de parentesco. O soldado térmita que se sacrifica protege o resto da colônia, inclusive a rainha e o rei, seus pais. Conseqüentemente, seus irmãos e irmãs mais férteis prosperam, e através deles os genes altruísticos são multiplicados por meio de uma produção maior de sobrinhos e sobrinhas. (ibidem, p. 152-153).

Um exemplo extremo disso é encontrado em algumas espécies de aranha. O cuidado materno é algo um tanto raro entre aranhas, mas algumas espécies desenvolveram uma forma bastante peculiar dessa característica, "... que evoluiu em pelo menos seis famílias de aranhas e consiste da própria mãe ser comida pelos seus filhotes. Essa 'matrifagia' pode ser facultativa ou obrigatória." (Kim, Roland & Horel, 2000, p. 730).

Esses autores estudaram o valor adaptativo da matrifagia na espécie *Amaurobius ferox*. Nessa espécie, depois de 20 dias de incubação, emergem de 60 a 130 filhotes. Dentro de 4 a 6 dias, a mãe é devorada pelos filhotes sem opor resistência alguma. Se a ninhada for retirada, algumas aranhas (cerca de 1/3) conseguem produzir um novo conjunto de ovos fecundados. Os resultados do estudo mostraram que o número médio de filhotes sobreviventes foi maior (82) quando a mãe se deixou devorar do que quando gerou uma segunda ninhada (75). Segundo os autores, essa aranha "... maximiza o número total de descendentes por meio dessa forma extrema de altruísmo." (idem, p. 740).

Em outras espécies, "... os filhotes, dia após dia, obtêm pequenas quantidades de hemolinfa a partir das articulações das pernas da mãe, até o dia em que ela por fim morre e é completamente consumida." (ibidem, p. 738). Esses relatos parecem saídos das páginas de um zoólogo kleiniano⁷³ delirante. Em *Stegodyphus lineatus*, outra espécie em que ocorre matrifagia, acontece de machos cometerem infanticídio como forma de liberar a fêmea para ser fecundada e produzir nova ninhada, e as fêmeas defendem agressivamente seus ovos contra o ataque dos machos (Schneider & Lubin, 1997). Ou seja, elas preferem morrer pelo bem dos filhos em vez de ter sexo com um novo parceiro. Nem em novelas mexicanas encontramos mães assim tão devotadas!

⁷³ Melanie Klein (1996, p. 251) diz sobre o primeiro ano de vida: "o sadismo atinge seu auge nesta fase, que é introduzida pelo desejo sádico-oral de devorar o seio da mãe (ou a própria mãe) e se encerra com o início do estágio anal. No período a que me refiro, o principal objetivo do indivíduo é se apossar do conteúdo do corpo da mãe e destruí-la com todas as armas ao alcance do sadismo."

O que se percebe nessas aranhas é que o “suicídio” resulta em maior sucesso reprodutivo, sendo assim uma tendência a favor da vida e não algo contra ela, confirmando a tese da seleção por parentesco. Não parece haver nada aqui semelhante à pulsão de morte, e sim uma estratégia que é adaptativa e que evoluiu a partir da seleção natural.

Parece não existir comprovação, entre animais não-humanos, de outras formas de suicídio além do altruísta, explicável dentro da teoria evolucionista. Os estudos sobre suicídio em humanos indicam a existência de diversos outros tipos, como o suicídio egoísta, anômico, sansônico ou tópico (Poz, 2000). Isso apóia conclusões como a de que “o suicídio não está vinculado à condição de animalidade do homem, e sim à especificidade de sua consciência no mundo⁷⁴.” Minayo (1998, p. 143) parece concordar com essa opinião: “segundo vários estudiosos, o ato de atentar contra a própria vida acontece *pari passu* à emergência da consciência, sendo, portanto, um fenômeno que acompanha a própria história da humanidade.” Isso aponta para a possibilidade de os fenômenos autodestrutivos humanos necessitarem de explicações que nos levariam a um território diferente daquele da biologia que partilhamos com os demais seres vivos.

7.1.2 O MITO DO SUICÍDIO EM ESCORPIÕES, LEMINGUES E CETÁCEOS

Existem muitas lendas na cultura popular sobre a existência de suicídio entre animais. Porém, quando se examina a literatura científica, surge um outro quadro: “Segundo a lenda, os escorpiões cometem suicídio ferroando a si próprios. Entretanto, contrariamente a essa opinião popular, tem sido relatado que eles são resistentes ao poderoso veneno que utilizam para imobilizar suas presas.” (Legros, Martin-Eauclaire & Cattaert, 1998, p. 2625). Esses autores realizaram experimento para verificar tal hipótese, estudando a condução nervosa e muscular em escorpiões e crustáceos:

Este estudo demonstrou que os venenos escorpiônicos de *A[ndroctonus] australis* e *T[itius] serrulatus*, e algumas das principais toxinas purificadas a partir deles (...) não tiveram quase nenhum efeito sobre os canais de íons dos escorpiões (...) estes resultados preliminares sugerem que o escorpião é muito resistente a seu próprio veneno. (idem, p. 2632).

Estudos com escorpiões de outra espécie (*Buthus martensi*) obtiveram resultado semelhante (Terakawa et al., 1989), o que parece indicar ser esta a norma nesse tipo de animal. Isso vai contra a crença de que eles possam suicidar-se com seu próprio veneno.

⁷⁴ Antonio Bentue, citado em <http://www.biocienciaenlinea.cl/nro1/contribuciones/suicidio.htm>.

Segundo uma história que provavelmente a maioria das pessoas já ouviu ser contada, os lemingues seriam pequenos roedores (semelhantes a hamsters) da região do Ártico que periodicamente se suicidariam em massa. Diz a lenda que a população iria crescendo gradualmente, até um ponto de superpopulação onde seria disparado algum mecanismo instintivo que faria com que a multidão de lemingues corresse para a costa e se atirasse cegamente ao mar, morrendo em massa e solucionando de maneira radical a excessiva densidade demográfica. Esse ciclo se repetiria sucessivamente.

Conforme resenha de Marschall (1996) sobre o livro de Dennis Clitty, “*Do Lemings Commit Suicide?*”, os fatos parecem desmentir essas versões antigas. Estudos mais apurados revelam que às vezes podem ser encontrados grupos de lemingues à beira-mar, mas não há nenhuma evidência de que algum deles se atire espontaneamente ao oceano. Num comentário curioso sobre a destrutividade (humana), Marschall refere que

... além disso, tais explosões populacionais são tão pouco usuais que, quando Walt Disney necessitou de uma migração de lemingues para seu curta-metragem de 1958, *White Wilderness*, ele teve de pagar a crianças esquimós para coletar animais em número suficiente para uma cena de multidão. Mais tarde, quando as pequenas criaturas se recusaram a mergulhar na água no momento certo, a própria equipe de filmagem os jogou no mar. Assim se fazem as lendas. (Marschall, 1996, p. 40).

A existência de suicídio em baleias e golfinhos é muitas vezes uma hipótese levantada quando se relatam casos em que esses animais encalham nas praias e acabam morrendo. Mas outras hipóteses parecem mais plausíveis, segundo artigo que relata incidente em que 16 baleias encalharam em praias das Bahamas logo após a passagem pelo local de navios da Marinha dos EUA. Pelo menos seis baleias morreram e as “autópsias dos animais revelaram hemorragia em torno do ouvido interno e, em um caso, também no cérebro.” (Schrope, 2002, p. 106). Um relatório da investigação sobre o caso, realizada pela Marinha americana, “... concluiu que a hemorragia tinha sido causada pelas ondas sonoras produzidas pelo sonar de alta intensidade.” (idem). Isso explicaria a desorientação destes animais. Em outro artigo, são discutidas possíveis causas do encalhamento de cetáceos: doenças, ferimentos, envenenamento, desorientação devido a tempestades ou poluição, parasitas internos etc. Segundo o autor, “a maioria dos cientistas mostra ceticismo, entretanto, em relação a outra teoria, que estigmatiza os mamíferos marinhos encalhados como suicidas.” (Malakoff, 2001, p. 1755).

7.1.3 AUTO-AGRESSÃO

Existem diversos relatos de auto-agressão em animais (Novak, 2003; Yeruham & Hadani, 2003). Segundo Schroeder et al. (2001, p. 3), “resultados ao longo da última década, especialmente novas descobertas desde 1995, têm dado ênfase à SIB [*Self-Injurious Behavior*] como uma área de interesse científico rapidamente crescente, tanto na pesquisa básica quanto aplicada.” Estudos têm mostrado que esta é uma condição presente essencialmente em condições não-naturais, nas quais a auto-regulação comportamental e afetiva foi prejudicada pela inserção em um ambiente não correspondente àquele para o qual esses mecanismos são adaptativos. Um exemplo é citado por Tiefenbach (2000) em estudo sobre macacos rhesus usados em pesquisas: aqueles que causaram mutilações a si mesmos haviam passado por condições não usuais, como terem sido separados de suas mães ao nascer e criados em condições de privação social severa.

Outro exemplo de como se pode desencadear comportamentos aberrantes é encontrado no relato de McFarland (1982) sobre um tipo de mangusto⁷⁵ que apresenta comportamento inato de proteção da comida contra rivais, rosnando e atacando quando recebe comida. Quando criados sem contato com co-específicos desde o nascimento, com frequência atacam uma parte do próprio corpo (em geral a cauda) como se fosse o “rival”.

Cabe aqui discutir também a idéia de que a auto-agressão aumentaria caso essa tendência não fosse defletida para fora, sob a forma de agressividade e destrutividade voltadas para objetos externos. Como ressalta Fromm (1979, p 40), “conseqüentemente, devia-se registrar maior índice de doenças ou de morte prematura nos animais menos agressivos em direção exterior e vice-versa; mas, é claro, não existem dados que apóiem essa idéia.” Em estudo com macacos rhesus, procurou-se “... testar a hipótese de que o SIB é uma forma de agressão redirigida e determinar se o SIB está diretamente relacionado com a agressão dirigida para fora.” (Lutz et al., 2003, p. 38). Concluiu-se que as mordidas em si mesmo não estiveram associadas com o grau de agressão dirigida para fora.

Seria difícil explicar também por que as plantas, que com poucas exceções não têm como agredir ou preda outros seres vivos, não exibem de modo mais evidente essa tendência autodestrutiva. Pelo contrário, entre elas estão alguns dos organismos mais longevos. Isso parece tornar difícil a inclusão do reino vegetal na idéia de uma pulsão de morte que seria algo aplicável a todos os viventes.

⁷⁵ Mamífero da ordem Carnívora (família Viverridae), parecido com um furão e que caça e come serpentes.

7.2 AGRESSÃO E ETOLOGIA

O primeiro autor a ser examinado aqui é Konrad Lorenz, considerado um dos fundadores da Etologia (Garcia & Otta, 2002). Ele escreveu na década de 1960 um livro sobre a agressão no homem e nos animais que, apesar de conter muitas idéias já superadas, ainda hoje influencia a opinião pública. Assume uma importância nesta discussão porque, apesar de não aceitar a idéia da pulsão de morte, concorda com Freud em certos pontos.

Lorenz (1992, p. 59) afirma que “a agressão intra-específica, longe de ser um princípio diabólico, destruidor, como a psicanálise nos quer levar a crer, é indubitavelmente uma parte essencial da organização dos instintos em vista da proteção da vida.” Ele concorda com Freud, porém, ao afirmar que a agressividade busca realização e que, conforme o tempo passa, o organismo iria entrando num estado de apetência (busca de estímulos que disparem o instinto), chegando a deflagrar o instinto mesmo sem estímulo nenhum. Em estudo com peixes ciclídeos, o macho ataca mortalmente sua companheira se não tiver outro peixe da mesma espécie em quem descarregar sua agressividade. Segundo Lorenz, “pode verificar-se coisa muito parecida nos seres humanos.” (ibidem, p. 68). Para ele (ibidem, p. 63), “... é a espontaneidade desse instinto que o torna tão temível. Se ele fosse apenas uma reação contra certos fatores exteriores, como pretendem numerosos sociólogos e psicólogos, a situação da humanidade não seria tão perigosa como é.” Assim,

É mais que provável que os efeitos nocivos das pulsões agressivas do homem, que Freud queria explicar por uma pulsão de morte específica, provenham muito simplesmente do fato de que a pressão da seleção intra-específica fez evoluir no homem, na mais recuada das épocas, uma quantidade de pulsões agressivas para as quais ele não encontra escape adequado na sociedade atual. (ibidem, p. 253).

Muitos autores questionam tais concepções:

Lorenz, um proeminente homem de estudos no campo do comportamento animal e particularmente um estudioso de peixes e pássaros, decidiu aventurar-se num setor em que tinha pouca experiência ou capacitação, o campo do comportamento humano. Embora repudiado pela maioria dos psicólogos e neurocientistas, *On Agression* tornou-se um sucesso de livraria e provocou profunda impressão nas mentes de um vasto setor da comunidade culta. (Fromm, 1979, p. 21-22).

Segundo Archer,

... hoje em dia é amplamente reconhecido que Lorenz infelizmente enganou-se quanto à natureza das forças seletivas que moldaram a agressão no reino animal. Ele também deturpou a sua base motivacional, vendo a agressão como um ‘apetite’, um impulso que se acumulava espontaneamente. (1988, p. ix). A evidência empírica indica que o ponto de vista de Lorenz é incorreto. Além disso, se a agressão fosse controlada de um modo apetitivo, isto faria pouco sentido do ponto de vista funcional, pois ocorreria em resposta a eventos internos não relacionados à presença de um oponente ou uma provocação. (idem, p. 3).

Wilson, comentando sobre a tese de Freud e Lorenz de que a agressividade seria resultado de um impulso que constantemente procura liberação, afirma: “essas interpretações estão essencialmente erradas.” (Wilson, 1981, p. 101). Goldstein (1991) e Montagu (1978) também citam diversos estudos em animais que mostram evidências contrárias à teoria de um impulso agressivo que necessita de descarga.

McFarland (1982) acredita que esses padrões não se excluem mutuamente. Segundo ele, a ocorrência dos mesmos varia segundo a ecologia à qual o organismo está ligado. Por exemplo, peixes territoriais que vivem em corais (*Pomacentridae*), para os quais a defesa de território é questão de vida ou morte, parecem constituir uma exceção. Eles apresentam um padrão de agressividade espontânea, que aumenta quando isolados, chegando a ponto de agredirem objetos suspensos na água.

Conforme Wilson (1981, p. 103), “... se da agressão não advém nenhuma vantagem, é improvável que ela seja codificada pela seleção natural no repertório de comportamento inato da espécie.” Ou seja, a agressividade, tal como diversos estados emocionais, deve estar sujeita a controles para que cumpra seu papel. Como veremos, a agressão em mamíferos é altamente modulada, apresentando mecanismos sofisticados de inibição que dependem de funções cognitivas desenvolvidas. Em outras palavras, esses animais seriam inteligentes demais para desperdiçar energia ou arriscar-se em lutas vãs.

Existiriam diferentes tipos de agressão. Segundo Lorenz (1992), o comportamento do predador não seria propriamente uma agressão⁷⁶. Um outro tipo de luta ocorre quando um grupo de presas se une para atacar o predador, um fenômeno chamado de *mobbing*, em

⁷⁶ Esta posição é compartilhada pela grande maioria dos autores atuais. Huntingford (1991, p. 25), por exemplo, comenta que “... não há uma associação necessária entre caça e agressão. Assim, muitos carnívoros levam vidas pacíficas, enquanto herbívoros como as ovelhas montanhesas estão entre os animais mais agressivos no que diz respeito a lutar contra rivais da mesma espécie.”

que grupos de gansos perseguem raposas e zebras podem importunar um leopardo na savana. Um terceiro tipo seria ainda a reação do animal acuado, a coragem do desespero. Também Wilson vê a agressão como algo multifacetado:

Como tantas outras formas de comportamento e de ‘instinto’, a agressão em qualquer espécie é na realidade um conjunto mal definido de respostas diferentes com controles separados no sistema nervoso. Nada menos que sete categorias podem ser distinguidas: a defesa e a conquista de território, a afirmação de dominância nos grupos bem organizados, a agressão sexual, os atos de hostilidade pelos quais o desmame é completado, a agressão contra as presas, os contra-ataques defensivos contra predadores e a agressão moralista e disciplinar usada para fazer cumprir as regras da sociedade (...) nenhuma das categorias de comportamento agressivo existe sob a forma de um instinto geral abrangendo inúmeros grupos ou espécies. Cada categoria pode ser acrescentada, modificada ou eliminada por uma espécie no decorrer de sua evolução genética. (Wilson, 1981, p. 101-102).

A visão da agressividade como um fenômeno múltiplo e variado é defendida por muitos autores (Archer, 1988; Montagu, 1978; Nelson & Chiavegato, 2001; Panksepp, 1998), os quais enfatizam as diferenças neurológicas e comportamentais entre os tipos. Segundo McFarland (1982, p. 10), “o conjunto de padrões de comportamento ao qual chamamos agressão foi provavelmente desenvolvido independentemente em diferentes grupos animais, com diferentes nichos e diferentes fisiologias, em épocas diferentes ao longo da evolução.” Esse tipo de abordagem parece concordar com a visão reichiana (ver capítulo 2), da agressividade como um fenômeno multiforme e não algo explicável por um único mecanismo (deflexão para o exterior de uma pulsão autodestrutiva).

Um tema recorrente é a relação entre agressividade e densidade populacional. Para Wilson (1981, p. 103), “a maioria dos tipos de comportamento agressivo entre membros da mesma espécie decorre de um excesso de indivíduos no ambiente”. Mesmo animais muito simples, como certo tipo de anêmonas solitárias (*Actínia equina*), podem reagir à intrusão:

Anêmonas, que estavam firmemente fixadas a um substrato, foram movidas em direção a uma outra até que seus tentáculos se tocaram; este contato tátil resultou numa resposta agressiva na maioria dos casos. Distinguiram-se claramente vencedores e perdedores nessas disputas, e o perdedor tornava-se inteira ou parcialmente fechado ou podia se desligar de seu substrato. (Archer, 1988, p. 19).

A partir da década de 1960, alguns estudos com animais (especialmente ratos) mostraram que uma população excessiva leva a comportamentos agressivos contra os da mesma espécie, mesmo com abundância de comida. Isso foi logo visto por diversos estudiosos como uma explicação para a violência nas grandes cidades. Entretanto, o acúmulo de evidências científicas mais recentes aponta para o fato de que os humanos e diversos outros primatas possuem uma grande capacidade de lidar com situações de alta densidade demográfica sem que isso leve à agressão. Segundo de Waal, Aureli e Judge (2000, p. 59), “nossa pesquisa levou-nos à conclusão de que viemos de uma longa linhagem de animais sociais capazes de se ajustar com flexibilidade a todos os tipos de condições, inclusive as não naturais como ruas urbanas e celas de prisão.”

7.3 AGRESSÃO E SELEÇÃO NATURAL

7.3.1 AGRESSÃO E EMOÇÃO

Segundo Archer (1988, p. ix), “o comportamento agressivo é uma solução difundida entre os animais para resolver problemas de autopreservação, proteção dos jovens e competição por recursos.” Para Michaud (1989, p. 74), “há efetivamente um instinto de agressão. Como vimos, tal instinto tem funções positivas na adaptação e na evolução da espécie (...) é um instinto de vida que organiza as relações dos seres vivos através de seus confrontos.” De acordo com Masson e McCarthy (2001, p. 172), “o animal agressivo obtém mais alimento para comer, mantém seus descendentes mais a salvo, tem melhor chance de se acasalar ou enfrenta menos competição; tudo isso permite que ele tenha mais descendentes.”

Esse tipo de comportamento aparece tanto nos animais com sistema nervoso muito simples como naqueles que possuem grande desenvolvimento do mesmo. Nos primeiros, a agressão normalmente apareceria sob a forma de mecanismos “... simples e relativamente automáticos, que funcionam bem no ambiente em que evoluíram (mas de maneira precária fora dele).” (Archer, 1988, p. x). Assim,

... um comportamento que pode ser considerado como ‘agressivo’ em termos funcionais ocorre mesmo naqueles invertebrados que operam num nível de organização neural simples, possuem pouco ou nenhum poder de locomoção, e não possuem órgãos efetores especializados. (idem, p. 20).

Tais considerações ressaltam a necessidade de definir melhor o que se entende por agressão. Num certo sentido, pode-se falar da “agressão” feita por um vírus ao destruir uma

célula, da “agressão” de uma planta carnívora que aprisiona e mata um inseto, ou ainda da “agressão” da fumaça do cigarro ao epitélio dos brônquios. Ao lado dessas formas automáticas, existe a agressão que depende de mecanismos emocionais e cognitivos. Falar de ódio ou raiva pressupõe que estamos lidando com animais cujos sistemas nervosos são bem desenvolvidos. É importante distinguir agressão de raiva, dado que “a agressão nem sempre é acompanhada por raiva e a raiva não necessariamente leva à agressão.” (Panksepp, 1998, p. 187). Quanto aos humanos, “existem abundantes razões para acreditar que a anatomia subcortical e a neuroquímica mais importantes para o sentimento de raiva são notavelmente similares em todos os mamíferos.” (idem, p. 190).

A emoção é vista aqui como uma estratégia adaptativa de certos animais. Para Ghiglieri (1999, p. 50), as emoções “... não constituem um excesso de bagagem atávico. Nem devem ser extirpadas como um apêndice inútil. Ao invés disso, as emoções são bússolas biológicas absolutamente vitais (...) que nos indicam a direção de nossos próprios interesses.” Da mesma forma, Damásio (1995, p. 52) diz que “... geralmente concebemos a emoção como uma faculdade mental sobressalente, um acompanhante não-solicitado, imposto pela natureza ao nosso pensamento racional.” Entretanto, “... os processos de emoção e sentimento são parte fundamental da maquinaria neurológica dedicada à regulação biológica...” (idem, p. 84). “Os sentimentos (...) servem como guias internos e nos ajudam a comunicar aos outros sinais que também podem guiá-los.” (ibidem, p. xv).

Segundo Panksepp (1998, p. 49), os “circuitos emocionais mudam o processamento sensorial, perceptivo e cognitivo, e iniciam uma série de mudanças fisiológicas que estão naturalmente sincronizadas com as tendências de comportamento ativadas, características da experiência emocional.” Ou seja, “... os afetos são a moeda, dentro da economia do cérebro/mente, que sinaliza o valor de objetos e modos de vida, tendo em vista a sobrevivência.” (Panksepp & Burgdorf, 2003, p. 533). Assim, de acordo com Andrade (2003, p. 99-100), “do ângulo da neurociência, a emoção é uma resposta do organismo a um estímulo, externo ou interno, com a finalidade adaptativa de conservar a vida.” O tipo de sistema emocional existente e sua importância dentro do cérebro variariam conforme o estilo de vida da espécie em questão: “coelhos podem ter mais circuitos de medo, enquanto que gatos têm mais circuitos de raiva.” (Panksepp, 1998, p. 15).

A agressão oriunda da raiva parece servir a propósitos bem definidos, na medida em que é evocada por restrição à liberdade, frustrações e estímulos desagradáveis. Ou seja, fenômenos que indicam risco de dano, impedimento à auto-regulação ou obstáculo à

obtenção de recursos necessários. Seria, portanto, uma injeção de energia e focalização de atenção para superar algo que impede a obtenção do que o organismo busca. A estimulação elétrica do sistema cerebral de raiva em macacos rhesus mostrou o valor adaptativo da agressão, dado que eles "... ascenderam de posição dentro das hierarquias de dominância." (idem, p. 196). Galos jovens que receberam injeções de testosterona também se tornaram lutadores mais bem sucedidos e subiram na hierarquia (McFarland, 1982, p. 10).

Uma outra evidência de que o comportamento agressivo está em sintonia com a seleção natural é revelada pelo estudo do infanticídio:

Machos de muitas espécies machucarão animais jovens já presentes em um novo território que eles conquistam. Esta é uma estratégia evolutivamente adaptativa. Ao eliminar a infertilidade induzida pela lactação, o infanticídio aumenta a probabilidade de que os novos machos serão rapidamente capazes de fertilizar as fêmeas disponíveis, produzindo descendentes. Ao mesmo tempo, os machos devem ter inibições derivadas da evolução que ajam contra dano a seus próprios descendentes. (ibidem, p. 200).

Estudo com ratos mostrou um exemplo desta última afirmação, revelando que a tendência ao infanticídio decresceu muito em ratos machos ao longo das três semanas subsequentes à copula com fêmeas, exatamente o tempo de gestação de uma nova ninhada: "enquanto os machos exibiam cerca de 80% de infanticídio no começo do teste, eles gradualmente diminuíram para 20% depois de três semanas, e então gradualmente retornaram aos níveis originais." (ibidem, p. 200-201).

Ghiglieri (1999, p. 131) comenta que, entre os gorilas, o infanticídio é comum⁷⁷ e, "apesar da heróica e dolorosa defesa das mães contra esses machos, elas prontamente se acasalam com os assassinos. Em muitos casos, como entre as leões, as mães enlutadas roçam tão languidamente nos machos infanticidas que a natureza parece um pesadelo." (ibidem, p. 131).

Longe de ser raro, "o infanticídio é um comportamento típico de certas espécies dentro de cada um dos grupos maiores de animais. Acontece em pássaros, peixes e insetos. Para os mamíferos, o infanticídio predomina nos roedores, carnívoros e primatas."

⁷⁷ Em Visoke (local de estudos de Fossey, que inspirou o filme "A Montanha dos Gorilas"), em 1989, em relação a cinquenta filhotes de gorila observados, 38 por cento "morreu antes de completar três anos de idade, e pelo menos 37 por cento dessas mortes foram consideradas como causadas por infanticídio, ou cerca de um filhote de cada sete, no total." (Wrangham & Peterson, 1996, p. 148). Entre os leões "no Serengeti, um quarto dos filhotes são sacrificados no altar do egoísmo infanticida dos machos." (idem, p. 158).

(Wrangham & Peterson, 1996, p. 157). Ghiglieri afirma que os humanos não constituiriam exceção: “os homens matam enteados pelas mesmas razões que outros primatas matam bebês: para aumentar seu sucesso reprodutivo por meio da limpeza da arena reprodutiva retirando os descendentes de machos competidores.” (Ghiglieri, 1999, p. 137). Este autor cita estudos mostrando que no Canadá “crianças menores de dois anos apresentam uma probabilidade setenta vezes maior de serem mortas por um padrasto ou madrasta do que por seus pais biológicos.” (idem). Proporção semelhante ocorreria na Inglaterra (50 vezes maior) e nos Estados Unidos (100 vezes). Obviamente, quando se fala em pessoas, é preciso sempre lembrar o perigo de um reducionismo que restrinja o humano apenas ao biológico, pois fatores de ordem cultural podem ter uma grande importância aqui. Entretanto, não deixa de ser intrigante observar esses números.

Essas evidências parecem mostrar que comportamentos agressivos muito distantes da moral civilizada podem ser adaptativos e assim ocorrerem em determinadas espécies, sem que isso signifique uma prova de inclinação para o “mal”. Um exemplo extremo disso seria o canibalismo entre irmãos, conforme relata Johnson (1979, p. 16):

... às vezes os filhotes se alimentam uns dos outros, como é o caso do tubarão-tigre da areia. Os ovos do tubarão chocam dentro do útero e o primogênito sobrevive devorando seus irmãos e irmãs mais jovens e mais fracos (...) joaninhas recém-nascidas também comem seus irmãos.

7.3.2 INIBIÇÃO E CONTROLE DA AGRESSÃO

A adoção da agressão como uma estratégia adaptativa não é tão vantajosa, dado seu alto custo (em energia) e o grande risco de dano pessoal e para os descendentes. De acordo com Archer (1988, p. 105-106), a decisão de lutar ou fugir é “baseada numa avaliação de se os benefícios compensam o custo dentro de um dado contexto.” Ou seja, a agressão é instrumento para alcançar um fim, mas ela deve estar submetida a mecanismos de controle e inibição para que o dano não seja maior do que o benefício a ser alcançado. Fica aqui evidente o quanto um impulso agressivo espontâneo e autopropulsor poderia ser prejudicial ao organismo. Do mesmo modo, atos de agressão gratuita (tortura, sadismo, crueldade desnecessária), ou seja, que não resultam em benefício evolutivo, parecem não ocorrer habitualmente entre animais não-humanos. Tem sido apontado como evidência de sadismo ou crueldade o fato de que gatos e outros felinos, mesmo quando bem alimentados, gostam de brincar com suas presas, perseguindo-as, soltando-as só para depois capturá-las

novamente, muitas vezes matando-as sem comê-las. Entretanto, experimentos parecem mostrar que o interesse seria motivado mais pelo prazer da atividade e do desafio:

Um gato rapidamente perde interesse em um camundongo que está bastante ferido para fugir correndo. Talvez o gato o toque com a pata, para ver se ele pode ser induzido a correr de novo, mas, quando ele não o faz, o gato fica entediado. O camundongo pode estar visivelmente sofrendo, arquejante e sangrando, mas se não está tentando escapar, um gato bem alimentado não fica interessado. (Masson & McCarthy, 2001, p. 185).

Uma antiga fábula diz que um escorpião pediu certa vez a um sapo que o carregasse na travessia do rio. O sapo recusou, dizendo temer ser picado e morrer. O primeiro retrucou dizendo que isso seria estúpido, pois ele morreria também. O sapo então concordou e, no meio da travessia, o escorpião o picou. O sapo, moribundo e afundando, perguntou-lhe porque havia feito isso, e a resposta foi: “essa é a minha natureza.” Este é um bom exemplo do quanto uma agressividade sem inibições pode ser prejudicial ao próprio indivíduo, mostrando assim que pode ser muito adaptativo o poder de discriminar situações e de modular e inibir o impulso agressivo em espécies que tenham capacidade cognitiva para tanto. Aliás, indo da lenda à ciência, Pinker (2004, p. 332) comenta que “tecnicamente falando, um escorpião com essa natureza não poderia ter evoluído ...”

O desenvolvimento da raiva e da capacidade de agressão, portanto, ocorre em conjunto com mecanismos inibitórios⁷⁸ que permitem sua modulação e controle, de modo que tal recurso possa ser utilizado apenas em situações e momentos bem definidos e não de forma indiscriminada. Isso é válido mesmo para animais de capacidade cognitiva limitada: em certas formigas guerreiras, “se as duas colônias têm aproximadamente o mesmo tamanho e seus exércitos contam com um número semelhante de membros, acontece um empate. Ninguém luta. Mas, se uma colônia tem uma vantagem numérica decisiva, ela atacará e esmagará seus vizinhos.” (Wrangham e Peterson, 1996, p. 164).

Assim, “devido ao fato de que a agressão acarreta muitos potenciais destrutivos, restrições biológicas intrínsecas contra ela existem em todas as espécies (isto é, poucos animais, além dos humanos, matam outros membros adultos do seu próprio grupo).” (Panksepp, 1998, p. 188). Uma das conseqüências do que foi exposto acima é que

⁷⁸ Ressalte-se que Freud não desconhece a importância das inibições, discutindo-as, por exemplo, em “Inibições, Sintomas e Ansiedade” (Freud, 1926a).

... animais em sociedades estáveis usualmente desenvolvem uma aceitação de seu status social e, portanto, de sua prioridade 'legítima' na fila por recursos, resultando em hierarquias de dominância. Entre aqueles que se conhecem, a competição é resolvida freqüentemente mais por olhares e gestos do que por pancadas. (idem).

Um exemplo do valor destes mecanismos de auto-regulação da agressividade por meio de estruturas de dominância pode ser visto em experimento com lagostins. Indivíduos criados em isolamento eram colocados em pares, havia luta e definia-se um deles como dominante e o outro como subordinado. Havia uma mortalidade de 35% entre os subordinados nesse processo, revelando o potencial de risco provocado pela insuficiência de mecanismos inibitórios. Porém, o que chama mais a atenção foi o passo seguinte, onde foram feitos novos pares. Quando colocados juntos dois indivíduos que antes eram dominantes, a mortalidade entre os subordinados chegou a 72% (Yeh, Musolf & Edwards; 1997, p. 702-703), dado que o dominante é mais agressivo e se expõe mais ao risco. Ou seja, a submissão pode ser uma estratégia adaptativa em certas circunstâncias.

No mesmo sentido, Sapolsky (2004, p. 252) comenta o efeito negativo sobre um grupo de babuínos num período em que a hierarquia de dominância não estava bem estabelecida: “O número de lutas aumentou assustadoramente, assim como a incidência de ferimentos. Ninguém comia muito, não se passava mais o tempo limpando os pelos uns dos outros, e o sexo foi deixado de lado.” Na continuação deste relato, fica bem visível o quanto essa situação é pouco adaptativa, evidenciando uma pressão evolutiva no sentido de favorecer mecanismos que inibam a agressão entre membros de um mesmo grupo:

Quase metade dos machos, no meu grupo de babuínos, estava machucada, atordoada, montando alguma estratégia, ou ainda tão cansados da luta da manhã que não conseguiam cooperar com ninguém. O bando vizinho invadia vez por outra a área do meu bando e afugentava todos para a floresta... (idem, p. 256).

Desenvolveram-se também estratégias como a territorialidade em algumas espécies: o animal apropria-se de uma área que é demarcada com vocalizações, cheiros e outros sinais. Isso tem um efeito intimidatório sobre outros animais, o que diminui o dispêndio de energia. Se mesmo assim ocorre invasão, neste caso também o confronto “... é, em geral, ritualizado, o dono do território adotando certas posturas corporais ou expressões faciais que comunicam ao intruso que sua presença é indesejada. Em geral isto é suficiente para

terminar a interação com um gasto mínimo de energia para ambos os lados.” (McFarland, 1982, p. 5). No mesmo sentido, Johnson (1979, p. 18) afirma que

A maioria dos encontros agressivos tanto no homem como nos animais não envolve luta, violência, lesão ou contato físico. Isso ocorre porque o comportamento agonístico é altamente ritualizado e a maioria dos conflitos é resolvida por sinais sociais que eliminam a necessidade de uma luta aberta.

Esse autor relata estudo sobre elefantes-marinhos, em que “para cada luta real ocorreram 67 encontros agressivos que nunca foram além das ameaças ritualizadas.” (idem, p. 19). Esses encontros terminam normalmente com a submissão ou a retirada de um dos oponentes. Isso ocorre mesmo em organismos com sistema nervoso mais simples: “encontros agonísticos entre lagostins são caracterizados por uma série de atos de comportamento altamente estruturados, com uma escalada governada por regras rigorosas.” (Panksepp et al., 2003, p.361).

Entre chimpanzés, “quando os oponentes se encontram, seus ataques não parecem ser produtos selvagens de uma raiva cega. Os ataques podem ser deliberadamente planejados, e às vezes parecem surpreendentemente bem estudados.” (Wrangham & Peterson, 1996, p. 187). Um exemplo do alto custo do comportamento agressivo quando as inibições não são suficientes pode ser visto no famoso episódio dos babuínos no zoológico de Londres. Em 1925, foram soltos cerca de 100 macacos num espaço de 30 x 20 metros. Ocorre que estes animais vivem normalmente em estruturas sociais com um macho e seu “harém” de fêmeas e filhotes, e o macho o defende ferozmente contra outros machos. E no grupo havia apenas seis fêmeas. Houve então um banho de sangue e o resultado final, seis anos e meio depois, foi que “sessenta e dois machos e trinta e duas fêmeas, mais de dois terços da população original, haviam morrido por estresse e ferimentos. Restou apenas uma comunidade masculina relativamente calma.” (de Waal, 1996, p. 28).

Segundo este autor (idem, p. 11), “quanto mais complexa se torna a vida grupal dos animais, mais notáveis são as inibições que podem ser observadas, não apenas em relação a parentes mas também em relação aos demais. Primatas não-humanos são dotados de freios altamente desenvolvidos quanto à escalada de conflitos.” Um exemplo marcante, envolvendo os mesmos babuínos citados acima, é o comportamento quanto à luta pelas fêmeas. Segundo de Waal, se uma fêmea for colocada na mesma jaula em que estão dois machos, eles lutarão por ela. Porém,

... se a fêmea for colocada com apenas um macho, enquanto o outro observa de um cercado adjacente, o resultado será bem diferente. A fêmea necessita ter estado apenas um breve período de tempo com um macho para que o outro respeite a ligação quando introduzido na mesma jaula. Mesmo machos grandes, totalmente dominantes, ficaram inibidos de lutar. Em vez disso, eles olharam para o céu, brincaram com pequenos objetos ou observaram atentamente a paisagem fora da jaula... (ibidem, p. 30).

Descreve-se a ocorrência de aumento da produção de testosterona nos vencedores na luta pela liderança, o inverso acontecendo nos perdedores. Esse parece ser mais um mecanismo de auto-regulação: para o vencedor, pode ser adaptativo gastar mais energia (aumentando a massa muscular e o comportamento agressivo) para defender sua posição e território, e ter mais apetite sexual para produzir descendentes com as fêmeas disponíveis. Para o perdedor, pode ser mais adaptativo diminuir o ímpeto agressivo (que talvez resulte em ferimentos e gasto inútil de energia) e também o apetite sexual, o que diminuirá a probabilidade de confronto com os machos dominantes pelo acesso às fêmeas. Pode ser melhor aguardar um outro momento para tentar subir na hierarquia, ou mesmo conformar-se com a posição subalterna, se ele não tiver condições de desafiar os demais.

Obviamente não estamos defendendo tal arranjo, simplesmente descrevemos como as coisas são. Tirar daí ilações quanto a que os menos favorecidos devem mesmo se conformar com sua posição subalterna seria errôneo, dado que o fato de as coisas serem como são não justifica que elas devam ser assim. A ética e os valores não derivam dos fatos ou da ciência. Dennet (1998, p. 490) comenta este ponto ao dizer que “um dos princípios da filosofia contemporânea é que não se pode derivar ‘deve’ de ‘é’. A tentativa de fazer isso costuma ser chamada de falácia naturalista.”

No mesmo sentido, a agressão intermachos é limitada à estação de acasalamento, desaparecendo posteriormente. Para que isso seja possível, nos animais “superiores”, incluindo todos os mamíferos, “novos controles, incluindo camadas de aprendizado, foram gradualmente adicionados aos sistemas integrativos emocionais ancestrais, aumentando e expandindo a gama de controle comportamental.” (Panksepp, 1998, p. 190). Isso permite que cervídeos, por exemplo, usem seus chifres de modo especial: “estas armas são utilizadas de modo ritualizado, os animais engancham os chifres e empurram o outro, num teste de força. É contra as regras golpear o rival de lado, num movimento que poderia causar feridas

fatais.” (McFarland, 1982, p. 7). Do mesmo modo, cascavéis não usam seu poderoso veneno em rivais da mesma espécie (idem).

Observa-se ainda o desenvolvimento de comportamentos que servem para diminuir a agressão: “entre muitos tipos de animais, sinais de apaziguamento – por exemplo, deitar de costas, expor partes vulneráveis como a barriga ou o pescoço – em geral reduzem a agressão por parte de outros da mesma espécie.” (Panksepp, 1998, p. 191). No mesmo sentido, segundo Masson e McCarthy (2001, p. 175), “em muitos animais existem posturas de capitulação que inibem o atacante da mesma espécie.”

Plauto afirmou que “o homem é o lobo do homem” (e é citado por Freud, 1930/1974, p.133), querendo com isso dizer que o homem seria a maior ameaça a seus semelhantes. Mas na verdade os predadores como os lobos são em geral bastante afáveis com os membros de seu grupo. Se o homem agisse em relação aos outros homens exatamente como um lobo faz com os demais lobos, tudo indica que teríamos uma sociedade bastante pacífica.

Alguns relatos sobre populações humanas parecem corroborar a idéia da existência de mecanismos inibidores que podem ser acionados em certas condições sociais. Wilson (1981) cita o caso dos maoris da Nova Zelândia como evidência de que a tendência agressiva de uma dada cultura pode ser modificada: até o século XIX, eram freqüentes as lutas entre as cerca de quarenta tribos e a cultura valorizava a agressão, sendo a vitória pelas armas a realização mais elevada. Havia um equilíbrio que foi quebrado com a introdução de armas de fogo: em vinte anos, um quarto da população morreu devido aos conflitos. Houve um questionamento da violência como forma de ação e os velhos valores desmoronaram. Em poucos anos, no fim da década de 1830 e começo da de 1840, quase todos os maoris se converteram ao cristianismo e as guerras tribais cessaram inteiramente.

Wrangham e Peterson, no mesmo sentido, comentam o que ocorreu aos waorani, povo que vive na Amazônia, na base dos Andes. Eles formavam quatro comunidades, com tal hostilidade entre si que “o índice de morte violenta entre os waorani foi calculada como sendo de impressionantes 60 por cento.” (Wrangham & Peterson, 1996, p. 79). Em 1958 chegaram missionários que conseguiram mudar esse quadro. Teria ocorrido então uma transformação comparável à descrita acima para os maoris:

Aqui está uma mudança notável, de uma tribo que poderia ser considerada a mais belicosa do mundo para um grupo pacífico de pessoas aglutinado em uma reserva demarcada pelo governo que perfazia cerca de dez por cento do

seu território original (...) Para qualquer um que imagine as pessoas como robôs bióticos incapazes de fazer mudanças significativas em suas vidas, a história dos waorani pode servir como um contra-exemplo desafiador. (idem, p. 80).

Em resumo, podemos afirmar com Pinker (2004, p. 89), que “o predomínio da violência nos tipos de ambiente em que evoluímos não significa que nossa espécie tem desejo de morte, sede inata de sangue ou imperativo territorial. Existem boas razões evolutivas para que os membros de uma espécie inteligente tentem viver em paz.”

7.4 NOSSOS PARENTES MAIS PRÓXIMOS

Dada a variabilidade dos organismos vivos, comparações entre espécies são tanto mais válidas quanto mais próximas elas estiverem na linhagem evolutiva (Fromm, 1979; Panksepp, 1998). A partir disso, privilegia-se o estudo dos mamíferos quando se trata de compreender as emoções humanas. Radicalizando essa perspectiva, muitos autores têm procurado compreender as questões humanas a partir das revelações trazidas pela primatologia, apesar de algumas vozes discordantes⁷⁹. Por exemplo, para Kalin e Shelton (2003, p. 189), “os macacos rhesus fornecem um excelente modelo para estudar os mecanismos subjacentes à ansiedade e ao medo humanos e à regulação emocional.”

Praticamente todos os primatas vivem em grupos sociais organizados (Mason & Mendoza, 1993; Cords, 1997; Martin, 1990). Byrne (1997, p. 291) aponta que “ganhos e perdas em encontros competitivos são freqüentemente decididos por interações triádicas; indivíduos podem confiar em apoio de terceiros e freqüentemente dependem de uma rede de aliados”. Esta complexidade depende, e ao mesmo tempo estimula o desenvolvimento, de uma grande capacidade cognitiva e afetiva. Segundo Strum et. al. (1997, p. 52) “... a complexidade social veio a ser considerada o motor da evolução da cognição mais elevada.” Byrne e Whiten, (1988, 1997) propuseram o nome de “inteligência maquiavélica” para designar esse fenômeno. Quando se comparam relatos da vida social de chimpanzés (de Waal, 1989) com a de primatas de menor capacidade cognitiva, como os babuínos (Sapolsky, 2004), fica evidente o quanto a maior inteligência dos primeiros torna mais complexas as interações entre os indivíduos.

7.4.1 AGRESSÃO E RECONCILIAÇÃO

⁷⁹ Hewes (1994, p. 60), por exemplo, afirma que “comparações entre o comportamento dos *apes* e o comportamento humano em geral têm pouca probabilidade de ter algum valor. A variedade e a complexidade da vida cultural humana é tão imensa que os *apes* revelam-se como inevitavelmente obtusos (*backward*)”.

Dessa vida social complexa e intensa decorreriam duas tendências paralelas: uma é que surgirão inevitavelmente conflitos de interesses entre os membros do grupo, que serão resolvidos de várias maneiras. Outra se refere à necessidade de processos estabilizadores e que contribuam para a coesão, de modo a contrabalançar o possível efeito dispersivo e desintegrador dos conflitos.

Como ressaltam Mason e Mendoza (1993, p. 5), “embora a agressão seja um aspecto saliente do conflito social, ela é apenas uma parte de uma gama muito mais ampla de fenômenos, e não necessariamente o mais importante.” Assim, o estudo da agressão deveria se inserir num quadro mais amplo, que leve em conta outros processos sociais e individuais. Termos como coação, desavença, imposição, competição, negociação, solução de compromisso, manipulação, trapaça, submissão e dominância, mostram a complexidade da questão. Eles apontam para um quadro mais amplo, no qual a agressão deverá se inserir de modo articulado, como uma das possibilidades resultantes da dinâmica dos conflitos. Segundo esses autores, “suspeita-se que a preocupação com a agressão diga mais sobre nossa compreensível preocupação com a extravagante capacidade humana para a violência e destruição do que sobre a frequência da agressão ou da sua significância na vida social dos primatas não-humanos.” (idem).

Frans de Waal afirma que os cientistas que estudam a agressão têm dado pouca atenção a como “... as relações são posteriormente reparadas e normalizadas. Como resultado, as pessoas tendem a acreditar que a violência é parte mais integral da natureza humana do que a paz.” (de Waal, 1996, p. 1). Segundo ele, os etólogos produziram uma imagem pessimista nos anos 60, que não teria sido suficientemente contradita posteriormente. Teriam sido enfatizadas as descrições da vida como uma “contínua luta livre” ou um “espetáculo de gladiadores”, uma competição cruel entre organismos. O quadro real seria muito diferente disto, principalmente entre primatas, onde “os membros de um grupo são simultaneamente amigos e rivais, disputando comida e parceiros sexuais, e ao mesmo tempo dependentes uns dos outros e tendo uma forte necessidade de contato físico reconfortante.” (idem). Para dar conta desse dilema, teriam sido desenvolvidas a tolerância (para reduzir a competição) e a reconciliação (para reparar os danos do conflito). Segundo ele, “sem negar a herança humana de agressão e violência, esta pesquisa demonstra uma herança igualmente antiga de contramedidas que protegem os arranjos de cooperação contra os efeitos corrosivos da competição.” (de Waal, 2000, p. 590).

Os estudos sobre esse tema cresceram bastante nas últimas décadas, tendo sido verificada a propensão à reconciliação entre chimpanzés, bonobos, gorilas, prossímios e macacos do velho e do novo mundo (Fuentes et al, 2002; Pereira, Schill & Charles, 2000; Weaver & de Waal, 2003; Westlund et al., 2000). Segundo de Waal (2000, p. 587), “... mais de 100 relatos, relativos a 27 espécies, já foram publicados, a maioria dando apoio às predições derivadas do conceito de reconciliação.”

O autor comenta sobre o encontro em que o Papa João Paulo II estendeu a mão e perdoou Mehmet Ali Agca, o qual atentara contra a sua vida anos antes: “muitos comentadores viram nisso uma demonstração do perdão cristão, mas eu reconheci aí raízes mais profundas, comparando a cena às reuniões de grupos de primatas que tenho estudado.” (de Waal, 1996, p. 2). Segundo ele, “... para os humanos, fazer as pazes é tão natural quanto fazer a guerra.” (idem, p. 7).

Um exemplo da necessidade de ser capaz de reconciliação pode ser vista num estudo em que pares de macacos (*Macaca fascicularis*) foram treinados a obter recompensa (pipoca) por meio de uma ação conjunta, fazendo com que o relacionamento entre eles fosse valorizado para ambos. “Depois desse treino, os sujeitos mostraram uma tendência três vezes maior a se reconciliar após uma briga induzida do que sujeitos que não haviam sido treinados para cooperar.” (de Waal, 2000, p. 588).

Todos estes dados parecem remeter a uma visão bastante distinta daquela proposta por Freud (1932/1976, p. 246):

... numa pequena horda humana, era a superioridade da força muscular que decidia quem tinha a posse das coisas ou quem fazia prevalecer sua vontade (...) é, pois, um princípio geral que os conflitos de interesses entre os homens são resolvidos pelo uso da violência. É isto que se passa em todo o reino animal, do qual o homem não tem motivo por que se excluir.

A primatologia moderna tem apontado um quadro diverso. Segundo Ridley (1998, p. 157), entre os chimpanzés, quando comparados com macacos e outros mamíferos, “a importância da capacidade física é marcadamente menor. O macho principal numa comunidade não é necessariamente o mais forte, pelo contrário, em geral é o que melhor manipula as coalizões sociais em seu próprio benefício.” Além da força física, a inteligência parece (obviamente) ser de importância decisiva em certos casos. Goodall (2002, p. 75) relata um caso de disputa pela posição de macho dominante em chimpanzés de vida selvagem:

... em 1964, Mike tomou o poder. Ele fez isto usando seu cérebro. Ele juntou uma ou duas latas vazias de querosene pegadas no meu acampamento e batia nelas e as chutava enquanto corria na direção de um grupo de machos adultos. Era uma performance espetacular e fazia um monte de barulho. Os outros chimpanzés fugiram. Desse modo, Mike não precisou lutar para chegar ao topo – o que foi muito bom, pois ele era um chimpanzé muito pequeno. Ele foi o macho dominante durante seis anos.

7.4.2 CHIMPANZÉS E BONOBOS

Se os primatas são nossos parentes mais próximos, dentre eles os mais aparentados geneticamente com os humanos são os chimpanzés e bonobos (ver Figura 5). Diamond (1993, p. 2) afirma que “um zoólogo vindo do espaço exterior imediatamente nos classificaria como uma terceira espécie de chimpanzé”. Estudos comparativos entre o material genético de humanos, chimpanzés e bonobos confirmam o parentesco próximo. De acordo com Wildman et al. (2003, p. 7181),

... os chimpanzés e humanos possuem um parentesco muito próximo, compartilhando 99,4% de identidade em locais não-sinônimos⁸⁰ e 98,4% em locais sinônimos (...) o gênero *Homo* deveria incluir três espécies existentes e dois subgêneros, *Homo* (*Homo*) *sapiens* (a humanidade), *Homo* (*Pan*) *troglydites* (chimpanzé) e *Homo* (*Pan*) *paniscus* (bonobo).

Teceremos algumas considerações sobre estas duas espécies, que serão importantes para a discussão posterior. As semelhanças e diferenças entre elas podem esclarecer muitos aspectos do tema estudado. O pacifismo dos bonobos aponta direções inesperadas para o humano. E a violência dos chimpanzés pode esclarecer algo do nosso lado sombrio.

Humanos, chimpanzés e bonobos têm uma vida social altamente desenvolvida. De acordo com Ghiglieri (1999, p. 72), “todas as três espécies são bem equipadas para se reunir. Eles abraçam, beijam, dão tapinhas nas costas e fazem *grooming* uns nos outros para restabelecer a solidariedade.” Existem, entretanto, diferenças importantes entre os chimpanzés e os bonobos. A “sociedade de chimpanzés usual é notável pela agressão dos machos entre si e em relação às fêmeas; as fêmeas tendem a não contra-atacar e os machos são sempre dominantes” (Small, 1997, p. 41). Isso pode chegar a extremos, como ocorreu

⁸⁰ “Subdividimos as substituições de nucleotídeos que ocorrem no DNA codificante durante a evolução em não-sinônimas (com mudança de aminoácido, portanto funcionalmente importante) e substituições sinônimas (sem mudança de aminoácido, portanto funcionalmente menos importantes).” (Wildman et al., 2003, 7182).

no zoológico de Arnhem em 1980, onde dois chimpanzés (Yeroen e Nikkie) se uniram para agredir Luit, o macho dominante. Os ferimentos foram tão sérios que o levaram à morte.

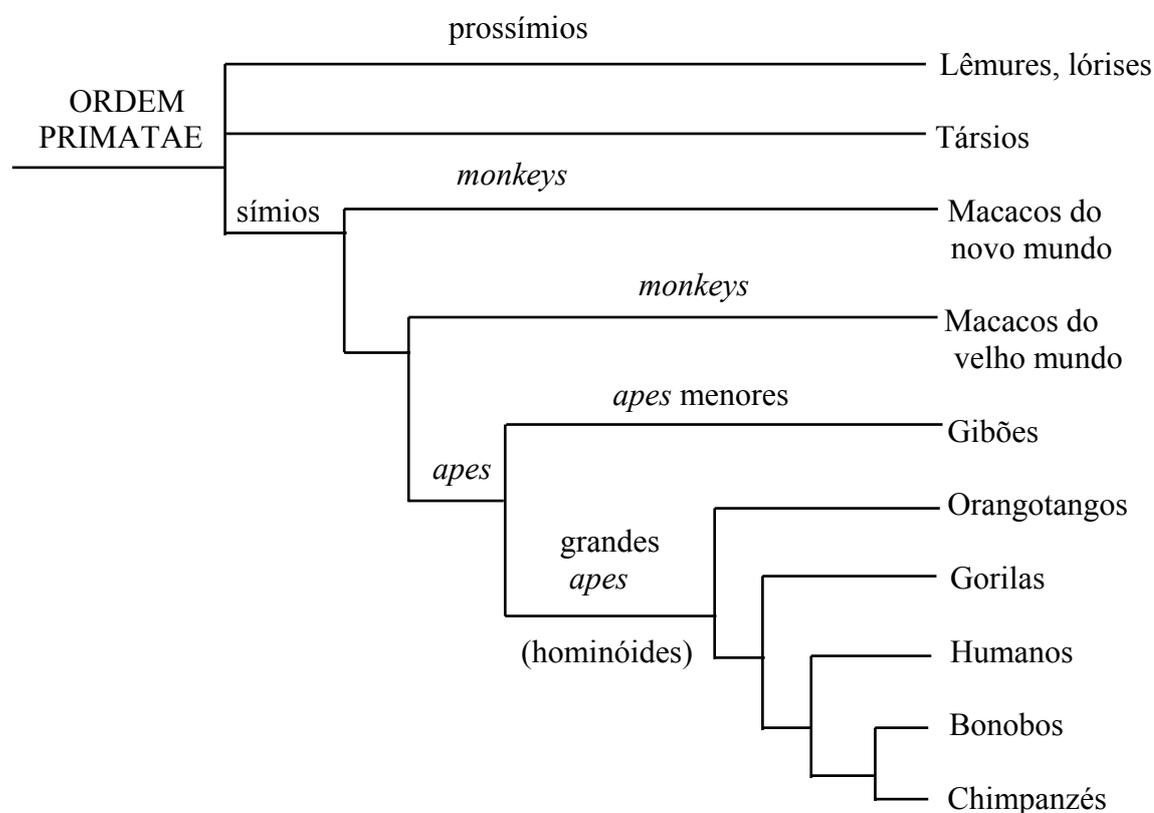


Figura 5 – A Árvore Filogenética dos Primatas

(Fonte: *The Tree of Life Web Project*, <http://tolweb.org/tree/>)

Certamente esse não é o comportamento habitual dos chimpanzés, mas os exemplos mostram a que ponto eles podem ser agressivos com seus semelhantes. Relatos de de Waal (1996, 1989) sobre essa colônia de chimpanzés mostra o quão brincalhões, pacíficos e alegres são esses animais, podendo-se ver o modo habitual de resolução de conflitos quase que sempre por meio de demonstrações, vocalizações e expressões faciais e corporais.

A proximidade dessa espécie com o *Homo sapiens* fica mais evidente a partir das descrições do resultado da criação de chimpanzés em lares humanos. Lucy, por exemplo, sabia colocar água para ferver, preparar chá e servi-lo em xícaras. Ela gostava de folhear a *National Geographic* tomando gim, de que ela mesma se servia. No cio, pegava a revista *Playgirl*, “... acocorava-se sobre as fotos de homens nus e se esfregava, para frente e para trás, nos órgãos genitais nas fotografias.” (Fouts, 1998, p. 161-162). Moja, outra chimpanzé, gostava de colocar vestidos, sapatos e maquiagem, olhando-se depois ao espelho. Também parecia ter prazer em escovar os cabelos, folhear revistas e atrair a atenção de jovens

humanos. Um episódio significativo ocorreu quando Kat (membro da equipe de pesquisa) estava grávida e a chimpanzé Washoe admirava sua barriga e lhe perguntava sobre seu bebê. Algum tempo depois Kat abortou e, quando voltou, Washoe manifestou-se aborrecida pela ausência dela.

MEU BEBÊ MORREU, sinalizou Kat. Washoe olhou para o chão. Depois olhou firme nos olhos de Kat e sinalizou CHORAR, tocando o rosto dela logo abaixo dos olhos. Kat disse depois que aquela única palavra – CHORAR – lhe contara mais sobre Washoe do que todas as suas sentenças longas e gramaticalmente perfeitas. (idem, p. 295).

Mesmo em vida selvagem, eles apresentam comportamentos muito semelhantes aos nossos. Wrangham e Peterson (1996, p. 9) contam sobre

... chimpanzés de uma determinada região que se protegem de galhos com espinhos sentando-se em almofadas de folhas e usando gravetos cheios de folhas como sandálias ou luvas. Em outros lugares, eles tradicionalmente bebem água por meio de uma folha-xícara, e usam uma folha como prato para comer (...) outros usam folhas-guardanapo para limpar a si próprios e seus bebês.

De acordo com Ghiglieri (1999, p. 166), “os chimpanzés são os Albert Einsteins do mundo não-humano. Eles fazem contas de matemática, caçam cooperativamente e usam plantas medicinais. Eles manufaturam ferramentas a partir de folhas, galhos, madeira e pedra.” Dada a variabilidade existente em todas as espécies, poderíamos inclusive indagar: será que o humano mais burro teria ainda maior capacidade intelectual do que o chimpanzé mais inteligente? Assim, é intrigante o relato de Fouts (1998, p. 51) sobre chimpanzés treinados como astronautas nos EUA nas décadas de 1950 e 1960: “num exercício de treinamento, um chimpanauta teve melhor desempenho do que um congressista visitante.”

Mesmo a presença de cultura, antes considerada como um fenômeno exclusivamente humano, tem sido verificada em estudos de populações de chimpanzés (Whiten & Boesch, 2001; Whiten et al., 1999; de Waal, 1997; McGrew, 1992). É claro que há uma diferença, pois, como afirma Ghiglieri (1999, p. 78), “os *apes* se tornaram humanos apenas quando a cultura se tornou a sua principal vantagem competitiva”, o que não é o caso dos chimpanzés. Entretanto, a presença de algo que se pode chamar de cultura mostra que o fosso entre os humanos e outros animais não é tão profundo.

Os bonobos são pouco conhecidos, pois vivem em florestas remotas da África Central, na República Democrática do Congo. Foram descobertos em 1929, com estudos mais detalhados tendo sido realizados somente a partir da década de 1970. Os bonobos apresentam comportamento diferente daquele exibido por chimpanzés, pois “... raramente exibem agressividade em relação aos membros do grupo e as fêmeas são geralmente tão dominantes quanto os machos.” (Small, 1997, p. 42). Sua característica mais notável é que são os primatas mais sexualizados que existem. Segundo o relato de Small,

... bonobos machos e fêmeas de todas as idades fazem sexo com todos os outros membros do grupo; eles tocam com os dedos os genitais uns dos outros, esfregam-se mutuamente os genitais e põem a boca naquilo que nós – mas claramente eles não – chamaríamos de partes íntimas (...) Mesmo os jovens do grupo participam sugando os genitais uns dos outros ou se esfregando nos adultos enquanto estes fazem sexo (...) As fêmeas mostram um tipo especial de comportamento chamado de esfregação gênito-genital, durante o qual duas fêmeas se posicionam face a face ou traseiro contra traseiro e esfregam suas saliências de fertilidade juntas e gritam de prazer (...) sexo é a cola que mantém os bonobos juntos. Em momentos de *stress* eles agem sexualmente. (idem).

Wrangham e Peterson (1996, p. 213) comentam que os “bonobos usam o sexo para muito mais coisas do que fazer bebês. Eles praticam sexo como uma maneira de fazer amigos. Eles praticam sexo para acalmar alguém que está tenso. Eles praticam sexo como um meio de se reconciliar depois da agressão.” Segundo Diamond (1999, p. 9-13), os bonobos constituem uma das raríssimas exceções (que incluiria também os humanos e os golfinhos), entre as 4.300 espécies de mamíferos, em que há uma nítida separação entre sexo e fertilização, com machos e fêmeas buscando sexo mais por diversão do que para procriação e mantendo-se sexualmente receptivos mesmo quando é impossível a fertilização (gravidez, menopausa). Ou seja, possivelmente nessas espécies o sexo tem outras funções além da reprodução. Em bonobos, a sexualidade serve para aliviar tensões:

... um dia, dois machos adultos foram colocados juntos depois de uma longa separação. Ambos gritaram e andaram em volta um do outro durante seis minutos, sem nenhum contato físico. Nós temíamos um confronto sangrento (...) mas Kevin, o macho mais jovem, ficou estendendo a mão e flexionando os dedos, como se estivesse chamando Vernon para chegar mais perto. Às vezes, Kevin sacudia suas mãos de modo impaciente. Ambos os machos tiveram ereções, que eles apresentaram um ao outro com as pernas abertas,

da mesma maneira que um macho convida uma fêmea para o sexo. Era como se cada macho quisesse contato mas não soubesse se podia confiar no outro. Quando eles finalmente correram um para o outro, ao invés de lutar, eles se abraçaram de frente com largos sorrisos nas faces, com Vernon impulsionando seus genitais contra os de Kevin. Eles prontamente se acalmaram e começaram alegremente a pegar as passas que os tratadores haviam espalhado por ali. (de Waal e Lanting, 1997, p. 29).

Os bonobos “não se intimidam diante de acrobacias sexuais, chegando mesmo a ponto de se acasalar enquanto pendurados em cordas” (idem, p. 201). Além disso, “a forte sensualidade da espécie também era evidente em relação à auto-estimulação dos lábios, mamilos ou genitais.” (de Waal, 1996, p. 205). Outra característica dos bonobos é que eles praticam o sexo frente a frente, olho no olho. Antes de se descobrir isso, esta posição era considerada exclusiva dos humanos e “o acasalamento face a face era visto como prova da dignidade e sensibilidade que separava humanos civilizados dos assim chamados sub-humanos.” (de Waal & Lanting, 1997, p. 101).

Ao lado de sua exacerbada sexualidade, destaca-se o pacifismo dos membros dessa espécie. Em comparação com os chimpanzés, os bonobos “... reduziram o nível de violência nas relações entre os sexos, nas relações entre os machos e nas relações entre as comunidades (...) não existem relatos de machos forçando copulações, espancando fêmeas adultas ou matando filhotes.” (Wrangham e Peterson, 1996, p. 204-205). Em outra diferença, “enquanto os machos chimpanzés estão preparados para lutar ferozmente e arriscar bastante para conquistar a posição dominante, os bonobos não estão. Os bonobos machos parecem não se importar muito quanto a ser o chefe.” (idem, 211).

Os autores sugerem que “o poder das fêmeas é o segredo da suavidade dos machos entre os bonobos.” (ibidem, p. 207). Como as fêmeas são muito unidas, elas evitam que os machos as dominem, neutralizando-os. Além disso, a ocultação da fertilidade parece diminuir o ímpeto de competição entre os machos. É interessante notar que mesmo tais autores, que defendem a tese do “macho demoníaco” (ver adiante), julgam que os bonobos constituem uma exceção importante a isso:

Suspeita-se freqüentemente que os que lidam com bonobos os idealizam. Mas atualmente está claro que a reputação deles é merecida. As suas notáveis qualidades de simpatia e comedimento não estão presentes apenas em indivíduos particulares (...) mas sim na espécie como um todo. (ibidem, p. 220). Existe espaço no mundo para uma espécie biologicamente

comprometida com os aspectos morais daquilo que, ironicamente, gostamos de chamar de ‘humanidade’: respeito pelos outros, comedimento pessoal e desviar-se da violência como uma solução para interesses conflitantes. (ibidem, p. 230).

Com sua sexualidade exuberante porém tranqüila, com a atitude de resolver conflitos por meio do prazer sexual (que lembra o velho lema *make love not war*, segundo de Waal e Lanting, 1997), com sua estrutura social matriarcal e a baixa agressividade, os bonobos parecem um exemplo animal que apresenta semelhanças importantes com o tipo de sociedade preconizada por Wilhelm Reich (1932/s.d.; 1945/1981), onde a liberação sexual caminhará junto com a tolerância e o pacifismo. A existência dos bonobos parece indicar que a utopia reichiana de uma sociedade baseada na liberação sexual, pacifismo e auto-regulação talvez faça sentido dentro de nossa herança filogenética.

7.4.3 MACHOS DEMONÍACOS

“Machos demoníacos” (Wrangham & Peterson, 1996), apesar do título um tanto “apelativo”⁸¹, é o nome de um livro sério e importante, em que um dos autores é um conhecido primatologista e professor de antropologia em Harvard. Essa obra procura mostrar que a agressividade humana não é única, encontrando paralelos importantes em outros *apes*, especialmente os chimpanzés, e que seria derivada principalmente dos machos da espécie. O tema será abordado em certa extensão, pois é importante verificar se essa visão não poderia tornar biologicamente plausíveis certos aspectos da visão freudiana.

Segundo os autores, até algumas décadas atrás “o comportamento das pessoas parecia muito, muito diferente daquele dos outros animais. A matança, claro, era um resultado típico da guerra humana, de modo que tinha de se presumir que de alguma maneira os humanos quebraram as regras da natureza.” (Wrangham & Peterson, 1996, p. 21-22). Assim, “em nossas mentes, escondíamos a violência de nossa própria espécie sob o manto da cultura e da razão, dois atributos inconfundivelmente humanos, e nos perguntávamos que tipo de pecado original nos condenava a esse estranho hábito.” (idem, p. 7).

Em 1974, em Gombe (Tanzânia), observou-se um grupo de oito chimpanzés atravessar a fronteira de sua área e entrar no território da comunidade vizinha. Encontraram lá Godi, um macho adulto que estava sozinho. Este foi imobilizado no chão por um deles e

⁸¹ Provavelmente visando fins comerciais, dado que está baseado em evidências científicas e em nenhum momento se fala de demônios ou de outras entidades sobrenaturais, nem se faz uso de teologia, misticismo ou qualquer outro fundamento religioso em sua análise. No original: *Demonic Males*.

“... os outros machos atacaram. Eles estavam altamente excitados, gritando e atacando.” (ibidem, p. 5-6). O ataque prosseguiu com mordidas, pancadas e pisoteamento, levando à morte da vítima. Este teria sido um marco, pois “até o ataque a Godi, os cientistas tratavam a notável violência da humanidade como algo unicamente nosso.” (ibidem, p. 6).

A forma como se deu a agressão é que aparentemente levou os autores a falar de machos “demoníacos”. A observação mostrou um “... comportamento entusiástico e alerta dos chimpanzés, essas incursões são eventos excitantes para eles (...) seus ataques, como foi visto, são marcados por uma crueldade gratuita – arrancando pedaços de pele, torcendo membros até eles quebrarem, ou bebendo o sangue da vítima...” (ibidem, p. 70). Isso foi confirmado mais tarde por outros pesquisadores, mostrando que não se tratava de um caso isolado e sim a norma: “a violência letal, claramente testemunhada em Gombe e fortemente suspeitada em Mahale e Tãï, é característica dos chimpanzés em toda a extensão da África.” (ibidem, p. 20-21). Isso é bastante significativo, pois

Conhecem-se apenas duas espécies de animais com um sistema de agressão territorial intensa, iniciada por machos, que inclui incursões letais em comunidades vizinhas em busca de inimigos vulneráveis para atacar e matar. Contando-se os quatro mil mamíferos e dez milhões de outras espécies animais, esse conjunto de comportamentos é conhecido apenas entre chimpanzés e humanos. (ibidem, p. 24).

Segundo os autores, a formação de grupos coesos e de forte lealdade mútua nestas duas espécies teria permitido que os ganhos advindos desse comportamento superassem os riscos: “a matança é possível em espécies que formam gangues porque é barato. O poder corrompe. O baixo risco gera assassinos.” (ibidem, p. 165). Essa forma de assassinato, observada em chimpanzés, tem sido equiparada ao genocídio praticado por humanos. Em Gombe (África), por exemplo, observou-se que uma comunidade com 35 chimpanzés atacou outra comunidade (com 15 chimpanzés), eliminando um a um todos os sete machos a ela pertencentes. Nas montanhas Mahale teria ocorrido fato semelhante. Conforme (Ghiglieri, 1999 , p. 176),

Os assassinatos cooperativos brutais, deliberados e prolongados de cada macho de uma comunidade vizinha, além do assassinato genocida e freqüentemente canibalístico de muitos de seus filhotes, seguida pela usurpação das fêmeas destes machos e a anexação parcial ou total do território dos perdedores, tudo isto se equipara ou mesmo excede o pior que os humanos fazem quando realizam uma guerra.

Ridley (1998, p. 164) parece concordar com essa visão: “a violência letal entre grupos é provavelmente uma característica que compartilhamos com os chimpanzés.” Porém, ele chama a atenção para o fato de que “o conflito grupal dos chimpanzés não é uma guerra, pois as patrulhas de chimpanzés rivais não se atacam; em vez disso, elas tentam encontrar e atacar machos isolados. São incursões (*raids*) e não batalhas.” (idem, p. 166). Ghiglieri argumenta que a guerra, apesar de não ter nenhum paralelo entre primatas, seria algo inscrito nessa mesma lógica, ou seja, constituiria uma estratégia grupal de apropriação de recursos e de incremento do sucesso reprodutivo. Note-se que esta tese é diferente da explicação proposta por Freud, Lorenz e outros:

Nem é a guerra humana causada por um efeito indesejado do instinto assassino oriundo do nosso legado de caçadores de grandes animais. Matar presas não tem nada a ver com matar membros de sua própria espécie. Do mesmo modo, a guerra não é causada por um ‘impulso’ agressivo que se acumula dentro das pessoas e exige descarga. Não existe tal impulso. (Ghiglieri, 1999, p. 164).

A coincidência de comportamento sugere que essa forma de agir já estaria presente no ancestral comum de humanos e chimpanzés, há cinco milhões de anos atrás. Isso leva alguns autores à conclusão de que nunca teria havido um matriarcado na história humana:

O patriarcado está presente em todo o mundo, em toda a história, e sua origem é detectável na vida social dos chimpanzés (....) O patriarcado vem da biologia no sentido em que ele emerge a partir do temperamento dos homens, dos esforços evolutivamente gerados neles para controlar as mulheres e, ao mesmo tempo, ter solidariedade em relação a colegas homens em competição contra estranhos. (Wrangham & Peterson, 1996, p. 125). A trilha de 5 milhões de anos das nossas modernas personalidades manteve a continuidade, ao longo de toda a sua extensão, de uma agressão masculina que estruturou a vida social, a tecnologia e as mentes de nossos ancestrais. (idem, p. 172).

O “patriarcado” não seria uma característica generalizada da vida animal, dado que “muitas espécies de primatas defendem seu território ferozmente, e essa defesa é levada a cabo mais frequentemente por fêmeas do que por machos (....) O objetivo nessas lutas por território ou status é meramente a derrota do oponente.” (íbidem, p. 130-131). Assim, a

... defesa da terra materna, ou matriotismo, como poderíamos chamá-la, permanece como o princípio essencial entre muitos primatas – por exemplo,

os macacos rhesus e os babuínos da savana (...) nas raras ocasiões em que esses macacos lutam contra grupos vizinhos, a ação é dominada pelas fêmeas que lutam em coordenação estreita com suas parentes para defender o status de seu grupo ou seus direitos de alimentação, enquanto que os machos são apenas lutadores temporários... (ibidem, p. 232).

Assim, de acordo com Ghiglieri (1999, p. 8), os grandes *apes* “... nos proporcionam revelações sobre as origens da violência humana (...) as vidas que esses *apes* levam é formatada por ‘regras’ sociais instintivas que são violentas, sexistas e xenofóbicas.” Para ele, isso seria decorrente de uma forma específica de seleção natural chamada de seleção sexual, relativa a traços físicos e comportamentais que ajudem a vencer na disputa com rivais sexuais. Segundo ele, uma forma disto ocorrer é quando o macho tem alguma característica que atrai a fêmea. Um outro

... modo pelo qual a seleção sexual opera é a ‘estratégia do macho machão’ (*macho male strategy*), na qual o macho se acasala mais que os outros porque derrota os machos rivais e os exclui do acasalamento (...) É a seleção sexual do tipo machão que leva à guerra, estupro e à maioria dos assassinatos na natureza. (idem, p. 9-10),

Comprovando a efetividade deste tipo de seleção sexual, é citado que em “... alces machos, o resultado ao longo do tempo de vida foi de nenhum filhote fecundado por aqueles que perderam em combate, mas de até trinta fecundados pelos vencedores. Enquanto isso, nenhuma fêmea gerou mais do que doze filhotes.” (ibidem, p. 12).

Como evidência de que a violência humana é uma questão eminentemente masculina, Wrangham e Peterson (1996) e Ghiglieri (1999) citam inúmeras estatísticas relativas a diversos tipos de crimes em diversas sociedades, mostrando que os homens sempre predominam por uma ampla margem, tanto no papel de agressores quanto de vítimas. Numa curiosa coincidência, verificou-se que “em Gombe, cerca de 30 por cento dos chimpanzés adultos machos morre por agressão – mais ou menos a mesma percentagem que Chagnon encontrou nas aldeias ianomâmi que estudou.” (Wrangham & Peterson, 1996, p. 70).

Segundo Ghiglieri (1999, p. 30), “têm os homens uma tendência inata para serem letalmente violentos? A resposta é sim. A agressão está programada pelo nosso DNA (...) Mesmo homens normais são assassinos natos (...) Sim, os homens são maus de nascença (*born to be bad*).” Assim, “o assassinato é uma possibilidade sempre presente em todas as

culturas, pois suas raízes são biológicas. O assassinato está codificado em nosso DNA, tal como acontece com os genes de nossos primos *apes* mais próximos.” (idem, p. 154).

Uma das conseqüências da violência masculina seria ainda a propensão ao estupro:

... os homens não inventaram o estupro. Ao contrário, eles muito provavelmente herdaram o comportamento de estupro a partir da nossa linhagem ancestral *ape*. O estupro é uma estratégia reprodutiva padrão e provavelmente foi assim por milhões de anos. Humanos, chimpanzês e orangotangos machos rotineiramente estupram fêmeas. (idem, p. 104-105).

Segundo Wrangham e Peterson (1996, p. 132), “a ocorrência de estupro como parte habitual do comportamento de uma espécie implica que isto é uma adaptação evoluída em relação a algum aspecto de sua biologia, e isso levanta a assustadora questão de se o estupro humano pode ser também adaptativo.” De acordo com eles, o estupro seria rotina apenas em duas espécies de mamíferos não-humanos: orangotangos e elefantes-marinhos. Além disso, existiriam relatos de estupro ocasional em três outras espécies: chimpanzês em Gombe; tentativas de estupro de gorilas em cativeiro; guaribas (*howler monkeys*) em vida selvagem.

Para estes autores, isso “... sugere que os *apes* constituem espécies de uma violência incomum, enquanto ao mesmo tempo mostra que poucos outros mamíferos não-humanos praticam o estupro.” (idem, p. 138). Segundo Ghiglieri (1999, p. 103), “a ‘condição’ que leva ao estupro é a falha de um macho em conquistar os recursos e o status necessários para atrair uma fêmea.” No mesmo sentido, Palmer e Thornhill (2003, p. 250) argumentam que o estupro não se origina de um desejo humano de poder e dominação, mas constitui uma “... decorrência de diferenças no comportamento sexual do macho e da fêmea geradas pela evolução.” Entre os orangotangos, esse parece ser um fato muito comum, sendo entendido como uma estratégia reprodutiva de machos que não podem ainda competir com os adultos como alvo de sexo consensual por parte das fêmeas:

Machos sub-adultos sem território ligam-se a fêmeas que não os desejam, algumas vezes durante dias, e as estupram com uma freqüência maior do que os adultos machos copulam com uma fêmea que os deseja. De um terço a metade das copulações observadas por pesquisadores entre orangotangos selvagens foram de estupros. (ibidem, p. 96).

Segundo Maggioncalda e Sapolsky (2002, p. 51), “estupro é um termo adequado para essas cópulas: as fêmeas adultas geralmente resistem ferozmente aos machos sub-adultos, mordendo esses machos sempre que podem.” Os autores (idem, p. 50), em artigo

sobre orangotangos, afirmam que “testes genéticos de paternidade desses primatas têm mostrado que os machos subordinados são bastante bem sucedidos em passar adiante seus genes.” Apesar da aparente eficácia desta estratégia, “o orangotango é o único primata não-humano que usa copulações forçadas como um meio rotineiro de fecundar descendentes.” (idem, p. 51). Em resumo,

A pesquisa de campo relativa a *apes* e humanos revelou que nosso próprio lado sombrio é constituído por um conjunto de instintos, profundamente inscritos, de matar, estuprar e roubar quando parecer que isso pode ser feito de maneira segura e que compense em termos reprodutivos ou de sobrevivência. (Ghiglieri, 1999, p. 217).

O autor ressalta que toda essa violência não significaria uma condenação: “de modo algum devemos acreditar que uma origem natural da violência significa que os homens estão condenados a roubar, estuprar, assassinar ou guerrear como robôs genéticos. Supor isto constituiria uma grave ofensa ao intelecto e ao espírito humanos.” (idem, p. 52) No mesmo sentido, Wrangham e Peterson (1996, p. 251) afirmam que “com a perspectiva evolucionista nós podemos rejeitar firmemente os pessimistas que dizem que as coisas têm que ficar como estão. O demonismo masculino não é inevitável.”

7.5 AGRESSÃO: ANATOMIA E GENÉTICA

Do mesmo modo que a etologia revelou ser a agressão um fenômeno multiforme (ver item 7.2), a neurociência confirma essa idéia. De acordo com Panksepp (idem, p. 188),

Três circuitos distintos de agressividade foram provisoriamente identificados no cérebro de mamíferos: predatório, intermachos e de ataques afetivos ou circuitos de RAIVA (*RAGE*). Por exemplo, machos que lutam uns com os outros para acesso a recursos sexuais não parecem enraivecidos, mas sim se apresentam como campeões em potencial no campo da competição.

Existem muitas evidências de que os circuitos neurais do comportamento de predação são bem distintos dos demais. Por exemplo, a ativação elétrica do sistema de agressão predatória provoca auto-estimulação, ou seja, parece ser prazerosa. A ativação do sistema de agressão raivosa está relacionada, ao contrário, à evitação da auto-estimulação elétrica do cérebro. A ativação do sistema de agressão predatória não provoca ataque a membros da mesma espécie em ratos, enquanto que o de agressão raivosa provoca ataque indiscriminado. Outra evidência da diferença entre esses sistemas é que tranquilizantes

como o clordiazepóxido reduzem a agressão raivosa e aumentam a predatória, enquanto que anfetaminas podem aumentar o ataque raivoso sem afetar o ataque predatório.

Segundo Archer (1988, p. 25) “a assim chamada agressão predatória é tão diferente, em termos motivacionais e neurológicos, das outras formas de agressão que é mais útil considerá-la uma forma separada de comportamento.” Essa diferenciação tem importância quanto à discussão de certas teses de que a agressividade humana seria decorrente de um “instinto predatório assassino”, herdado dos nossos ancestrais que passaram a ter a carne de caça como elemento essencial de sua dieta.

Inúmeras evidências têm sido relatadas no sentido de comprovar a existência de regiões e circuitos cerebrais envolvidos no comportamento agressivo. Em algumas poucas regiões do tronco cerebral, a estimulação elétrica pode evocar uma “falsa raiva”, na qual existem exibições de comportamento agressivo, mas o animal não parece senti-la, podendo até ser acariciado sem problemas. Entretanto, quando os eletrodos são colocados do mesencéfalo para cima, o mais provável é evocar um estado afetivo. “Talvez a mais convincente evidência de que a estimulação elétrica do cérebro evoque um verdadeiro sentimento afetivo é que humanos estimulados nestas regiões cerebrais relatam ter experienciado uma raiva intensa.” (idem, p. 194). A estimulação elétrica de certas áreas do cérebro pode tanto ativar reações de ódio e comportamento agressivo como inibi-los. Fromm (1979, p. 139) cita “... a espetacular experiência de J. M. R. Delgado de fazer parar um touro em plena carga de ataque estimulando uma área inibitória (através do controle remoto).”

Em diversos mamíferos, mostrou-se que a destruição da amígdala fazia com que eles perdessem a “... capacidade de reações agressivas, violentas, ainda que sob forte provocação. Por outro lado, a destruição das áreas inibidoras da agressão, como as pequenas áreas do núcleo ventromedial do hipotálamo, acarreta a produção de gatos e ratos permanentemente agressivos” (idem, p. 140). Ilustrando a influência dos níveis mais altos de controle em sistemas nervosos mais complexos, macacos cujo cérebro foi estimulado dessa forma “... tenderam a descarregar sua raiva em animais mais submissos e a evitar confronto com os mais dominantes.” (Panksepp, 1998, p. 196). Tão humano!

De acordo com Panksepp (idem, p. 196), “o núcleo do sistema de RAIVA vai de áreas mediais da amígdala para baixo, principalmente via *stria terminalis*, até o hipotálamo medial, e daí para localizações específicas na substância cinzenta periaquedutal” (PAG - do inglês: *periaqueductal gray*, região localizada no tronco cerebral). A área da PAG

relacionada à raiva recebe comandos de seis regiões do cérebro: córtex frontal, córtex orbitoinsular, hipotálamo medial, complexo vestibular, rafe e *locus coeruleus*, núcleo do trato solitário. (idem, p. 197-198).

Em relação à agressão intermachos, o circuito neural a ele relacionado comporta alta densidade de receptores de testosterona. Vai de regiões diferentes da amígdala medial ao hipotálamo anterior e daí à PAG, em região próxima à do sistema raiva, mas distinta desta.

O comportamento predatório parece depender de circuitos cerebrais bem diferentes, ligados ao que Panksepp chama de sistema de BUSCA (ver capítulo 5, item 5.3), responsável “pelo impulso básico de buscar, investigar e entender o ambiente.” (ibidem, p. 145). Abarca regiões do hipotálamo lateral, área tegmental ventral e núcleo acumbens.

Assim, tendências agressivas parecem ter sido inscritas na neurodinâmica de diversas espécies, sendo passíveis de transmissão genética. Segundo Wrangham e Peterson (1996, p. 239), “os genes influenciam significativamente o desenvolvimento e a manutenção da agressão em todos os mamíferos (...) Criadores de animais têm produzido com facilidade linhagens pacíficas e agressivas de vários mamíferos, incluindo camundongos, ratos e cachorros.” Manning (1991, p. 51) relata que, em experiência com camundongos, “depois de 11 gerações, machos da linhagem alta tinham um escore médio de agressão de 6,0 (numa escala de 7 pontos), e aqueles da linhagem baixa tinham 3,1.” Segundo ele, resultados semelhantes foram obtidos em cães e galos. Panksepp (1998, p. 39) afirma que o “cruzamento seletivo de animais tem indicado que praticamente qualquer tendência comportamental em animais pode ser aumentada ou diminuída.”

Pesquisas com ratos mostram que é possível induzir alterações genéticas que resultam em aumento do comportamento agressivo, como no caso de genes que controlam a produção de óxido nítrico como neurotransmissor (Chiavegatto et al., 2001) e genes que desativam determinados receptores de serotonina (Bouwknicht et al., 2001). Young et al. (2002, p. 149) relatam ter desenvolvido “um rato mutante nomeado de feroz (*fierce - frc*) devido ao seu comportamento dramaticamente violento.”

Como ocorre com as outras características herdadas, há uma forte influência do aprendizado e do ambiente na expressão das mesmas e “... os sistemas emocionais certamente podem ser fortalecidos pelo uso e enfraquecidos pelo desuso.” (McGuffin et al., 2001, p. 17). Por exemplo, “a maioria dos gatos que foram criados apenas com outros gatos

irá caçar e matar ratos e camundongos, mas aqueles que foram criados juntamente com ratos desde o tempo de seu nascimento não mostram tal inclinação.” (idem, p. 38).

7.6 MEDO E FUGA

O comportamento agressivo animal ocorre na defesa de interesses vitais. Mas, frente à ameaça, “a fuga parece ser a forma mais freqüente de reação” (Fromm, 1979, p. 141), servindo melhor à autopreservação do que a luta na maioria dos casos. Na verdade, o que parece existir no cérebro é a possibilidade da chamada reação de luta ou fuga: uma ativação neuroendócrina que pode desembocar em luta ou fuga conforme as circunstâncias ambientais e a avaliação do animal. Assim, o impulso para fugir

... desempenha o mesmo, se não um mais amplo, papel no comportamento animal do que o impulso para lutar. Neurofisiologicamente, ambos os impulsos são integrados da mesma maneira; não há base alguma para afirmar que a agressão seja mais ‘natural’ do que a fuga. Por que, então, falam os instintivistas em intensidade dos impulsos inatos de agressão, em lugar de se dizer a mesma coisa do impulso de fugir? (idem, p. 142).

Segundo Archer (1988, p. 50),

... a mesma informação é capaz de evocar agressão ou medo, dependendo de variáveis como o grau de discrepância, os níveis hormonais e a experiência passada em lutas. Nas discussões da motivação da agressão, tem sido amplamente reconhecido que situações similares levam ao comportamento de agressão, de medo ou ambos.

Como se pode ver na Figura 6, a agressão e as reações de fuga ou paralisia são alternativas dentro de uma contínua avaliação do ambiente, sendo muito difícil considerar cada uma separadamente, como se as outras não existissem. Confirmando isso, os líderes militares sabem “... que a natureza do homem parece que não se inclina em direção ao heroísmo e que devem ser tomadas inúmeras medidas para motivar o homem à luta e para coibi-lo a fugir” (Fromm, 1979, p. 143). Pelo mesmo motivo, as culturas guerreiras seriam forçadas a desenvolver dispositivos ideológicos e punitivos para inibir o “instinto” de fuga: a noção de honra, o temor aos superiores, punição severa à deserção, desprezo pelos covardes e traidores, recompensa de pilhagens ao vencer, esportes competitivos.

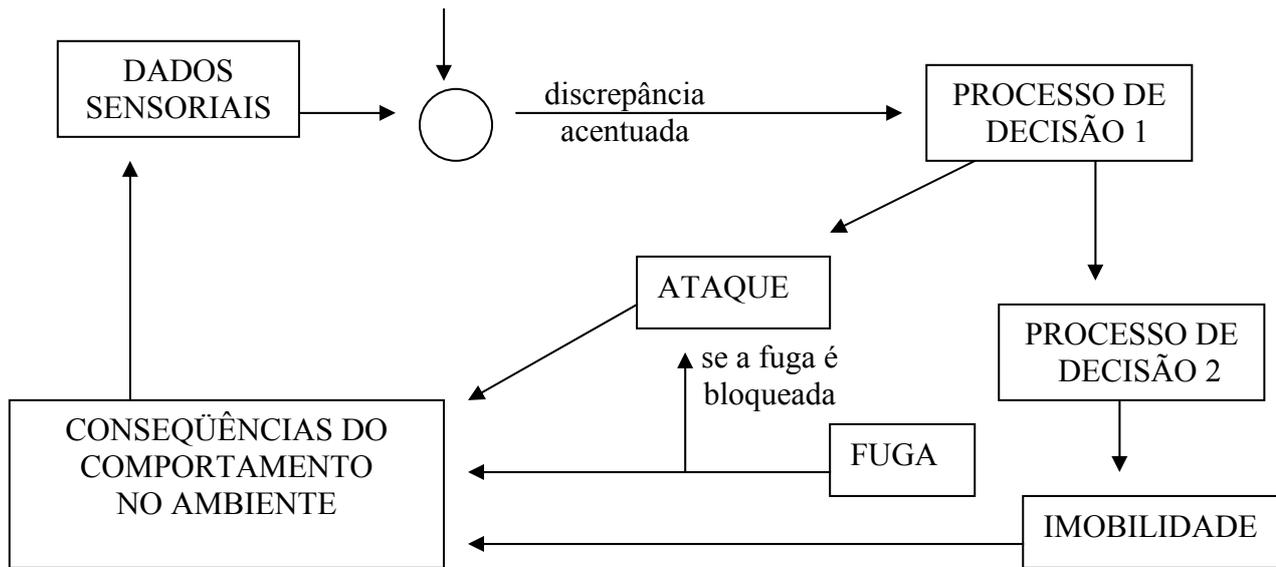


Figura 6 – Esquema simplificado do controle da agressão e medo em vertebrados.
(baseado em Archer, 1988, p. 49).

Como se pode verificar, o quadro descrito parece ser bastante diferente da terrível imagem do homem como um assassino sedento de sangue, à espera de uma oportunidade para atacar um semelhante, um animal, ou qualquer outro objeto sobre o qual possa dar vazão à sua fúria e agressão. O que vemos é que os animais – e nisso não somos exceção – na grande maioria dos casos, seguem o padrão mais prudente e racional expresso no dito popular “mais vale um covarde vivo do que um herói morto”.

7.7 AGRESSÃO, BIOLOGIA E PULSÃO DE MORTE

Retornando agora às questões formuladas no início deste capítulo:

a) Não existem evidências etológicas ou neurofisiológicas de um impulso autodestrutivo inerente aos seres vivos em seu habitat natural, com exceção daqueles que tenham uma função de maximizar o sucesso reprodutivo.

b) A agressividade é um conceito que abrange diversos fenômenos, cuja natureza diversa dificulta ou mesmo impede uma explicação simplificada como a de que tudo teria uma única origem, a saber, a deflexão de uma hipotética pulsão de morte para o exterior.

c) As evidências falam a favor da idéia de que a inibição da expressão agressiva não causa necessariamente danos internos por aumentar os impulsos autodestrutivos.

d) O modelo pulsional descrito no capítulo 6 parece não se aplicar ao fenômeno da agressão. Diferentemente da fome, da sede, do sexo, do desconforto térmico e outras necessidades regulatórias, a agressão (do mesmo modo que a fuga ou a paralisia por medo) parece ser uma resposta possível do organismo em determinadas situações, dependendo de reflexos embutidos no sistema nervoso, de aprendizado e/ou de avaliação cognitiva do ambiente. Não há evidência de que as regiões do cérebro ligadas aos vários tipos de comportamento agressivo possam ser ativadas por uma pulsão específica. Além disso, não existem áreas do sistema nervoso que forneçam substrato anatômico e funcional para o funcionamento de uma pulsão que visa fazer o organismo retornar ao inorgânico.

Além das conclusões acima, vale a pena ressaltar alguns outros aspectos:

e) A variedade é a norma na natureza. Algumas espécies apresentarão certos tipos de agressão desenvolvidos e proeminentes em seu comportamento habitual, controlados por meio de circuitos cerebrais herdados geneticamente e pelo aprendizado. Outras espécies serão diferentes qualitativa e quantitativamente, sempre em conexão com a função adaptativa disso. Em resumo, a agressão parece estar a serviço da seleção natural: onde for útil, ela se desenvolve; onde for nociva ou de custo excessivamente alto, acabará por ser eliminada.

f) Os comportamentos agressivos estão sujeitos, especialmente em animais com sistema nervoso desenvolvido, a diversos mecanismos de controle, modulação e avaliação, o que é ainda mais verdadeiro para os humanos⁸².

g) A tese dos “machos demoníacos” (ver item 7.4.3) pode dar alguma sustentação à idéia de um impulso biológico para a agressão e a crueldade humanas. Porém isso abrange, segundo seus proponentes, apenas duas espécies (humanos e chimpanzés) e não todos os seres vivos, tornando-o bem específico. Outro ponto importante é que essa teoria não explica os comportamentos de auto-agressão, masoquismo e outros temas correlatos que fazem parte da concepção freudiana. Além disso, é uma hipótese recente e ainda sujeita a comprovações.

h) A hipótese aventada por diversos autores⁸³, dos seres humanos enquanto “predadores assassinos”, não encontra respaldo no conhecimento atual, dado que “as raízes

⁸² “O cérebro é equipado com estratégias para a violência, que são estratégias contingentes, ligadas a um complexo conjunto de circuitos que computa quando e onde elas devem ser empregadas. Animais empregam a agressão de maneiras muito seletivas, e os humanos, cujos sistemas límbicos estão enredados com lobos frontais de tamanho extragrande, são, obviamente, ainda mais calculistas.” (Pinker, 2004, p. 438-9).

da agressão humana não derivam do hábito de caça de nossos ancestrais” (Huntingford, 1991, p. 25), ou seja, segundo as evidências etológicas e neurológicas existentes, a predação tem muito pouco a ver com a agressão.

i) Em animais que possuem um sistema nervoso capaz de exibir a reação de luta/fuga, o estudo da raiva deve estar sempre intimamente conectado ao estudo do medo, a compreensão da agressão não pode ser alcançada sem o entendimento da reação de fuga, dado que ambos os aspectos fazem parte de um mesmo quadro neural e comportamental.

⁸³ Ver resenhas em Fromm (1979) e Montagu (1978).

Um homem aponta o céu.
O tolo olha o dedo,
O sábio vê a lua.
Provérbio chinês

CAPÍTULO 8 – FREUD: PULSÃO, ENTROPIA E MITOLOGIA

8.1 A PULSÃO, O INCONSCIENTE E O MAL-ESTAR

Depois de percorrer os caminhos da biologia, é chegado o momento de examinarmos algumas possibilidades de avaliação do texto freudiano a partir do que foi discutido nos capítulos anteriores. O mais impressionante, a nosso ver, foi perceber o quanto a teoria das pulsões – no âmbito de uma formulação de como se dá a passagem do somático para o psíquico – apresenta-se atual e compatível com os achados recentes das neurociências. É quase como se as neurociências olhassem de fora, de um ponto de vista objetivo, enquanto a psicanálise olha de dentro, a partir do subjetivo. E as duas pontas se complementam, permitindo um diálogo fecundo, no qual as neurociências podem apontar, por exemplo, quais são e como funcionam as vias neurais aferentes das diversas fontes pulsionais. Talvez possa até esclarecer afinal quantas são as pulsões básicas e quais são as derivadas. Solms (2004c, p. 17), por exemplo, afirma que

Os impulsos são a representação no aparato mental, no cérebro, da influência da economia homeostática do corpo físico. As exigências feitas por aquele aparato para executar trabalho que cumpra as necessidades do corpo. Do ponto de vista das neurociências, estudar essas coisas é um passeio, é fácil.

A visão da psique humana baseada num conflito permanente também é algo que se mostra em concordância com a biologia. Para Wright (1994, p. 323), Freud “identificou um monte de dinâmicas mentais que podem ter profundas raízes evolutivas. Ele viu de modo correto a mente como um lugar de turbulência, boa parte da qual é subterrânea.”

Outros aspectos da psicanálise também encontram respaldo nas pesquisas modernas, abrindo-se uma perspectiva de evolução do conhecimento, tanto no âmbito da teoria quanto da clínica. Por exemplo, a tese da influência determinante das experiências infantis precoces na psicopatologia humana é algo amplamente aceito (Kandel, 2003; LeDoux, 1998). A existência de uma atividade mental inconsciente parece ser um consenso entre os

pesquisadores da área⁸⁴ (Damásio, 1995; Kandel, 2003; Pinker, 2004; Wright, 1994). A metapsicologia, denominação cunhada por Freud para enfatizar a diferença com a visão dominante, que não aceitava a idéia de inconsciente, talvez venha a se tornar simplesmente uma “psicologia”, caso não tenha mais de marcar posição como portadora de uma crença diferente das demais escolas nesse ponto.

Assim, a preocupação de Freud, ao longo de toda sua vida, de não se afastar das raízes biológicas da psicanálise coloca sua teoria numa posição favorável para o diálogo com as neurociências e com os defensores de uma psicologia de base darwinista. Wright, em um livro sobre psicologia evolucionista, comenta sobre Freud: “Alguém que vê os humanos como animais, guiados pelo sexo e por outros impulsos grosseiros, não pode ser de todo mau.” (Wright, 1994, p. 315). Segundo este autor, a tese central do “Mal-Estar na Civilização” encontraria respaldo no conhecimento atual, dado que “as mentes das pessoas foram desenhadas para maximizar a aptidão no ambiente no qual essas mentes evoluíram.” (idem, p. 38). Esse ambiente parece ter mudado muito ao longo do tempo, mas tem-se como certo que algumas características permaneceram estáveis durante uma boa parte dessa evolução. Ou seja, havia uma chave (as disposições humanas) que abria uma fechadura (o ambiente primitivo); a fechadura mudou, mas a chave permanece a mesma (pois não teve tempo de acompanhar as alterações) e agora em muitos momentos não funciona bem. Por exemplo, “as pessoas cresceram perto de parentes próximos em pequenas aldeias onde todo mundo conhecia todo mundo e estrangeiros não apareciam com freqüência.” (ibidem). Além disso, teria sido um “estilo de vida de pequenos grupos de pessoas analfabetas e sem pátria que vivem dos frutos da terra, sobrevivem graças ao seu engenho e dependem daquilo que podem carregar consigo.” (Pinker, 2004, p. 305).

Não fomos desenhados para ficar em plataformas de metrô apinhadas, ou viver em prédios com vizinhos com os quais nunca falamos, ou para sermos empregados e despedidos, ou para ver o noticiário noturno. Essa disjunção entre o contexto que nos formatou e das nossas vidas é provavelmente responsável por muita psicopatologia, bem como por muito sofrimento de um tipo menos dramático. (E, tal como a importância da motivação inconsciente, esta é uma observação pela qual Freud tem algum crédito; ela é central para o seu ‘Mal-Estar na Civilização’). (Wright, 1994, p. 38-39).

⁸⁴ De acordo com Wright (1994, p. 324), a “noção darwinista de inconsciente é mais radical que a freudiana. As fontes de auto-engano são mais numerosas, diversificadas e profundamente enraizadas, e a linha entre consciente e inconsciente é menos clara.”

Em resumo, “nossa mente é adaptada a um mundo que não existe mais, propensa a equívocos corrigíveis apenas com uma árdua educação, e condenada à perplexidade diante das questões mais profundas que podemos formular.” (Pinker, 2004, p. 332).

O aspecto comentado por esses autores trata apenas de uma das facetas abordadas pelo texto freudiano, mas, de qualquer maneira, mostra que este último traz elementos de grande atualidade. A questão da existência de um “mal-estar” parece ser um tema tão fundamental nos dias de hoje que levou à produção recente de uma ampla literatura sobre o assunto, sob enfoques variados, mas que sofrem de alguma forma a influência da formulação freudiana (Bauman, 1998; Birman, 1999; Cardoso & Silveira, 1997; Figueiredo, 2001; Fuks, 1998/1999; Garcia, 2001; Kaplan, 1993; Leite, 2002; Mezan, 2000; Monteiro, 2002; Oliveira, 2002; Pujó, 2001; Rider et al., 2002; Rouanet, 1993; Safouan et al., 1996). Existe inclusive um periódico dedicado ao tema, chamado “Revista Mal-Estar e Subjetividade”, editado em Fortaleza desde 2001. Isto mostra que, por mais questionamentos que se possa fazer ao conteúdo desta obra de Freud, sem dúvida ela apontou para um assunto de grande impacto no pensamento contemporâneo, revelando assim a fecundidade do pensamento de seu autor. Claro que isso não significa que seja impossível diminuir o “mal-estar” cultural (ver discussão no capítulo 9).

Esse conflito não seria apenas entre as pulsões e a civilização. Como vimos no capítulo 7, os impulsos básicos de um animal social devem estar adequados à vida grupal, devido ao seu potencial disruptivo. Dado que os primatas são animais sociais por excelência, supõe-se que o antagonismo básico entre interesses pessoais imediatos e as exigências de preservação do grupo esteja presente em nossa história evolutiva há muito tempo. Entre os humanos, em que o investimento parental masculino é importante,

... os machos tiveram de encarar extensas ‘restrições’ dos impulsos sexuais muito antes das normas culturais modernas tornarem a vida ainda mais frustrante. A questão é que o recalque e a mente inconsciente são produtos de milhões de anos de evolução e estavam bem desenvolvidos muito antes da civilização complicar ainda mais a vida mental. (Wright, 1994, p. 323).

8.2 A PULSÃO DE MORTE

A teoria da pulsão de morte significou um importante avanço em certos aspectos. Em primeiro lugar, possibilitou um lugar de destaque para a agressividade e a destrutividade do ser humano. Antes isto era concebido como algo resultante de uma pulsão parcial dentro

do quadro da sexualidade. Que a agressividade tenha origem, funcionamento e dinâmicas próprias, independentes da sexualidade, é um ponto que encontra amplo fundamento na biologia, como visto no capítulo 7. Existe em diversos animais – e não somos exceção nesse aspecto – uma prontidão para agredir e destruir, para remover qualquer tipo de obstáculo desde que a relação custo/benefício compense. Mezan (1982, p. 326), comenta esse destaque dado à agressividade:

... a violência. Este é o referencial para pensar todos os conceitos desta quarta fase da obra de Freud (...). A pulsão de morte é violência contra o sujeito e o outro, sob a forma de agressividade; o superego é violência introjetada pela violência da cultura; o id é violência pela sua índole passional; o conflito defensivo é violência pelo controle do ego; a castração é violência pela mutilação psíquica, quando não física, que acarreta...

Outra idéia importante trazida a partir de 1920 é a insuficiência do princípio de prazer como algo que dê conta de todo o funcionamento psíquico. Conforme comentado no capítulo 5, a hipótese de que a atividade psíquica seria regida pelo fato de que a excitação é vivida como desprazer e pressiona na direção da eliminação da excitação e do término do estímulo, tem uma validade parcial. Ou seja, ela responde por uma parte do que ocorre no psiquismo e descreve de forma satisfatória muitas das conseqüências desse modo de funcionar. Entretanto, realmente existe muita coisa “além do princípio de prazer”, se bem que numa perspectiva algo diferente daquela definida por Freud. De qualquer forma, deve-se reconhecer a visão de Freud de perceber que o princípio de prazer, tal como formulado por ele, não era suficiente para explicar tudo que ocorria na mente humana.

A hipótese da pulsão de morte permite ainda ressaltar elementos clínicos como a crueldade do superego, a resistência, a destrutividade, a inveja. Abre espaço para dar a devida importância às múltiplas ocorrências de violência na história humana, na sociedade atual, nas relações interpessoais e na dinâmica intrapsíquica. No âmbito da clínica, a hipótese da pulsão de morte ampliou os horizontes do tratamento, abrindo espaço para inovações decisivas. Encontramos desenvolvimentos clínicos de grande valor a partir da idéia da pulsão de morte em Garcia Roza (1997), Green (1988), Melanie Klein (1991, 1996, 1997), Laplanche (1988), Segal (1988), Wine (1992) e outros (ver capítulo 6, item 6.4). Por mais questionável que seja seu fundamento biológico, em termos psicológicos a hipótese da pulsão de morte pode permitir que se lide com temas, posturas, dinâmicas e atitudes relevantes para a clínica.

Apesar de sua possível utilidade clínica, entretanto, verificam-se elementos que parecem ser incompatíveis com o conhecimento atual em vários aspectos. A idéia de um impulso agressivo auto-impelente não encontra aceitação na etologia e na neurociência (ver capítulo 7). A concepção da agressividade como um fenômeno único, em que todas as suas manifestações variadas podem ser entendidas dentro da mesma dinâmica, também é um ponto de vista questionável. Como examinado nesse capítulo, englobam-se nessa denominação fenômenos muito diversos entre si, com vias neurais diferentes, com manifestações etológicas distintas. Ou seja, aparentemente, fenômenos como predação, raiva, agressão e sadismo talvez não possam ser compreendidos de acordo com uma leitura simplificada que os nivela em um mesmo bloco. Outro aspecto que tem sido questionado é a visão da agressão enquanto uma pulsão:

... temos um entendimento muito sofisticado hoje de quais são os mecanismos principais de impulsos e instintos no cérebro de mamíferos, incluindo o humano. E eles não corroboram a visão de Freud. O que é consistente com Freud é que há algum tipo geral de busca de prazer. Mas ele pressupôs que isso é oposto a um outro impulso, um impulso destrutivo. O que descobrimos com a neurociência é que há pelo menos outros três impulsos, provavelmente cinco, talvez até seis. O que sabemos é que há um sistema de medo/ansiedade. Temos um circuito de raiva/fúria. E então há o impulso de separação/perturbação, que, de novo, é completamente diferente dos outros. Então, há pelo menos esses três outros impulsos. E não há razão para reduzi-los a uma tendência destrutiva global ... (Solms, 2004c, p. 17).

Os problemas relativos à base biológica da pulsão de morte parecem ter levado a uma situação bastante peculiar na relação dos seguidores de Freud com a teoria do mestre:

Embora Freud, em seus últimos anos, afirmasse repetidas vezes que não podia mais pensar sobre a vida e a morte de outra maneira, a maioria dos outros psicanalistas, embora se considerassem bons freudianos, achou que os problemas lógicos e de evidência apresentados por Tanatos eram insuperáveis. (Gay, 1995, p. 532).

Sulloway (1979, p. 393), do mesmo modo, afirma que “a idéia de Freud de uma pulsão de morte possui a distinção notável, entre suas teorias, de ser a única que obteve pouca aceitação mesmo entre seus seguidores.” Também Laplanche & Pontalis (1991, p. 407) comentam que a noção de pulsão de morte “... não conseguiu impor-se aos discípulos e à posteridade de Freud da mesma maneira que a maioria das suas contribuições conceituais;

continua sendo uma das noções mais controvertidas.” O próprio Freud (1937/1975, p. 278) reconheceu isso: “estou bem cômico de que a teoria dualista, segundo a qual um instinto de morte ou de destruição ou agressão reivindica iguais direitos como sócio de Eros, tal como este se manifesta na libido, encontrou pouca simpatia e não foi aceita, mesmo entre psicanalistas.”

8.3 ENTROPIA E IMORTALIDADE

Considerando o aspecto biológico da pulsão de morte, de onde teria Freud tirado sua visão? Um grande pensador, um homem erudito e inteligente, por que teria ele concebido uma teoria com elementos tão questionáveis? Acreditamos ser possível que ele tenha tido uma intuição de fenômenos reais, mas sem saber traduzi-la adequadamente. Levantamos aqui a hipótese de que ele falava de leis físicas e biológicas, mas, não o percebendo, formulou-as de modo pouco compatível com outros ramos da ciência. Possivelmente ele falava da entropia e daquilo que Dennet (1998, p. 49-63) chama de algoritmo da seleção natural. Conforme este autor, (idem, p. 72),

A Vida pode ser definida em função da segunda lei da termodinâmica (...) entropia é simplesmente desordem, o oposto da ordem, e, de acordo com a segunda lei, a entropia de qualquer sistema isolado aumenta com o tempo (...) De acordo com a segunda lei, o universo está saindo de um estado mais ordenado para um estado essencialmente desordenado, conhecido como morte térmica do universo. O que são, então, as coisas vivas? São coisas que desafiam este desfazer-se em pó, pelo menos por enquanto, por não estarem isoladas, por retirarem de seu ambiente os recursos para se manter vivas (...) a vida é uma inversão sistemática de entropia.

Ou seja, a tendência para desagregação e para voltar ao inorgânico existe, está inscrita nas leis físicas do universo conhecido e chama-se entropia. Age automaticamente e não precisa de nenhum instinto ou pulsão para funcionar. Pelo contrário, é preciso haver uma intensa e precisa pulsão de vida, uma auto-regulação vital bastante forte e eficiente para que a vida possa sobrepujar a tendência natural da entropia. Como diz Pinker (2004, p. 332), “nosso corpo é um arranjo extraordinariamente improvável de matéria, com muitos modos de as coisas darem errado e apenas alguns de darem certo.” Assim, se não houver um modo de encaminhar o funcionamento do organismo para alguns desses poucos modos de dar certo, é de se esperar que ele siga espontaneamente para os caminhos mais prováveis que darão errado em termos de continuidade da vida.

A vida vai no sentido contrário da entropia, mas não nega a segunda lei da termodinâmica. Isso é possível pelo mesmo princípio que torna possível uma geladeira funcionar, gerando uma situação antientrópica de resfriamento em seu interior. Tomado o sistema como um todo, a entropia aumentou, mas num pequeno espaço predominou a tendência contrária, e para que isto ocorra há um gasto de energia. Basicamente porque nosso planeta não é um sistema fechado, recebendo grande quantidade de energia vinda do sol, a vida em grande escala é possível aqui. Ou seja, aumenta a entropia no sistema solar, mas, num de seus planetas, algumas entidades – os seres vivos – podem trilhar a direção contrária.

Existem mecanismos nos seres vivos que permitem retornar a pontos de equilíbrio (homeostase) que garantam a continuidade da vida (ver capítulo 4). A entropia também faz com que a matéria viva retorne a um estado anterior, só que geralmente oposto ao da autorregulação do organismo vivo⁸⁵. Pela entropia, a vida tende à desorganização, à morte. O que Freud enxergou existe, só que não é uma propriedade da matéria viva, e sim da matéria inanimada. O conflito não seria entre pulsão de vida e pulsão de morte, mas entre os mecanismos homeostáticos e a entropia. À primeira vista, tudo estaria resolvido a favor da tese freudiana se fosse possível estabelecer uma equivalência entre os processos de autorregulação e pulsão de vida, por um lado, e, por outro, entropia e pulsão de morte.

O tema da relação entre entropia e pulsão de morte não é novo na história da psicanálise. Conforme nos relata Jones, a hipótese da pulsão de morte foi recebida com reservas pela maioria dos psicanalistas, e muitos buscaram uma base científica para ela:

... o objetivo era estabelecer uma relação entre o princípio da estabilidade de Fechner, que Freud identificara com seu princípio de Nirvana e em última instância com a pulsão de morte, e a segunda lei da termodinâmica (...) a idéia do universo em declínio facilmente sugeriu que a tendência à morte implícita na pulsão de morte era apenas um aspecto particular da lei física geral. Bernfeld e Feitelberg trataram demoradamente desse tema, sem chegar a quaisquer conclusões definidas, e Lichtenstein aceitou plenamente a identidade em questão. No entanto, do lado da física, dois autores ingleses, Kapp e Penrose, publicaram críticas arrasadoras sobre as confusões nos trabalhos desses autores, que por fim teriam de se desfazer da idéia de que

⁸⁵ Como visto no capítulo 4, faz parte da homeostase também a incorporação de mecanismos que funcionam no sentido de reduzir estruturas complexas a seus componentes mais simples, como é o caso do catabolismo e da apoptose. Entretanto, mesmo aqui não se pode falar exatamente em entropia, dado que são mecanismos regulados e controlados de maneira a produzirem resultados construtivos e não destrutivos, quando se pensa no organismo como um todo.

poderia haver alguma relação entre entropia e pulsão de morte. (Jones, 1989, p. 278).

Realmente, são profundas as críticas feitas pelos autores mencionados por Jones:

Analogias entre algumas teorias psicanalíticas e certas leis da física podem ter impressionado muitas pessoas. Essas analogias podem ser tornadas mais ou menos próximas, de acordo com a forma com a qual a lei física é expressa. Se a forma escolhida for a de uma equação matemática, nenhuma analogia parecerá existir. Mas se for descrita em palavras que possam parecer uma personificação da natureza, as analogias serão prontamente encontradas (...) Entropia é um número que ocorre em cálculos termodinâmicos, para o qual é conveniente dar um nome. É comum expressar este número em termos de uma quantidade de calor dividida por uma temperatura. Acreditar que a lei da entropia é válida para a psicologia significa acreditar que valores numéricos têm um sentido nessa ciência (...) Se formos aplicar a lei à psicologia, deve haver nesta um conceito que possa ser representado por calor dividido pela temperatura. (Kapp, 1931, p. 82). A teoria da pulsão de morte afirma que, em um ser vivo, o desejo de morrer resulta no aumento de uma quantidade que certamente não é calor dividido pela temperatura (...) Pode-se aceitar a teoria de uma tal identidade apenas se a pessoa acreditar numa destas duas coisas: ou que os conceitos quantitativos da física, tais como tempo, distância, massa velocidade, momento, energia, potência, força, entropia, etc., têm todos seu lugar na psicologia; ou que os conceitos subjacentes às leis da física são aqueles com os quais os estudiosos da natureza humana estão familiarizados. Isto equivale a dizer que a pessoa deve acreditar que potência em física tem algo em comum com a potência mental, força com personalidade, que energia e libido significam a mesma coisa, que as leis da física são governadas por impulsos e desejos da natureza, do mesmo modo que as da psicologia o são pelos impulsos e desejos dos indivíduos. (idem, p. 83).

Penrose (1931, p. 91) comenta a correspondência proposta por alguns autores entre a termodinâmica e o ponto de vista econômico:

Há apenas uma vaga analogia aqui, a menos que a energia pulsional seja aceita como uma forma de energia física ou uma função simples dela. (...) nenhum físico jamais sonharia que existe algo em comum entre estas duas concepções de energia. A energia física é detectada por medições feitas com

o uso de relógios e réguas, enquanto que a energia mental no sentido freudiano nunca foi medida.

No mesmo sentido, Kapp cita algumas das definições da energia, tal como entendida pela física: “quantidade de potência vezes tempo”, “quantidade de velocidade vezes momento” e outras. Para ele,

Quando encontramos uma quantidade de alguma destas coisas, sabe-se que temos uma quantidade de energia. Se encontramos uma quantidade de algo diferente, sabe-se que não é uma quantidade de energia. Se for uma quantidade de alguma coisa diferente, a lei [da entropia] não se aplica. A teoria da pulsão de morte só pode ser uma ilustração desta lei se ela lidar com a energia tal como definida acima. (Kapp, 1931, p. 83).

O que Jones, Kapp e Penrose nos contam acima confirma o ponto de vista aqui exposto. Assim, o conceito de entropia pode talvez apenas explicar a origem de certas idéias de Freud e alguns seguidores seus, mas não justificá-las. Quando Klein, por exemplo, afirma que “a causa primária da ansiedade é o medo de aniquilamento, de morte, que surge do trabalho interno da pulsão de morte.” (Klein, 1991, p. 81), isso poderia ser traduzido como: é possível que o bebê perceba de alguma forma – ou algo esteja inscrito em seu cérebro fazendo-o alerta disso – que a entropia existe e ameaça sua existência. E essa percepção pode gerar ansiedade no início da vida, momento em que os mecanismos de auto-regulação físicos e psíquicos se encontram ainda tão imaturos. Ou seja, muitos dos efeitos “silenciosos” e internos da “pulsão de morte” talvez possam ser explicados pela existência da entropia. Porém ficam invalidados os conceitos de uma força ativa no organismo que busca a morte. Mais estranha ainda – em termos da Física – parece ser a tentativa de explicar, por meio de uma deflexão para fora da entropia (!?), o ódio, a agressão, o sadismo, a crueldade, a destrutividade, a inveja, a guerra, a tortura.

Jones (1989, p. 278-279) parece concordar com essa tese quando aponta a

... distinção essencial entre as condições de existência que – mais ou menos mecanicamente – levam em última instância à mudança que denominamos morte e, por outro lado, uma força ativa, como Freud julgava, que visava mais ou menos deliberadamente a morte.

Do mesmo modo, segundo Andrade (2003, p. 195),

Quanto à morte, não parece justificável vê-la como tendência da natureza de um *Trieb*, na medida em que corresponde a desgaste de energia inerente ao

processo vital, enquadrado na segunda lei da termodinâmica. Anteriormente (1974), em uma época em que raciocinava levando em conta a existência de um impulso autodestrutivo, tive oportunidade de associar o instinto de morte à entropia, não me dando conta então da impropriedade de atribuir àquele fenômeno físico qualidade de instinto (...). É mais razoável considerar apenas o *Trieb* de vida como irreduzível, dele fazendo parte (1) a nutrição, para a preservação da vida individual; (2) a sexualidade, para conservação da vida através da espécie; (3) a agressividade, para defesa do indivíduo e da espécie.

É importante notar que existem defensores atuais da possibilidade de equiparação entre pulsão de morte e entropia, com base em formulações mais elaboradas do que as apresentadas acima. Por exemplo, Hanns propõe entender as pulsões com base no conceito de patamares de conjunção das mesmas, dividindo-os em: 1- natureza em geral e biologia das espécies; 2- somático; 3- processo primário (psíquico); e 4- processo secundário (ver Hanns, 1999, p. 160-170). A partir disso ele comenta⁸⁶ a possibilidade de o funcionamento pulsional, num dado nível, ser algo que se aproximaria da idéia de entropia:

Se fizéssemos um desenho numa folha de papel, a entropia e a entalpia constituiriam um círculo que talvez ocupasse tudo, todas as manifestações universais. E a pulsão de morte seria um círculo menor, contido nesse outro, que apenas abarca o que tange aos viventes. Se você partir do pressuposto de que o funcionamento vital tem sempre uma composição vetorial de polaridades, então existe um alimento que entra e um que sai, você inspira e expira, tem trocas o tempo inteiro, tem uma tensão e uma distensão. E que esses vetores polarizados, uma parte dos quais aponta para a entropia, são necessários para o processo vital.

Haveria uma diferença crucial entre a visão das pulsões examinada no capítulo 6, definida pelas características de fonte-pressão-objeto-meta, e este outro nível de análise:

Quando Freud fala de *Quelle* [fonte], isso ocorre sob a égide de uma diferenciação entre as pulsões sexuais e pulsões de autoconservação. Quando ele fala em pulsão de vida e pulsão de morte, ele está naquela outra escala, é a manifestação da entropia e entalpia. Na primeira teoria você está olhando para a pulsão enquanto uma finalidade especificada e não como um princípio geral. É um outro nível epistemológico. Não se pode querer aplicar esses grandes princípios ao mesmo nível em que se aplica uma função

⁸⁶ Conforme entrevista concedida por Luiz Alberto Hanns ao autor em 26 de agosto de 2004.

específica de reprodução, uma função específica de expelir. Mas a pulsão de vida, contraposta à pulsão de morte, as pessoas se esquecem disso, ela é tão abstrata ou não quanto a pulsão de morte. A idéia é que, se a pulsão de morte é silenciosa, a de vida também é. Você está num outro nível hierárquico de organização conceitual. Nem a pulsão de vida e nem a de morte tem uma *Quelle*. O mesmo se aplica ao *Ziel* [meta], que está ligado ao nível imediato. Toda pulsão tem um *Ziel*, que é de se extinguir. Só que isso vale ao nível das funções, dos sistemas operantes, das espécies, dos seres vivos. Aqui não se aplica nem a pulsão de morte e nem a pulsão de vida. O *Ziel* não está naquele primeiro patamar, que é o patamar das grandes leis. O fato de ao respirar eu me manter vivo propicia esse equívoco de dizer: pronto, isso é pulsão de vida. Não é. Do ponto de vista da pulsão de vida e pulsão de morte, respirar é pulsão de vida e de morte. Porque, se eu fizer uma hiperventilação, eu morro. Se eu deixar de expirar, eu morro. Assim, há um componente de vida ao expirar, e há um componente de morte ao inspirar. Eu preciso dos dois amalgamados, é como se a vida surgisse banhada na entalpia e na entropia, e ela lida com essas duas forças para se manter. (Hanns, 2004).

Podemos, então, finalizando a discussão sobre entropia e pulsões, dizer que os organismos existentes hoje têm mecanismos altamente sofisticados e complexos de garantir a vida, simplesmente porque aqueles que não eram tão competentes foram eliminados e não deixaram descendentes. Sobreviveram os que, entre outras coisas, possuíam os melhores dispositivos antientróticos. A existência da entropia, ao fim de algum tempo, levava à morte cada organismo específico⁸⁷. Mas se, antes de sucumbir, tivesse conseguido se reproduzir por meio do sexo, poderia ser alcançada uma espécie de imortalidade. Olhando desta perspectiva, não é tão descabido dizer, por exemplo, que “o surgimento da vida seria, então, a causa da continuação da vida e também, ao mesmo tempo, do esforço no sentido da morte. E a própria vida seria um conflito e uma conciliação entre essas duas tendências.” (Freud, 1923/1976, p. 56).

Como se pode ver, as linhas gerais da concepção de Freud estavam certas: carregamos dentro de nós uma força que tende a nos levar para a morte e carregamos também forças que se opõem a essa primeira e que nos impulsionam a reproduzir-nos. Entretanto, a primeira não é uma pulsão biológica, mas sim um fenômeno do mundo físico

⁸⁷ Isto se aplica integralmente apenas aos organismos multicelulares. Como visto no capítulo 4, bactérias e outros seres de reprodução assexuada são potencialmente imortais.

em que vivemos. E a segunda não é uma entidade mítica ou sobrenatural, mas sim uma característica – ou um grupo de características – decorrentes de uma pressão seletiva que eliminou aqueles organismos que por acaso não as possuísem.

Uma curiosidade final em relação à entropia é o fato de que Freud (1937/1975, p. 278-280) expôs a semelhança de sua teoria das pulsões de morte e de vida com a teoria de Empédocles sobre os dois princípios (Amor e Discórdia) que governariam o universo. Apesar das inúmeras similaridades, ele ressalta a diferença entre ambas quanto ao fato de Empédocles atribuir esses princípios ao funcionamento global do universo, constituindo “... uma fantasia cósmica, ao passo que a nossa se contenta em reivindicar validade biológica.” (idem, p. 279). Se for válido o raciocínio desenvolvido acima, um dos resultados é que a visão de Empédocles seria mais compatível com nossas conclusões, dado que a entropia (a “discórdia”) é realmente parte das leis que regem o cosmos e que tendências antientrópicas (o “amor”) podem desenvolver-se em sistemas que recebem energia do exterior, princípio do mesmo modo aplicável a todo o universo físico.

8.4 PLATÃO E SEUS ANDRÓGINOS

A certo momento, aparentemente desanimado com o pouco que a ciência tinha a lhe oferecer na época, Freud busca apoio na filosofia, mais exatamente em formulações de Platão sobre a origem dos seres humanos e da sexualidade, falando de uma hipótese que

... é de tipo tão fantástico, mais mito do que explicação científica, que não me atreveria a apresentá-la aqui se ela não atendesse precisamente àquela condição cujo preenchimento desejamos (...) ‘A natureza humana original não era semelhante à atual, mas diferente. Em primeiro lugar, os sexos eram originalmente em número de três, e não dois, como são agora; havia o homem, a mulher, e a união dos dois’ (...) Tudo nesses homens primevos era duplo: tinham quatro mãos e quatro pés, dois rostos, duas partes pudendas, e assim por diante. Finalmente, Zeus decidiu cortá-los em dois (...) Depois de feita a divisão, ‘as duas partes do homem, cada uma desejando sua outra metade, reuniram-se e lançaram os braços uma em torno da outra, ansiosas por fundir-se’. (Freud, 1920/1976, p. 78).

Partindo dessa idéia, Freud procura então formular sua teoria:

Seguiremos a sugestão que nos foi oferecida pelo poeta-filósofo e aventurar-nos-emos pela hipótese de que a substância viva, por ocasião de sua animação, foi dividida em pequenas partículas, que desde então se

esforçaram por reunir-se através dos instintos sexuais? De que esses instintos, nos quais a afinidade química da matéria inanimada persistiu, gradualmente conseguiram, à medida que evoluíam pelo reino dos protistas, sobrepujar as dificuldades colocadas no caminho desse esforço por um ambiente carregado de estímulos perigosos, estímulos que os compeliram a formar uma camada cortical protetora? De que esses fragmentos estilhaçados de substância viva atingiram dessa maneira uma condição multicelular e finalmente transferiram o instinto de reunião, sob a forma mais altamente concentrada, para as células germinais? (idem, p. 79).

À primeira vista pode parecer estranho que um Freud busque apoio em teses filosóficas antigas e muito pouco plausíveis de um ponto de vista estritamente científico. Entretanto, podemos verificar que esse mito não está tão distante do pensamento biológico. Margulis e Sagan, em sua exposição do surgimento da vida e da sexualidade, também fazem uma comparação com a tese de Platão, da existência original de seres andróginos que, divididos, teriam dado origem aos diferentes sexos, dizendo que, “... se substituirmos o ser rolante de oito membros por um prototista primitivo, essa história exagerada se tornará não só instigante, mas essencialmente verdadeira.” (Margulis e Sagan, 2002, p. 71).

Como já assinalado (capítulo 4, item 4.3), estes autores estão falando do surgimento das células diplóides (com dupla cópia dos cromossomos) por meio do acasalamento de células haplóides (com apenas uma cópia dos cromossomos), fenômeno que deu origem à sexualidade como a conhecemos nos animais e plantas. Esse fenômeno não ocorreu entre os primeiros seres vivos e sim em eucariotas, bilhões de anos depois do surgimento da vida. Ou seja, Freud percebeu algo que tem algum fundamento na realidade, e a tentativa de formular sua percepção recorrendo ao mito platônico é um recurso também usado por cientistas atuais. Considerando que a ciência atual nos permite localizar o que é válido nesse tipo de concepção, tentaremos responder às perguntas de Freud:

a) “A substância viva, por ocasião de sua animação, foi dividida em pequenas partículas, que desde então se esforçaram por reunir-se através dos instintos sexuais?” (Freud, 1920/1976, p. 79).

Não. Como visto no capítulo 4, item 4.3, conforme as hipóteses aceitas pela ciência biológica atual, o surgimento da vida não implicou esse tipo de divisão da matéria viva. Por bilhões de anos, não existiu nada diferente disso na face da Terra.

b) Essas pulsões “... gradualmente conseguiram, à medida que evoluíam pelo reino dos protistas, sobrepujar as dificuldades colocadas no caminho desse esforço por um ambiente carregado de estímulos perigosos, estímulos que os compeliram a formar uma camada cortical protetora?” (idem).

Em termos. Não foram as “pulsões” que sobrepujaram as dificuldades, foi a seleção natural que eliminou os organismos que não “sabiam” enfrentar os perigos. Alguma mutação fez com que surgisse o acasalamento de seres haplóides, exatamente no reino dos protistas, ao que se supõe. Esse acasalamento muitas vezes resulta na formação de uma “camada cortical protetora”, não exatamente aquela teorizada por Freud, mas com algumas semelhanças importantes. Note-se que boa parte dos seres unicelulares não forma essa “camada protetora”, o que falaria contra a validade geral do processo.

c) “De que esses fragmentos estilhaçados de substância viva atingiram dessa maneira uma condição multicelular e finalmente transferiram o instinto de reunião, sob a forma mais altamente concentrada, para as células germinais?” (ibidem).

Praticamente sim. Se considerarmos:

- que essa estratégia evolutiva (de reunião do material genético de dois seres em um só) surgiu entre os protistas unicelulares;

- que isso possibilitou o surgimento de seres multicelulares; e que a reprodução da imensa maioria deles (exceto aqueles poucos com reprodução assexuada) passa obrigatoriamente pela fusão de gametas produzidos por dois organismos diferentes;

- que a seleção natural favoreceu os organismos mais eficientes em promover esta união, gerando uma forte tendência a se esforçar para que os gametas se encontrem por meio do intercuro sexual; sim, podemos concordar com a tese freudiana sem prejuízo de sua coerência com o conhecimento atual.

8.5 MITOLOGIA I - UNIÃO E FRAGMENTAÇÃO

Segundo Freud (1933/1976, p. 119), “a teoria dos instintos é, por assim dizer, nossa mitologia. Os instintos são entidades míticas, magníficas em sua imprecisão.” Esta formulação abre uma perspectiva interessante a ser explorada. De acordo com Moyers (1990, p. 5), “mitos são histórias de nossa busca da verdade, de sentido, de significação, através dos tempos (...) precisamos que a vida tenha significação, precisamos tocar o

eterno, compreender o misterioso, descobrir o que somos.” Granger (1989, p. 155-156) faz uma distinção entre modelo e mito:

Chamamos mito um conjunto de elementos concretos organizados, a maioria das vezes em uma relação, visando dar uma significação aos fenômenos. O desdobramento do representante e do representado que caracteriza, ao contrário, o modelo, é essencial para a ciência (...). No modelo, os significantes concretos só intervêm como um suporte neutro; no mito, eles são tomados como sua ‘matéria’ e se situam como sinais sobre o mesmo plano que os significados vivos (...). a representação do modelo é do tipo metafórico, enquanto a do mito é do tipo metonímico.

Para esse autor, “a pregnância desses elementos vivos lhe confere seguramente um atrativo, que dissimula sua incerteza, como parece bem visível nas teorias míticas do comportamento humano.” (idem, p. 157). Decorreria daí “... que o homem tenha necessidade de mitos, que tais espécies de conhecimento possam produzir efeitos notáveis sobre as inteligências e os sentimentos...” (ibidem).

No mesmo sentido, Shermer (2004, p. 19) afirma que “mitos são histórias que expressam significado, moralidade ou motivação. Se elas são verdadeiras ou não é irrelevante. Mas, devido ao fato de vivermos numa era de ciência, temos a preocupação de corroborar nossos mitos.” Mas esse movimento da ciência de procurar se há ou não uma realidade concreta a fundamentar nossos mitos pode trazer sobressaltos àqueles que se apóiam de modo importante neles. Segundo ele, Platão teria criado um mito para instruir moralmente seus conterrâneos: “a Atlântida era uma lenda sobre o que acontece a uma civilização quando ela se torna combativa e corrupta. O propósito de Platão era avisar seus amigos atenienses para se afastarem do precipício criado pela guerra e pela riqueza.” (idem). Ou seja, os mitos se criam e permanecem porque são úteis para guiar ou instruir as vidas humanas, e funcionam na vida das pessoas mesmo que não tenham uma base real firme. Nas palavras de Barthes (1985, p. 164), “os homens não mantêm com o mito relações de verdade, mas sim de utilização...”. Para este autor, o

... que permite ao leitor consumir o mito inocentemente é o fato de ele não ver no mito um sistema semiológico, mas sim um sistema indutivo (...). todo o sistema semiológico é um sistema de valores; ora, o consumidor do mito considera a significação como um sistema de fatos: o mito é lido como um sistema fatural, quando é apenas um sistema semiológico. (idem, p. 164).

Toda cultura tem um mito de criação, alguma explicação de porque as coisas são como são. Talvez a frágil mente humana não se sustente sem uma estrutura de idéias que dê a impressão de que não estamos perdidos num imenso oceano de ignorância. Se não encontrarmos uma boa explicação, surgirá uma má explicação, mas parece que não podemos viver sem uma explicação qualquer para os fatos. É claro que essas explicações, para obter sustentação, devem propiciar alguma operacionalidade no manejo das coisas da matéria e do espírito. Talvez permitam lidar de algum modo com os sonhos, com a preparação da comida, dar um sentido às relações pessoais, acalmar os fantasmas que volta e meia nos assombram. Conforme Franco (1995, p. 58), “o mito não é uma falsa explicação expressa por meio de imagens e fábulas.” Ele seria antes um relato tradicional “... destinado a instituir aquelas correntes de ação e de pensamento que levam o homem a compreender a si mesmo dentro de seu mundo.” (idem).

Alguns grandes pensadores apontaram na direção do quão ilusória é a idéia de que conhecemos a realidade. Sócrates e o seu “só sei que nada sei” subversivo que foi um dos motivos de sua condenação à morte (Magee, 1999, p. 20-23); o famoso mito da caverna de Platão (1987, p. 317-323); Shakespeare (1989, p. 1025), em Macbeth, dizendo que a vida “é um conto narrado por um idiota, cheio de som e fúria, sem significado algum⁸⁸.” Entretanto, para a grande maioria das pessoas, esse caminho de contato com a imensa ignorância e impotência inerentes à condição humana é percebido como uma ameaça, é como se o chão lhes fosse roubado. Para muitos, a ilusão de uma certeza (apegando-se a uma ideologia ou a um mito) é melhor do que a certeza da ilusão, pois muitos mitos talvez sirvam como uma tocha acesa no meio da noite, orientando e confortando o caminhante.

Pensando em visões gerais sobre a realidade, como a tese taoísta de duas forças básicas – o Yin e o Yang – que regeriam o Universo (ver, por exemplo, Brelet-Rueff, p. 205-242), podemos no mesmo sentido usar o arcabouço teórico freudiano para olhar o mundo como sendo regido por dois princípios: Eros e Tanatos, ou União e Fragmentação (ou Dispersão)⁸⁹. Estaremos aqui utilizando a teoria das pulsões como uma mitologia útil, como o próprio Freud sugeriu. Enfatizaremos o tema sublinhando certas palavras.

No início do Universo (segundo a teoria do *Big Bang*), nada havia além de uma sopa de quarks a uma temperatura altíssima, condensada num espaço menor do que o tamanho

⁸⁸ No original: *Life “is a tale told by an idiot, full of sound and fury, signifying nothing.”*

⁸⁹ Note-se que estas duas “mitologias” são bastante diferentes. A referência ao Yin e Yang foi meramente um exemplo da possibilidade de pensar sobre o mundo a partir de polaridades opostas e complementares.

atual de um átomo. Num momento seguinte, ao lado de uma expansão fenomenal do espaço⁹⁰, há uma separação das partículas umas das outras (dispersão), porém algumas dessas partículas juntam-se a outras, formando prótons, nêutrons, núcleos atômicos (o princípio da União). A expansão continua (dispersão) e formam-se átomos (união).

Ao longo de bilhões de anos, a matéria e a energia se dispersam por espaços imensos, mas a força da gravidade começa a atrair e reunir partes dessa matéria dispersa, formando estrelas, galáxias e aglomerados de galáxias. A fusão nuclear dá origem à energia das estrelas – vemos aqui o princípio de União (Eros) atuando. Átomos que se unem, formando novos elementos, dispersando matéria e energia radiante no espaço. No espaço, átomos se reúnem em moléculas, que se fazem e desfazem continuamente.

No planeta Terra, algumas dessas moléculas exibem capacidade de fazer cópias de si mesmas e assim surge a vida, onde um arranjo complexo de moléculas complexas se organiza (união) sob a égide da seleção natural. Esse arranjo vital vai continuamente inventando formas de se contrapor e conviver com a segunda lei da Termodinâmica, que age como fator de Dispersão. Os mecanismos de auto-regulação produzidos pelos organismos vivos agem no sentido de preservação da união vital. Os processos de auto-regulação incluem catabolismo (quebra, fragmentação, dispersão) e anabolismo (síntese, construção, união). Encontros de organismos também seguem estes dois princípios: união, com troca de material genético (conjugação, sexo) e destruição (predação, agressão).

Como um recurso de perpetuação, formam-se unidades maiores, seres multicelulares (união). Diferenciam-se tecidos que cooperam entre si para o bem comum do organismo (união). Morte e geração de células, síntese e quebra de moléculas, a engrenagem da vida funciona de acordo com uma integração dos princípios de União e Fragmentação, num universo também regido por esses princípios.

Nos humanos, dotados de um aparelho psíquico, os dois princípios aparecem num nível mais sutil. Podemos talvez vê-los em ação nas formulações de Melanie Klein (1991), quando ela fala em posição esquizoparanóide, que teria como uma das suas características a fragmentação dos objetos internos e externos; e posição depressiva, que seria atingida pela reunião dos vários objetos parciais num objeto total. Talvez não por acaso tenha sido Klein, uma das maiores defensoras da idéia freudiana da pulsão de morte, quem formulou essa descoberta, que parece seguir tão exatamente a mitologia pulsional freudiana.

⁹⁰ Numa bela descrição, Haroldo de Campos fala “do primigênio estrondo do inouvido/ explodir que arremessa pó de estrelas/ fervente caldo cósmico expandido.” (Campos, 2000, p. 38).

Bion usa esses conceitos para dizer que o psiquismo funciona continuamente em ciclos de união-fragmentação, sendo esta a sua essência. Zimerman (2004, p. 151), em seu livro sobre Bion, afirma que este teria ido “... muito além da evolução linear da posição esquizoparanóide (Bion, em seus textos, abreviou com a sigla PS⁹¹) para a posição depressiva (representada pela sigla D), ambas estão numa permanente interação.”

Diversos animais (entre eles primatas, lobos, elefantes, formigas e abelhas) criam sociedades (união), muitas vezes rompidas por conflitos e tensões (dispersão). A Internet parece tornar as pessoas quase que neurônios de um imenso cérebro global (Bloom, 2000).

Ou seja, essa “mitologia” freudiana pode ser muito interessante como uma visão de mundo que recorta a realidade de uma maneira abrangente, ajudando a compreender a realidade e a formular hipóteses gerais. Vendo-a como mito e não ciência, a visão dualista de Freud pode ser bela e valiosa para a clínica, por exemplo. Mas, se quisermos entendê-la como uma explicação científica da realidade, talvez se chegue a um beco sem saída.

8.6 MITOLOGIA II – O PARRICÍDIO NA HORDA PRIMITIVA

Um caso interessante, que pode ajudar a compreender a diferença entre ciência e mito, pode ser visto na obra de Freud “Totem e Tabu”. Diz Ricoeur (1977, p. 171) a respeito desse texto freudiano: “penso que prestar serviço à psicanálise não significa defender seu mito científico como ciência, mas interpretá-lo como mito.”

Freud aí apresenta uma hipótese que ele mesmo afirma “que pode parecer fantástica” (Freud, 1913a/1974, p. 169), em relação ao totemismo e certos rituais descritos por antropólogos em diversas culturas. É uma hipótese envolvendo pais e filhos, que fala de assassinato e sexualidade, procurando mostrar como esses dois elementos teriam contribuído para a gênese da vida social. Segundo ele, na horda primitiva “tudo o que aí encontramos é um pai violento e ciumento que guarda todas as fêmeas para si próprio e expulsa os filhos à medida que crescem.” (idem). Freud (ibidem, p. 170) conjectura que

Certo dia, os irmãos que tinham sido expulsos retornaram juntos, mataram e devoraram o pai, colocando assim um fim à horda patriarcal. Unidos, tiveram a coragem de fazê-lo e foram bem sucedidos no que lhes teria sido impossível fazer individualmente. (Algum avanço cultural, talvez o domínio de uma nova arma, proporcionou-lhes um senso de força superior.)

⁹¹ Ou EP, na tradução para o português, como na formulação sintética de Bion (1991, p. 13): “Denoto o segundo elemento por EP → D → EP (2º ciclo) → D (2º ciclo) → EP → (ciclo n-1)...”

Selvagens canibais como eram, não é preciso dizer que não apenas matavam, mas também devoravam a vítima. O violento pai primevo fora sem dúvida o temido e invejado modelo de cada um do grupo de irmãos: e, pelo ato de devorá-lo, realizavam a identificação com ele, cada um deles adquirindo uma parte de sua força. A refeição totêmica, que é talvez o mais antigo festival da humanidade, seria assim uma repetição, e uma comemoração desse ato memorável e criminoso, que foi o começo de tantas coisas: da organização social, das restrições morais e da religião.

Assim, um macho teria monopolizado as fêmeas até que uma revolta dos outros machos fez com que ele fosse assassinado. Teria sido fundado um novo tipo de sociedade, onde o acesso às mulheres passou a ser dividido entre vários homens, nenhum deles com poder absoluto sobre os demais. De Waal (1989, p. 167-168) comenta sobre isso:

... quando estou observando os chimpanzés de Arnhem [zoológico holandês], eu às vezes me sinto como se estivesse estudando a horda primitiva de Freud; como se uma máquina do tempo me tivesse levado de volta aos tempos pré-históricos, de modo que eu pudesse observar uma aldeia de nossos ancestrais (...) Quando Yeroen era o macho alfa, ele sozinho era responsável por três quartos das cópulas. Se não contarmos as cópulas com fêmeas jovens (que despertam menos rivalidade), sua quota era quase 100 por cento. Ele possuía o monopólio sexual neste grupo. Essa situação terminou quando Luit e Nikkie se revoltaram contra ele. Yeroen não foi cortado em pedaços, mas ele nunca mais foi capaz de conquistar novamente algo parecido com a sua antiga quota de atividade sexual. Além disso, nenhum outro macho tornou-se forte o suficiente para monopolizar as fêmeas no estro tão completamente como ele o fazia antigamente.

É muito curioso que esse relato se assemelhe tanto à formulação de Freud. Isso pode abrir caminho para algumas especulações, ou, como diz Freud, algumas hipóteses fantásticas. Se colocarmos a questão em termos filogenéticos e não unicamente humanos, muita coisa pode se aclarar. Em primeiro lugar, os padrões sexuais são muito variados entre os primatas, mas cada espécie segue uma estratégia reprodutiva mais ou menos fixa. Assim, examinando os primatas geneticamente mais aparentados conosco, pode-se ver que os gorilas formam grupos mais semelhantes ao que Freud descreveu como os primórdios da humanidade: um macho convive com várias fêmeas. Os jovens ficam no grupo até uma certa idade e depois são expulsos. A situação permanece assim, sem alterações, exceto que, de tempos em tempos, outro macho desafia o dominante e, se vencê-lo, fica com o harém.

Entre os chimpanzés e bonobos, existem bandos multimachos-multifêmeas, nos quais os machos compartilham as fêmeas. Entre os chimpanzés, existe um dominante (macho alfa) que, conforme seu poder, monopoliza em maior ou menor grau as fêmeas. Para os bonobos, a dominância entre os machos é muito mais diluída. A situação descrita acima por de Waal é a de um grupo de chimpanzés em que o macho alfa tinha grande poder e foi destronado, passando a vigorar uma repartição mais igualitária das fêmeas.

Reno et al. (2003) estudaram o dimorfismo sexual nos *Australopithecus afarensis*, espécie à qual pertence o famoso fóssil Lucy. A conclusão dos autores é de que os achados “... aumentam grandemente a probabilidade de que a estratégia reprodutiva do *A. afarensis* fosse principalmente monogâmica.” (Reno et al., 2003, p. 9404). Não podemos tomar tais hipóteses como conclusivas, pois ainda há grande discussão sobre este tipo de registro fóssil (Plavcan, 2003; Tague & Lovejoy, 1998; Plavcan & van Schaik, 1997). Com estas ressalvas, os dados acima parecem indicar que a hipótese de Freud talvez não seja válida para os humanos, pois desde há milhões de anos nossos ancestrais, antes de serem humanos, já eram monogâmicos.

Entretanto, de um ponto de vista filogenético, a hipótese pode ser vista como plausível. Ou seja, o mito freudiano indicaria uma possível evolução progressiva de um ancestral primata com estratégia reprodutiva de harém, semelhante aos gorilas, passando por um ancestral com grupos multimachos e multifêmeas, como os chimpanzés e bonobos, até chegar à estratégia predominantemente monogâmica nos homínídeos, ancestrais diretos dos humanos que vieram a produzir a cultura e a civilização.

8.7 MITOLOGIA III – COOPERAÇÃO, SEXO E MORTE

Outro aspecto que talvez pudéssemos entender como mitológico seria a oposição entre Amor e Morte. Partimos aqui do dilema colocado por Freud: se a matéria viva busca a morte, por que ela não morre? A salvação viria na figura das pulsões sexuais, opostas à tendência para a morte. A vida não seria extinta, segundo ele, pois cada célula e cada organismo realizaria trocas com seus semelhantes e preservaria o impulso para a vida ao neutralizar parcialmente a pulsão de morte (Freud 1920/1976, p. 70).

Parece um belo mito este, do ser e da célula que, isolados, tendem para a morte. Mas que, a partir do contato com a pulsão de vida trazida por um semelhante, afastam-se dessa tendência, podem continuar vivos e até se tornarem imortais. Onde cada um depende desse

influxo vital e amoroso do outro para continuar. O sexo e o amor salvando cada célula e cada ser do destino, sem isso inexorável, de voltar ao reino inanimado.

Como metáfora, muito bonita. Uma concepção que mereceria um poema, uma canção. Mereceria ser contada à volta da fogueira, encantando os ouvintes. Enquanto hipótese científica válida para todos os viventes, questionável. Entretanto, como alegoria que versa de maneira poética sobre aspectos da realidade humana, plenamente aceitável.

Frente à inexorabilidade da Segunda Lei da Termodinâmica, há realmente algo em nossa natureza que nos impele à morte. Contra isso, mecanismos de auto-regulação procuram manter as condições propícias à sobrevivência do indivíduo e da espécie. Se considerarmos o sexo em sua conceituação mais abrangente, veremos que ele foi, desde há muitos bilhões de anos, um dos principais aliados da vida (ver capítulo 4). A conjugação nas bactérias, o acasalamento dos protistas, a reprodução sexuada dos organismos multicelulares. Todas estas são formas de cooperação por meio de uma intimidade intensa.

Essa linha de pensamento se opõe a um tipo de visão que enfatiza a competição, a luta e a concorrência na sobrevivência do mais apto (ver discussão no capítulo 9). Ao contrário, a visão freudiana reafirma o papel da cooperação e valoriza o sexo como algo fundamental, sublime, um princípio amoroso vital oposto à morte.

Mais uma vez, percebemos que as formulações de Freud, se em certos momentos parecem se descolar dos fundamentos científicos em seus detalhes, por outro lado são visões do humano com grande apelo e encanto. Podem ser muito úteis como inspiração para se entender o que ocorre no íntimo de cada um e nos relacionamentos. Assim, é preciso separar o joio do trigo nessas concepções, mas deve-se ter muito cuidado para não jogar o bebê junto com a água do banho. Freud em diversos momentos nos aparece como um poeta da alma, e seria tão inadequado levar ao pé da letra suas ricas metáforas quanto desprezá-las em nome de um cientificismo frio e estreito.

8.8 CONCLUSÕES

8.8.1 O VALOR DO MITO

Em carta a Einstein sobre a questão da guerra, Freud (1932/1976, p. 254), afirmou:

Talvez ao senhor possa parecer serem nossas teorias uma espécie de mitologia e, no presente caso, mitologia nada agradável. Todas as ciências, porém, não chegam, afinal, a uma espécie de mitologia como esta? Não se pode dizer o mesmo, atualmente, a respeito da sua física?

Esta é uma questão interessante e importante. Haverá alguma diferença entre mito e ciência? Será que a teoria do *Big Bang* é simplesmente o mito de criação da nossa cultura, tendo o mesmo valor epistemológico de um mito de criação indígena? Carl Sagan (1982, p. 258), ao comentar sobre os mitos de criação das diversas culturas, diz que “a principal diferença entre eles e nosso mito científico moderno do *Big Bang* é que a ciência se autoquestiona e que podemos executar experiências e observações para testar nossas idéias. As outras histórias de criação são dignas do nosso profundo respeito.” Haveria, então, uma diferença entre os mitos “científicos” e os outros que não seriam permeáveis a mudanças, constituindo mesmo algumas vezes uma fortaleza contra o novo. Segundo Sulloway (1979, p. 502), “conforme a revolução se torna dogma, o mito assume crescentemente o papel de guardião conservador, de modo a continuar como mediador entre a estabilidade e a mudança por muito tempo após a fase revolucionária ter passado.”

Assim, muitas vezes pode ser útil organizar o pensamento em torno de metáforas e analogias que ajudem na apropriação de uma visão mais geral sobre um determinado assunto e que não chegam a se constituir numa teoria científica propriamente dita. Conforme Granger (1989, p. 155), encontramos “muitos exemplos de técnicas bem sucedidas que não se apóiam sobre uma verdadeira ciência dos fenômenos. É preciso então distinguir claramente este tipo de conhecimento do conhecimento científico.”

Segundo Magee (1974, p. 48), expondo idéias de Popper, pode ocorrer de uma hipótese errônea ter algum conteúdo de verdade. Por exemplo, se hoje é terça-feira e eu digo que é segunda-feira, isso está errado. Mas a afirmação falsa pode levar a conclusões verdadeiras, como de que "estamos no início da semana", ou "hoje não é fim de semana".

Dessa maneira, pode ser que muitas teorias do campo freudiano e reichiano, mesmo que estejam erradas, constituam uma aproximação à verdade, ou contenham verdades que são um avanço em relação à ignorância, ao desconhecido. Assim, talvez seja mais apropriado avançarmos em direção ao esclarecimento da verdade sobre o assunto, mas mantendo enquanto isso as concepções "errôneas" porém operacionais. Isso parece mais sensato do que simplesmente descartar as concepções "anticientíficas", o que seria retroceder à ignorância existente anteriormente. Conforme Ayres⁹²

... embora muitos dos pressupostos empíricos, desenvolvimentos lógicos ou articulação de enunciados das teorias freudianas ou reichianas tenham sido recusados (ou sejam passíveis de recusa) por evidências ou argumentações

⁹² Em comunicação pessoal ao autor em 30/03/2004.

posteriores, a validade que esses quadros alcançaram na compreensão de processos mentais humanos e sua capacidade de instruir práticas legítimas e eficazes permanecem relevantes.

Em outras palavras, uma clínica praticada com base em idéias como a pulsão de morte⁹³ pode ser mais eficaz do que uma outra que descarta este tipo de hipótese como anticientífica, caso essa segunda não desenvolva elementos que lhe permitam dar conta dos mesmos fatos com os quais a primeira lidava de modo efetivo. Ou seja, é melhor ter um Fusca velho, com freios gastos e motor desregulado, mas que nos leva ao destino desejado, do que possuir uma Ferrari sem rodas que não sai do lugar. Enquanto a nossa “Ferrari” científica não proporcionar meios adequados de navegar pela clínica, continuaremos a andar de Fusca, apesar do desconforto. Mas permaneceremos sonhando com a Ferrari consertada, e continuaremos trabalhando por isso. Um exemplo do que foi afirmado acima pode ser encontrado em Hanns⁹⁴, ao comentar a idéia do funcionamento amalgamado da pulsão de vida e pulsão de morte:

Quanto à utilidade disso, eu penso que a utilidade científica, altamente especulativa, no momento é zero. Talvez um dia tenha. Do ponto de vista poético, o efeito que tem sobre a clínica e para pensar problemas é bastante útil, porque ela mostra constantemente estas polaridades. Que são no sentido do gozo, do apagamento, do descanso. Que precisam conviver com a outra do tensionamento. Essa é a idéia freudiana de uma clínica que é constantemente tensionada.

8.8.2 DE VOLTA AOS ELEMENTOS DA PULSÃO DE MORTE

No capítulo 1 (item 1.3.2) foi feita uma listagem dos elementos da teoria da pulsão de morte julgados mais relevantes. Retomaremos aqui o exame dos mesmos. A letra de cada item analisado aqui corresponde à mesma utilizada no capítulo referido.

a) Segundo os dados examinados, a agressividade humana não é apenas um dos componentes da sexualidade, tendo como base circuitos nervosos próprios e estando articulada de modo independente com o psiquismo e o comportamento. Nesse sentido, a teoria da pulsão de morte significou um avanço teórico e também clínico.

b) Os aspectos clínicos da pulsão de morte não foram discutidos neste trabalho.

⁹³ Talvez o mesmo se possa dizer da noção de bioenergia para os reichianos.

⁹⁴ Conforme entrevista concedida por Luiz Alberto Hanns ao autor em 26 de agosto de 2004.

c) De acordo com os elementos examinados, a entropia seria o único fenômeno que impele a matéria viva a retornar ao estado inanimado. Trata-se de uma característica do universo físico, e não uma tendência biológica ativa.

d) A vida surgiu como decorrência de um processo de seleção natural, não sendo necessário para o seu entendimento o recurso a explicações místicas ou vitalistas⁹⁵.

e) Sim, se a pulsão de vida for vista como sinônimo de mecanismos de auto-regulação que se contrapõem à tendência entrópica de volta ao inanimado.

f) Num nível mitológico, pode fazer sentido pensar o universo e a natureza como sendo movidos por uma composição de processos agregadores e desagregadores. Mas essa é uma concepção metafórica e mitológica, não uma descrição da realidade concreta tal como entendida pela Física e pela Biologia.

g) Num sentido amplo, pode-se dizer que existe uma pulsão de vida em cada partícula de matéria viva, mas não há nenhuma indicação da existência de uma tendência ativa ou impulso biológico que procure a morte do organismo. Numa acepção mais restrita, na qual a pulsão é vista como um fenômeno “entre o psíquico e o somático”, por definição esse conceito só poderia aplicar-se aos seres vivos dotados de um aparelho psíquico.

h) A neurofisiologia conhecida relativa ao comportamento agressivo não revela, tanto para seres humanos como para outros animais, nada que se assemelhe a esse processo de deflexão de uma “força” autodestrutiva para o exterior. Além disso, o conceito deixa em aberto a questão de como os organismos que não possuem musculatura (plantas, fungos, bactérias e outros microorganismos) fariam para impedir o acúmulo letal da pulsão de morte dentro de si, já que não possuiriam recursos para defletir-la para o exterior.

i) Parece não haver elementos na ciência atual que dêem suporte à hipótese de uma força autodestrutiva de origem biológica de qualquer natureza nos seres vivos, exceto aquelas que façam parte dos processos de auto-regulação, como o catabolismo e a apoptose. Quanto à existência de um impulso agressivo autopropulsor e independente dos estímulos externos, este parece não ter sido demonstrado em mamíferos, os quais se caracterizam pelo grande número de mecanismos reguladores, inibidores e moduladores do comportamento

⁹⁵ São consideradas vitalistas as doutrinas "que põem como fundamento dos fenômenos vitais uma força vital independente dos mecanismos físico-químicos" (Abbagnano, 1982., p. 967). Fromm (1980, p. 91) parece concordar com esta afirmação quando comenta que a teoria da pulsão de morte "...achava-se talvez mais perto de uma filosofia vitalista do que do conceito dos materialistas mecanísticos alemães."

agressivo. Algumas evidências apontam para a possível existência desse tipo de impulso agressivo autopropulsor em algumas poucas espécies de peixes.

j) As evidências científicas examinadas falam contra a hipótese de que a inibição da agressão voltada para fora aumentaria necessariamente a agressão dirigida para o próprio indivíduo.

k) Os aspectos clínicos da pulsão de morte não foram discutidos neste trabalho.

l) Esta é uma verdade parcial (ver capítulo 5). Existem processos psíquicos regidos dessa forma; porém existem evidências de que outros fenômenos seguem leis diferentes.

m) Os aspectos sociais da pulsão de morte não foram discutidos neste trabalho.

n) Os aspectos clínicos da pulsão de morte não foram discutidos neste trabalho.

o) A agressividade faz parte da biologia humana. Porém, o mesmo se pode dizer da disposição para a convivência social pacífica e cooperativa (ver discussão no capítulo 9).

p) Confundir a inevitabilidade da morte com um objetivo, ou mesmo um “desejo” da matéria viva, não passa, ao que tudo indica, de um jogo de palavras. Equivaleria a confundir o significado de “Eu vou morrer” com “Eu quero morrer”. Não parece haver nada na ciência biológica que dê suporte a esta idéia, muito pelo contrário.

q) Foram examinados aqui apenas os elementos biológicos da pulsão de morte.

r) Os aspectos clínicos da pulsão de morte não foram discutidos neste trabalho.

s) A concepção da pulsão de morte como algo benéfico para a continuidade dos processos vitais abre caminho para uma compatibilidade com a visão biológica da agressão enquanto uma estratégia de sobrevivência dos organismos vivos. Entretanto, o contrário acontece quando é concebida como uma tendência antagônica à vida.

t) A noção de funcionamento amalgamado da pulsão de vida e da pulsão de morte parece abrir caminho para uma visão em que a pulsão de morte poderia atuar a favor da vida (ver item anterior).

u) O dualismo e a noção de conflito psíquico podem ser mantidos independentemente da aceitação ou não da hipótese da pulsão de morte. Como ressalta Grant (1996, p. 102), “a questão do fundamento último do conflito recebeu soluções diferentes ao longo da obra freudiana.” Segundo Laplanche e Pontalis (1991, p. 89), “a psicanálise considera o conflito como constitutivo do ser humano, e isto em diversas

perspectivas: conflito entre o desejo e a defesa, conflito entre os diferentes sistemas ou instâncias, conflitos entre as pulsões, e por fim o conflito edipiano...”. Além dessa multiplicidade de possibilidades de fundamentação do conflito, vemos que Freud já mantinha sua concepção dualista mesmo antes da formulação da hipótese da pulsão de morte. Portanto, o questionamento da teoria pulsional freudiana pós-1920 não leva necessariamente ao desmoronamento do conflito como a noção central na teoria das neuroses.

v) Como são muitas e diversas as formulações sobre o que é uma pulsão (ver capítulo 6, item 6.4), a visão sobre a relação entre as idéias de Freud antes e depois de 1920 dependerá do ponto de vista adotado. A visão proposta no presente trabalho está mais em sintonia com a primeira formulação freudiana, ressaltando que a segunda formulação trouxe elementos de grande valor para a teoria e a clínica, que deverão ser assimilados, a nosso ver, em um quadro de referência de base não pulsional.

Quando a respiração
se move
de maneira uniforme,
a pessoa tem
uma visão igualitária
de todas as coisas.
*Shiva Sutras*⁹⁶ 3/24

Quem faz um poema abre uma janela.
Respira, tu que estás numa cela abafada,
esse ar que entra por ela.
Por isso é que os poemas têm ritmo
- para que possas profundamente respirar.
Quem faz um poema salva um afogado.
Mario Quintana

CAPÍTULO 9- REICH: BIOLOGIA E VIRTUDE

9.1 ENTRE A PSICANÁLISE E A BIOLOGIA

Iniciando este balanço de como ficam as concepções de Reich frente ao que foi exposto nos capítulos anteriores, a primeira coisa a chamar a atenção é seu espírito pioneiro. Podemos perceber que ele trouxe à discussão elementos que hoje são praticamente um consenso entre os pesquisadores. Ao incorporá-los à sua teoria, propiciou uma boa base de onde se pode avançar no diálogo da psicanálise com a biologia.

Um ponto importante seria sua teoria da agressão, que é bastante compatível com o conhecimento biológico atual. Ao colocar a agressividade como algo a favor da vida, como um recurso daquilo que poderíamos chamar de “pulsão de vida” no sentido de uma capacidade de remover obstáculos impostos às necessidades do organismo, ele parece estar em total acordo com a etologia e a neurociência. O mesmo acontece quando Reich critica a idéia da agressão como um impulso auto-impelente. Outro aspecto ainda de concordância é quando ele concebe a agressividade como um fenômeno multiforme, percebendo a existência de vários fenômenos distintos abrigados sob esta denominação.

O tema da auto-regulação constitui mais um ponto importante. Ao longo dos diversos capítulos anteriores, parece ter ficado bastante claro o quanto esse conceito constitui parte essencial do conhecimento biológico. Acreditamos que este é um dos pontos fortes do pensamento reichiano, pois encontra amplo respaldo e comprovação em sua essência. Uma psicanálise que queira dialogar com a biologia terá muito a aproveitar no estudo das formulações de Reich nesse campo. Um aspecto, entretanto, deve ser destacado

⁹⁶ No original *prānasamācāre samadarśanam*. Os Shiva Sutras (Aforismos de Shiva) constituem uma escritura sagrada hindu, tida como revelada ao Mestre Vasugupta no século IX. Segundo o comentário de Dyczkowski (1992, p. 136), este aforismo significa que “o iogue que consegue manter um fluxo constante de percepção em harmonia com o ritmo da respiração nos momentos em que ela emerge, se movimenta e cessa, experimenta a pura vitalidade da consciência que cria e conhece todas as coisas.” Assim, “todas as distinções relativas a bem e mal, posição social alta ou baixa, escravidão e liberação, etc., agora perdem todo o significado para ele, pois ele vê todas as coisas como sendo igualmente a graça da consciência universal, mesmo quando seus sentidos e sua mente estão ativamente engajados nas atividades da existência mundana normal.” (idem, p. 137).

aqui. Apesar das concepções reichianas quanto à auto-regulação parecerem estar basicamente corretas, talvez elas não estejam completas.

A nosso ver, parece não ficar suficientemente claro na formulação reichiana que existem outras dinâmicas “para além do princípio de auto-regulação”. Não cabe uma discussão aprofundada do tema aqui, mas apenas sinalizar elementos que podem ser desenvolvidos posteriormente. Sendo animais sociais, os humanos estão também sob a influência de “regulações” provindas de outros humanos. Segundo Ridley (1998, p. 47),

Conforme evolui a divisão de trabalho entre especialistas, a integração em sistemas de unidades mais elevadas também avança, e, conforme a homeostase social evolui, o indivíduo humano perde uma parte de sua auto-regulação e se torna mais dependente, para a sua existência, da divisão do trabalho e da integração no sistema social.

Além disso encontramos na dinâmica psíquica elementos que foram introjetados e passam a influir no funcionamento mental, constituindo um fora que virou dentro, um outro que virou eu. Segundo Andrade (2003, p. 139), “a força que o superego adquire, a ponto de se igualar à instintiva do id, provém do papel crucial do objeto nas primeiras fases da vida.” Além disso, “a regulação interpessoal não se restringe à infância; ao contrário, persiste por toda a vida. Assim, pessoas participando do mesmo grupo têm seu relógio biológico sincronizado; mulheres ligadas afetivamente que vivem no mesmo ambiente menstruam na mesma época...” (idem, p. 112).

Ou seja, se essa hipótese estiver correta, existiria um amplo setor de influências sobre o aparelho psíquico cuja origem seria cultural ou interpessoal, não se podendo falar, portanto, propriamente de auto-regulação. O âmbito da auto-regulação é essencialmente um aspecto do componente biológico e animal dos seres humanos. Dado que em nossa constituição entram outros elementos, a visão do homem enquanto um organismo sujeito às leis da auto-regulação seria uma concepção verdadeira, porém não completa. A nosso ver, ainda está por ser feita uma avaliação adequada do papel da auto-regulação na existência humana e no funcionamento psíquico, o mesmo podendo ser dito quanto ao valor desse conceito no âmbito da clínica psicoterápica.

Quanto à questão do princípio de prazer, podemos vê-la sob dois pontos de vista. Num, mais estrito, Reich defende a validade sem restrições do princípio de prazer ao discordar da existência de algo “além do princípio de prazer”. Como vimos no capítulo 5, existem muitos aspectos do funcionamento psíquico que não são regidos pelo princípio do

prazer tal como formulado por Freud. Portanto, nesta perspectiva, Freud estaria mais perto da verdade, por ter percebido esse fato. Numa outra visão, podemos conceber a posição de Reich como mais correta, pelo fato dele não embarcar com Freud numa hipótese que desafiava elementos básicos da biologia. Ou seja, Freud teria acertado ao dizer que existe algo além do princípio de prazer, mas errado ao definir o que seria esse além. Reich teria errado ao dizer que o princípio de prazer tem validade universal, mas acertado em não acompanhar Freud em hipóteses que parecem contradizer a biologia. De qualquer modo, a discussão realizada no capítulo 5 parece impor uma revisão tanto das idéias de Reich quanto das de Freud nesse aspecto.

Também importante é a adesão de Reich à primeira teoria das pulsões de Freud. Como foi visto no capítulo 6, esta constitui um eixo fundamental de articulação com a biologia, particularmente com a neurociência.

Em termos da clínica, cumpre ressaltar a riqueza de possibilidades de inspiração biológica que Reich acrescenta a uma visão baseada no referencial psicanalítico. Entre outros, destacam-se a incorporação de elementos de comunicação não-verbal, o trabalho a partir da memória não-declarativa, o uso da correlação entre mecanismos de defesa psíquicos e somáticos na abordagem da resistência (ver capítulo 3, item 3.3).

9.2 A NATUREZA HUMANA

Em relação a outros elementos da visão reichiana, o exame de sua concordância ou não com aquilo que foi discutido anteriormente merece uma reflexão mais detalhada. O primeiro tópico diz respeito aos aspectos destrutivos dos seres humanos. Vemos que a agressividade e o ódio realmente estão presentes na história humana:

As cicatrizes que a agressão deixou no rosto do passado são indeléveis. Guerras e rumores de guerra, lutas de classe, choques entre denominações religiosas ou grupos raciais e étnicos, rivalidade por postos e por poder na política ou nos negócios, os ódios gerados pelo nacionalismo e pelo imperialismo, os estragos do crime, os enfrentamentos da vida privada, da discórdia conjugal aos feudos familiares – tudo isso, e mais, é um testemunho convincente de que a agressão forneceu a maior parte do combustível para a ação e mudança históricas. (Gay, 1995, p. 11)

Não há como não concordar com as afirmações acima. Os fatos são fatos, o que importa aqui é discutir a explicação dos fatos. Reich defendeu uma posição clara: ele afirma

que tais comportamentos seriam decorrentes de um tipo específico de educação, realizada em sociedades caracterizadas pela opressão e pela exploração (ver capítulo 2). Reich não só acreditava que seria possível criar um ser humano melhor a partir de dadas condições sociais, como vai mais longe, afirmando que esse ser humano melhor existe em cada um de nós, no referido “cerne biológico” (ver item 2.3.1), soterrado por recalques e inibições, porém resgatável e acessível se soubermos como fazê-lo. Assim, um dos aspectos usados por Reich para criticar a visão freudiana foi que a teoria da pulsão de morte “... remontou o conflito psíquico aos elementos internos e diminuiu, cada vez mais, o papel supremo do mundo externo, frustrante e punitivo.” (Reich, 1933/1995, p. 222).

Estamos aqui na verdade em território minado, sujeito a interpretações ideológicas extremadas. Trata-se do debate sobre o que é a natureza humana, ou mesmo se existe uma “natureza humana”. Viria nossa identidade da natureza ou da cultura? O que chamamos de humano decorre de algo inato, inerente a ele? Ou somos uma tela em branco, um vaso vazio a ser preenchido segundo os caprichos de cada cultura específica?

Se for algo independente da cultura, do ambiente e da criação, seria de origem genética? Ou seria atribuível ao fato de termos consciência e isso dar um “nó” insolúvel na mente, resultando nestes tipos de comportamento? Ou ainda seria porque sabemos que vamos morrer, e a angústia decorrente disto nos transtorna?

Em existindo uma natureza humana, seríamos naturalmente de “boa índole”, predestinados a sermos boas pessoas, porém eventualmente sendo transformados em bestas assassinas se submetidos a determinadas influências educacionais negativas? Ou seríamos assassinos natos, com nossa violência selvagem recalçada por um fino verniz civilizado, cuja fragilidade se revelaria nas freqüentes irrupções de agressão entre casais, nas guerras, nos genocídios e massacres, nos enfrentamentos de torcidas, etnias e religiões rivais?

9.2.1 MARXISMO E SEXUALIDADE

Continuando essa discussão, examinaremos a influência do marxismo sobre as idéias de Reich. Marxista num certo período de sua vida (ver Reich, 1929/1973), ele foi um dos expoentes daquilo que veio a se chamar de freudo-marxismo (tentativa de articulação entre as idéias de Freud e Marx – ver, por exemplo, Ramalho, 2001). Note-se que Reich defendia uma visão particular neste aspecto e, apesar de ser reconhecido como um pioneiro nesse campo (Brandão, 2004; Nitzchke, 2004), muitas de suas concepções não foram aceitas, e “psicanalistas marxistas, como Bernfeld, Fromm ou Fenichel, e marxistas interessados na

psicanálise, como Trotski no exílio, ou os ‘teóricos críticos’ como Horkheimer e Marcuse, não simpatizavam com as idéias de Reich.” (Laska, 2004, p. 16).

Segundo Singer (2000, p. 23), “a teoria materialista da história implica em que não há uma natureza humana fixa. Ela muda com cada mudança no modo de produção”. Essa crença na maleabilidade da natureza humana foi importante, pois fundamentou a esperança na possibilidade de criar um tipo de sociedade humana bem diferente da atual, onde todos pudessem viver em harmonia e cooperação. Conforme Pinker (2004, p. 224), “por que tentar tornar o mundo um lugar melhor se as pessoas não prestam e estragarão tudo não importa o que façamos? Não é coincidência que as obras de Rousseau tenham inspirado tanto o movimento romântico na literatura como a Revolução Francesa na história...”

Seria tudo mais fácil se o egoísmo, cobiça e inveja fossem apenas conseqüências de se viver numa sociedade opressora. Reich acreditou nisso e tentou, em diversos escritos seus, explicar psicodinamicamente a formação dos impulsos e comportamentos destrutivos nas sociedades patriarcais. Ele critica a estreiteza de um certo marxismo: “o marxismo vulgar separa esquematicamente o ser social (...) do ser em geral, e afirma que a ideologia e a ‘consciência’ dos homens são determinadas só e imediatamente pelo ser econômico. Assim chega a uma oposição mecânica entre economia e ideologia, base e superestrutura.” (Reich, 1933/1974, p. 18). A possibilidade de transformação do homem dependeria do fim da repressão ao erotismo, para que o ser humano possa funcionar a partir do cerne biológico. Uma revolução social e econômica, para ser viável, implicaria necessariamente numa revolução de costumes, crenças e práticas. Com o conceito de auto-regulação, Reich

... supõe a existência de uma espécie de ‘racionalidade instintiva’. Há nessa postura uma confiança na Razão da natureza, no mundo instintivo, no animal humano. Uma sociedade que permitisse o pleno desenvolvimento dessa racionalidade instintiva não correria o risco de ser por ela aniquilada, uma vez que, em si mesma, ela não é anti-social. (Albertini, 1994, p. 69).

Freud (1930/1974, p. 168) tem uma visão diferente, criticando os socialistas pela sua : “... nova e idealista concepção equivocada da natureza humana.” Segundo Albertini (2003, p. 84), ele “... apontava para determinadas dificuldades inevitáveis do sujeito e da relação deste com a cultura. Reich, embasado numa profunda confiança na natureza (...) tendia a atribuir essas dificuldades a fatores socioculturais passíveis de alteração.”

Peter Singer (2000) é um autor atual que acredita que um dos motivos do fracasso do chamado socialismo real e do marxismo foi o fato de não levar em conta esta “natureza

humana”. Ele propõe que os movimentos de esquerda deixem de lado o referencial marxista como fundamentação teórica e coloquem em seu lugar o darwinismo. A posição majoritária dos biólogos atuais sobre as idéias de Marx poderia assim ser sintetizada, segundo Pinker (2004, 403): “Wilson, o especialista mundial em formigas, pode ter rido por último com seu veredicto sobre o marxismo: ‘Teoria maravilhosa. Espécie errada’.”

9.2.2 O BOM SELVAGEM

Existem duas correntes teóricas que se opõem à idéia de um ser humano intrinsecamente perverso: uma é a da tábula rasa, ou seja, “a idéia de que a mente humana não possui estrutura inerente e de que a sociedade, ou nós mesmos, podemos escrever nela à vontade.” (Pinker, 2004, p. 21). Outra é que seríamos naturalmente bons, mas a bondade original poderia ser corrompida em circunstâncias adversas e criar uma personalidade distorcida e má. Reich, com sua teoria do “cerne biológico” (ver capítulo 2, item 2.3.1), parece estar mais próximo da segunda, conhecida como a crença no “bom selvagem”, ou “nobre selvagem”, e que teve Rousseau⁹⁷ como um de seus defensores mais famosos.

Conforme Toledo (2000), o impacto da descoberta da América trouxe ao pensamento europeu a idéia de que a maldade humana seria atribuível à vida civilizada. Ou seja, a “... crença de que os seres humanos em seu estado natural são altruístas, pacíficos e serenos, e que males como a ganância, a ansiedade e a violência são produtos da civilização.” (Pinker, 2004, p. 25) Segundo este autor, essa tese teria dominado boa parte das ciências humanas no século XX. A literatura também teria sido influenciada, sendo exemplo disso o romance “O Guarani”, de José de Alencar⁹⁸. Para Rouanet (1999),

O bom selvagem é um animal europeu (...) esse bicho europeu foi reencontrado no Brasil pelos cronistas e marinheiros. Vespúcio, Caminha, Thévet e Jean de Léry viram o índio e enxergaram o bom selvagem, [que] preservou seu exterior exótico e recebeu a função de subverter as instituições européias. Foram o bom tupinambá, de Montaigne, e seus sucessores: o bom pele-vermelha, de Voltaire, e o bom polinésio, de Diderot.

Os povos da Oceania são de especial importância aqui, pois Reich apoiou-se bastante nos trabalhos de Malinowski, que comparou a civilização ocidental (do início do século

⁹⁷ Rousseau (1999, p. xxix) disse, sobre sua obra *Emílio*, que esta “não é mais do que um tratado sobre a bondade original do homem, destinado a mostrar como o vício e o erro, alheios à sua constituição, introduzem-se nele vindos de fora e o alteram imperceptivelmente.”

⁹⁸ Segundo Esperanza Sant'Anna (em <http://www.navedapalavra.com.br/dicas/literatura3.htm>), “O herói Peri é, na obra, a concretização do ‘mito do bom selvagem’, de Rousseau: quando mais distante da civilização, melhor é o caráter do homem”

XX) com a cultura tradicional dos habitantes das ilhas Trobriand, na Melanésia. Segundo ele, já no desmame a diferença mostra-se nítida: entre os ocidentais, "a bem-aventurada harmonia da vida infantil é quebrada ou pelo menos modificada..." (Malinowski, 1973, p. 34) por um desmame no primeiro ano de vida que pode ser abrupto, criando um choque, ou feito de forma gradual, que "... evita qualquer choque mas deixa um vazio na vida da criança, um desejo e uma necessidade insatisfeita." (idem, p. 35). Haveria um "... prematuro banimento do leite dela [mãe] e de suas carícias sensuais." (ibidem, p. 72). Entre os trobriandeses, o desmame ocorreria quando "... a criança já é independente, pode comer praticamente tudo e ter outros interesses. Tem lugar num momento em que a criança nem deseja nem precisa mais do peito materno, e assim a primeira separação dolorosa é eliminada" (ibidem, p. 35). De acordo com o autor, "o apego sensual da criança à mãe toma seu curso natural até terminar e ser dirigido para outros interesses corporais." (ibidem, p. 72). Isto mostra, segundo ele, que "mesmo o mais natural e mais diretamente biológico dos laços, o que existe entre a mãe e o filho, tem determinações sociais ao lado das fisiológicas." (ibidem, p. 30). Para Reich, esses dados pareciam confirmar suas teses.

Ridley (1998, p. 254-258) faz um relato interessante sobre a relação entre as idéias de Rousseau e as informações sobre povos dos Mares do Sul. A conclusão parece ser de que por lá o Oceano é Pacífico, já os povos que habitam suas ilhas ... nem tanto. Ele descreve o embevecimento inicial dos primeiros exploradores europeus:

Em 1768, quando a idéia de Rousseau sobre o nobre selvagem estava no pico de sua influência, Louis-Antoine de Bouganville descobriu a ilha de Taiti (...). Apesar da cautela de Bouganville, a descrição dos nativos feita por seus companheiros de viagens – bonitos, amorosos, vestidos com pouca roupa, pacíficos e não ambiciosos – cativou a imaginação de Paris, e particularmente de um amigo de Rousseau, Denis Diderot. Ele escreveu um fantasioso suplemento ao registro de viagem de Bouganville, no qual um sábio taitiano expunha as virtudes de sua existência ('Nós somos inocentes; nós somos felizes: e vós não podeis senão arruinar a nossa felicidade. Nós seguimos o puro instinto da natureza: vós buscais eliminar o caráter das nossas almas')... (idem, p. 254-255).

James Cook visitou o Taiti no ano seguinte e seus relatos também pintavam um quadro bastante semelhante. Tudo indicava que o "nobre selvagem" havia sido encontrado. Entretanto, em viagens posteriores, as coisas mudaram de figura: "Na segunda viagem de Cook, o lado mais sombrio da vida taitiana emergiu: os sacrifícios humanos, a prática

regular de infanticídio por uma casta sacerdotal, as rixas internas cruéis, a rígida hierarquia de classes...” (ibidem, p. 255). La Pérouse, explorador da região, teria escrito: “Os mais ousados cafejantes de toda a Europa são menos hipócritas do que os nativos destas ilhas. Todos os seus mimos são falsos.” (ibidem). No século XX, segundo Ridley, novos personagens encenam o mesmo enredo, agora com uma roupagem mais científica:

A história iria repetir a si mesma nos Mares do Sul. Com vinte e três anos, Margaret Mead foi a Samoa em 1925 e retornou, tal como Bouganville e Cook haviam retornado do Taiti quase duzentos anos antes, com histórias de um paraíso natural livre dos pecados do mundo ocidental, no qual as moças e rapazes levavam vidas fáceis, agradáveis e promíscuas, livres em grande parte da ambição, ciúme e violência que corrompia os adolescentes ocidentais (...) Durante cinqüenta anos, os samoanos de Mead permaneceram como uma prova definitiva da perfectibilidade do homem. Mas, como a miragem taitiana de Bouganville, a de Mead esfumou-se diante de um exame mais detalhado. (ibidem, p. 256).

Mead havia passado cinco meses em Samoa, tendo realizado seu estudo em 12 semanas. Derek Freeman estudou durante seis anos os samoanos, entre 1940 e 1960, e descobriu que Mead havia sido ludibriada por uma travessura de suas informantes. “Observados por Freeman sem as lentes cor de rosa, os samoanos poderiam se assemelhar aos taitianos nos quais Cook perdeu a confiança em suas últimas visitas, tão ciumentos, maldosos e mentirosos quanto o resto de nós.” (ibidem, p. 256-257). Segundo Ridley,

A virgindade em garotas solteiras constituía (...) um culto respeitado cuja violação poderia ser punida com a morte nos dias pré-cristãos. O estupro, longe de ser desconhecido, era tão comum que Samoa tinha um dos um dos índices de estupro mais altos do mundo. (...) em 1987, uma das principais informantes de Mead veio a público admitir que ela e sua amiga haviam, por conta de uma travessura, enganado Mead com relatos de sua suposta promiscuidade escandalosa. (ibidem, p. 257).

O autor não menciona os estudos de Malinowski, mas os fatos que ele comenta deixam perguntas no ar: Será que tantos cientistas deixaram-se enganar tão facilmente? Tanto os autores que estudaram diretamente estes habitantes quanto o restante da comunidade científica deixaram passar algo tão visível, por tanto tempo? Os autores que questionam a tese do nobre selvagem não estariam eles, por sua vez, preconcebidos no sentido de tentar provar o ponto de vista oposto? Para complicar mais as coisas,

encontramos em Wright (1994), um autor do campo da psicologia evolucionista, diversas referências aos estudos de Malinowski, tratando-o como um autor válido e importante. Enfim, o que se pode deduzir é que mais informações são necessárias para que se possa ter uma idéia mais clara, afinal esse debate é já bem antigo, e tudo indica que continuará por algum tempo. De qualquer modo, a literatura do campo biológico hoje em dia parece inclinar-se para o lado contrário ao do bom selvagem. Segundo Pinker (2004, p. 87),

... muitos intelectuais acalentaram a imagem dos nativos pacíficos, igualitários e amantes da natureza. Mas nestas duas últimas décadas os antropólogos reuniram dados sobre a vida e a morte em sociedades pré-estatais em vez de aceitar os generosos e vagos estereótipos. O que descobriram? Em poucas palavras: Hobbes estava certo, Rousseau estava errado.

Segundo Rouanet (1999), a busca da bondade humana teria se deslocado para outros personagens: “o bom selvagem perdeu seu cocar e vestiu-se com roupas européias. Encarnou-se em indivíduos e grupos que por sua doçura, simplicidade, pureza ou valentia pudessem desempenhar a função antes atribuída aos selvagens de além-mar.” Teriam surgido, de acordo com ele, “o mito do bom campônio, homem rude e inocente, como nos romances de George Sand ou nos quadros de Millet, e do bom proletário, como Fantine e Cosette, nos Miseráveis.” (idem). Mais recentemente, “no século 20, Foucault e a antipsiquiatria criaram a figura do bom louco, segregado pela razão oficial.” (ibidem).

De acordo com Ridley (1998, p. 215), teria havido ainda uma outra mudança na concepção ocidental do bom selvagem: “enquanto no tempo de Rousseau o mito dizia respeito a virtudes sociais, hoje ele surge sob forma ecológica.” Segundo esse autor, comentando sobre o famoso discurso que o Chefe Seattle⁹⁹, líder dos índios Duwamish, teria realizado em 1854 para o governador do território de Washington:

Ninguém sabe o que ele disse naquele dia. O único relato existente, feito trinta anos depois, diz que ele louvou a generosidade do grande chefe branco em comprar sua terra. O ‘discurso’ inteiro é uma peça de ficção moderna. Foi escrito para um drama televisionado da rede ABC, por um roteirista e

⁹⁹ Numa das versões desse discurso (encontrada em <http://www.lei.adv.br/Seattle.htm>), alguns fragmentos podem dar uma idéia do tom geral: “Cada pedaço desta terra é sagrado para meu povo (...) O murmúrio das águas é a voz de meus ancestrais. Os rios são nossos irmãos, saciam nossa sede (...) Vi um milhar de búfalos apodrecendo na planície, abandonados pelo homem branco que os alvejou de um trem ao passar. Eu sou um selvagem e não compreendo como é que o fumegante cavalo de ferro pode ser mais importante que o búfalo, que sacrificamos somente para permanecer vivos (...) Se todos os animais se fossem o homem morreria de uma grande solidão de espírito (...) O que ocorrer com a terra recairá sobre os filhos da terra.”

professor de cinema, Ted Perry, em 1971 (...) o Chefe Seattle não era um abraçador de árvores. Entre as poucas coisas que realmente sabemos sobre ele está que ele era um proprietário de escravos e que matou quase todos os seus inimigos. (idem, p. 214),

Esse autor argumenta que “a idéia de que os nativos americanos possuíam uma ética ambiental que evitava a exploração excessiva da natureza é uma invenção recente dos ocidentais.” (p. 216). Na verdade, o contrário talvez seja verdadeiro:

Coincidindo com a primeira chegada comprovada de pessoas na América do Norte, há 11.500 anos atrás, setenta e três por cento dos gêneros de grande mamíferos rapidamente se extinguiu. Foram extintos o grande bisão, o cavalo silvestre, o urso de cara curta, o mamute, o mastodonte, o tigre de dentes de sabre (...) Cerca de 8.000 anos atrás, oitenta por cento dos gêneros de grande mamíferos da América do Sul também se extinguiu – preguiças gigantes, tatus gigantes, lhamas gigantes, capivaras gigantes, tamanduás do tamanho de um cavalo. (ibidem, p. 217).

Segundo Ridley, extermínios semelhantes de boa parte da fauna após a chegada dos seres humanos teriam ocorrido em Madagascar, no Havaí, na Ilha da Páscoa e na Nova Zelândia. Mesmo a prática da matança indiscriminada (uma característica do homem civilizado ecologicamente incorreto, segundo o discurso do chefe Seattle) teria ocorrido entre os maoris em sua caça aos moas (pássaro gigante atualmente extinto): “pelo menos 30.000 foram mortos em um curto período – e em média um terço da carne foi deixada apodrecendo depois que os melhores bocados haviam sido tirados.” (ibidem, p. 219).

Adams (2000) refere que o bom selvagem ecológico reapareceu na literatura científica brasileira recentemente sob a forma do “bom caçara”. A partir da tese de que os caçaras¹⁰⁰ seriam naturalmente ecológicos, tem-se tentado dar a eles um papel de importância dentro das áreas de preservação ambiental na região. A autora discorda desse ponto de vista, atribuindo-a a uma visão romântica, pouco embasada em dados confiáveis.

A conclusão de Ridley (1998, p. 225) é que “não existe uma ética ambiental instintiva na nossa espécie – nem tendências inatas para desenvolver e ensinar práticas de contenção. A ética ambiental deve ser ensinada, portanto, apesar da natureza humana, não em concordância com ela. Ela não vem naturalmente.” Ou seja, existem fortes

¹⁰⁰ “Nome dado a todos os indivíduos e comunidades do litoral dos Estados do Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro.” (Adams, 2000, p. 146).

questionamentos à tese do “bom selvagem” e, conseqüentemente, a um dos pilares da tese reichiana do “cerne biológico” naturalmente bondoso, respeitador e pacífico.

9.2.3 O GENE EGOÍSTA

Quanto à tese da “tabula rasa”, praticamente toda a produção mais recente no campo da biologia tem se inclinado a acreditar que o ser humano já nasce com tendências e propensões definidas pela sua natureza biológica. Pinker (2004) faz uma extensa revisão da literatura sobre o tema, comentando inúmeras facetas e conseqüências dessa tese. Cabe, assim, investigar que elementos inatos são esses, o que os determina, qual seria sua origem.

Durante muito tempo supôs-se que a seleção natural poderia atuar igualmente nos vários níveis de organização dos seres vivos. Acreditou-se que muitos comportamentos seriam motivados pelo bem do grupo. Entretanto, desde meados do século XX, diversos autores têm defendido a idéia de que a unidade primordial da seleção natural seria o gene¹⁰¹, tese popularizada por Dawkins com a expressão “gene egoísta”. Segundo esse autor, “uma qualidade predominante a ser esperada em um gene bem sucedido é o egoísmo implacável. Este egoísmo do gene geralmente originará egoísmo no comportamento individual.” (Dawkins, 1979, p. 22). Desse modo, para um ser vivo, os outros seres vivos seriam

... parte de seu ambiente, como uma rocha, um rio ou uma porção de alimento (...) a seleção natural favorece os genes que controlam suas máquinas de sobrevivência¹⁰² de tal forma que elas façam o melhor uso de seu ambiente. Isso inclui fazer o melhor uso de outras máquinas de sobrevivência, tanto da mesma espécie como de espécies diferentes. (ibidem, p. 91).

Por exemplo, gaivotas de cabeça preta constroem ninhos em colônias, com uma distância de poucos palmos entre um ninho e outro, e

É bastante comum uma gaivota esperar que um vizinho vire as costas, talvez enquanto ele está fora pescando, e então lançar-se sobre um de seus filhotes e engoli-lo inteiro. Ela, dessa forma, obtém uma boa refeição nutritiva sem ter que se dar ao trabalho de capturar um peixe e sem ter que deixar seu próprio ninho desprotegido. (ibidem, p. 25).

¹⁰¹ “A unidade fundamental da seleção e, portanto, do interesse próprio, não é a espécie, nem o grupo, nem mesmo, a rigor, o indivíduo – é o gene, a unidade de hereditariedade.” (Dawkins, 1979, p. 31).

¹⁰² Para Dawkins, todos os seres vivos seriam “máquinas de sobrevivência” criados pelos genes para viabilizar sua replicação de modo mais eficiente.

Também instrutivo seria o caso dos pingüins imperiais da Antártica, que “... têm sido vistos em pé à beira d’água, hesitando antes de mergulhar, devido ao perigo de serem comidos por focas (...) Naturalmente nenhum deles quer servir de cobaia, de modo que eles esperam e algumas vezes até mesmo tentam se empurrar para a água.” (ibidem). Um outro caso curioso é o das aves da família *Indicatoridae* que, como os cucos,

... põe seus ovos em ninhos de outras espécies. O filhote de *Indicatoridae* está equipado com um bico curvo afiado. Logo que eclode, quando ainda está cego, sem penas e em todos os sentidos indefeso, ele cega e corta seus irmãos adotivos até a morte: irmãos mortos não competem por alimento! O cuco comum da Grã-Bretanha obtém o mesmo resultado de forma ligeiramente diferente. Ele tem um período de incubação curto, de modo que o filhote consegue eclodir antes de seus irmãos adotivos. Assim que eclode, cega e mecanicamente, mas com eficiência devastadora, joga os outros ovos para fora do ninho. (ibidem, p. 156).

Note-se que não necessariamente tais atos são acompanhados de “más intenções” de qualquer espécie. Obviamente, desde os primeiros seres vivos, “... houve luta pela sobrevivência entre as variedades de replicador. Elas não sabiam que estavam lutando, nem se preocupavam com isto. A luta foi conduzida sem quaisquer maus sentimentos, de fato, sem sentimentos de qualquer espécie.” (ibidem, p. 40). Uma das decorrências dessa hipótese seria que “a violência não é um impulso primitivo e irracional, tampouco uma ‘patologia’, exceto no sentido metafórico de um mal que todos gostariam de eliminar. Em vez disso, ela é o resultado quase inevitável da dinâmica dos organismos sociais racionais movidos pelo auto-interesse.” (Pinker, 2004, p. 447).

Esse ponto de vista, atualmente de grande influência na biologia, leva a conclusões curiosas. Por exemplo, de acordo com Ridley (1998, p. 22), “Hamilton e Robert Trivers, dois pioneiros da lógica do gene egoísta, afirmaram que as relações entre pais e filhos, ou entre cônjuges, ou entre parceiros sociais não era de satisfação mútua, mas sim de luta mútua para explorar a relação.” Assim, a idéia de disputa ganha destaque e percebe-se a existência de muitos mecanismos pelos quais isso pode ocorrer. Um dos exemplos mais extremos talvez seja em relação ao feto no útero, paradigma aparente da intimidade e do amor, do sacrifício e da devoção da mãe que sustenta o filho indefeso. Mesmo nesse caso ocorreria um conflito de interesses, pois para o feto seria melhor que a mãe dedicasse todos os seus recursos para garantir um bom desenvolvimento a ele. Por outro lado, a mãe tem outros interesses: ela pode querer preservar parte de seus recursos para alimentar e cuidar de

outros filhos, ou ainda querer garantir a sua capacidade de gerar outros descendentes posteriormente. Segundo Ridley (idem, p. 23), o conflito manifesta-se de várias formas:

O feto e sua escrava, a placenta, agem mais como parasitas internos sutis do que como amigos, tentando assegurar seus interesses em detrimento da mãe. Células do feto invadem a artéria que supre sangue materno para a placenta, incrustam-se nas suas paredes e destroem as células musculares ali existentes, removendo assim o controle da mãe sobre a constrição dessa artéria. A elevação da pressão sanguínea e a pré-eclâmpsia que com frequência complicam a gravidez são causadas em grande parte pelo feto (...) existe um cabo de guerra entre um feto ambicioso, tentando aumentar a quantidade de açúcar no sangue da mãe para alimentar a si próprio, e uma mãe econômica, tentando assegurar que o feto não retire uma quantidade excessiva de seu precioso açúcar sanguíneo. Em algumas mulheres, o efeito dessa guerra breve e caracterizada por um empate forçado é causar um diabetes gestacional – o feto tendo vencido a batalha bem demais.

Obviamente, a existência de uma disputa, de uma diversidade de interesses, não exclui a cooperação, mas introduz um elemento perturbador que se manifestará sempre:

... a mãe e a criança ainda estão basicamente cooperando na tarefa de gerar a criança. A mãe ainda está sendo espantosamente abnegada enquanto pessoa, pela forma com que nutre e protege suas crianças. Mas, tal como há um interesse genético compartilhado entre ambos, existem também algumas ambições genéticas divergentes. (ibidem, p. 23-24).

Um outro aspecto relativo ao gene egoísta é que os filhos teriam interesse biológico em que os pais não tivessem mais filhos, dedicando todos seus recursos aos já existentes. Isso poderia explicar o comportamento comum de filhos quererem dormir na cama dos pais, chorar e exigir atenção bem “naquela hora”. É uma explicação diferente da tradicional, que se refere ao conflito edípico, mas talvez haja uma complementaridade entre as abordagens. Ou seja, a propensão ao complexo de Édipo poderia ter sido selecionada geneticamente por favorecer essa estratégia do gene egoísta do filho.

Dado que tudo que beneficie a perpetuação de uma espécie poderá ser selecionado pela natureza, verificamos que certos comportamentos não são exclusividade dos humanos. Dadas a oportunidade e a capacidade, surgem nas diversas espécies características que nós humanos costumamos condenar sob a denominação de exploração, genocídio, egoísmo, crueldade, abuso (ver capítulo 7, item 7.4.3) e outros nomes feios. Por exemplo, diversas

espécies de formigas escravizam outras espécies para cuidar de suas colônias, ou pode ocorrer mesmo de uma rainha invadir uma colônia de outra espécie, matar a rainha e usar as demais formigas para defendê-la, alimentá-la e cuidar de seus próprios descendentes (Topoff, 1999; Foitzik et al., 2001).

9.2.4 A FUNÇÃO ADAPTATIVA DA TAPEAÇÃO

É comum na natureza o uso da tapeação como estratégia evolutiva. Por exemplo, entre os vaga-lumes, os parceiros sexuais são atraídos pelo piscar de luzes, e cada espécie tem seu padrão próprio. Mas “as fêmeas do gênero *Photuris* ‘descobriram’ que podem atrair machos do gênero *Photinus* se imitarem o código de lampejo de uma fêmea de *Photinus*. E é isto que fazem. Quando um macho de *Photinus* é enganado pela mentira e se aproxima é sumariamente comido pela fêmea de *Photuris*.” (Dawkins, 1979, p. 88). Existem orquídeas que induzem abelhas a copular com suas flores, pássaros que depositam seus ovos no ninho de outra espécie, cobras e insetos que mimetizam espécies peçonhentas para evitar predação, peixes predadores que agitam uma isca perto de sua boca para atrair e devorar vítimas incautas, e assim por diante. Segundo Masson e McCarthy (2001, p. 224),

Em várias ocasiões, os leões do Serengeti que tinham capturado caça no capim alto quebraram o hábito comum entre leões de começar a comer imediatamente. Em vez disso, o leão se sentou e ficou olhando em volta por até cinco minutos, como se não tivesse capturado nada. Quando os leões que estavam por perto se afastaram, o leão começou a comer.

Esses autores relatam que os predadores geralmente preferem animais doentes ou jovens para atacar, pois sua captura é mais fácil. Como consequência, em muitos animais “as doenças e os ferimentos são freqüentemente encobertos. Para desespero dos criadores de animais e veterinários, muitos animais cativos diligentemente encobrirão todos os sinais de doença, até que estejam muito mal para serem salvos.” (idem, p. 231). Talvez isso explique porque certos machos humanos não vão ao médico e não gostam de pedir ajuda.

Conforme Dawkins (1979, p. 89), é de se “... esperar que mentiras, enganos e exploração egoísta de comunicação apareçam quando quer que os interesses dos genes de indivíduos diferentes divirjam (...) devemos até mesmo esperar que filhos enganem seus pais, que maridos trapaceiem com as esposas e que irmão minta para irmão.” Esse é um nível em que ainda não cabe falar de “maldade”, “mentira” ou “esperteza” propriamente. Ou seja, “os genes não têm a capacidade de previsão. Não fazem planos antecipadamente.

Simplesmente são, alguns mais do que os outros, e isto é tudo.” (ibidem, p. 46). O aumento da capacidade cognitiva de certas espécies muda isso. Segundo de Waal (1988, p. 122),

... diametralmente oposto ao conceito de comportamento animal impulsivo e instintivo, está o conceito de ação consciente e premeditada. Existem, claro, inúmeros animais que provavelmente desconhecem totalmente as conseqüências de seu comportamento social. Será que o grilo macho, por exemplo, sabe que o seu cricrilar atrai as fêmeas? Apesar disso, essa é a função do seu sinal. Animais mais desenvolvidos, entretanto, parecem conhecer o efeito de seus sinais. Os grandes *apes*, em particular, comportam-se de maneira tão flexível que dão a impressão de que sabem exatamente como os outros irão reagir, e o que eles podem obter como resultado. A sua comunicação se parece muito com uma manipulação social inteligente, como se eles tivessem aprendido a utilizar os seus sinais como instrumentos para influenciar os outros.

Como exemplo de comportamento onde o agente parece ter consciência de como suas ações serão percebidas por outros, ele descreve um caso ocorrido entre chimpanzés, onde “Yeroen machucou sua mão durante uma luta com Nikkie. Embora não tenha sido um ferimento profundo, nós originalmente pensamos que isto o estivesse perturbando, pois ele estava mancando”, mas verificou-se depois que “durante todo o tempo em que Yeroen estava no campo de visão de Nikkie, ele coxeava de uma maneira lamentável, mas, uma vez que tivesse passado Nikkie, seu comportamento mudava e ele andava normalmente de novo” (idem, p. 123).

Outro exemplo interessante é a história de uma gorila solitária num zoológico que capturou um tratador inexperiente fingindo que estava presa nas grades. Quando ele entrou na jaula e foi ajudá-la, ela rapidamente se colocou entre ele e a porta. “Tudo que ela fez foi envolvê-lo em seus braços.” (de Waal, 2001, p. 44). Assim, a sua carência afetiva, o aparente desejo de um contato físico reconfortante, levou-a a conceber uma estratégia em que era decisivo que ela soubesse o impacto de seu comportamento sobre o outro. Isso parece mostrar que não são apenas os humanos que simulam mal-estar para ganhar colo.

Assim, teria havido uma mudança de enfoque nas últimas décadas na primatologia, ficando mais clara a importância das relações sociais e das táticas e estratégias individuais em um contexto social, pois, “se as relações sociais refletem estratégias evolutivas, então os indivíduos devem estar manipulando outros visando um ganho egoísta” (Strum et. al., 1997, p. 51). Inúmeros dados têm confirmado essa hipótese, de modo que “a idéia de que a

inteligência começou com a manipulação social, tapeação e cooperação astuciosa, pareceu explicar tudo que antes nos desconcertava.” (Byrne e Whiten, 1997, p. 1).

Essa é uma das hipóteses mais curiosas surgidas recentemente na etologia cognitiva, ou seja, a idéia de que o desenvolvimento da inteligência humana e dos grandes *apes* estaria relacionado à utilidade da ação de tapear os seus semelhantes. Isso inclusive constitui hoje em dia um campo de estudos respeitável, onde Whiten e Byrne (1988, p. 234), por exemplo, propõem uma classificação das formas de tapeação em treze subclasses, agrupadas em cinco grandes classes: esconder, distrair, criar uma imagem, manipulação usando uma ferramenta social, desviar para um bode expiatório.

Não há dúvida de que é uma tese que faz sentido, pois não é fácil tapear alguém conscientemente: é preciso ter uma compreensão bastante boa do funcionamento mental do outro, ter uma boa idéia de que impressão será causada nele por uma determinada ação do agente, capacidade de improvisar em situações inesperadas. Mas a recompensa poderá ser grande em termos de sucesso reprodutivo, gerando uma pressão evolutiva nesse sentido. É só pensarmos nos prejuízos de alguém que se deixa enganar (o popular “trouxa” ou “otário”): ele perderá comida, recursos, poderá sustentar filhos gerados por outro. Se parece lógico, por outro lado é um tanto esquisito pensar que nossa inteligência, tão louvada e aclamada, algo de que temos tanto orgulho, possa ter tido uma origem tão pouco nobre, algo comparável às fortunas construídas à base do tráfico de escravos ou de drogas.

Outro aspecto curioso – e nada lisonjeiro para a natureza humana – da importância da tapeação é que os sistemas nervosos não têm um compromisso inerente com a honestidade, a verdade ou a objetividade. A tendência é funcionar de modo a que o organismo se dê bem. Como muitos autores têm ressaltado, o jeito mais eficaz de enganar os outros – que vêm ao mundo com poderosos dispositivos anti-fraude embutidos em suas mentes – é enganar a si mesmo¹⁰³. Ou seja, além de mesquinhos, egoístas e trapaceiros, seríamos também iludidos natos quanto a quem somos de fato. Isso nos faz pensar que talvez a grande questão quanto ao futuro da humanidade não seja a propensão à violência, mas sim decidir o que faremos com tantas ilusões que permeiam a cultura e a vida de cada um.

¹⁰³ Se a “fraude é fundamental à comunicação animal, então deve haver forte seleção para detectar o engano, e isto, por sua vez, deve selecionar certo grau de engano próprio, tornando inconscientes alguns fatos e motivos, de modo a não trair – pelos sinais sutis de autoconhecimento – a fraude que está sendo praticada. Assim, a idéia convencional de que a seleção natural favorece aqueles sistemas nervosos que produzem imagens cada vez mais exatas do mundo deve ser uma visão muito ingênua da evolução mental.” (Trivers, 1979, p. 16). Em resumo, “o auto-engano tem probabilidade de evoluir (porque o melhor mentiroso é o que acredita nas próprias mentiras)”. (Pinker, 2004, p. 161).

9.3 O CERNE BIOLÓGICO E O HUMANO VIRTUOSO

9.3.1 COOPERAÇÃO VERSUS COMPETIÇÃO

Até aqui, más notícias para a tese reichiana. Muitas evidências obtivemos de que o ser humano, tal como os demais seres vivos, poderia ser descrito basicamente como egoísta, trapaceiro, mentiroso, aproveitador, interesseiro, manipulador, mesquinho, amoral, agressivo e outros epítetos nada elogiosos. O conflito, base da concepção freudiana, parece ser algo muito mais presente no reino animal do que a harmonia auto-regulada vislumbrada por Reich. O bom selvagem parece se esfumçar como uma ilusão desmascarada, à vista das evidências de inúmeros estudos. Eles teriam revelado, tal como a queda do muro de Berlim, que a doce fantasia utópica mais uma vez cedeu lugar à dura e triste realidade de perceber um ser humano como sendo algo que não nos dá motivos para orgulho, muito pelo contrário. E como poderia ser diferente, se a lógica do gene egoísta parece ser o motor de toda a evolução, a base do funcionamento da natureza?

Como foi relatado no item 2.3.1, Reich concebeu a psique humana como consistindo de três estratos: na superfície estaria o que ele chamou de “máscara social”, abaixo dela o inconsciente freudiano (sadismo, inveja, perversões etc.) e por fim um núcleo ou “cerne biológico” no qual “...existem e agem a socialidade e a sexualidade naturais, a alegria espontânea no trabalho e a capacidade para o amor.” (Reich, 1942/1984, p. 201). À vista do que foi discutido no item anterior, poderíamos supor que Reich foi apenas mais um desses sonhadores românticos que, com base em devaneios descolados da realidade, nos confortam com teses ilusórias e fantasiosas que levam à crença de que “no fundo” o ser humano é bom. Pareceria, então, que apesar de certas imprecisões quanto ao tema da agressividade, destrutividade e outros aspectos, no geral a descrição freudiana estaria mais de acordo com a biologia atual do que as concepções de Reich, no que concerne à natureza humana. Entretanto, os pontos de vista reichianos encontram em muitos aspectos uma comprovação em teses defendidas por biólogos darwinistas contemporâneos.

O tema essencial nessa discussão é a questão da cooperação. Certas vertentes do darwinismo enfatizaram o aspecto de disputa, rivalidade, conflito e competição existentes nas relações entre os seres vivos. Por exemplo, um dos primeiros seguidores de Darwin. Thomas Huxley, famoso biólogo inglês, escreveu em 1888 um artigo em que comparava a luta pela sobrevivência a um espetáculo de gladiadores, repleto de sangue e violência (Montagu, 1978, p. 43). Como mostra Montagu, essa visão tem muito pouco a ver com a teoria de Darwin, onde a seleção natural se dá pelo fato de uns sobreviverem e se

reproduzirem mais que outros, tendo isso raramente a ver com combate direto, principalmente entre membros da mesma espécie. A partir dessa distorção da teoria de Darwin, teria havido uma aparente “sanção científica para duas idéias inteiramente falsas: que o mundo animal se caracteriza por uma luta feroz pela existência, e que a sociedade humana, por descender diretamente desse mundo animal, caracteriza-se por lutas, hostilidades, rivalidades desenfreadas e agressividade”, tendo isso dado “apoio e estímulo a algumas das idéias sociais mais repressivas que a sociedade ocidental jamais conheceu” (idem, p. 41). Outro autor controverso teria sido Herbert Spencer, fundador do que foi chamado de “darwinismo social”, onde se justificava a exploração capitalista e o jogo do mercado como expressão humana da luta pela sobrevivência característica do reino animal. Segundo essa visão, a competição seria o grande valor, e os perdedores e fracassados não teriam direito a nada, sendo “natural” que fossem excluídos e marginalizados.

Por outro lado, existe um aspecto que necessariamente complementa e modifica em pontos essenciais a idéia do conflito como pilar do funcionamento daquilo que é vivo. Estamos falando da cooperação. Conforme o que foi visto no capítulo 4, os seres vivos desde muito cedo adotaram essa estratégia: ao invés de competir com alguns de seus semelhantes, optou-se muitas vezes por uma parceria que trouxesse benefício mútuo. É o caso da conjugação bacteriana, da formação da célula eucariota a partir da fusão de bactérias distintas, da sexualidade que implica a colaboração necessária de pelo menos dois organismos, além de muitos outros exemplos. Supõe-se inclusive que a própria vida resultou da associação de diversas moléculas replicadoras, resultando nos cromossomos, que são vastas cooperativas de genes distintos. Segundo Dawkins (1979, p. 46) “a fabricação de um corpo é um empreendimento conjunto de tal complexidade que é quase impossível desemaranhar a contribuição de um gene daquela de outro.”

Um grande salto no nível de cooperação teria ocorrido entre 500 milhões a um bilhão de anos atrás, com o surgimento dos seres multicelulares. A vida, portanto “... tornou-se um jogo de times, não um torneio de competidores isolados” (idem, p. 14), onde se pode observar cifras impressionantes, sendo um exemplo a existência de seres como a baleia azul, em que 100.000 trilhões de células cooperam entre si harmonicamente para manter a vida funcionando. De acordo com Pinker (2004, p. 234), a evolução

... pode conduzir a graus cada vez maiores de cooperação. Repetidamente na história da vida, replicadores agruparam-se, especializaram-se para dividir o trabalho e coordenaram seu comportamento (...). Agentes independentes

repetidamente atrelaram seu destino a um sistema maior, não por possuir uma mentalidade cívica inerente, mas porque se beneficiaram da divisão de trabalho e desenvolveram modos de abafar conflitos entre os agentes que compõem o sistema.

Assim, “embora o conflito seja um universal humano, a resolução de conflitos também é.” (idem, p. 90). Ou seja, o conflito é inevitável, mas, para genes, células ou organismos que têm um estilo de vida que se beneficia das vantagens da cooperação com outros, a existência de mecanismos de superação desses conflitos também passa a ser inevitável. Para os animais sociais, é importante que o grupo esteja forte e coeso para se defender de predadores, de vizinhos ameaçadores ou de um ambiente hostil. A evolução parece ter beneficiado não apenas a inibição e modulação dos conflitos, mas também tudo que levasse a uma convivência harmoniosa:

Na medida em que cada membro se beneficia de um grupo cooperativo e unido, espera-se que eles se preocupem com a sociedade em que vivem e façam um esforço para melhorá-la e fortalecê-la, semelhante ao modo como a aranha faz reparos em sua teia e os castores mantêm a integridade de seus diques. (de Waal, 2001, p. 31).

Desse modo, vemos na vida social dos chimpanzés e de outros primatas características úteis à harmonia do grupo, como a consolação¹⁰⁴ e a arbitragem de conflitos pelos machos dominantes¹⁰⁵. Ridley (ibidem, p. 38) propõe algumas definições a partir desse referencial: “egoísmo é quase a definição de maldade (...) As características virtuosas mais evidentes que todos nós louvamos – cooperação, altruísmo, generosidade, simpatia, amabilidade, abnegação – todas são sem nenhuma ambigüidade relativas ao bem-estar dos outros.”

Muitos autores defendem que da natureza só podemos esperar o egoísmo e a agressão, e a esperança da humanidade repousaria em forças diferentes dela. Para Dawkins (1979, p. 23), por exemplo, a cultura e a civilização seriam a esperança de domar nossa natureza bestial: “se você desejar, como eu o desejo, construir uma sociedade na qual os indivíduos cooperem generosa e desinteressadamente para um bem comum, você poderá

¹⁰⁴ “Uma vez que a poeira assentou depois de uma briga, indivíduos próximos não envolvidos na luta freqüentemente se aproximam dos combatentes. Tipicamente, eles os abraçam e tocam, dão tapinhas nas costas, ou fazem *grooming* por algum tempo.” (de Waal, 2001, 60-61).

¹⁰⁵ “Existem algumas espécies (macacos de cauda curta, gorilas e chimpanzés) nas quais há pouca dúvida de que os indivíduos de alta posição fazem a mediação de conflitos de modo consistente e efetivo.” (de Waal, 2001, p. 129).

esperar pouca ajuda da natureza biológica. Tentemos ensinar generosidade e altruísmo, porque nascemos egoístas.” Este autor parece seguir uma tradição secular. Segundo de Waal (2001, p. 2), já no século XIX, Thomas Huxley, em uma conferência famosa sobre moralidade, defendia ponto de vista semelhante:

Vendo a natureza como vil e indiferente, ele descreveu a moralidade como uma espada forjada pelo *Homo sapiens* para matar o dragão de seu passado animal (...). Ao ver a moralidade como a antítese da natureza humana, Huxley espertamente empurrou a questão da sua origem para fora do campo do biológico (...). Nessa visão, a bondade humana não é na verdade parte do esquema maior da natureza: ou é uma contraforça cultural ou é um erro estúpido da Mãe Natureza. Nem é preciso dizer que esse ponto de vista é extraordinariamente pessimista, capaz de provocar calafrios em qualquer pessoa que tenha fé na profundidade do nosso senso moral.

Conforme de Waal, tal concepção se insere numa longa tradição: “a imagem da depravação inata da humanidade e a sua luta para transcender essa depravação é essencialmente calvinista, remontando à doutrina do pecado original¹⁰⁶.” (idem, p. 17). Ou seja, a biologia poderia estar contaminada por uma ideologia que dificulta a percepção dos aspectos cooperativos e “bondosos” dos animais:

... eu mesmo encontrei resistência ao rotular de ‘reconciliação’ os encontros amigáveis entre aqueles que antes eram adversários. Na verdade, eu não deveria ter usado a palavra ‘amigável’ também, ‘afiliativo’ sendo o eufemismo aceito (...). Enquanto termos relacionados à agressão, violência e competição nunca trouxeram o menor problema, esperava-se que eu mudasse para uma linguagem desumanizada tão logo a consequência afetuosa de uma briga fosse o tema. (ibidem, p. 18).

Outra denominação “científica” seria a de comportamento sucorante, “definido como o que ajuda, cuida ou provê alívio a indivíduos perturbados ou em perigo, que não sejam de sua prole.” (de Waal, 2001, p. 41). Seria, no entender do autor, um outro nome para a simpatia, criado para tentar evitar a antropomorfização no estudo dos animais.

¹⁰⁶ Na Carta de Paulo aos Romanos, por exemplo, é dito que os homens “... estão cheios de perversidade, maldade, avareza, vícios, ciúmes, crimes, lutas, mentiras e malícia. Difamam e falam mal uns dos outros. Odeiam a Deus e são atrevidos, orgulhosos e vaidosos. Inventam muitas maneiras de fazer o mal ... (Bíblia Sagrada, p. 191-192). “Mentem e enganam sem parar. Mentiras perversas saem de suas línguas e palavras de morte, como veneno de cobras, saem de seus lábios (...) Eles têm pressa de ferir e matar.” (idem, p. 193).

9.3.2 O AMOR AO PRÓXIMO: PARENTESCO E RECIPROCIDADE

Uma corrente importante na biologia atual afirma que o comportamento altruísta em humanos e outros animais pode ter evoluído a partir da seleção natural. O primeiro e mais evidente ponto é o relativo à seleção por parentesco (ver item 7.1.1). A idéia central aqui é que organismos aparentados compartilham seus genes em certa proporção. Assim, um comportamento de um indivíduo que possa resultar num benefício para outro organismo que seja aparentado resultará na perpetuação de genes semelhantes aos dele.

Os genes não percebem magicamente a presença de cópias deles mesmos em outros organismos e tentam salvá-los. Os genes não são clarividentes, ou mesmo conscientes; eles não ‘tentam’ fazer nada. Mas caso apareça um gene que tenha como conseqüência fazer seu veículo se comportar de maneira que ajude a sobrevivência de outros veículos prováveis de conter uma cópia daquele gene, então esse gene pode prosperar, mesmo se as perspectivas para o seu veículo forem diminuídas ao longo do processo. (Wright, 1994, p. 158).

Se o “esforço” tiver um custo menor do que o benefício causado ao outro, na proporção da relação genética, o gene será selecionado. Em linguagem matemática, definindo p como o grau de parentesco (metade para um irmão ou filho, um oitavo para um primo-irmão); c como o custo do ato altruísta (em termos do impacto sobre o sucesso reprodutivo) para o agente; e b o benefício (idem) para o receptor; um gene que resulte em comportamento altruísta se propagará sempre que $c < bp$. (Wright, 1994, 163-164).

Conforme Ghiglieri (1999, p. p. 169), “o conceito de aptidão inclusiva (*inclusive fitness*) revela como um tio celibatário pode paradoxalmente alcançar um alto sucesso reprodutivo ao favorecer o nascimento de mais sobrinhos e sobrinhas.” Alguns autores objetaram a esta hipótese com base no fato de que os humanos primitivos e os animais não teriam capacidade de fazer contas de frações e, portanto, não saberiam calcular a atitude correta. Mas, conforme Pinker (2004, p. 158), isto “é como dizer que as pessoas não podem absolutamente ver em profundidade, pois a maioria das culturas não desenvolveu a trigonometria que fundamenta a visão estereoscópica.” Ou seja, o sistema nervoso desenvolveu capacidades complexas que não precisam passar por uma avaliação consciente. Devemos supor que um jogador de futebol computou numa fração de segundo as várias equações diferenciais que lhe permitiram prever a trajetória da bola e calcular o lugar exato onde vai ter de colocar o pé no decorrer de alguns segundos para marcar o gol? Sim, algo no

cérebro dele fez essas contas complicadas¹⁰⁷, mas, se lhe perguntarmos como fez, ele talvez diga: “Bem, a bola veio, eu mandei bala, e consegui, graças a Deus.”

Assim, “muitos animais possuem um talento inato para reconhecer seus parentes, e eles até mesmo fazem uma aritmética instintiva antes de se arriscarem por outro indivíduo.” (Ghiglieri, 1999, p. 169). O exemplo máximo, claro, é quando o parentesco é igual a 1, ou seja, 100 %. É o que ocorre, por exemplo, nas células dos animais e plantas, onde trilhões de células podem ser “altruístas” e abdicar de sua capacidade de reprodução e até “suicidar-se” pelo bem comum (ver capítulo 4, item 4.6), já que as poucas células germinativas que cumprirão essa tarefa são semelhantes a ela. Se o genoma fosse diferente em cada célula, a predição da teoria da seleção por parentesco é que inevitavelmente haveria um conflito de interesses, com predomínio final dos genes que dizem para não abdicar do potencial reprodutivo. Deve ter acontecido algo parecido em algum ponto da escala evolutiva e, como resultado, tais organismos foram eliminados, até só restarem aqueles em que todas as células fossem idênticas. Note-se que não é algo tão raro encontrar indivíduos com genoma misto (chamados quimeras), em geral como consequência de uma gestação gemelar em que os embriões se fundiram precocemente (Bonjardim, 2002).

O parentesco mais próximo seguinte é o dos insetos sociais, que chega a $\frac{3}{4}$ (Wright, 1994, p. 164), explicando o forte altruísmo desses animais, que, entretanto, não chega a ser tão completo como as células de um mesmo corpo. No próximo passo, encontramos o parentesco de $\frac{1}{2}$: o cuidado materno com os filhotes, pois a mãe tem certeza de que metade dos genes são compartilhados. Isso teria favorecido a seleção do cuidado materno em uma ampla gama de animais, inclusive em insetos não-sociais (Tallamy, 1999), mas parece ser em pássaros e mamíferos que essa estratégia se revelou mais comum.

Dado que os pais não podem ter tanta certeza da presença de seus genes, isso poderia explicar certas estratégias reprodutivas: “uma fêmea chimpanzé em geral se acasala com a maioria dos machos da comunidade, copulando em média 135 vezes antes de conceber (...) Isto leva a que cada macho proteja todos os chimpanzés nascidos dentro de seu território como se fossem seus.” (Ghiglieri, 1999, p. 170).

A seleção por parentesco seria responsável tanto pelo nepotismo, tribalismo e racismo, como pelo vínculo entre mãe e bebê que admiramos. Esta é uma faceta da seleção

¹⁰⁷ “Talvez ele não saiba o que é uma equação diferencial e nem se preocupe, mas isso não afeta sua habilidade com a bola. A nível subconsciente alguma coisa funcionalmente equivalente aos cálculos matemáticos está ocorrendo.” (Dawkins, 1979, p. 121).

natural que nos leva diretamente ao âmago da questão debatida aqui: há um favorecimento para que se selecionem traços de cooperação, mas essa cooperação entre determinados indivíduos é freqüentemente usada como arma contra outros indivíduos ou grupos. A solidariedade e a fraternidade entre, por exemplo, torcedores de um mesmo time, têm a mesma fonte que o confronto e a agressividade entre duas torcidas rivais. Na guerra isso fica exacerbado ao máximo, havendo relatos de um companheirismo muito forte entre combatentes, que não encontra correspondente em tempos de paz (idem, p. 181-186).

Assim, como resultado da seleção por parentesco, “o etnocentrismo e a xenofobia podem ser evocados nos humanos com uma rapidez milagrosa.” (ibidem, p. 211). Isso não seria exclusividade do homem moderno civilizado, pois as “... sociedades primitivas são igualmente preconceituosas, muitas vezes chegando ao ponto de classificar seus inimigos como sub-humanos.” (ibidem, p. 212). Entretanto, pergunta o autor

Seremos nós escravos incorrigíveis de nossa xenofobia e egoísmo? (...) Creio que já nascemos com um antídoto dentro de nós, uma parte da nossa natureza humana que pode nos libertar do egoísmo cego de ambos os sexos e do lado sombrio e violento do psiquismo masculino. Este antídoto é o instinto humano para cooperar em um interesse próprio esclarecido. (ibidem, p. 239).

Ou seja, outra fonte de cooperação é o chamado “altruísmo recíproco”. De acordo com Ridley (1998, p. 46), “a vida não é um jogo de soma zero. Um jogo de soma zero é aquele que tem um vencedor e um perdedor, como em uma partida de tênis. Mas nem todos os jogos são do tipo soma zero; às vezes ambos os lados ganham, ou perdem.” Rubem Alves ilustra belamente esse ponto ao falar da diferença entre o jogo de tênis e o frescobol (ver <http://www.rubemalves.com.br/tenisfrescobol.htm>): no primeiro há um vencedor e um perdedor, no segundo, entretenimento e cooperação. Se os casais seguissem o segundo modelo, em vez do primeiro, talvez fossem ambos mais felizes.

Estudiosos da teoria dos jogos (ver Ridley, 1998; Wright, 1994) verificaram que, em encontros únicos, a trapaça e a jogada egoísta são vencedores. Portanto, essa seria a alternativa favorecida pela seleção natural. Entretanto, quando as rodadas se repetem, e os envolvidos são capazes de manter um registro de quem agiu lealmente e quem trapaceou, a estratégia vencedora inclina-se fortemente para o lado da cooperação¹⁰⁸. Em simulações de

¹⁰⁸ “Quando o jogo era realizado repetidamente e indefinidamente por um único par de pessoas, a bondade, e não a vileza, parecia prevalecer.” (Ridley, 1998, p. 59).

computador isso fica evidente, mostrando que não é um viés cultural humano comportar-se desta forma. Claro que isso não é planejado e decidido pelos diversos seres vivos – ocorre apenas que a seleção natural favorece os seres que naturalmente têm uma propensão a realizar a jogada certa. O idêa é “você coça as minhas costas e eu coço as suas.”

Alguns exemplos encontrados na natureza confirmam a validade do princípio. Em morcegos hematófagos, “quando eles conseguem uma refeição, geralmente bebem mais do que seria imediatamente necessário, e o excesso pode ser doado a outro morcego por meio da regurgitação do sangue.” (Ridley, 1998, p. 62). Além disso, “mais de quarenta e cinco espécies de peixe e pelo menos seis de camarão oferecem serviços de limpeza em recifes de corais (...) a maioria deles exibindo cores que os distinguem e destacam frente aos potenciais clientes como limpadores.” (idem, p. 63).

A natureza promove a evolução das características necessárias para isso. As cores fortes dos peixes limpadores provavelmente são essenciais para que o peixe “cliente” não os devore. Do mesmo modo, “para o seu tamanho, os morcegos vampiros têm cérebros muito grandes (...) para jogar o jogo da reciprocidade, eles necessitam reconhecer uns aos outros, lembrar quem retribuiu um favor e quem não, e manter o débito ou o ressentimento de acordo com isso.” (ibidem, p. 69).

Apesar desses exemplos, o altruísmo recíproco parece não ser tão comum na natureza quanto a seleção por parentesco. Mas, como afirma Ridley (ibidem, p. 71), “o fato de que outros animais não jogam freqüentemente o Na-mesma-moeda¹⁰⁹ não prova que os seres humanos não construam suas sociedades com base na reciprocidade.” Para esse autor, “como a linguagem e o dedão capaz de oposição, a reciprocidade pode ser uma destas coisas que nós evoluímos para nosso próprio uso, mas para as quais poucos outros animais encontraram utilidade ou tiveram a capacidade mental para tal.” (ibidem, p. 72).

O fato é que na sociedade humana isso ocorre em alto grau. Como afirma Ridley (ibidem, p. 84), “obrigação, dívida, favor, barganha, contrato, troca, negócio ... Nossa linguagem e nossas vidas estão permeadas de idéias de reciprocidade. Em nenhuma esfera isto é mais verdadeiro do que em relação à nossa atitude frente aos alimentos.” O papel destacado da comida decorreria do fato da caça coletiva de grandes animais ter tido um importante papel no desenvolvimento da cooperação e reciprocidade nos seres humanos: “Abater grandes animais nas planícies de pastagens tanto requer cooperação como, devido

¹⁰⁹ No original, *Tit-for-tat*, denominação de uma estratégia em simulações com uso de computador, caracterizada por “fazer ao outro o mesmo que ele me fez”.

ao fato do prêmio ser suficientemente grande para alimentar muitas bocas, permite essa cooperação. Esse foi o mundo no qual os seres humanos evoluíram.” (ibidem, p. 106).

Entre primatas, a sua alta capacidade cognitiva parece permitir a troca de elementos díspares, ou seja, não se troca apenas apoio por apoio, comida por comida. Conforme de Waal (2001, p. 156), “grupos de macacos podem ser verdadeiros mercados nos quais sexo, apoio, *grooming*, tolerância em relação à comida, avisos de perigo e todo tipo de outros serviços estão sendo comerciados.” Apesar das vantagens desse sistema, há obstáculos:

O altruísmo recíproco difere dos outros padrões de cooperação no sentido em que é repleto de riscos, depende de confiança, e requer que indivíduos cujas contribuições são insuficientes sejam evitados ou punidos, para que o sistema inteiro não colapse (...) O altruísmo recíproco não funciona para indivíduos que raramente se encontram ou que tenham dificuldade de manter um registro de quem fez o que para quem: ele requer boas memórias e relações estáveis, tais como as encontradas entre os primatas. Macacos e *apes* fazem uma distinção nítida entre parentes e não parentes, bem como entre amigos e inimigos. (idem, p. 24)

A importância que o altruísmo recíproco alcançou nas sociedades humanas traria uma série de conseqüências. Como afirma Ridley, (1998, p. 70), “existe um ingrediente vital da reciprocidade que nossa discussão da teoria dos jogos até aqui omitiu: a reputação. Numa sociedade de indivíduos que você reconhece e conhece bem¹¹⁰ (...) você pode escolher seus parceiros.” Ou seja, o efeito benéfico para aquele que pratica o altruísmo é maximizado se ele desfruta de uma boa reputação, de um bom nome na praça que o capacite a ser incluído entre os beneficiários de outros sujeitos altruístas. Esse fato poderia estar implicado no hábito, comum em praticamente todas as culturas, de trocas de presentes¹¹¹. Assim, pode-se chegar à conclusão de que “a confiança é uma forma tão vital de capital social quanto o dinheiro é uma forma de capital real.” (idem, p. 250).

Outra decorrência dessa teoria é a importância atribuída à punição dos que não colaboram. Isso tem sido chamado de “punição altruísta” (Boyd et al., 2003; Fehr &

¹¹⁰ “E imagine a situação de nossos ancestrais, que sem dúvida pertenceram à mesma pequena comunidade durante a maior parte de suas vidas: virtualmente tudo que havia para ser sabido sobre eles devia ser conhecido por praticamente todos.” (de Waal, 2001, p. 115).

¹¹¹ “Porque as pessoas dão presentes umas às outras? Em parte é para serem amáveis, em parte também para proteger sua próprias reputações enquanto pessoas generosas, e em parte ainda para colocar o receptor sob a obrigação de reciprocidade. Presentes podem facilmente se tornar subornos.” (Ridley, 1998, p. 118). A magnitude social disso pode ser avaliada pelo fato de que “na Inglaterra, em qualquer época, cerca de sete a oito por cento da economia está devotada à produção de artigos que serão dados como presentes.” (idem).

Gachter, 2002) e parece ser crucial para a evolução da cooperação e reciprocidade (Henrich & Boyd, 2001, Richerson et al., 2003). Como se pode ver na Figura 7, especialmente em grupos maiores fica clara a necessidade de punir os que não aderem à reciprocidade, sob pena do colapso da estratégia cooperativa, com prejuízo para todo o grupo. A implementação da punição parece depender primordialmente de fatores emocionais (ver item 9.3.4), que teriam evoluído como recurso comportamental em animais, já que a compreensão das vantagens da cooperação e da punição aos egoístas exige uma capacidade cognitiva só encontrada em humanos.

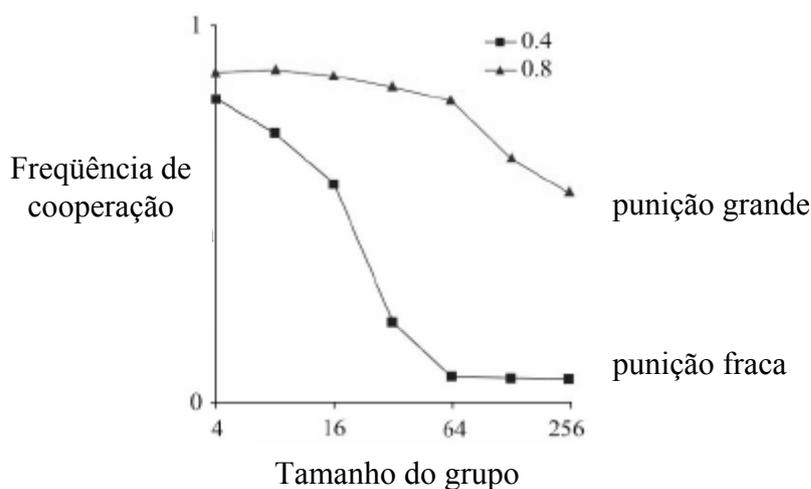


Figura 7 – A evolução da cooperação em relação ao tamanho do grupo e ao custo da punição para os que não cooperam, em simulação em computador. (Conforme Boyd et al., 2003, p. 3533).

9.3.3 EMPATIA E SIMPATIA

A empatia parece ser uma das bases para o comportamento socialmente ajustado. Damon (1999, p. 57) relata um caso ilustrativo: “Um oficial da polícia de Nova Iorque certa vez perguntou a um assassino adolescente como ele podia ter aleijado uma mulher de 83 anos durante um assalto. O rapaz respondeu, ‘Porque eu me importaria? Eu não sou ela.’” Tem sido demonstrada em mamíferos a capacidade de sentir, em algum grau, o que outros indivíduos sentem. Essa tem sido considerada uma habilidade de grande valor para animais sociais. Preston e de Waal (2002, p. 1) relatam que

Em um experimento com macacos rhesus, os sujeitos foram treinados a puxar duas correntes que proporcionavam quantidades diferentes de alimento. Os experimentadores então alteraram a situação de modo que

puxar a corrente que resultava em uma recompensa maior causava um choque a um macaco que estava dentro do campo de visão do sujeito. Depois que os sujeitos testemunharam o choque no coespecífico, dois terços deles preferiram a corrente que não causava choque, mesmo que isso resultasse em metade da recompensa. Do terço remanescente, um indivíduo parou de puxar qualquer uma das correntes durante 5 dias e outro por 12 dias, depois de presenciar o choque no objeto. Esses macacos estavam literalmente passando fome para evitar o choque no coespecífico.

De acordo com os autores, diversas pesquisas mostram que “indivíduos de muitas espécies ficam perturbados com o sofrimento de um coespecífico e agirão de modo a dar um fim ao sofrimento do objeto, mesmo que isso acarrete risco para eles próprios.” (idem). Para eles, “esses fatos sugerem que a empatia é um fenômeno filogeneticamente contínuo.” (ibidem, p. 2). Estudos revelam sua ocorrência entre ratos, cachorros e, principalmente, primatas. Inclui respostas de participação no mesmo sentimento (sofrimento-sofrimento, alegria-alegria) ou de respostas a um sentimento (por exemplo, consolar alguém que sofre, ter medo de alguém com raiva). A resposta atinge não só a percepção, mas também ocorre em termos corporais: “sujeitos humanos e não-humanos que identificam corretamente a emoção de um objeto têm uma resposta fisiológica que é correlata à do estado do objeto.” (ibidem, p. 5). Esse fenômeno tem sido denominado de “contágio emocional”, definido como “a tendência a automaticamente imitar e sincronizar expressões, vocalizações, posturas e movimentos com aqueles de outra pessoa e, conseqüentemente, a convergir emocionalmente.” (de Waal, 2001, p. 230).

Certamente não são todos os animais que partilham dessa capacidade. Como afirma de Waal (2001, p. 40), “é simplesmente unimaginável que os peixes viessem a socorrer um desafortunado colega de lagoa que foi arrancado para fora d’água, que mordessem a linha do anzol, ou batessem com suas cabeças no barco em protesto (...) Os peixes são, digamos, frios uns com os outros.” Outros animais aquáticos, como os golfinhos e baleias, ao contrário, mostram-se muito solidários com companheiros em apuros. Os caçadores de baleias chegam a tirar vantagem disso, ferindo uma delas e aguardando a chegada das outras que vêm em socorro da primeira, para então abatê-las todas.

Essa capacidade parece surgir muito cedo em humanos, sugerindo que ela é inata. De acordo com Damon (1999, p. 58), “bebês podem sentir empatia tão logo eles reconheçam a existência de outras pessoas – às vezes na primeira semana depois de

nasceram.” Assim, “bebês recém-nascidos choram em resposta ao som de outro bebê chorando. Isto não é devido à sensibilidade ao barulho, pois os bebês reagem mais intensamente a estes sons do que a vocalizações animais ou choros simulados por computador de igual intensidade.” (de Waal, 2001, p. 121).

Além disso, pesquisas com crianças cujos pais simularam tristeza (chorando) ou dor (gritando ‘ai’) revelaram que “crianças com pouco mais de um ano de idade já confortavam os outros (...) Dado que estas expressões de simpatia emergem numa idade tão precoce em praticamente todos os membros de nossa espécie, elas são tão naturais quanto a conquista do primeiro passo.” (idem, p. 45). No mesmo sentido, Pinker (2004, p. 261) comenta que “crianças de apenas um ano e meio já dão brinquedos espontaneamente, oferecem ajuda e tentam consolar adultos ou outras crianças que estão visivelmente aflitos.” A partir desses e de outros experimentos, de Waal (2001, p. 44) afirma que “os primatas, inclusive os humanos, desenvolvem tendências sucorantes surpreendentemente precoces em sua vida, contradizendo assim uma extensa literatura de acordo com a qual os jovens são egocêntricos, malvados, ou mesmo clamorosamente depravados.”

Supõe-se que o vínculo mãe-bebê tem grande importância filogenética e ontogenética para o desenvolvimento da empatia. Ou seja, além de parecer ser o mecanismo precursor da capacidade de empatia nas diversas espécies em termos da seleção natural, “supõe-se que o contato físico e emocional coordenado e contínuo entre a mãe e bebê organize a capacidade de regulação emocional do bebê, o que determina a competência emocional do indivíduo.” (Preston & de Waal, 2002, p. 7).

De Waal propõe uma distinção entre empatia e simpatia. Segundo ele, “o objeto da empatia é a compreensão. O objeto da simpatia é o bem-estar da outra pessoa.” (de Waal, 2001, p. 41). Torturar, por exemplo, “... envolve a mesma capacidade de conhecer o que faz os outros sofrerem, o que é o oposto da simpatia.” (idem). No mesmo sentido, Beer (1992, p. 83) comenta que a capacidade de colocar-nos imaginativamente no lugar da outra pessoa permite-nos “antecipar a ação daquela pessoa, empatizar com a maneira de sentir dela, saber o que ela pretende, perceber como elas podem ser manipuladas, apaziguadas e abrandadas, encorajadas, engajadas a serviço de nossos interesses.”

Estudiosos do tema sustentam que a vida social, a cooperação, a harmonia e o sucesso do grupo são aumentados por esta capacidade. Assim, “o vínculo emocional direto entre indivíduos é altamente adaptativo para indivíduos que vivem em grupos,

especialmente aqueles que proporcionam um longo período de cuidado com os filhotes.” (Preston & de Waal, 2002, p. 9).

Inúmeros mecanismos cerebrais participam desse processo, incluindo aqueles que regulam a resposta do sistema nervoso autônomo: “a comunicação bem sucedida do afeto em macacos e humanos requer uma frequência cardíaca equivalente no emissor e no receptor.” (idem, p. 14). Pessoas a quem foram mostradas imagens com expressões emocionais diversas, tiveram ativação de músculos específicos, medida por meio de eletromiografia: “imagens de faces felizes evocaram atividade muscular no m. zigomático maior¹¹² e faces raivosas evocaram atividade do m. corrugador do supercílio¹¹³, mesmo quando as imagens eram processadas sem a participação da consciência.” (ibidem).

Haveria uma distinção entre certas formas de empatia automática e emocional, por um lado, e a chamada “empatia cognitiva”, “... na qual se supõe que o sujeito use processos de tomada de perspectiva para se imaginar ou se projetar no lugar do objeto.” (ibidem, p. 18). Esse tipo requer uma capacidade cognitiva maior, sendo, portanto, mais freqüente em *apes* do que em outros animais. Por exemplo, relata-se que Kuni, uma bonobo fêmea, capturou um passarinho e tentou fazer com que ele voasse, mas ele estava assustado. Então “Kuni pegou o estorninho, subiu ao ponto mais alto da árvore mais alta, e cuidadosamente abriu as asas do pássaro, uma asa em cada mão, antes de atirá-lo no ar.” (ibidem, p. 19). Ou seja, a biologia vem revelando que sentimentos “elevados” podem não ser exclusividade dos humanos, mas sim uma estratégia evolutiva gerada pela seleção natural.

9.3.4 OS SENTIMENTOS MORAIS

Tem sido proposto que o altruísmo recíproco em humanos – e provavelmente em outros animais também – é impulsionado e regulado pelos assim chamados sentimentos ou emoções morais, que teriam evoluído exatamente por esse motivo¹¹⁴. Os sentimentos morais podem ser classificados em quatro “famílias”, segundo Pinker (2004):

a) Os sentimentos de condenação dos outros – desprezo, indignação, antipatia, desconfiança, mágoa, rancor e repulsa, que impelem as pessoas a se afastar e/ou a punir os trapaceiros, traidores e não colaboradores.

¹¹² Envolvido no movimento de sorrir.

¹¹³ Envolvido no movimento de franzir a testa.

¹¹⁴ “As demandas do altruísmo recíproco podem explicar por que evoluíram as emoções sociais e moralistas.” (Pinker, 2004, p. 334).

b) Os sentimentos de louvor aos outros – gratidão, confiança, admiração e reverência moral, impulsionam a recompensar os altruístas.

c) Os sentimentos relativos ao sofrimento dos outros – compaixão, solidariedade, preocupação e cuidado (*care*), empatia e simpatia, impelem a ajudar pessoas que necessitam de cuidados.

d) Os sentimentos de constrangimento – culpa, vergonha, embaraço, senso de justiça, lealdade, orgulho e desejo de aprovação pelo grupo, fazem com que as pessoas evitem a trapaça ou o egoísmo.

Muitas vezes um comportamento aparentemente irracional e baseado na emoção na verdade poderia apresentar uma racionalidade de longo prazo. Nesse tipo de visão, os sentimentos morais “... são dispositivos para a resolução de problemas, desenhados para fazer com que criaturas altamente sociais sejam eficazes em usar as relações sociais para obter vantagens de longo prazo para seus genes.” (Ridley, 1998, p. 133). Em outras palavras, “para colher a recompensa de longo prazo da cooperação, pode ser necessário que você renuncie à tentação de curto prazo de seu próprio interesse.” (idem).

Segundo Wright (1994, p. 173), “a seleção natural tende a trabalhar subterraneamente, por meio da formatação dos sentimentos humanos, e não fazendo os humanos conscientes de sua lógica.” Tal como a fome e o apetite levam a que um organismo preencha suas necessidades energéticas sem precisar consultar uma tabela que indique os nutrientes presentes nos diversos alimentos; como o desejo sexual o leva a comportamentos que resultam em procriação, mesmo que não saiba nada sobre úteros, ovários e outros itens da fisiologia reprodutiva; como o critério de beleza leva a escolher parcerias de acasalamento saudáveis; do mesmo modo os sentimentos morais levariam a ações benéficas para o organismo em que eles ocorrem.

Num exemplo tirado da teoria dos jogos, um participante recebe uma grande soma de dinheiro para dividir entre ele próprio e outro participante. O segundo pode aceitar ou recusar e, se ele recusar, nenhum dos jogadores ganha nada¹¹⁵. Se vigorasse um raciocínio puramente egoísta, seria de se esperar que o proponente ficasse com tudo ou quase tudo para si. O respondente aceitaria qualquer coisa que sobrasse, pois, por menor que fosse, já seria um lucro. Ele não estranharia a jogada do outro, já que em seu lugar faria o mesmo. Mas, quando se trata de indivíduos dotados de sentimentos morais, tudo fica diferente:

¹¹⁵ Este jogo é conhecido como Ultimatum.

Na realidade, o proponente tende a oferecer quase metade da quantia total, e o respondente não aceita muito menos do que a metade¹¹⁶ (...) o respondente parece ser impelido por um sentimento de raiva moralmente justificada e pune o proponente egoísta por isso; o proponente prevê que isso acontecerá e faz uma oferta generosa apenas o bastante para ser aceita. (Pinker, 2004, p. 351).

“Na Indonésia, por exemplo, a quantia de dinheiro a ser dividida era até três vezes maior do que renda média mensal dos participantes – e ainda assim as pessoas indignadamente recusaram ofertas que consideraram pequenas demais.” (Sigmund, Fehr & Nowak, 2002, p. 82). Assim, a indignação, o senso de justiça e a raiva levam a pessoa a fazer uma jogada muito mais vantajosa do que seria a de um egoísta dotado de um calculismo frio. Uma evidência de que esse comportamento se refere à interação com outra pessoa é o fato de que “se a oferta do proponente é escolhida por um computador, os respondentes estarão propensos a aceitar consideravelmente menos dinheiro.” (idem).

O gostar/amar as pessoas e o sentimento de gratidão parecem ser bons mediadores da reciprocidade. Gostamos daqueles que nos fazem favores e somos gratos a eles, e ajudamos aqueles de quem gostamos. Ou seja, o gostar de alguém pode ser um efeito da nossa computação cerebral de que esta pessoa se credenciou como um indivíduo que merece nosso esforço. E esse gostar e/ou gratidão provocará uma retribuição à altura. Às vezes essa motivação pode não ser suficiente para vencer os impulsos egoístas, e aí entrariam em cena a culpa, a lealdade e a vergonha como sentimentos que nos impulsionam a manter a reciprocidade. O comportamento egoísta nos traria um ganho de curto prazo, mas a um possível custo de ganharmos reputação de trapaceiros e mesquinhos, o que nos eliminaria da rede de reciprocidade que é muito mais lucrativa a longo prazo.

A dor de perda ou separação pode constituir um indicador do quanto a relação é importante, e de quanto esforço e sacrifício valem a pena para recuperá-la ou preservá-la. Vai assim ficando claro como esses sentimentos podem constituir um recurso que a natureza construiu para funcionar como uma resultante que sintetize certos valores de sobrevivência sem demandar uma consciência da dinâmica de reciprocidade envolvida.

Do mesmo modo, a vulnerabilidade do sistema de altruísmo recíproco à trapaça faz com que seu funcionamento dependa de uma ampla gama de sentimentos que a inibam nos

¹¹⁶ “Dois terços das ofertas estão entre 40 e 50 por cento. Apenas quatro em cada 100 pessoas oferece menos de 20 por cento.” (Sigmund, Fehr & Nowak, 2002, p. 81).

demais participantes. Daí a mágoa, a indignação e o rancor (que inibem o gostar e a disposição de fazer bem ao outro); a repulsa, a antipatia e o desprezo (que excluem traidores da rede de relacionamentos de reciprocidade), a desconfiança (que leva a testar e checar pessoas que ainda não possuem um “atestado de idoneidade” válido).

Mais uma vez a teoria dos jogos traz ilustrações. Num jogo chamado *Public Goods*, o experimentador dá, digamos, R\$ 50 a quatro participantes, e cada um deve decidir, independentemente uns dos outros, quanto investir num fundo comum. O experimentador dobra a soma total investida e cada investidor ganha um quarto dessa quantia. Assim, se todos os investidores investirem tudo, cada um terá um lucro de 100%. Porém, se ele investir tudo e ninguém investir nada, acabará com metade do capital inicial. Compensa ser cooperativo, mas se os outros forem egoístas o investidor terá prejuízo. Se as rodadas se repetem com os mesmos participantes, os que investiram mais tendem a reduzir seus investimentos, de modo que a quantia partilhada diminui e todos saem prejudicados.

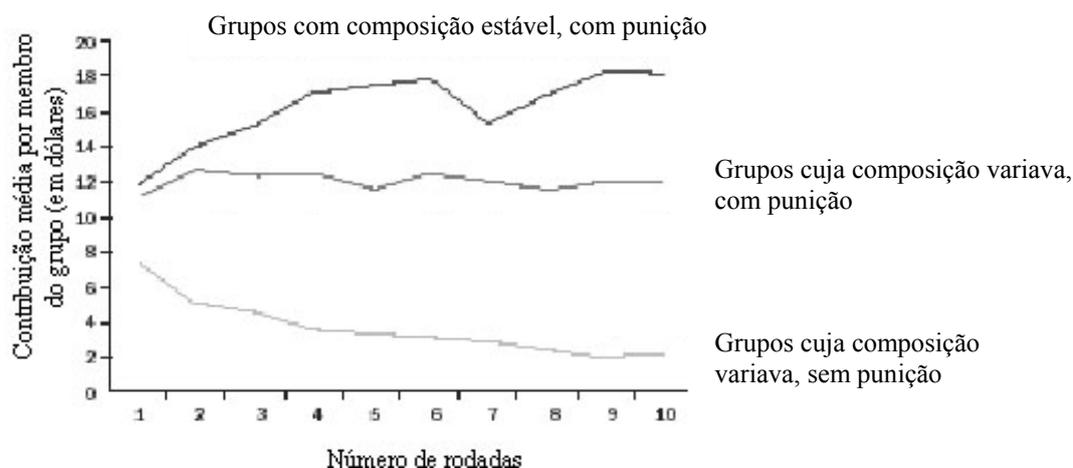


Figura 8 – Variação da contribuição média dos membros de um grupo de jogadores de *Public Goods* conforme estabilidade do grupo e presença ou não da possibilidade de punição. (Fehr & Renninger, 2004, p. 18).

Quando cada participante pode impor uma multa aos outros, pagando um custo por isso (por exemplo, ao impor uma multa de 10 reais a outro, o participante paga 3 reais, e o dinheiro de ambos vai para o experimentador), o desfecho muda. A maioria dos jogadores se mostra muito desejosa de impor multas aos outros jogadores que investiram menos, mesmo que tenha um prejuízo com isso. Quando as rodadas se repetem, “as contribuições ao fundo comum sobem com o passar do tempo, e nas últimas rodadas mais de 80 por cento dos membros do grupo investem o capital total: uma diferença impressionante em relação ao

resultado do jogo sem punição.” (Sigmund, Fehr & Nowak, 2002, p. 84). O investimento na retaliação mostrou-se lucrativo, ou seja, a emoção constituiu uma estratégia vencedora no longo prazo, dado que vários jogadores mostraram uma grande avidez por punir os desertores, obtendo “... um prazer primitivo em se desferrar. Eles pareceram estar mais interessados em chegar a uma vingança pessoal do que em aumentar sua performance econômica.” (idem, p. 85). Ver Figura 8 acima.

A conexão com a recompensa de prazer parece ser um componente importante de alguns sentimentos morais. Assim, “sentimentos de prazer tendem a acompanhar atos de simpatia.” (de Waal, 2001, p. 87). Ou seja, é gostoso fazer o bem para certas pessoas. Dado o valor adaptativo desse tipo de comportamento, “é apenas natural que isso venha com uma compensação embutida da mesma maneira que o sexo e o comer o fazem.” (idem).

Desenvolvendo esta argumentação, Ridley (1998, p. 141) diz que “quanto mais você se comportar de modo abnegado e generoso, mais você colherá os benefícios do empenho cooperativo da sociedade.” Ser honesto, sincero e confiável também traria um ganho: “Identificar pessoas que não são oportunistas é uma vantagem; ser identificado como um não-oportunista é igualmente uma vantagem, pois isso atrai outros semelhantes. A honestidade realmente é a melhor política em relação às emoções.” (idem, p. 139). Assim, pessoas nas quais são facilmente visíveis as emoções (o “mau jogador de pôquer”) podem ter um benefício ao serem vistas como dignas de confiança e incapazes de mentir. No mesmo sentido, “a capacidade exclusivamente humana de ficar com o rosto vermelho sugere que em algum ponto do passado nossos ancestrais começaram a ganhar mais ao propagandear confiabilidade do que favorecendo o oportunismo.” (de Waal, 2001, p. 116).

Algum senso de justiça também parece ser um elemento vital no processo. Segundo Brosnan e de Waal (2003, p. 297), “durante a evolução da cooperação, pode ter se tornado crítico para os indivíduos comparar seus próprios esforços e ganhos com os dos outros.” Em estudo com macacos-prego (*Cebus apella*), os autores verificaram que estes

... respondem negativamente a uma distribuição desigual de recompensas em trocas com um experimentador humano. Os macacos se recusavam a participar se tivessem testemunhado um indivíduo da mesma espécie obter uma recompensa mais atraente por um esforço igual, um efeito amplificado se o parceiro recebesse a mesma recompensa sem esforço algum. Estes achados dão apoio a uma origem evolucionária precoce da aversão à injustiça. (idem).

Um sentimento que pode estar relacionado a isso é o divertimento e o prazer que ocorrem em certas comédias, quando uma pessoa escorrega numa casca de banana ou cai num barril de cola e rola sobre penas, ou qualquer outro tipo de infortúnio semelhante:

O fato de tantos comediantes oferecerem a suas audiências oportunidades de expressar esse tipo de alegria indica uma necessidade humana profundamente enraizada (...). Esse sentimento provavelmente deriva de um senso de justiça: ele é mais previsivelmente despertado se alguém recebe um castigo merecido, ou quando um homem desonesto ou pomposo perde sua fortuna. (de Waal, 2001, p. 85).

Dados da neurociência parecem corroborar essa opinião em estudos usando neuroimagem, que confirmam a ocorrência de prazer ao punir indivíduos que traíram nossa confiança: “a vingança realmente é doce: ela estimula o mesmo tipo de centros de recompensa do cérebro que são ativados pelas sobremesas, desejos e drogas.” (Cunningham, 2004, p. 6). Essa agressividade contra os egoístas seria fundamental para que a engrenagem social de reciprocidade funcione, como visto acima. A estratégia vencedora parece não ser o “bonzinho”, mas aquela que ajuda apenas a quem merece: “Os retribuidores que ajudam quem os ajudou e que evitam ou punem quem deixou de ajudá-los usufruirão os benefícios de ganhos na troca e sairão vencedores na competição com individualistas, trapaceiros e altruístas puros.” (Pinker, 2004, p. 349). Entre os chimpanzés, “... em cativeiro, o grupo rejeita de maneira unânime e agressiva os transgressores que deixam de cumprir com a justa reciprocidade. Inversamente, os membros da colônia compartilham comida com os cooperadores.” (Ghiglieri, 1999, p. 245).

Uma das implicações dessa teoria é que o altruísmo seria “... um investimento num bem chamado confiabilidade, que depois rende grandes dividendos sob a forma de generosidade dos outros.” (Ridley, 1998, p. 137). Ou seja, “os virtuosos são virtuosos por nenhuma outra razão a não ser que isto os capacita a juntar forças com outros virtuosos para benefício mútuo.” (idem, p. 147). O importante é que o outro “... fique com a impressão de que nós o ajudamos; a impressão apenas já é suficiente para trazer a reciprocidade.” (Wright, 1994, p. 208). Desse modo, “quando podemos parecer bacanas sem realmente sermos tão bacanas, ou podemos ser mesquinhos de uma maneira proveitosa para nós sem sermos pegos – não se surpreenda se uma parte feia da natureza humana vier à tona.” (idem). Um exemplo interessante pode ser visto em um experimento realizado com seminaristas americanos, que recriou a situação da história bíblica do bom samaritano:

Os estudantes foram enviados a outro prédio para dar uma palestra sobre ... o Bom Samaritano. No caminho, eles passavam por uma pessoa que estava em um beco. A 'vítima' gemia sentada, com os olhos fechados e a cabeça baixa. Apenas 40 por cento dos estudantes de teologia perguntaram qual era o problema e ofereceram assistência. (de Waal, 2001, p. 87-88).

Um aspecto que tem sido apontado como prova da origem biológica dos sentimentos morais é o fato deles serem seletivos e não universais. Na cultura ocidental, a ética cristã propõe o amor ao próximo no sentido mais amplo, sendo Jesus o exemplo máximo disso: ele teria se sacrificado por toda a humanidade, transcendendo seus vínculos familiares, culturais e étnicos. Seus preceitos se aplicariam a todos, não se restringindo a um determinado povo em um determinado lugar. Mas as pessoas em geral parecem entender o "próximo" em um sentido bem mais darwinista. Assim, "a simpatia humana não é ilimitada. Ela é oferecida mais prontamente à própria família e clã, menos facilmente a outros membros da comunidade, e relutantemente, se tanto, a estranhos. O mesmo é verdadeiro quanto ao comportamento sucorante dos animais." (idem, p. 88). Em resumo, as pessoas têm "... emoções diferentes em relação a pessoas com quem têm diferentes relações genéticas." (Pinker, 2004, p. 338).

Ou seja, considera-se normalmente adequado que um pai de família que vai para casa carregando alimentos para sua família faminta não os distribua entre os pobres que porventura encontrar no caminho do lar. Desse modo, "as pessoas discernem um círculo moral que pode não abranger todos os seres humanos, mas apenas os membros de seu clã, aldeia ou tribo. Dentro do círculo, os semelhantes humanos são alvo de solidariedade; fora, são tratados como uma rocha, um rio ou um bocado de alimento." (Pinker, 2004, p. 434). Esta é uma explicação que tem sido apontada para muitos dos horrores da guerra, da tortura e outras barbaridades freqüentes ao longo da história. Pode-se entender também, a partir disso, aspectos aparentemente paradoxais como, por exemplo, o fato de a constituição norte-americana, considerada um modelo de direitos humanos e liberdade, ter excluído por tanto tempo de sua proteção os índios, negros e mulheres¹¹⁷. Uma imagem interessante para expressar isto seria a pirâmide flutuante (ver figura 9) proposta por de Waal. Segundo ele, dependendo da disponibilidade de recursos e de outros fatores materiais e culturais, determina-se o quanto dela emergirá para fora da água.

¹¹⁷ "Atuando dentro do gritantemente reduzido círculo moral da época, a Constituição não foi obstáculo para o genocídio de povos nativos, a escravidão e a segregação de afro-americanos e a privação do direito de participação política das mulheres." (Pinker, 2004, p. 406).

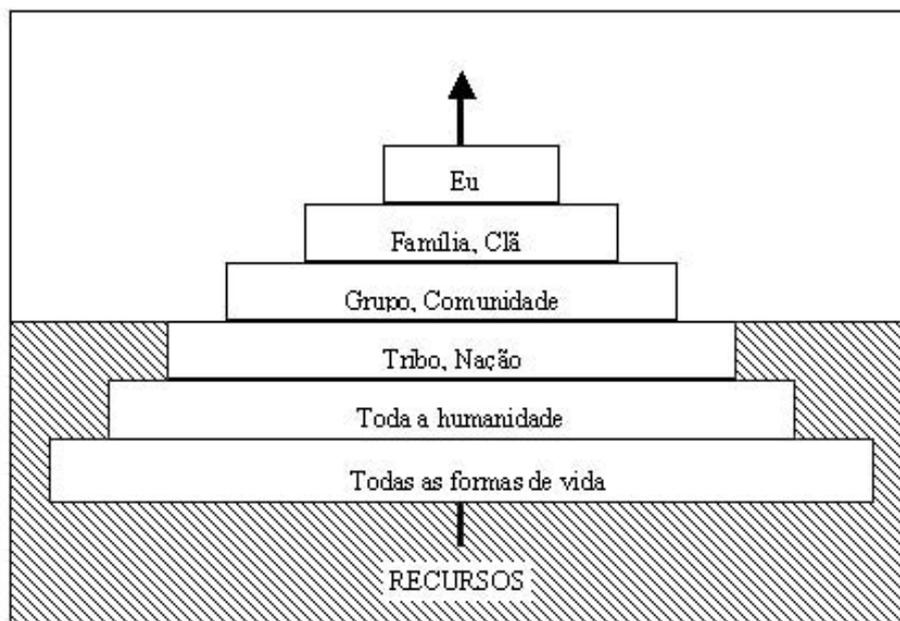


Figura 9 – Representação dos níveis de abrangência do círculo moral na forma de uma pirâmide cuja flutuação pode variar (de Waal, 2001, p. 213).

Chega-se aqui a uma discussão essencial: afinal de contas, existe ou não existe realmente um comportamento verdadeiramente altruísta nos animais, incluindo os humanos? Esta pergunta decorre do fato de que “modelos que tentam explicar o comportamento altruísta em termos da seleção natural são modelos desenhados de forma a retirar o altruísmo do altruísmo.” (Ridley, 1998, p. 132). O impressionante altruísmo das formigas, das abelhas e dos cupins seria no fundo puro egoísmo em termos dos genes, e os animais sociais podem estar meramente reciprocando favores egoisticamente desejados. Segundo de Waal (2001, p. 5), “estamos nos deparando com o profundo paradoxo de que o proveito genético para si próprio às custas dos outros – que é o impulso básico da evolução – fez surgir as notáveis capacidades para cuidar e simpatizar.” Ou seja, “nada impede que o processo sem deus e sem moral da seleção natural faça evoluir uma espécie social de cérebro grande equipada com um elaborado senso moral.” (Pinker, 2004, p. 367).

É necessário fazer “... uma distinção entre egoísmo vernacular, nosso uso cotidiano do termo, e egoísmo evolucionista, que lida exclusivamente com a autopromoção genética. Uma planta, por exemplo, é capaz de promover seus interesses genéticos, mas não pode ser egoísta no sentido vernacular.” (de Waal, 2001, p. 15). Assim, “a metáfora do gene egoísta não diz nada, direta ou indiretamente, sobre motivação, emoção ou intenção.” (idem).

Dado que os genes não possuem nem um eu (*self*) e nem emoções para torná-los egoístas, poderíamos pensar que esta frase é apenas uma metáfora. É verdade, mas quando repetida com uma frequência suficiente, as metáforas tendem a assumir uma aura de verdade literal. Embora Dawkins advertisse sobre a sua própria antropomorfização do gene, com o passar do tempo os portadores do gene egoísta tornaram-se egoístas por associação. Afirmações como ‘somos egoístas natos’ mostram como alguns sociobiólogos transformaram as emoções inexistentes dos genes no arquétipo da verdadeira natureza emocional. (ibidem, p. 14).

No mesmo sentido, Pinker (2004, p. 265) afirma que

Richard Dawkins mostrou que um bom modo de compreender a lógica da seleção natural é imaginar que os genes são agentes com motivos egoístas. Não se deve menosprezar sua metáfora, mas ela contém uma armadilha para os incautos. Os genes têm motivos metafóricos – fazer cópias de si mesmos – e os organismos que eles estruturam têm motivos reais. Mas não são os mesmos motivos. Às vezes a coisa mais egoísta que um gene pode fazer é instalar motivos altruístas em um cérebro humano – desprendimento sincero, puro, profundo.

Aqui existem posições diversas. De Waal comenta sobre autores que vêem o ser humano como destituídos de altruísmo verdadeiro, como Badcock, o qual sustenta a

... teoria freudiana do recalque: o ego defende a si próprio ao apresentar um quadro distorcido dos processos internos. Ele esconde motivações egoístas do nosso eu consciente apresentando-as sob uma luz mais favorável. De acordo com o ponto de vista de Alexander e Badcock, a mente humana gasta uma boa quantidade de energia na ocultação de propósitos egoístas: nós somos hipócritas sofisticados. (de Waal, 2001, p. 238).

Tal postura é criticada como fruto do que chama de sociobiologia calvinista: “em termos humanos, esta interpretação é o mesmo que afirmar que a Madre Teresa segue os mesmos instintos básicos de um ladrão ou um negociante inescrupuloso. É difícil obter um ponto de vista mais cínico.” (idem, p. 14). Para o autor, “os humanos e os outros animais foram dotados com uma capacidade de amor, simpatia e cuidado genuínos – um fato que pode ser e um dia será plenamente reconciliado com a idéia de que a autopromoção genética é a força motriz do processo evolutivo.” (ibidem, p. 16-17). Diz ele: “Eu acredito

firmemente que as pessoas podem ser altruístas e honestas sem ficar pensando nas vantagens disso em todas as ocasiões.” (ibidem, p. 117).

Pinker (2004, p. 335) parece concordar com essa afirmação: “nada impede que o processo amoral da seleção natural leve à evolução de um cérebro com genuínas emoções generosas.” Ele questiona a tese mencionada acima, da teoria freudiana dos mecanismos de defesa como fundamento da hipocrisia dos genes egoístas: “temos um híbrido de Dawkins e Freud: a idéia de que os motivos metafóricos dos genes são os motivos profundos inconscientes, inconfessados da pessoa. Isso é um erro.” (idem, p. 265-6). Diversos autores afirmam que esta aparente contradição resultaria de uma confusão entre causas próximas e causas últimas. Segundo Pinker (2004, p. 85),

Uma causa próxima de comportamento é o mecanismo que aperta os botões do comportamento em tempo real, como a fome e a sensualidade, que impelem as pessoas a comer e a ter relações sexuais. Uma causa última é o fundamento lógico adaptativo que levou a causa próxima a evoluir, como a necessidade de nutrição e reprodução que nos dá os impulsos de fome e desejo sexual.

No mesmo sentido, de Waal (2001, p. 222) comenta que

Documentários populares sobre a natureza contribuem para confundir ao descrever o comportamento animal em termos de causas últimas. Eles explicarão que dois machos de morsa lutam pelo direito de fecundar a fêmea, mas estes machos nem sabem e nem se preocupam com o que acontece no útero da fêmea depois que se acasalaram.

Talvez possamos ter uma clareza maior ao examinar animais não-humanos, para ver como se manifestam esses sentimentos em seres que muito provavelmente não têm capacidade cognitiva para serem tão hipócritas quanto os humanos. De Waal relata diversos casos entre primatas, em que poderíamos falar da sobrevivência dos menos aptos (*survival of the unfittest*), revelando assim o quanto a reciprocidade e os sentimentos morais podem subverter a lógica egoísta original.

Azaléia, uma fêmea de macaco rhesus, sofria de retardo mental decorrente de uma alteração cromossômica (semelhante à condição que leva à síndrome de Down em humanos). Ela apresentava deficiências motoras, cognitivas e sociais que prejudicavam seriamente suas atividades. Mas era protegida por uma irmã mais velha e se integrava às brincadeiras dos mais jovens, já que os de sua idade eram rápidos e espertos demais para

ela. “Era um testemunho da completa aceitação pelo grupo dessa juvenil retardada que os outros, incluindo não parentes, faziam *grooming* nela duas vezes mais do que faziam com seus pares.” (de Waal, 2001, p. 50).

Wania-6672, uma fêmea de macacos japoneses em cativeiro, apresentava sintomas de paralisia cerebral, com pouco controle motor sobre as pernas, deficiência visual, hiperatividade e agressividade excessiva. Nunca ficou independente da mãe, e seu comportamento, que era muito diferente do habitual, teria normalmente provocado reações agressivas por parte dos demais. Mas, “os outros macacos perderam o interesse de tentar ensinar a ela as regras de conduta usuais; eles tendiam a ignorar maus comportamentos de Wania-6672 que nunca aceitariam de outros filhotes.” (idem, p. 51). De algum modo, pareciam compreender as limitações dela e tolerá-las.

Do mesmo modo, I585-B, um macaco rhesus macho com cegueira congênita que pertencia a uma comunidade de vida livre em uma ilha, era protegido por sua mãe, suas tias e um primo mais velho. “Em outros estudos sobre filhotes cegos de macacos, eles nunca eram deixados sozinhos, e membros específicos do grupo ficavam com eles sempre que o grupo se movia.” (ibidem).

Segundo o autor, “o que é mais impressionante quanto ao ajustamento em relação aos macacos deficientes (...) em vez de serem feitos em pedaços ou abandonados como membros inúteis da comunidade, os indivíduos inválidos receberam uma dose extra de tolerância, vigilância e cuidado.” (ibidem, p. 52).

9.3.5 HÁ AINDA LUGAR PARA UMA UTOPIA?

Cabe aqui discutir brevemente a proposta reichiana da possibilidade de uma sociedade justa e solidária, tão criticada por sua ingenuidade em relação à natureza humana. Existe uma frase que tem sido vista em formulações diversas e atribuída a variados autores¹¹⁸, e que diz algo como: “quem não foi socialista antes dos 40 anos não tem coração, quem continua socialista depois dos 40 anos não tem cérebro”. Se não são exatamente animadores (ver, por exemplo, os itens 7.4.3 e 9.2), os elementos examinados nesta tese pelo menos não destroem o velho sonho. Podemos encontrar em diversos autores afirmações que parecem ser bastante semelhantes às de Reich em sua essência, e ao mesmo tempo compatíveis com a biologia darwinista. Segundo Ridley (1998), a virtude

¹¹⁸ Segundo Pinker (2004, p. 392) esta é uma “idéia atribuída variadamente a Georges Clemenceau, Dean Inge, Benjamin Disraeli e Maurice Maeterlinck.” Já a ouvimos como tendo sido dita por Winston Churchill.

... é algo com que podemos contar, instigar e cultivar. Não é algo que devemos lutar para criar contra a essência da natureza humana (...) ela é o lubrificante instintivo e útil que faz parte da nossa natureza. (p. 144). Nossas mentes foram construídas por genes egoístas, mas foram construídas para ser sociais, dignas de confiança e cooperativas (...) Os seres humanos têm instintos sociais. Eles vêm ao mundo equipados com predisposições para aprender como cooperar, como distinguir o confiável do desleal, para ter o compromisso consigo mesmos de serem confiáveis, para obter boas reputações, para trocar bens e informações, e para dividir o trabalho. (p. 249). O altruísmo, a compaixão, a empatia, o amor, a consciência moral, o senso de justiça – todas estas coisas, as coisas que mantêm a sociedade unida, as coisas que permitem à nossa espécie pensar de maneira tão elevada sobre si mesma, podem agora ser consideradas como tendo uma firme base genética. (idem, p. 12).

De maneira semelhante, Pinker (2004, p. 355) afirma que

Talvez todos nós sejamos capazes de ser santos ou pecadores, dependendo das tentações e das ameaças à mão. Talvez sejamos postos em um desses caminhos cedo na vida, por nossa criação ou pelos costumes de nossos grupos de iguais (...) podemos todos desenvolver o senso de generosidade se um número suficiente de nossos amigos e vizinhos forem generosos...

Para os *apes*, o mesmo parece válido. Segundo de Waal (2001, p. 131), “embora não possamos ir tão longe ao ponto de chamarmos os chimpanzés de igualitários, a espécie certamente se moveu para longe do despotismo, em direção a um arranjo social com espaço para tolerância, compartilhamento e alianças com os que estão por baixo.” Assim, um macho dominante nessa espécie, para ser apoiado pelo grupo, deve funcionar como um mediador e árbitro de conflitos¹¹⁹, e frequentemente ele se mostrará imparcial ou favorecerá o lado mais fraco em uma disputa. Quanto aos bonobos (ver capítulo 7, item 7.4.2), sua sociedade parece ser, como já mencionado, a coisa mais próxima da utopia reichiana de pacifismo e erotismo que se tem notícia no reino animal. Se a tese darwinista de que espécies próximas compartilham traços anatômicos e comportamentais semelhantes, talvez nosso legado biológico não seja tão sombrio.

¹¹⁹ “O dismantelamento das hierarquias despóticas no curso da evolução hominóide trouxe uma ênfase na liderança ao invés da dominância, e tornou os privilégios daqueles de alta posição dependentes de prestarem serviços à comunidade.” (de Waal, 2001, p. 132). “A generosidade dos indivíduos de alta posição é tão impressionante que os subordinados frequentemente se aglomeram em torno deles ao invés de solicitar comida dos possuidores de baixo status, que tendem a retê-la mais firmemente.” (idem, p. 152).

Muitos autores do campo da biologia enfatizam a questão da amplitude do círculo moral (ver item 9.3.4). O problema estaria no fato de que os sentimentos morais existem, mas não são universalmente aplicados. Segundo Ridley (1998, p. 165), “tal como os chimpanzés, somos xenofóbicos. Todas as sociedades humanas anteriores à escrita, e todas as sociedades modernas também, tendem a ter um inimigo, um conceito de eles e nós.” Essa tendência da mente humana parece surgir onde quer que existam grupos que possam rivalizar por algo, como nações, grupos étnicos, torcidas de futebol, religiões ... e até mesmo escolas psicanalíticas:

A um observador da psicanálise atual é impossível escapar à constatação do óbvio: a herança de Freud apresenta-se sob o signo da dispersão (...) as convicções de cada tendência têm sido tratadas pelos demais como erros nefastos e que não deveriam ter ocorrido. Cada corrente possui de si mesma e de seus adversários uma imagem idêntica: é ela a fiel depositária das descobertas de Freud, e as rivais não passam de traidores execráveis de seu legado. (Mezan, 1988b, p. 244).

Como diz Ghiglieri (1999, p. 212), “os inimigos sempre têm uma aparência diferente, falam de forma diferente e são fiéis aos líderes ou princípios ou deuses errados.” No mesmo sentido, Queiroz (1998, p. 89) comenta que “para se levar a cabo a dominação, a exploração, a escravização, a colonização, a submissão e o extermínio de grupos humanos é preciso primeiro desqualificá-los, de modo a subtraí-los da própria condição humana.” O segredo de uma sociedade pacífica estaria, portanto, em conseguir ampliar o círculo moral, para que este fosse cada vez mais abrangente, não deixando vigorar o preconceito e a desqualificação em relação às minorias e aos “diferentes”. O estímulo para ampliar o círculo moral não precisa vir de um apelo às boas intenções e à bondade. Talvez o ganho que pode ser obtido a partir de relações cooperativas seja suficiente:

Seremos nós escravos incorrigíveis de nossa xenofobia e egoísmo? (...) Creio que já nascemos com um antídoto dentro de nós, uma parte da nossa natureza humana que pode nos libertar do egoísmo cego de ambos os sexos e do lado sombrio e violento do psiquismo masculino. Este antídoto é o instinto humano para cooperar em um interesse próprio esclarecido. (Ghiglieri, 1999, p. 239).

Também Pinker (2004, p. 407) afirma ponto de vista semelhante: “a visão trágica, afinal de contas, não foi comprovada em nada parecido com sua forma mais lúgubre. Apesar de todo o seu egoísmo, a mente humana é equipada com um senso moral, cujo círculo de

aplicação expandiu-se constantemente e pode continuar a expandir-se ...” Assim “ao invés da natureza humana ser fundamentalmente brutal ou fundamentalmente nobre, ela é ambas – um quadro mais complexo, talvez, mas infinitamente mais inspirador.” (de Waal, 2001, p. 5).

9.4 CONCLUSÕES

Encontramo-nos aqui em uma situação que lembra a velha história do copo que está com líquido até a metade. Podemos optar por dizer que ele está meio cheio ou meio vazio. O copo meio vazio representaria a idéia de que a tese reichiana do cerne biológico naturalmente bondoso poderia ser desprezada, juntamente com as fantasias sobre o bom selvagem e tudo que decorre deste pressuposto. Parece não haver nada que se assemelhe a um “núcleo” ou circuito no cérebro ou na mente que desse suporte a esse tipo de hipótese.

Por outro lado, olhando para o copo meio cheio, podemos ver que, em sua essência, as teses de Reich não só continuam válidas, mas agora ganharam um detalhamento e uma confirmação inesperados. Podemos entender como evoluíram, como funcionam, que tipo de circuitos neurais comandam esses sentimentos que nos levam a ter compaixão, ter prazer em ajudar o outro, nos impelem a sermos honestos e sinceros. Podemos agora sair de uma compreensão idealizada, de achar que isso tinha uma origem misteriosa ou mesmo sobrenatural, compreender sua lógica fundamentada no valor evolutivo da cooperação. Podemos entender seus alcances e limitações, podemos talvez começar a pensar de um modo mais realista em promover esses sentimentos nas pessoas e no corpo social. Reich mais uma vez aparece como um precursor, um visionário que enxergou possibilidades onde outros se mantiveram atrelados aos preconceitos de sua época.

Assim, se tem grande conteúdo de verdade a cáustica visão freudiana revelada no “Mal-Estar na Civilização¹²⁰”, também parece ter seu valor a contraposição de Reich a ela. Se faz sentido uma clínica “pessimista” que permita olhar para os desvãos mais sombrios, cruéis e mesquinhos do espírito humano, também é importante uma clínica “otimista”, que permita reconhecer, cultivar e fazer desabrochar potencialidades amorosas e empáticas que poderiam estar dormentes devido à ausência de uma infância suficientemente boa.

¹²⁰ Note-se que Freud recusava a pecha de pessimista, tantas vezes atribuída a ele: “Eu não tenho desprezo pelo mundo. Expressar desdém pelo mundo é apenas outra forma de cortejá-lo, de ganhar audiência e aplauso. Não, eu não sou um pessimista, não enquanto tiver meus filhos, minha mulher e minhas flores! Não sou infeliz – ao menos não mais infeliz que os outros.” (Freud, 1926/1990, p. 128).

Esse ponto de vista encontra apoio no relato de Simon (2004). Ele inicia seu artigo comentando um famoso experimento realizado em Stanford em 1971, no qual estudantes universitários normais foram divididos em dois grupos: prisioneiros e guardas. Deveriam permanecer por duas semanas em um ambiente semelhante a uma prisão para estudar as reações dos participantes. O estudo teve de ser interrompido depois de seis dias, devido ao comportamento excessivamente sádico dos “guardas”, que estava pondo em risco a integridade física dos “prisioneiros”. Esse resultado tem sido freqüentemente citado como prova da verdadeira natureza brutal que estaria latente por detrás do verniz de comportamento civilizado dos humanos. Simon (2004, p. 22) contesta esse ponto de vista, dizendo que “as pesquisas recentes sugerem que, embora os grupos realmente influenciem seus membros a se comportar de maneiras que não exibiriam em sua vida cotidiana normal, estas ações têm tanta probabilidade de serem positivas quanto negativas.” As ações parecem depender muito mais do que os indivíduos imaginam que se espera deles do que de uma predisposição interna. Assim, “perdido no grupo, o indivíduo supera a si mesmo, para o bem ou para o mal.” (idem, p. 23).

Outra conclusão é que a seleção por parentesco, o altruísmo recíproco e os sentimentos morais parecem levar ao surgimento de um “contrato social” que antecede largamente o surgimento da humanidade. Autores do campo da psicologia evolucionista discordam da tese de Rousseau de que os humanos teriam sido algum dia solitários e então firmado um contrato de ajuda mútua segundo regras combinadas entre eles. De Waal, por exemplo, afirma que “se a vida grupal está baseada num contrato social, ele é redigido e assinado não pelos participantes individuais, mas sim pela Mãe Natureza. E ela só assina se a aptidão aumenta por meio da associação com os outros, ou seja, se indivíduos sociáveis deixam uma prole maior do que os solitários.” (de Waal, 2001, p. 170).

Quanto à discussão se a moralidade seria algo exclusivamente humano ou não, de Waal propõe que a resposta não pode ser simplesmente afirmativa ou negativa: haveria uma progressão de capacidades e comportamentos que iria construindo como que uma torre de vários andares, em que os mais altos representariam realizações e características especificamente humanas. Segundo ele, “os animais são morais? Concluamos simplesmente que eles ocupam um certo número de andares na torre da moralidade.” (de Waal, 2001, p. 212). De acordo com este autor,

O fato de que o senso moral humano vai tão longe para trás na história evolutiva a ponto de outras espécies exibirem sinais dele, coloca a

moralidade firmemente perto do centro da nossa tão caluniada natureza. Ele não é nem uma inovação recente e nem uma fina camada que cobre uma constituição egoísta e bestial. (idem, p. 218)

Como elementos relacionados à moralidade e que estão presentes em diversos grupos animais, ele cita os traços relativos à simpatia e à empatia, a reciprocidade, a reconciliação e o senso de justiça.

O fato de que sentimentos “bons” fazem parte da natureza humana não significa que outros pontos da teoria do “cerne biológico” não precisem ser revistos. Os elementos apontados neste capítulo remetem a um amplo questionamento de diversas concepções clínicas, sociais, políticas e filosóficas que fazem parte do pensamento reichiano nesse aspecto. Especialmente as suas propostas pedagógicas talvez se beneficiassem de um diálogo com as idéias examinadas neste capítulo. Por exemplo, afirmações como a abaixo parecem pouco compatíveis com o que foi examinado acima quanto à natureza humana:

A tarefa básica e soberana de toda educação dirigida ao interesse da criança (...) é remover todo o obstáculo do caminho desta produtividade e plasticidade da energia biológica naturalmente dada. Estas crianças escolherão seus próprios modos de ser e determinarão seu próprio destino. Devemos aprender com elas ao invés de impor-lhes nossas idéias arrogantes e nossas práticas maliciosas, que têm se mostrado tão prejudiciais e ridículas a cada nova geração. Deixe que as crianças decidam seu próprio futuro. Nossa tarefa é proteger sua força natural pra que elas possam fazer isso¹²¹. (Reich, 1950/s.d., p. 13).

Se a criança fizer tudo que quiser, provavelmente ela manipulará os pais e educadores para obter gahô egoísta. Talvez fosse melhor, por exemplo, incentivar nela os sentimentos morais relativos ao altruísmo recíproco e punir as tendências não-recíprocadoras.

Também entre os neo-reichianos esse aspecto parece ser relevante, dado que diversos autores incorporaram a tese do cerne biológico reichiano em suas concepções. Destacaríamos aqui a idéia de “personalidade primária” de Gerda Boyesen (1983, 1986) e a concepção de transferência de Boadella (1983) como merecedoras de atenção no sentido de dialogar com a visão da biologia apresentada neste capítulo.

¹²¹ É interessante notar o paralelo com as idéias de Rousseau (1999, p. 78-79): “Para fortalecer o corpo e fazê-lo crescer, a natureza dispõe de meios que nunca devemos contrariar. Não devemos obrigar uma criança a ficar quando quer sair, ou a sair quando quer ficar. Quando a vontade das crianças não está mimada por nossa culpa, elas nada querem inutilmente. Elas devem pular, correr, gritar quando têm vontade. Todos os seus movimentos são necessidades de sua constituição, que procura fortalecer-se.”

Algumas pessoas vêem as coisas como elas são e perguntam: Por quê?
Eu sonho com coisas que nunca foram e pergunto: Por que não?
George Bernard Shaw

CAPÍTULO 10 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurando finalizar o presente trabalho, esta tarefa passará por quatro momentos. No primeiro, destacaremos o fato de existirem outras formas de conceber a psicanálise além daquela que se baseia no conceito de pulsão. Isso é importante para que se possa ter uma visão mais abrangente do tema, dado que a trajetória de discussão aqui seguida nos limitou, obviamente, aos aspectos pulsionais.

Num segundo momento, mais prospectivo, procuramos mostrar como o enfoque aqui adotado (discutir divergências entre Freud e Reich à luz da biologia) poderá ser aplicado a outros temas, possivelmente com bons resultados. Apontam-se alguns caminhos e assuntos nesse sentido.

Um terceiro aspecto é, poderíamos talvez dizer, profilático. Dado que discussões sobre a natureza humana remetem diretamente a crenças políticas e religiosas, o debate nesse campo muito facilmente adquire um tom emocional que pode nos desviar da serenidade que seria essencial para uma troca de idéias que fosse frutífera. Acreditamos que uma breve discussão desse tema possa contribuir para desarmar os espíritos, de modo que possamos fazer jus ao epíteto, muitas vezes falso e pretensioso, que com orgulho atribuímos a nós mesmos, de “animais racionais”.

Finalmente, concluindo esta tese, as conclusões. Ou seja, um apanhado geral dos resultados a que chegamos a partir do material examinado, na tentativa de proporcionar ao leitor uma síntese global da discussão empreendida.

10.1 COMPLETAR INCOMPLETUDES: OUTRAS PSICANÁLISES

O caminho percorrido levou-nos a enfatizar uma forma particular de olhar a psicanálise, ligada à concepção freudiana original, que prioriza sua conexão com a biologia e está fundamentada no conceito de pulsão. Como foi visto no capítulo 3 (item 3.2), existem muitas outras formas de conceber a psicanálise. Não caberia agora um exame detalhado dessa questão, porém pode ser elucidativo olhar para algumas conexões com outras

possibilidades psicanalíticas. Para isso, utilizaremos inicialmente a proposição de Bleichmar e Bleichmar, que dividem os psicanalistas em quatro categorias: a) “os que acreditam, como Freud, Hartmann ou Peterfreund, que a psicanálise é uma ciência natural.” (Bleichmar e Bleichmar, 1992, p. 412); b) aqueles que dizem que a psicanálise é uma ciência social ou da conduta; c) autores para os quais “a psicanálise é uma atividade humanística ou hermenêutica.” (idem); e d) a psicanálise teria uma natureza mista: alguns “... pensam que a psicanálise é uma fusão de ciência e humanismo. Outros a vêem como uma amálgama de ciência natural, ciência social e/ou disciplina humanística.” (ibidem).

Podemos dizer que o presente trabalho se filia à última dessas correntes, dado que a hipótese de uma natureza mista está mais de acordo com o enfoque e as evidências aqui apresentados. Uma boa forma de integrar tais aspectos seria por meio da proposta de Mezan, entendendo a psicanálise como uma disciplina, caracterizada pela noção de inconsciente: “No essencial, tenho proposto que são psicanalíticas as escolas de pensamento que adotam como verdadeira a hipótese do inconsciente dinâmico formulada por Freud, e não-psicanalíticas as que a excluem.” (Mezan, 1996, p. 348). Ela poderia ser subdividida em “paradigmas”. Assim, existiria o paradigma pulsional, no qual se considera “... que, basicamente, o ser humano é um ser de impulsos e pulsões, os quais buscam descarga e satisfação por meio de todo um complexo sistema de investimentos e de desvios, cujo conjunto é exatamente o funcionamento psíquico.” (idem, p. 350).

Partindo dessa sistematização, a discussão da pulsão de morte se situaria, obviamente, dentro do paradigma pulsional. Este seria por natureza uma forma de ver o psiquismo como algo inelutavelmente articulado com a biologia, conforme o que foi examinado anteriormente. Outro paradigma seria o “objetal”:

Na história do movimento psicanalítico, organiza-se, a partir dos anos de 1930, outra forma de compreender o inconsciente, que recusa a centralidade do conceito de pulsão. Trata-se de uma perspectiva na qual a experiência humana não é primordialmente moldada pelo interjogo das pulsões, mas pela maneira como se organizam as primeiras relações do bebê com os outros seres humanos¹²². (idem, p. 350-351).

Conforme Ranña (2003, p. 47), “tal como uma barra de ferro se transforma em imã pela ação de um campo magnético, o bebê vai estruturar-se a partir do efeito do outro. Passa

¹²² Winnicott (1999b, p. 188) comenta que Freud “... não sabia o que os casos fronteiros e os esquizofrênicos iriam nos ensinar nas três décadas subseqüentes ao seu falecimento. A psicanálise iria aprender que muita coisa acontece nos bebês...”.

a existir um novo estado do ser, determinado por marcas mnêmicas libidinizadas.” No mesmo sentido, Mezan (1982, p. 206) afirma que “é a autoridade do Outro que se imprime em cada um de nós, governando com mão de ferro o jogo das pulsões e transformando o pequeno animal que vem ao mundo, fruto de um homem e uma mulher, num ser propriamente humano.” A identificação, descrita sucintamente na expressão “Sou quem amei...” (idem, p. 282), elemento essencial neste tipo de processo, apresentaria uma dinâmica diferente da pulsional, já que não teria origem num conflito inevitável¹²³. A importância clínica dos aspectos ligados a esse paradigma seria decisiva, dado que “falhas básicas na estruturação do ego resultantes de deficiências na fase de *attachment* (...) podem ter uma repercussão muito maior na psicopatologia posterior que a repressão dos instintos.” (Andrade, 2003, p. 113).

O paradigma objetal também poderia ser entendido como tendo uma interlocução com a biologia, a partir da enorme importância do cuidado materno em mamíferos, particularmente em primatas. Por outro lado, remete ao âmbito da cultura por meio da introjeção¹²⁴ dos objetos externos. Andrade (2003, p. 63), ao comentar a segunda tópica freudiana destaca que “a guinada maior nessa nova teoria estrutural foi a concepção de um superego com poder desejante tão intenso quanto o do id, com a mesma capacidade deste para exercer pressão sobre o ego. Com isso, uma aquisição cultural teria a mesma força que a herança genética.” Ou seja, o superego seria também capaz de exercer *Drang* (ver capítulo 6) dentro desta concepção.

Na vertente biológica, vemos que o cuidado materno evoluiu em diversas espécies, sendo, porém, que em mamíferos adquire um aspecto peculiar: a) a fabricação pela mãe de um alimento líquido apropriado para a alimentação dos recém-nascidos; b) o acolhimento do embrião dentro do corpo da mãe, protegido e nutrido por um útero (com exceção de umas poucas espécies não-placentárias); e c) o desenvolvimento de mecanismos afetivos importantes de vínculo entre mãe e filhotes, de modo a garantir o cuidado. Como se pode depreender da Tabela 1, é uma característica do ramo da árvore filogenética ao qual nós humanos pertencemos que o indivíduo passe por uma longa fase infantil, seguida de uma igualmente longa fase juvenil, nas quais a questão das relações e vínculos é de primordial importância. Estudos de privação materna (Montagu, 1988; Spitz, 1983; Harlow, 1970)

¹²³ “A identificação, inconsciente por natureza, vai-se revelando como o mecanismo constitutivo do ego; como concebê-la em termos dinâmicos, se na sua raiz não há conflito algum?” (Mezan, 1982, p. 219).

¹²⁴ “Durante o período em que o ego do sujeito se confunde com o objeto surge entre ambos uma ligação de identificação que se inscreverá na mente com marca tão indelével como se fosse uma inscrição genética. Esta é a origem do poder do superego...” (Andrade, 2003, p. 89).

demonstram a existência de graves danos ao indivíduo em formação quando o cuidado materno é insuficiente ou inadequado.

Tabela 1 – Duração dos períodos de vida em primatas (Collinge, 1993, p. 14)

	Gestação (dias)	Fase infantil (anos)	Fase juvenil (anos)	Fase adulta (anos)	Total (anos)
Lêmur	120-135	0,5	2	11+	14-15
Gênero Macaca	165	1,5	6+	20	27-28
Gibão	210	2	6+	20+	30-40
Orangotango	264	3,5	7	30+	40-50
Gorila	258	3	8-10	27+	40-50
Chimpanzé	228	5	10	30	40-50
Humano	266	6	14	50+	70-75

Existe um convívio muito intenso entre a mãe e seu filho, e “a maioria das mães primatas mantém um contato extremamente próximo com seus bebês ao longo das primeiras semanas ou meses de desenvolvimento” (Martin, 1990, p. 463). A ligação pode chegar a extremos, como comprova este relato sobre Gombe (África), onde havia

... um jovem chimpanzé chamado Flint, que era apegado de modo incomum à sua mãe, já velha, Flo. Flint tinha continuado a dormir com a mãe e a andar nas suas costas como um bebê até ter oito anos de idade. Quando Flo morreu, em 1972, Flint caiu numa depressão profunda, definhou e morreu. (Fouts, 1998, p. 177).

Ou seja, existe todo um território da psicologia (a influência dos vínculos precoces no desenvolvimento emocional) que não é abrangido pelo que chamamos de pulsão nos capítulos anteriores, e que também poderia se beneficiar de um diálogo a biologia.

Ainda de acordo com Mezan (1996, p. 352). “... talvez seja adequado considerar que com Lacan, especialmente na sua obra a partir dos anos de 1950, estejamos na presença de um terceiro paradigma, ao qual proponho denominar, provisoriamente, ‘paradigma do sujeito’.” Talvez se possa pensar em Bion também como um autor que tem contribuições neste campo. Segundo Zimmerman (2004, p. 66), “... a diferença fundamental entre Freud e

Bion é que o primeiro baseou-se essencialmente na teoria pulsional, enquanto o segundo valorizou sobretudo a teoria cognitiva psicanalítica.”

Ao que parece, os autores ligados a este tipo de visão exploram uma vertente da psicanálise que está mais distante dos instrumentos da ciência natural e da biologia. Talvez aqui sim se possa pensar em conexões mais proveitosas com a hermenêutica, a filosofia, as “humanidades”. Talvez seja este um campo do predomínio da linguagem, das idéias, do significado, da subjetividade. Um exemplo é encontrado em Schiller (2003, p. 29):

Nascemos imersos em um campo de linguagem. Um universo de símbolos que grudam em cada poro de nosso organismo e o arrancam do domínio biológico. O que seria natural, instintivo, monótono, previsível é moldado e modificado por aqueles que cuidam de nós. O organismo virgem é exposto ao outro, que demanda, que tem um projeto para o filho e cujo olhar é um espelho que aglutina, cristaliza e reflete uma imagem.

Assim, “o corpo aparece na sua verdadeira dimensão de invólucro do ego e objeto de amor narcisista, ou seja, deixa de ser apenas um agregado de matéria para se converter numa significação.” (Mezan, 1982, p. 305). No mesmo sentido, Garcia-Roza (1997, p. 16) diz que, dado o aparecimento da palavra, tem-se

... dois registros inteiramente distintos: o dos corpos materiais e o da linguagem (...) a partir do surgimento da linguagem, todos os objetos do mundo passaram a ser significativos. Ao ser através do qual a palavra fez sua emergência – e que foi por ela constituído – chamamos homem. A palavra não fez sua emergência no homem; o homem é um efeito dessa emergência. Tendo feito sua emergência, a palavra ressignificou ou simplesmente significou o próprio corpo com suas faltas, assim como os objetos do mundo. O efeito imediato foi uma desnaturalização do corpo, das suas necessidades e dos objetos do mundo, assim como o surgimento de uma nova ordem: a ordem simbólica.

Uma hipótese a se considerar é que os elementos do paradigma lacaniano talvez se inscrevam numa outra ordem epistemológica, que possivelmente não seja trabalhável no contexto da ciência natural, constituindo uma psicanálise bem mais distante da biologia. Assim, uma grande vantagem da teoria psicanalítica (pensando-a com Mezan, como uma disciplina que comporta vários paradigmas articulados) seria a de estar em posição de dialogar tanto com a vertente biológica da mente humana, quanto com aquilo que no homem transcende a biologia.

Isso é de grande importância no sentido de se evitar o reducionismo ao qual podemos ser levados por uma leitura ingênua e desatenta das formulações reichianas. Para Albertini, existiria uma visão presente em parte da obra de Reich e outros neo-reichianos

... que concebe o homem como um ser basicamente saudável, quando em contato com sua auto-regulação orgânica. Segundo essa noção, o mal vem de fora, fundamentalmente das condições sociais patogênicas. Além do intenso reducionismo biológico e da discutível hipótese de um homem a priori, não construído na cultura, tal concepção pode acarretar uma busca insana em direção a esse ser primário, espontâneo, simples, natural ... e um perigoso distanciamento do respeito ao enigma complexo que cada ser humano representa. (Albertini, 2000, p. 15).

A visão aqui proposta reconciliaria as duas visões: faz sentido, por um lado, ao abordarmos os aspectos biológicos da mente, falar-se em bem-estar e auto-regulação, ou seja, uma forma de funcionar psiquicamente na qual haveria harmonia com as demandas biológicas (ver, por exemplo, a discussão sobre o caráter neurótico e o contato genital em Reich, 1933/1995, p. 165-185). Por outro lado, e complementarmente, naqueles aspectos em que se vai além do biológico, o humano é um enigma que não se resolve, uma equação que fica em aberto, um aglomerado de possibilidades praticamente infinitas que não obedece necessariamente nenhum rumo ou valor pré-determinado.

Note-se que, apesar do campo reichiano estar ligado, em suas formulações originais, ao paradigma pulsional (ver Rego, 2003), diversos autores têm buscado uma aproximação e um diálogo entre as idéias de Reich e a psicanálise não-pulsional. As idéias de Donald Winnicott, em especial, têm motivado interesse, como se pode ver, por exemplo, em Boadella (1997a), Cintra (1999, 2002), Cornell (1998), Cotta (1996, 2003, 2004) e Laurentis (2003). Quanto ao diálogo com outras vertentes psicanalíticas, podemos citar Cukiert (2000), em estudo que parece apontar, a nosso ver, mais para uma complementaridade do que para um antagonismo entre as visões de Reich e Lacan.

10.2 REICH E FREUD: CONTINUIDADE E AMPLIAÇÃO DO DEBATE

Se a presente abordagem – trabalhar um diálogo entre Reich e Freud recorrendo à biologia – mostrar-se válida e útil, seria interessante percorrer novos temas usando a mesma estratégia. Utilizando um levantamento anterior (Rego, 2002a) sobre as divergências e convergências entre esses autores, percorreremos alguns desses temas a título de ilustração. Note-se que esse caminho tem sido geralmente de mão única, ou seja, muitos reichianos

interessam-se por ele, mas, do ponto de vista dos psicanalistas, o interesse parece ser muito reduzido. Disso decorrem situações curiosas como, por exemplo, a proposição por um psicanalista (Da Silva, 1990) do uso dos ruídos peristálticos como guia útil para o processo analítico, sem mencionar (e provavelmente desconhecendo) o fato de que isso é algo introduzido na clínica neo-reichiana desde a década de 1960 (ver Boyesen, 1986). Talvez este seja um viés histórico decorrente das circunstâncias históricas em que se deu a expulsão de Reich da psicanálise, quando ele foi então “transformado, da noite para o dia, em *persona non grata* da qual não se falava mais, à maneira do que aconteceu com Trotski na União Soviética de Stalin.” (Laska, 2004, p. 14-15).

Podemos dividir as diferenças entre Reich e Freud em dois grandes grupos. O primeiro seria relativo ao Reich que pode ser visto como um psicanalista que diverge de Freud. Ou seja, “há uma parte da teoria reichiana que, apesar de divergir de Freud, poderia ser vista como ainda ligada ao referencial psicanalítico, como ainda podendo posicionar-se enquanto interlocutora dentro deste campo do conhecimento.” (Rego, 2002a, p. 64). Esta é a parte que priorizaremos aqui, pois, apesar dos tópicos do segundo grupo (orgonomia, auto-regulação, trabalho sobre o corpo anatômico em psicoterapia, a vitalidade do organismo como objetivo terapêutico e outros) serem também importantes, eles fugiriam em grande medida ao enfoque de priorizar a discussão sobre as idéias de Reich e Freud.

Um tema essencial seria a questão da sexualidade, especialmente a teoria reichiana do orgasmo. Esta parte da teoria reichiana, mesmo tendo sido originada e referenciada na psicanálise, nunca foi aceita por Freud e seus seguidores¹²⁵. Segundo Albertini (1994, p. 40), “parece não haver dúvidas de que, em termos de construção teórica, Freud de maneira alguma chegou a aceitar a teoria reichiana do orgasmo”. No mesmo sentido, Briganti (1987, p. 115) comenta que “os psicanalistas não viriam a aceitar o vínculo feito por Reich entre as neuroses e a perturbação da genitalidade”. O próprio Reich reconhece este fato quando diz que “desde o começo a inclusão da função do orgasmo na teoria [psicanalítica] da neurose foi considerada um incômodo e tratada como tal.” (Reich, 1935/1995, p. 274).

Com todo o avanço da sexologia e outros ramos do conhecimento ao longo do século XX, certamente seria muito interessante que se abordasse o tema nos dias de hoje. Os elementos relativos ao surgimento da sexualidade, discutidos no capítulo 4, por exemplo, já

¹²⁵ Uma evidência disso é o fato de Georges Abraham (2002) em artigo recente sobre “A psicodinâmica do orgasmo”, publicado no *International Journal of Psychoanalysis*, nem se dar ao trabalho de comentar a tese reichiana.

seriam suficientes para um questionamento da visão abrangente de Reich e Freud quanto ao tema. Seriam válidas as teses freudianas sobre o desenvolvimento psicosexual à luz da ciência atual? O mesmo se pode perguntar quanto às idéias de Reich sobre a função do orgasmo e à curva orgástica como um fenômeno da natureza. Isso traz alguma mudança em relação à teoria ou aos preceitos técnicos? Existem, obviamente, muitos estudos no campo reichiano sobre o tema (Albertini, 1997; Bilibio, 1999; Klisic, 1997; Lewis, 1995; Liberati, 1994; Lowen, 1988; Samson, 1999; Weinmann, 2002b), mas, até onde sabemos, não foi ainda realizado um trabalho de fôlego que permitisse atualizar e desenvolver este ponto com a abrangência e a profundidade necessárias.

Outro ponto importante seria a teoria da ansiedade ou angústia¹²⁶. Trata-se de tema de enorme importância em termos de psicopatologia¹²⁷, central nos transtornos fóbicos, síndrome do pânico, transtorno obsessivo-compulsivo e outros quadros. Este é um tópico que parece especialmente propício a uma investigação nos moldes da apresentada para a pulsão de morte. Tanto pela relevância da diferença entre Freud e Reich, já que este criticou fortemente a mudança de opinião de Freud sobre o tema realizada em “Inibição, Sintomas e Ansiedade” (Freud, 1926a/1976), quanto pela conexão com a biologia:

A ansiedade, por si só, não constitui um sintoma de transtorno ou doença. Os modelos de compreensão baseados na etologia, a ciência que investiga os mecanismos do comportamento animal desde sua origem onto e filogenética até sua funcionabilidade, derivam-na do instinto básico de proteção e autopreservação; diante de uma situação de ameaça e perigo, atribuem todas as respostas fisiológicas e psicológicas à preparação e execução de uma reação do tipo fuga/defesa. (Dittmar, 1997, p. 20).

O tema do caráter também mereceria uma discussão. Partindo das formulações de Freud, Jones e Abraham sobre a origem dos traços de caráter, Reich (1933/1995) expõe sua teoria de que o conjunto dos traços de caráter de uma pessoa constituiria uma formação integral com função de defesa psíquica, uma verdadeira couraça ou blindagem do ego. De acordo com Boadella (1985, p. 44), “foi logo evidente que a abordagem de Reich sobre o

¹²⁶ Mais uma vez encontramos-nos diante de dilemas de tradução. No âmbito da psicanálise, o termo *Angst*, usado por Freud e Reich em seus escritos originais, tem sido traduzido tanto por angústia (por exemplo, em Laplanche e Pontalis, 1991, Reich, 1995) como por ansiedade (por exemplo, nas Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud da Ed. Imago) ou ainda por medo (Freud, 1911-1915/2004). Em termos gerais, segundo Dittmar (1997, p. 19), “tanto o termo ansiedade, que se origina da palavra latina *anxietas*, como angústia, cuja origem latina é *angustia*, têm em comum sua raiz na palavra grega *αγγω*, que significa ‘eu estrangulo’.”

¹²⁷ “Aproximadamente 15% da população sofrerá de um transtorno de ansiedade em algum momento de sua vida.” (Holmes, 1997, p. 94).

caráter era radicalmente diferente da psicanalítica.” Com raras exceções (como Fenichel, 1981, cap. 20), esse conceito de caráter não foi incorporado pelos psicanalistas.

Note-se que o conceito de caráter para Reich mudou bastante ao longo de seus escritos. Segundo Silva, no texto da primeira edição do "Análise do Caráter", "... Reich fala a língua da psicanálise, mesmo que com um certo sotaque particular." (Silva, 2001, p. 116). Com a introdução da idéia de couraça muscular do caráter, porém, "... chegamos a uma alteração significativa da noção de caráter no contexto da obra reichiana. Se antes esta era uma noção própria ao domínio psicológico, a partir daí passa a agregar um significado fisiológico..." (idem, p. 120).

Diversos autores têm relatado experimentos demonstrando a importância de experiências precoces, em humanos e outros animais, na determinação de padrões de comportamento que perduram por toda a vida. Em estudo com ratos, o aumento dos "comportamentos de apego materno foi capaz de reduzir, *para o resto da vida do filhote* [grifo do autor], os níveis de resposta de glicocorticóide a uma variedade de estressores! Concomitantemente, isto reduziu o medo e a vulnerabilidade a doenças relacionadas ao *stress*." (Kandel, 2003, p. 151). No mesmo sentido, Montagu (1988) discute o quanto experiências precoces relativas à quantidade e à qualidade de contato físico podem deixar marcas duradouras na vida de diversos animais, inclusive os humanos. Essa determinação precoce de um padrão pode ser adaptativa. Um ambiente estressante no início da vida pode indicar que o mesmo se dará na vida adulta, e o organismo deve se preparar para isso.

Para os humanos, vivendo em habitats e em contextos sociais variados, a possibilidade de moldar-se um jeito de ser apropriado ao convívio com o grupo e com o ambiente, e que orientasse o comportamento com a naturalidade e rapidez com que funcionam os instintos, teria proporcionado uma enorme vantagem. Ou seja, o ser humano tem o seu intelecto, mas é impossível para ele pescar no vasto oceano de possibilidades do real apenas com o fino caniço da razão, e como solução teria desenvolvido o caráter, uma espécie de "segunda natureza" que incorpora elementos biológicos, culturais, identificações etc.

Parece abrir-se aqui um promissor campo de integração de conhecimentos, dado que tanto Reich quanto Freud enfatizaram a importância das experiências precoces para a saúde mental dos indivíduos adultos. Algumas questões envolvidas seriam: O que é possível mudar no ser humano e o que deve ser aceito como imutável? Como se faz para intervir nestas características crônicas, no jeito de ser da pessoa? Qual é a influência da herança

genética e do ambiente precoce na determinação dessas características? Qual é a importância das características pessoais do psicoterapeuta e como isso afeta o decurso do tratamento? Existe alguma tipologia psicológica ou biopsicológica de base científica? Seria possível elaborar um método de profilaxia dos transtornos mentais?

A ênfase de Reich na questão da forma enquanto fonte de material analítico e a importância dada ao “olhar analítico” (ver capítulo 3, item 3.3), apontam para um território a ser investigado. Esse campo do conhecimento, denominado de “comunicação não-verbal”, teve um grande desenvolvimento no século passado (ver, por exemplo, Cascudo, 1987; Corraze, 1982; Davis, 1979; Gaiarsa, 1982; Guiraud, 1991; Hall, 1990; Knapp, 1985; Morris, 1979, 1987; Morris et al., 1979; Rector & Trinta, 1986; Silva, 1987), e a incorporação dessas contribuições ao debate sobre as idéias de Reich e Freud seria provavelmente de grande valor. Mais algumas questões que valeria ver investigadas: Como encarar a restrição de contato ocular no *setting* psicanalítico tradicional? É algo válido em todos os casos? Em nenhum caso? Em alguns, mas não em outros? Neste último caso, com quem, quando e porque usar o contato visual ou impedi-lo? A comunicação não-verbal constitui material analítico válido, como afirmava Reich? Que elementos da comunicação não-verbal podem ou devem ser utilizados em uma psicoterapia? Como lidar com os mesmos? Quando seria indicado ou contra-indicado seu uso? Qual seria a consequência do uso da comunicação não-verbal sobre a transferência? Qual é a base teórica que fundamenta o uso da comunicação não-verbal em psicoterapia? Como lidar com a comunicação não-verbal emitida pelo analista ou psicoterapeuta? Seria uma forma de intervenção válida? Se sim, como fazer o manejo de uma intervenção paralingüística (usando o tom de voz, por exemplo), de um gesto ou de uma postura corporal?

Muitos dos elementos assinalados acima dizem respeito a aspectos que têm sido explorados, em maior ou menor grau, pela chamada neuropsicanálise. Assim, pareceria natural uma confluência desses campos. Entretanto, segundo Haldane (2004, p. 45-46), a neuropsicanálise “... não prestou ainda a atenção necessária ao trabalho de Wilhelm Reich. Isto é surpreendente, porque Reich concentrou-se muito mais do que Freud no estudo da função do sistema nervoso.” Isso ocorreria, segundo o autor citado, pelo fato de que este movimento, ao tentar se aproximar “... da moderna neurociência, dificilmente desejará ver-se relacionado à Função do Orgasmo, quanto mais à ‘energia orgônica’.” (idem, p. 46). Uma investigação das relações possíveis entre o campo reichiano e a neuropsicanálise poderia, assim, constituir um tema de grande interesse, contribuindo para evitar que se gaste esforço

reinventando a roda em alguns aspectos. Talvez pudéssemos situar a visão reichiana mais como uma “biopsicanálise”, na medida em que ela concebe (do mesmo modo que Damásio, 1995, 2000, 2004) o cérebro como algo indissociável do funcionamento corporal como um todo. Ou seja, sem negar as importantes contribuições da neuropsicanálise, as concepções reichianas parecem impelir a uma valorização de outros aspectos biológicos além do cérebro.

10.3 RAZÃO E SENSIBILIDADES

As pessoas comuns normalmente evitam dar palpites sobre temas que desconhecem, o que é muito sensato. Tomando exemplos ao acaso dentro da bibliografia citada na presente tese, a nenhum leigo ocorre ter uma opinião própria sobre o papel da proteína Bcl-2 no mecanismo de apoptose (ver Hering et al., 2001; Rubens, 2002), ou defender um ponto de vista pessoal sobre se a origem das células eucariotas ocorreu por meio da endossimbiose ou não (ver Alberts et al., 1997; Margulis & Sagan, 2002). Mas quando se trata de um assunto ainda mais complexo do que os citados acima, ou seja, o que é a natureza humana, encontramos pessoas sem nenhuma formação científica discutindo o assunto sem cerimônia, muitas vezes de maneira exaltada.

Não é de se estranhar que isso aconteça, pois, se determinados temas científicos não alteram o dia-a-dia das pessoas e não perturbam suas crenças, falar da natureza humana é mexer num vespeiro, dado que muitas (ou quase todas) as religiões e filiações políticas têm uma posição sobre o assunto. Isso torna o terreno explosivo, sujeito a partidarismos e posicionamentos apaixonados que toldam uma abordagem racional objetiva. Por exemplo, como mostra Pinker (2004, p. 26), “se as pessoas são bons selvagens, um leviatã dominador é desnecessário. (...) Se, em contraste, as pessoas são naturalmente perversas, o melhor que podemos esperar é uma trégua precária mantida graças à polícia e ao exército.” Ou seja, cada posicionamento teórico irá fortalecer uma posição política definida, podendo-se esperar que os partidários dessa posição sejam defensores pouco críticos da teoria que os ajuda a conquistar seus objetivos, enquanto os adversários procurarão atacar tais idéias sem mesmo compreendê-las direito. O resultado muitas vezes é um quadro que lembra aquilo que Reich chamou de peste emocional (ver capítulo 2, item 2.3.3). Nas palavras de Pinker (idem, p. 385),

Alguns debates são tão entrelaçados à identidade moral das pessoas que até poderíamos perder a esperança de que venham algum dia a ser resolvidos pela razão e pelos fatos (...) todos os combatentes estão intuitivamente

convencidos de que estão certos e de que seus oponentes têm motivos inconfessos perversos. Discutem por respeito à convenção social de que sempre devemos expor as razões de nossas opiniões, mas, quando um argumento é refutado, não mudam de idéia, e se empenham ainda mais para encontrar um argumento substituto. Debates morais, longe de resolver hostilidades, podem agravá-las, pois quando as pessoas do outro lado não capitulam imediatamente, isso só prova que são inacessíveis à razão.

A pesquisa científica muitas vezes traz fatos novos que nos obrigam a questionar velhas idéias. Se assim não fosse, a ciência seria algo inútil. Mas, quando isso atinge certas crenças fundamentais, “...as pessoas são tentadas a suprimir os fatos e calar os debates porque os fatos ameaçam tudo o que elas consideram sagrado.” (idem, p. 386).

Os temas discutidos ao longo deste trabalho são potencialmente dessa ordem. Seja por tocar em posições políticas sensíveis, de esquerda ou de direita, seja por questionar dogmas oriundos de mestres muito queridos e admirados, ou ainda perturbar crenças religiosas, é possível que a razão seja toldada pela necessidade de não se deixar abalar.

Não se trata nesta tese de atacar ou derrubar ninguém. Pelo contrário, a motivação é atualizar contribuições valiosas elaboradas no passado, que agora têm de ser reformuladas para se adequar ao avanço do conhecimento. Para isso é necessária uma postura de tentar “... entender o mundo com o uso da razão, sem recorrer à religião, à revelação, à autoridade ou à tradição.” (Magee, 1999, p. 12). Ponderar as idéias, a plausibilidade, a qualidade da fundamentação apresentada. Em caso de não concordância, contrapor-se com argumentos, evidências e fatos. Isso é o que esperaríamos de animais “racionais”. É isso que tem feito avançar o conhecimento e permitido o aperfeiçoamento e o amadurecimento de cada um.

10.4 CONCLUSÕES

Uma das conclusões mais evidentes, a nosso ver, é que houve um enorme progresso científico desde a época em que Freud e Reich formularam suas idéias. Como decorrência, fica evidente a necessidade de revisar as concepções originais dos autores citados e proceder à sua atualização. O ideal seria que conseguíssemos chegar a um consenso suficiente para, como em outros ramos do saber, produzir, a cada poucos anos, livros que resumissem o estado da arte em nosso campo para os praticantes e estudiosos. A situação atual, de considerar as obras antigas dos mestres como a última palavra no assunto, parece denunciar que algo não vai bem nesse território. Até quando continuaremos a ensinar nossos alunos por meio de textos escritos há muitas décadas, ou mesmo mais de um século, como se nada

tivesse sido acrescentado ao saber humano desde então? Como fazer evoluir nossa teoria e nossa prática senão pelo questionamento e eventual mudança das crenças e atitudes antigas?

Fica claro que existem muitos elementos valiosos nas concepções freudianas e reichianas. Foram autores muito à frente de seu tempo, que elaboraram idéias inovadoras e que muitas vezes só agora podemos valorizar adequadamente. Assim, um eventual questionamento daquilo que eles conceberam deverá evitar que se jogue fora o trigo junto com o joio. Esse tema foi desenvolvido mais detalhadamente nos capítulos 8 e 9.

Por outro lado, não devemos ter medo de debater e nos abrir a novas idéias que se contraponham a teses tradicionais. Wright, por exemplo, dedica um capítulo inteiro de seu livro (1994, p. 313-326) a comparar o pensamento freudiano com a psicologia evolucionista. Aponta-se aí que a psicologia evolucionista enfatiza fortemente a ambição por dominância no grupo, decorrente da importância da vida social entre os primatas, algo não tão valorizado pelo pensamento de Freud e Reich. Segundo o autor, “nós passamos nossas vidas desesperadamente buscando status, nós somos viciados em opinião social num sentido bastante literal, dependentes dos neurotransmissores que obtemos ao impressionar as pessoas.” (1994, p. 313). Não estamos propondo aqui que isso seja verdadeiro, mas sim que se trata, talvez, de algo para se pensar e eventualmente incorporar ao nosso saber. Haveria, assim, uma “pulsão de dominância”?

Parece ter ficado também bastante evidente o parentesco e a afinidade da psicanálise com a biologia. O afastamento entre ambas é historicamente compreensível, dado o pouco desenvolvimento da neurociência no início do século XX, que teria inviabilizado que a psicologia dessa época se baseasse no entendimento dos processos cerebrais. Segundo Kandel (1998, p. 458), Freud não teria sido o único a assim proceder:

Devido à imaturidade da ciência do cérebro em sua época, ele abandonou o modelo biológico em favor de um outro puramente mentalístico, baseado nos relatos verbais de experiências subjetivas. De modo similar, na década de 1930 B. F. Skinner rejeitou as teorias neurológicas em seus estudos sobre o condicionamento operante, favorecendo as descrições objetivas de atos observáveis.

Um retorno à biologia, portanto, agora que essa ciência evoluiu decisivamente, pareceria então um empreendimento não só plausível, mas também aplausível.

Entretanto, parece também evidente que a psicanálise possui vertentes importantes que se afastam do campo biológico em direção a uma hermenêutica (ver capítulo 3, item

3.2; e acima, item 10.1). Desse modo, afirmar sua fundamentação biológica não significa reduzi-la a isto. Como vimos, uma de suas contribuições mais importantes pode ser exatamente essa mediação entre o campo da biologia e da ciência natural, por um lado e, por outro, o território dos significados, da linguagem e das ciências humanas.

Especificamente quanto à questão da pulsão de morte, os dados examinados nos vários capítulos levam a questionar diversos aspectos da teoria freudiana. Particularmente sua fundamentação como algo relacionado à origem da vida e presente em todos os seres vivos, tal como descrita em “Além do Princípio de Prazer” (Freud, 1920/1976) e comentada no capítulo 4, parece ficar sujeita a muitas dúvidas. Note-se que nenhum dos autores consultados neste trabalho, incluindo os psicanalistas, defende esses pontos em particular. Entre os que defendem a existência da pulsão de morte, alguns dizem que a pulsão de morte não é biológica e sim psicológica (ver capítulo 6); outros a entendem metaforicamente, do mesmo modo que um leitor da Bíblia pode dizer que Deus não criou o mundo literalmente em sete dias, desses de 24 horas que temos na Terra, mas que cada “dia” na verdade significa bilhões de anos; existindo ainda aqueles que modificam a tese original para limar suas arestas.

Outro aspecto importante discutido diz respeito à teoria freudiana da agressão: o que a biologia aponta é algo diferente de um impulso apetitivo (como a fome e o sexo), auto-impelente e originado da deflexão para fora de uma tendência autodestrutiva. O único elemento por nós encontrado que se aproximaria de alguma maneira do pensamento freudiano, no sentido de dar uma base biológica para a pulsão de morte, parece ser a teoria do “macho demoníaco” (ver capítulo 7, item 7.4.3), que atribui aos chimpanzés e humanos do sexo masculino uma capacidade agressiva diferenciada. Também parece não haver comprovação da idéia, pelo menos em mamíferos, da tese de que a inibição da agressão voltada para fora aumentaria a agressão dirigida para dentro.

Quanto ao darwinismo, a formulação de Freud parece ficar mais próxima dele quando fala de uma pulsão de morte que favorece a sobrevivência e a reprodução ao agir amalgamada com a pulsão de vida. Porém, quando afirma que o que é vivo tem em si um impulso para morrer, que busca a morte, ela se afasta bastante da idéia da evolução pela seleção natural, que vai em direção oposta (ver capítulo 4).

Em relação a Reich, ressalta o fato de que muitas das formulações propostas por ele são válidas em sua essência, representando mesmo um pioneirismo em certos aspectos,

como o trabalho com a memória não declarativa e com a comunicação não-verbal incorporado à técnica psicoterápica (ver capítulo 9).

As idéias dele aqui examinadas foram elaboradas principalmente na década de 1930, quando podia ser definido como um psicanalista que se voltou para biologia. Essa é a parte de sua produção que mais frutos trouxe ao mundo de hoje: praticamente toda a psicoterapia corporal, em seus inúmeros ramos, mostra as marcas da sua influência. Sua produção relativa à Orgonomia, uma abordagem bastante distante da psicanálise, não foi enfatizada neste trabalho devido à priorização do debate com Freud.

A teoria da pulsão de morte parece ter desempenhado um papel importante na maturação das idéias de Reich. Algumas de suas teses básicas parecem ter sido geradas a partir do calor do debate em relação às formulações freudianas derivadas da segunda teoria das pulsões. Por exemplo, a técnica de análise do caráter teria servido como uma alternativa ao niilismo terapêutico freudiano, explicado com base na pulsão de morte (ver Strachey, 1975; e capítulo 2, item 1.2.2). Pode-se talvez afirmar o mesmo quanto à função do orgasmo, na medida em que colocava como opostas “... a teoria metafísica da pulsão de morte e a teoria clínica do orgasmo dentro do âmbito da psicanálise...” (Reich, 1933/1995, p. 312). Também a noção de cerne biológico e o conceito de peste emocional (ver capítulo 2) parecem em grande medida constituir respostas a argumentos freudianos que sustentavam sua concepção pulsional. Talvez não seja impróprio dizer que é inegável o mérito da teoria da pulsão de morte quanto a ter constituído um desafio criativo para Reich, motivando-o a desenvolver algumas de suas proposições mais importantes.

Quanto à divergência entre o “pessimismo” e o “otimismo”, entre a fundamentação no “conflito” ou na “harmonia” (auto-regulação), vimos que a biologia apresenta um quadro abrangente em que todos esses aspectos têm seu lugar. Ou seja, o conflito é tão inevitável e tão onipresente quanto a tendência ao funcionamento harmônico resultante da superação do conflito. A cooperação seria tão “natural” quanto a competição.

Assim, não é inadequado descrever o ser humano como egoísta, trapaceiro, interesseiro, ambicioso, invejoso, agressivo, mesquinho, desconhecedor de si próprio. Também não é inapropriado dizer que essas características possuem fundamentação biológica (ver capítulo 9, item 9.2), não sendo meramente um produto de uma sociedade doente, baseada na exploração do homem pelo homem. Por outro lado, as virtudes consideradas mais elevadas – a compaixão, a solidariedade, a lealdade, o altruísmo, a sinceridade, o sentido de justiça, a gratidão e o senso moral – também parecem ter uma base

biológica (ver capítulo 9, itens 9.3.3 e 9.3.4). As evidências indicam que elas são parte da natureza humana, e não apenas um fino verniz civilizado a encobrir e recalcar elementos bestiais e sádicos.

Parece existir de fato um “amor ao próximo” em humanos e em diversas outras categorias de animais, mas ele não seria algo como o que é proposto por boa parte dos sistemas filosóficos e religiosos, um amor incondicional dirigido a todos os humanos, ou mesmo todos os vivos, que brotaria de uma bondade intrínseca (o bom selvagem) ou da graça divina. Essa “bondade” surgiria e se desenvolveria em condições bastante específicas: o parentesco e a reciprocidade. A semelhança genética favorece a seleção do cuidado em relação aos organismos aparentados (ver capítulo 9, item 9.3.2). O desenvolvimento de redes de reciprocidade seria uma estratégia altamente adaptativa, mas bastante frágil e sujeita a fraudes egoístas. Por esse motivo, sua manutenção dependeria de condições especiais: interações repetidas, reconhecimento de cada indivíduo participante, capacidade de manutenção de um registro (memória) das interações passadas, punição aos desertores da reciprocidade. Os chamados sentimentos morais teriam surgido como mecanismo proximal de implementação dos comportamentos e atitudes necessários à manutenção dessa rede de cooperação e reciprocidade.

Como consequência, os resultados apresentados, se mostram que não seria nada fácil construir uma sociedade baseada na fraternidade e na solidariedade, por outro lado fornecem elementos que permitem manter vivos os sonhos utópicos acalentados por tantos pensadores, revolucionários e artistas ao longo da história humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, N. – **Dicionário de Filosofia** 2a. ed. São Paulo, Mestre Jou, 1982.
- A BÍBLIA SAGRADA – Tradução na Linguagem de Hoje. São Paulo, Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.
- ABRAHAM, G. – The psychodynamics of orgasm. **Int. J. Psychoanal.**, 83: 325-38, 2002.
- ADAMS, C. – As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. **Rev. Antropol.**, São Paulo, 43: 145-82, 2000.
- ADES, C. – O Morcego, Outros Bichos e a Questão da Consciência Animal. **Psicol. USP**, 8: 129-57, 1997.
- _____ – Freud, as enguias e a ruptura epistemológica. **Psicol. USP**, 12: 125-35, 2001.
- AHMADI, J. & HASANI, M. – Prevalence of substance use among Iranian high school students. **Addict. Behav.**, 28: 375-9, 2003.
- AHMADI, J.; FAKOOR, A.; PEZESHKIAN, P.; KHOSHNOOD, R. & MALEKPOUR, A. – Substance use among Iranian psychiatric inpatients. **Psychol. Rep.**, 89: 363-5, 2001.
- ALBERTINI, P. – **Reich: História das Idéias e Formulações para a Educação**. São Paulo, Ágora, 1994.
- _____ – A sexualidade e o processo educativo. In AQUINO, J. G. – **Sexualidade na escola: Alternativas teóricas e práticas**. São Paulo, Summus, 1997, p. 53-70.
- _____ – Prefácio. In CIPULLO, M A. T. – **Falando do corpo**. O papel do corpo na bioenergética. São Paulo, Summus, 2000, p. 13-6.
- _____ – Reich e a possibilidade do Bem-Estar na Cultura. **Psicol. USP**, 14: 61-89, 2003.
- ALBERTS, B.; BRAY, D.; LEWIS, J.; RAFF, M.; ROBERTS, K. & WATSON, J. D. – **Biologia Molecular da Célula** 3ª. ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.
- ALFREDSSON, L.; KARASEK, R. & THEORELL, T. – Myocardial infarction risk and psychosocial work environment: an analysis of the male swedish working force. **Soc. Sci. Med.**, 16: 463-7, 1982.
- AMARANTE-MENDES, G..P. & GREEN, D. R. – The regulation of apoptotic cell death. **Braz. J. Med. Biol. Res.**, 32: 1053-61, 1999.
- ANDERSON, C. – Self-Organization in Relation to Several Similar Concepts: Are the Boundaries to Self-Organization Indistinct? **Biol. Bull.**, 202: 247–55, 2002.
- ANDRADE, V. M. – **Um diálogo entre a Psicanálise e a Neurociência**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2003.

- ARAÚJO, I. E. T.; KRINGELBACH, M. L.; ROLLS, E. T. & HOB DEN, P. – Representation of Umami Taste in the Human Brain. **J. Neurophysiol.**, 90: 313-19, 2003.
- ARCHER, J. – **The behavioural biology of aggression**. New York, Cambridge Univ. Press, 1988.
- ARENDT, R. J. J. – O desenvolvimento cognitivo do ponto de vista da enação. **Psicol. Reflex. Crit.**, 13: 223-31, 2000.
- ASSOUN, P. L. – **Introdução à Epistemologia Freudiana**. Rio de Janeiro, Imago, 1983.
- AZEVEDO, C. V. M. – **Distribuição temporal diária do comportamento de catação em grupos familiares de sagüis-do-nordeste (Callithrix jachus) em cativeiro ao longo do ciclo reprodutivo**. São Paulo, Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1999.
- AZEVEDO, M. M. – **O Sonho Reichiano**. Anais do III Encontro Reich no Sedes, São Paulo, p. 7-20, 1990.
- BAKER, E. F. – **O Labirinto Humano**. São Paulo, Summus, 1980.
- BARCINSKI, M. A. – Apoptosis in Trypanosomatids: Evolutionary and phylogenetic considerations. **Genet. Mol. Biol.**, 21, 1998.
- BARCINSKI, M. A.; DOSREIS, G. A. – Apoptosis in parasites and parasite-induced apoptosis in the host immune system: a new approach to parasitic diseases. **Braz. J. Med. Biol. Res.**, 32: 395-401, 1999.
- BARRETO, A. V. B. – **A revolução das paixões: os fundamentos da psicologia política de Wilhelm Reich**. São Paulo, Amablume/FAPESP, 2000.
- BARTHES, R. – **Mitologias** 6ª ed. São Paulo, Difel, 1985.
- BAUMAN, Z. – **O mal-estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.
- BEER, C. – Conceptual issues in cognitive ethology. **Adv. St. Behav.**, 21: 69-109, 1992.
- BELLINI, L. M. – **Afetividade e Cognição: o conceito de Auto-regulação como Mediador da Atividade Humana em Reich e Piaget**. São Paulo, Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1993.
- BERCHERIE, P. – **Os Fundamentos da Clínica**. História e estrutura do saber psiquiátrico. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1989.
- BERGSON, H. – **Matéria e Memória**. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo, Martins Fontes, 1990.
- BEZERRA, D. R. – **Análise Bioenergética**. Natal, EDUFRN, 2003.
- BILIBIO, L. F. – A educação sexual no Brasil hoje: a ausência da teoria da economia sexual. **Revista da Sociedade Wilhelm Reich/RS**, 3: 122-28, 1999.
- BION, W. R. – **Elementos em Psicanálise**. Rio de Janeiro, Imago, 1991.
- BIRMAN, J. – Apresentação. In BIRMAN, J.; DAMIÃO, M. M. – **Psicanálise, ofício impossível?** Rio de Janeiro, Campus, 1991a, p. i-iv.
- _____ – Freud e os destinos da psicanálise. In BIRMAN, J.; DAMIÃO, M. M. – **Psicanálise, ofício impossível?** Rio de Janeiro, Campus, 1991b, p. 205-230.

- _____ – **Psicanálise, Ciência e Cultura**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1994.
- _____ – **Mal-estar na atualidade**. São Paulo, Civilização Brasileira, 1999.
- BLEICHMAR, N. M.; BLEICHMAR, C. L. – **A Psicanálise depois de Freud**. Teoria e Clínica. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.
- BLOOD, A. J.; ZATORRE, R. J. – Intensely pleasurable responses to music correlate with activity in brain regions implicated in reward and emotion. **Proc. Nat. Acad. Sci.**, 98: 11818-23, 2001.
- BLOOM, H. – **Global Brain**. New York, John Wiley & Sons, 2000.
- BOADELLA, D. – Transferência, Ressonância e Interferência. In **Cadernos de Psicologia Biodinâmica 3**. São Paulo, Summus, 1983, p. 85-107.
- _____ – **Nos Caminhos de Reich**. São Paulo, Summus, 1985.
- _____ – **Correntes da Vida**. São Paulo, Summus, 1992.
- _____ – Introducing the Cornell Article. **Energy and Character**, 28: 49, 1997.
- _____ – Psicoterapia somática: suas raízes e tradições. Uma perspectiva pessoal. In: KIGNEL, R. (Org.) **Energia e Caráter 1**. São Paulo, Summus, 1997, p. 13-42.
- BONJARDIM, M. B. – Quimerismo e mosaicismo em seres humanos. **Ciência Hoje**, 31: 66-7, 2002.
- BOUWKNECHT, J. A.; HIJZEN, T. H.; GUGTEN, J. V. D.; MAES, R. A.; HEN, R.; OLIVIER, B. – Absence of 5-HT1B Receptors Is Associated with Impaired Impulse Control in Male 5-HT1B Knockout Mice. **Biol. Psychiat.**, 49: 557-68, 2001.
- BOWLBY, J. – **Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
- _____ – **Formação e rompimento dos laços afetivos**. São Paulo, Martins Fontes, 2001.
- BOYD, R.; GINTIS, H.; BOWLES, S.; RICHERSON, P. J. – The evolution of altruistic punishment. **Proc. Nat. Acad. Sci.**, 100: 3531-5, 2003.
- BOYESEN, G. – A Personalidade Primária. In **Cadernos de Psicologia Biodinâmica 3**. São Paulo, Summus, 1983, p. 7-12.
- _____ – **Entre Psiquê e Soma**. São Paulo, Summus, 1986.
- BOYSEN, S. T. (1997) – Representation of quantities by apes. **Adv. St. Behav.**, 26: 435-62.
- BRANDÃO, F. – Reich e a Escola de Frankfurt. **Rev. Reichiana**, São Paulo, 13: 37-44, 2004.
- BRELET-RUEFF, C. – **As medicinas tradicionais sagradas**. Lisboa, Edições 70, 1978.
- BRENNER, C. – Is the structural model still usefull? **Int. J. Psychoanal.**, 84: 1093-103, 2003.
- BRIGANTI, C. R. – **Corpo Virtual**. Reflexões sobre a clínica psicoterápica. São Paulo, Summus, 1987.
- _____ – Reflexões sobre psicossomática. **Rev. Reichiana**, São Paulo, 3: 87-98, 1994.

- _____ – Psicossomática transdisciplinar reichiana. **Rev. Reichiana**, São Paulo, 4: 49-63, 1995.
- BROSNAN, S. F.; DE WAAL, F. B. M. – Monkeys reject unequal pay. **Nature**, 425: 297-9, 2003.
- BUENO, J. L. O. – O Imaginário Animal. **Psicol. USP**, 8: 165-80, 1997.
- BUTLER, R. A. – Curiosidade em Macacos. In VVAA. – **Psicobiologia: As Bases Biológicas do Comportamento**. São Paulo, EDUSP-Polígono, 1970, p. 187-191.
- BYRNE, R. W. – **The thinking ape – evolutionary origins of intelligence**. New York, Oxford Univ. Press, 1995.
- _____ – The technical intelligence hypothesis: an additional evolutionary stimulus to intelligence? In BYRNE, R.; WHITEN, A. (Eds.) – **Machiavellian Intelligence II: extensions and evaluations**. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1997, p.289-311.
- BYRNE, R. W.; RUSSON, A. E. – Learning by imitation: a hierarchical approach. **Behav. Brain Sci.**, 21: 667-84, 1998.
- BYRNE, R.; WHITEN, A. (Eds.) – **Machiavellian intelligence: social expertise and evolution of intellect in monkeys, apes and humans**. New York, Oxford Univ. Press, 1988.
- _____ – Machiavellian intelligence. In BYRNE, R.; WHITEN, A. (Eds.) – **Machiavellian Intelligence II: extensions and evaluations**. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1997, p. 1-23.
- CAMPOS, H. – **A máquina do mundo repensada**. Cotia, Ateliê Editorial, 2000.
- CAMPOS, A.; SANTOS, A. M. G.; XAVIER, G. F. – A Consciência Como Fruto da Evolução e do Funcionamento do Sistema Nervoso. **Psicol. USP**, 8: 181-226, 1997.
- CARDOSO, I.; SILVEIRA, P. (Org.) – **Utopia e mal-estar na cultura: perspectivas psicanalíticas**. São Paulo, Hucitec, 1997.
- CASCUDO, L. C. – **História dos nossos gestos**. Belo Horizonte, Itatiaia/EDUSP, 1987.
- CATTON, C; GRAY, J. – **Sex in Nature**. London, Croom Helm, 1985.
- CERRI, L. M. L. – Sexualidade e Amor. **Rev. Reichiana**, São Paulo, 2: 72-7, 1993.
- _____ – A bissexualidade no processo de desenvolvimento, da pré-genitalidade à genitalidade. **Rev. Reichiana**, São Paulo, 3: 7-11, 1994.
- CHIAVEGATTO, S.; DAWSON, V. L.; MAMOUNAS, L. A.; KOLIATSOS, V. E.; DAWSON, T. M.; NELSON, R. J. – Brain serotonin dysfunction accounts for aggression in male mice lacking neuronal nitric oxide synthase. **Proc. Nat. Acad. Sci.**, 98: 1277-81, 2001.
- CINTRA, M. G. P. – Remothering: An Experience of Constructive Symbiosis. **Energy and Character**, 30: 109-62, 1999.
- _____ – Gerda Boyesen, a mãe suficientemente boa descrita por Winnicott. **Rev. Reichiana**, São Paulo, 11: 38-62, 2002.
- CIPULLO, M A. T. – **Falando do corpo**. O papel do corpo na bioenergética. São Paulo, Summus, 2000.

- COLLINGE, N. C. – **Introduction to Primate Behavior**. Dubuque , Kendall/Hunt, 1993.
- CONGER, J. P. – **Jung e Reich: o corpo como sombra**. São Paulo, Summus, 1993.
- COOPER, H. S. JR. – The loneliness of the long-duration astronaut. **Air Space** 11: 37-45, 1996.
- CORDS, M. – Friendships, alliances, reciprocity and repair. In BYRNE, R.; WHITEN, A. (Eds.) – **Machiavellian Intelligence II: extensions and evaluations**. Cambridge, Cambridge Univ. Press, p. 24-49, 1997.
- CORNELL, W. F. – Se Reich tivesse encontrado Winnicott: O gesto interrompido. **Rev. Reichiana**, São Paulo, 7: 80-97, 1998.
- CORRAZE, J. – **As Comunicações Não-Verbais**. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- COVENEY, P. V. – Self-organization and complexity: a new age for theory, computation and experiment. **Phil. Trans. R. Soc. Lond.**, 361: 1057-79, 2003.
- COTTA, J. A. M. – The foetal setting or The womb-like therapy. **Energy and Character**. 27: 9-18, 1996.
- _____ – **O Alojamento da Psiquê no Soma, segundo Winnicott**. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.
- _____ – Um corpo desabitado: estudo de um caso clínico. **Rev. Reichiana**, São Paulo, 13: 65-74, 2004.
- CRUZ, M H. S. – O masoquismo nas visões de Freud, Reich e Navarro. **Energia, Caráter e Sociedade**, Rio de Janeiro, 3: 33-50, 1994.
- CSETE, M. E.; DOYLE, J. C. – Reverse Engineering of Biological Complexity. **Science**, 295: 1664-9, 2002.
- CUKIERT, M. – **Uma contribuição à questão do corpo em psicanálise: Freud, Reich e Lacan**. São Paulo, Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2000.
- CUNNINGHAM, A. – The Pleasure of Revenge. **Sci. Am. Mind**, Special Edition, p. 6, 2004.
- CYNGLER, C. – The heroin addict! A personal view. **Aust. Fam. Physician**; 31: 371-3, 2002.
- DA SILVA, E. A.; NOTO, A. R.; FARIA, R.F.; FORMIGONI, M.L. – Concepts of dependence among Brazilian alcohol- and drug-dependent patients. **J. Psychoactive Drugs**; 32: 399-405, 2000.
- DA SILVA, G. – Borborygmi as Markers of Psychic Work during the Analytic Session. **Int. J. Psychoan.**, 71: 641-59, 1990.
- DAHM, R. – Dying to See. **Sci. Am.**, 291 (4): 52-9, Oct 2004.
- DAMASIO, A. R. – **Descartes' Error**. Emotion, Reason and the Human Brain. New York, Avon, 1995.
- _____ – **O mistério da consciência**. Do corpo e das emoções ao conhecimento de si. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

- _____ – **Em busca de Espinosa**. Prazer e dor na ciência dos sentimentos. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.
- DAMON, W. – The Moral Development of Children. **Sci. Am.**, 281 (2): 56-62, Aug 1999.
- DAVIDOFF, J.; DAVIES, I.; ROBERSON, D. – Colour categories in a stone-age tribe. **Nature**, 398: 203-4, 1999.
- DAVIS, F. – **A Comunicação Não-Verbal**. São Paulo, Summus, 1979.
- DAWKINS, R. – **O gene egoísta**. Belo Horizonte, Itatiaia-EDUSP, 1979.
- _____ – **River Out of Eden**. London, Weidenfeld & Colson, 1995.
- _____ – **O relojoeiro cego**. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
- DE MICHELI, D.; FORMIGONI, M. L. – Are reasons for the first use of drugs and family circumstances predictors of future use patterns? **Addict. Behav.**; 27: 87-100, 2002.
- DECKERT, G.; WARREN, P. V.; GAASTERLAND, T. et al. – The complete genome of the hyperthermophilic bacterium *Aquifex aeolicus*. **Nature** 392: 353-8, 1998.
- DEL NERO, H. S. – **O Sítio da Mente**. Pensamento, Emoção e Vontade no Cérebro Humano. São Paulo, Collegium Cognitio, 1997.
- DENNET, D. C. – **A Perigosa Idéia de Darwin**. A Evolução e os Significados da Vida. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.
- DESCARTES, R. – **As paixões da alma**. São Paulo, Abril Cultural, Coleção Os Pensadores, 1983.
- DE WAAL, F. – Chimpanzee politics. In BYRNE, R.; WHITEN, A. (Eds.) – **Machiavellian intelligence: social expertise and evolution of intellect in monkeys, apes and humans**. New York, Oxford Univ. Press, 1988, p. 122-31.
- _____ – **Chimpanzee politics**. Baltimore, John Hopkins Univ. Press, 1989.
- _____ – **Peacemaking among primates** 5th ed. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1996.
- _____ – Propagation of handclasp grooming among captive chimpanzees. **Am. J. Primatol.**, 43: 339-46, 1997.
- _____ – Primates. A Natural Heritage of Conflict Resolution. **Science**, 289: 586-90, 2000.
- _____ – **Good Natured: The Origins of Right and Wrong in Humans and Other Animals** 6th ed. Cambridge, Harvard Univ. Press, 2001.
- DE WAAL, F.; LANTING, F. – **Bonobo. The Forgotten Ape**. Berkeley, Univ. California Press, 1997.
- DE WAAL, F.; AURELI, F.; JUDGE, P. G. – Coping with Crowding. **Sci. Am.**, 282 (5): 54-9, May 2000.
- DIAMOND, J. – **The Third Chimpanzee**. The Evolution and Future of the Human Animal. New York, Harper Perennial, 1993.
- _____ – **Por que o sexo é divertido?** A evolução da sexualidade humana. Rio de Janeiro, Rocco, 1999.

- DING, Q.; KELLER, J. N. – Proteasomes and proteasome inhibition in the central nervous system. **Free Radic. Biol. Med.**, 31:574-84, 2001.
- DITTMAR, W. H. – **Esquizofrenia e ansiedade**: um estudo clínico sobre a ansiedade em pacientes esquizofrênicos. Campinas, Tese de Doutorado em Saúde Mental. Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Campinas, 1997.
- DUKE, R.C.; OJCIUS, D. M.; YOUNG, J. D. – Cell Suicide in Health and Disease. **Sci. Am.**, 275 (6): 48-55, Dec 1996.
- DUNLOP R. A.; RODGERS K. J.; DEAN R. T. – Recent developments in the intracellular degradation of oxidized proteins. **Free Radic. Biol. Med.**; 33: 894-906, 2002.
- DURKHEIM, E. – **El Suicidio**. Estudio de Sociologia. Buenos Aires, Schapire, 1971.
- DYCKOWSKI, M. S. G. – Exposition and Notes to **The Aphorisms of Śiva**: the ŚivaSūtra with Bhāskara's commentary, the Vārttika. Albany, State Univ. New York Press, 1992.
- ECCLES, J. C. – **Evolution of the Brain: Creation of the Self**. London, Routledge, 1995.
- ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA ONLINE – Texto disponível na Internet: <http://www.britannica.com>. [22 jan. 2004].
- FAVRE, R. – Viver, pensar e trabalhar o corpo como um processo de existencialização contínua. **Rev. Reichiana**, São Paulo, 13: 75-84, 2004.
- FEHR, E.; GACHTER, S. – Altruistic punishment in humans. **Nature**, 415: 137–40, 2002.
- FEHR, E.; RENNINGER, S.-V. – The Samaritan Paradox. **Sci. Am. Mind**, Special Edition, p. 15-21, 2004.
- FENICHEL, O. – **Teoria Psicanalítica das Neuroses**. Rio de Janeiro, Atheneu, 1981.
- FIGUEIREDO, L. C. M. – Mal-estar e subjetividade brasileira. **Rev. Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, I: 57-72, 2001.
- FIORINO, D. F.; COURRY, A.; PHILLIPS, A. G. – Dynamic changes in nucleus accumbens dopamine efflux during the Coolidge effect in male rats . **J. Neurosci.**, 17: 4849-55, 1997.
- FOITZIK, S.; DEHEER, C. J.; HUNJAN, D. N.; HERBERS, J. M. – Coevolution in host-parasite systems: behavioural strategies of slave-making ants and their hosts. **Proc. R. Soc. Lond. B. Biol. Sci.**, 268: 1139-46, 2001.
- FONAGY, P. – Memory and therapeutic action. **Int. J. Psychoan.**, 80: 215-23, 1999.
- FONSECA, J. – **Psicoterapia da Relação**. Elementos de psicodrama contemporâneo. São Paulo, Ágora, 2000.
- FONTAINE, R. P. – Play as physical flexibility training in five ceboid primates. **J. Comp. Psychol.**, 108: 203-12, 1994
- FOUTS, R. – **O parente mais próximo**. Rio de Janeiro, Objetiva, 1998.
- FRANCO, S. G. – **Hermenêutica e Psicanálise na obra de Paul Ricoeur**. São Paulo, Loyola, 1995.
- FRANKENHAEUSER, M. – Coping With Stress at Work. **Int. J. Health Serv.**, 11: 491-510, 1981.

- FREUD, S. (1893a) – **Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. I, 2ª ed., Rio de Janeiro, Imago, 1987, p. 175-91.
- _____ (1893b) – **Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: uma conferência**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. III, 2ª ed., Rio de Janeiro, Imago, 1987, p. 35-47.
- _____ (1895a) – **Projeto para uma Psicologia Científica**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. I, 2ª ed., Rio de Janeiro, Imago, 1987, p. 301-437.
- _____ (1895b) – Carta de 13/03/1895. In MASSON, J. F. (Ed.) **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess**. Rio de Janeiro, Imago, 1986.
- _____ (1900) – **A Interpretação de Sonhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. IV e V, Rio de Janeiro, Imago, 1972.
- _____ (1905a) – **Fragmento da Análise de um Caso de Histeria**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. VII. Rio de Janeiro, Imago, 1972, p. 1-119.
- _____ (1905b) – **Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. VII. Rio de Janeiro, Imago, 1972, p. 123-250.
- _____ (1908) – **Moral Sexual ‘Civilizada’ e Doença Nervosa Moderna**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. IX. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 185-208.
- _____ (1909) – **Análise de uma Fobia em um Menino de Cinco Anos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. X. Rio de Janeiro, Imago, s. d., p. 13-154.
- _____ (1911-1915) – **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**. Rio de Janeiro, Imago, 2004.
- _____ (1913a) – **Totem e Tabu**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIII. Rio de Janeiro, Imago, 1974, p. 17-191.
- _____ (1913b) – **O interesse científico da psicanálise**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIII. Rio de Janeiro, Imago, 1974, p. 195-226.
- _____ (1914a) – **Sobre o Narcisismo: Uma Introdução**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1974, p. 85-119.
- _____ (1914b) – **Prefácio à Terceira Edição**. In FREUD, S. – Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. VII. Rio de Janeiro, Imago, 1972, p. 123-250.
- _____ (1915a) – **Os Instintos e suas Vicissitudes**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1974, p. 129-62.
- _____ (1915b) – **Repressão**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1974, p. 169-82.

- _____ (1915c) – **O Inconsciente**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1974, p. 185-251.
- _____ (1915d) – **Luto e Melancolia**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1974, p. 271-91.
- _____ (1920) – **Além do Princípio do Prazer**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 13-85. Edição em inglês: London, Hogarth Press, 1957. Edição em espanhol: Buenos Aires, Amorrortu, 1993.
- _____ (1923) – **O Ego e o Id**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 13-83.
- _____ (1924) – **O Problema Econômico do Masoquismo**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 197-212.
- _____ (1925) – **A Negativa**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 293-300.
- _____ (1926a) – **Inibições, Sintomas e Ansiedade**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XX. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 95-201.
- _____ (1926b) – O valor da vida. Uma entrevista rara de Freud. In SOUZA, P. C. – **Sigmund Freud e o gabinete do Dr. Lacan** 2ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1990, p. 117-28.
- _____ (1930) – **O Mal-Estar na Civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro, Imago, 1974, p. 81-171.
- _____ (1932) – **Por Que a Guerra?** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XXII. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 245-59.
- _____ (1933) – **Novas Conferências Introdutórias** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XXII. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 13-220.
- _____ (1937) – **Análise Terminável e Interminável**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XXIII. Rio de Janeiro, Imago, 1975, p. 241-87.
- _____ (1938) – **Esboço de Psicanálise**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XXIII. Rio de Janeiro, Imago, 1975, p. 165-237.
- FROMM, E. – **Anatomia da Destrutividade Humana**. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- _____ – **Grandeza e limitações do pensamento de Freud**. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.
- FUENTES, A.; MALONE, N.; SANZ, C.; MATHESON, M.; VAUGHAN, L. – Conflict and post-conflict behavior in a small group of chimpanzees. **Primates**, 43: 223-35, 2002.

- FUKS, M. P. – Mal-Estar na Contemporaneidade e Patologias Decorrentes. **Rev. Psicanálise e Universidade**. NEPP PUC-SP, São Paulo, 9/10: 63-78, 1998/1999.
- FURLAN, R. – Natureza e economia na teoria freudiana. **Est. Psicol.**, 5: 123-48, 2000.
- GABBARD, G. O.; WESTEN, D. – Rethinking therapeutic action. **Int. J. Psychoanal.**, 84: 823-41, 2003.
- GAIARSA, A. – Física e Psicologia. **Rev. Reichiana**, São Paulo, 2: 61-71, 1993.
- GAIARSA, J. A. – **Reich 1980**. São Paulo, Ágora, 1982.
- GALLO, C. A. – A caracterologia em psicanálise. **Rev. Reichiana**, São Paulo, 10: 19-23, 2001.
- GAMA, M. E. R.; REGO, R. A. – **Grupos de Movimento 2^a**. ed. Cadernos Reichianos 1, Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo, 1996.
- GANONG, W. F. – **Fisiologia Médica 4a**. ed. São Paulo, Atheneu, 1983.
- GARCÍA, E. F. – En torno al malestar: aproximaciones de Nietzsche y Freud. **Rev. Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, I: 10-42, 2001.
- GARCIA, A.; OTTA, E. – Konrad Lorenz's Work: a Conceptual Framework and a Bibliography. **Rev. Etologia**, 4: 49-66, 2002.
- GARCIA-ROZA, L. A. – **O Mal Radical em Freud**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1997.
- GARDNER, M. – **Fads and fallacies in the name of science 2nd** ed. New York, Dover, 1957.
- GAY, P. – **O Cultivo do Ódio**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- GHIGLIERI, M. P. – **The Dark Side of Man**. Tracing the origins of male violence. New York, Helix Books/Basic Books, 1999.
- GOLDBERG, A. L.; ELLEDGE, S. J.; HARPER, J. W. – The Cellular Chamber of Doom. **Sci. Am.**, 284 (1): 56-61, Jan 2001.
- GOLDBERGER, A. L.; AMARAL, L. A. N.; HAUSDORFF, J. M.; IVANOV, P. C. H.; PENG, C. K.; STANLEY, H. E. – Fractal dynamics in physiology: Alterations with disease and aging. **Proc. Nat. Acad. Sci.**, Suppl. 1: 2466-72, 2002.
- GOLDSTEIN, J. H. – Beliefs about human aggression. In GROEBEL, J.; HINDE, R. A. – **Aggression and War**: their biological and social bases. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1991, p. 10-19.
- GOMES, G. – Os Dois Conceitos Freudianos de *Trieb*. **Psic. Teor. Pesq.**, 17: 249-55, 2001.
- GONÇALVES, C. S. – Epistemologia do Psicodrama. Uma primeira abordagem. In AGUIAR, M. (Ed.) – **O Psicodramaturgo J. L. Moreno, 1889-1989**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1990, p. 91-105.
- GOODALL, J. – **My life with chimpanzees**. New York, Aladdin Paperbacks, 2002.
- GRANGER, G. G. – **Por um conhecimento filosófico**. Campinas, Papirus, 1989.
- GRANT, W. H. – O lugar da pulsão de morte na teoria freudiana. **Bol. Psicol.**, XLVI: 101-8, 1996.

- GREEN, A. – Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante. In GREEN, A. et al. – **A Pulsão de Morte**. São Paulo, Escuta, 1988, p. 57-68.
- GREGORY, R. L. – **Eye and Brain** 4th ed. Oxford, Oxford Univ. Press, 1990.
- GRIFFIN, D. R. – Progress toward a cognitive ethology. In RISTAU, C.A. (Ed.) – **Cognitive ethology – the minds of other animals**. Hillsdale, Lawrence Erlbaum Ass. Pub., 1991, p. 3-17.
- GUIRAUD, P. – **A Linguagem do Corpo**. São Paulo, Ática, 1991.
- GUYTON, A. C. – **Tratado de Fisiologia Médica** 6^a. ed. Rio de Janeiro, Interamericana, 1984.
- HALDANE, S. W. – Uma abordagem relacional para a psicoterapia neurodinâmica. **Rev. Reichiana**, São Paulo, 13: 45-59, 2004.
- HALL, E. T. – **The Hidden Dimension**. New York, Anchor Books, 1990.
- HANNS, L. – **Dicionário Comentado do Alemão de Freud**. Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- _____ – **A Teoria Pulsional na Clínica de Freud**. Rio de Janeiro, Imago, 1999.
- _____ – Comentários do Editor Brasileiro a “Pulsões e Destinos da Pulsão”. In FREUD, S. – **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**. Rio de Janeiro, Imago, 2004, p. 137-144.
- HARLOW, H. F. – O amor em filhotes de macacos. In VVAA. – **Psicobiologia: As Bases Biológicas do Comportamento**. São Paulo, EDUSP-Polígono, 1970, p. 110-117.
- HAZEN, R. M. – Life’s rocky start. **Sci. Am.**, 284 (4): 63-71, April 2001.
- HEMPEL, C. G. – **Filosofia das Ciências Naturais**. Rio de Janeiro, Zahar, 1974.
- HENRICH, J.; BOYD, R. – Why People Punish Defectors. Weak Conformist Transmission can Stabilize Costly Enforcement of Norms in Cooperative Dilemmas. **J. Theor. Biol.**, 208: 79-89, 2001.
- HERING, F. L. O.; LIPAY, M. V. N.; LIPAY, M. A. S.; RODRIGUES, P. R.; NESRALAH, L. J.; SROUGI, M. – Comparison of positivity frequency of bcl-2 expression in prostate adenocarcinoma with low and high Gleason score. **S. Paulo Med. J.**, 119: 138-41, 2001.
- HERON, W. – A Patologia do Tédio. In VVAA. – **Psicobiologia: As Bases Biológicas do Comportamento**. São Paulo, EDUSP-Polígono, 1970, p. 192-97.
- HETTS, S. W. – To Die or Not to Die. An Overview of Apoptosis and Its Role in Disease. **JAMA**, 279: 300-7, 1998.
- HEWES, G. W. – The Baseline for Comparing Human and Nonhuman Primate Behavior. In QUIATT, D.; ITANI, J. (Eds.) – **Human Culture in Primate Perspective**. Niwor, Univ. Press of Colorado, 1994.
- HIGGINS, M.; RAPHAEL, C. M. (1979) – Editor’s Preface. In REICH, W. – (1927) **Genitality in the Theory and Therapy of Neurosis**. New York, Farrar, Straus and Giroux, 1980.
- HOEBERICHTS, F. A.; WOLTERING, E. J. – Multiple mediators of plant programmed cell death: interplay of conserved cell death mechanisms and plant-specific regulators. **Bioessays**, 25: 47-57, 2003.

- HOLM-HADULLA, R. M. – Psychoanalysis as a creative shaping process. **Int. J. Psychoanal.**, 84: 1203-20, 2003.
- HOLMES, D. S. – **Psicologia dos Transtornos Mentais** 2^a ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.
- HUNTINGFORD, F. A. – Animals fight, but do not make war. In GROEBEL, J.; HINDE, R. A. – **Aggression and War: their biological and social bases**. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1991, p. 25-34.
- HYPOLITE, J. – **Ensaio de Psicanálise e Filosofia**. Rio de Janeiro, Taurus-Timbre, 1989.
- JACOB, F. – **The Logic of Life**. London, Penguin, 1989.
- JAPIASSU, H. – **Nascimento e Morte das Ciências Humanas**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.
- JOHNSON, R. N. – **Agressão no homem e nos animais**. Rio de Janeiro, Interamericana, 1979.
- JONES, E. – **A Vida e a Obra de Sigmund Freud** vol. 3. Rio de Janeiro, Imago, 1989.
- _____ – Introdução à “Contribuição à Psicanálise, 1921-45 (1948)”. In: KLEIN, M. – **Inveja e Gratidão e outros trabalhos, 1946-1963**. Rio de Janeiro, Imago, 1991, p. 365-8.
- KALIN, N. H.; SHELTON, S. E. – Non-human primate models to study anxiety, emotion regulation, and psychopathology. **Ann. NY Acad. Sci.**, 1008: 189-200, 2003.
- KANDEL, E. R. – A New Intellectual Framework for Psychiatry. **Am. J. Psychiat.** 155: 457-69, 1998.
- _____ – A biologia e o futuro da psicanálise: um novo referencial intelectual para a psiquiatria revisitado. **Rev. Psiquiat. RS**, 25: 139-65, 2003.
- KAPLAN, E. A. (Org.) – **O mal-estar no pós-modernismo**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1993.
- KAPP, R. O. – Comments on Bernfeld and Feitelberg’s ‘The Principle of Entropy and the Death Instinct’. **Int. J. Psychoan.**, 12: 82-6, 1931.
- KELEMAN, S. – **Corporificando a Experiência**. São Paulo, Summus, 1995.
- KENDLER, K. S. – A Psychiatric Dialogue on the Mind-Body Problem. **Am. J. Psychiat.**, 158: 989-1000, 2001.
- KIM, K. W.; ROLAND, C.; HOREL, A. – Functional Value of Matriphagy in the Spider *Amaurobis ferox*. **Ethology**, 106: 729-42, 2000.
- KLEIN, M. – **Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos** (1946-1963). Rio de Janeiro, Imago, 1991.
- _____ – **Amor, Culpa e Reparação e Outros Trabalhos** (1921-1945). Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- _____ – **A Psicanálise de Crianças**. Rio de Janeiro, Imago, 1997.
- KLISIC, L. – Orgasm development. **Energy and Character**, 28: 94-107.

- KNAPP, M. L. – **La Comunicación no verbal**. El cuerpo y el entorno. Barcelona, Paidós, 1985.
- KURIYAMA, H.; FUKUDA, H. – Developmental programmed cell death in plants. **Curr. Opin. Plant. Biol.**, 5: 568-73, 2002.
- LAGASSÉ, P. (Ed.) – Catabolism. In **The Columbia Encyclopedia**, 6th ed. New York, Columbia University Press, 2003. Texto disponível na Internet: <http://www.bartleby.com/65/>. [12 dez. 2003]
- LAM, E.; PONTIER, D.; DEL POZO, O. – Die and let live - programmed cell death in plants. **Curr. Opin. Plant. Biol.**, 2: 502-7, 1999.
- LANE, R. D.; REIMAN, E. M.; BRADLEY, M. M. et al. – Neuroanatomical correlates of pleasant and unpleasant emotion. **Neuropsychologia**, 35: 1437-44, 1997.
- LAPLANCHE, J. – A pulsão de morte na teoria da pulsão sexual. In GREEN, A. et al. – **A Pulsão de Morte**. São Paulo, Escuta, 1988, p. 13-29.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. – **Vocabulário da Psicanálise** 11ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 1991.
- LASKA, B. – Wilhelm Reich – Essência e Conseqüência. **Rev. Reichiana**, São Paulo, 13: 12-23, 2004.
- LAURENTIS, V. R. F. – A possibilidade de um vir a ser psicossomático segundo D. W. Winnicott. **Rev. Reichiana**, São Paulo, 12: 19-30, 2003.
- LEDOUX, J. – **O Cérebro Emocional**. Rio de Janeiro, Objetiva, 1998.
- LEGROS, C.; MARTIN-EAUCLAIRE, M. F.; CATTART, D. – The myth of scorpion suicide: are scorpions insensitive to their own venom? **J. Exp. Biol.**, 201: 2625-36, 1998.
- LEITE, J. F. – Mal-estar na psicologia: a insurreição da subjetividade. **Rev. Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, II: 9-26, 2002.
- LEWIS, R. – From orgasm reflex to the capacity for sexual intimacy via the erotic transference. **Energy and Character**, 26: 20-31, 1995.
- LIBERATI, H. – Sexualidade e cultura – reflexões para a liberdade humana ou a sua decadência. **Energia, Caráter e Sociedade**, Rio de Janeiro, 3: 167-72, 1994.
- LORENZ, K. – **A Agressão**. Uma história natural do mal. Lisboa, Relógio D'Água Ed., 1992.
- LOWEN, A. – **Bioenergética**. São Paulo, Summus, 1982.
- _____ – **Amor e Orgasmo**. São Paulo, Summus, 1988.
- LOWEN, A.; LOWEN, L. – **Exercícios de Bioenergética**. São Paulo, Ágora, 1985.
- LUTZ, C.; MARINUS, L.; CHASE, W.; MEYER, J.; NOVAK, M. – Self-injurious behavior in male rhesus macaques does not reflect externally directed aggression. **Physiol. Behav.**, 78: 33-9, 2003.
- LÜTZ, E. F. – **Reduccionismo X Holismo**. Texto disponível na Internet: <http://www.if.ufrgs.br/~lutz/reduc.pdf> [14 nov. 2004].

- LYONS, D. M. – Conflict as a Constructive Force in Social Life. In MASON, W. A.; MENDOZA, S. P. (Ed.) – **Primate Social Conflict**. Albany, State Univ. New York Press, 1993, p. 387-408.
- MAGEE, B. – **As idéias de Popper**. São Paulo, Cultrix-EDUSP, 1974.
- _____ – **História da Filosofia**. São Paulo, Loyola, 1999.
- MAGGIONCALDA, A. N.; SAPOLSKY, R. M. – Disturbing Behaviors of the Orangutan. **Sci. Am.**, 286 (6): 46-51, Jun 2002.
- MALAKOFF, D. – Scientists Use Strandings to Bring Species to Life. **Science**, 293: 1754-7, 2001.
- MALINOWSKI, B. – **Sexo e Repressão na Sociedade Selvagem**. Petrópolis, Vozes, 1973.
- MANCINI, M. C.; HALPERN, A. – Aspectos fisiológicos do balanço energético. **Arq. Bras. Endocrinol. Metab.**, 46: 230-48, 2002.
- MANN, J. J. – Neurobiology of suicidal behaviour. **Nature Rev. Neurosci.**, 4: 819-28, 2003.
- MANNING, A. – The genetic bases of aggression. In GROEBEL, J.; HINDE, R. A. – **Aggression and War: their biological and social bases**. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1991, p. 48-57.
- MARGOLIS, B. L.; KROES, W. H.; QUINN, R. P. – Job stress: an unlisted occupational hazard. **J. Occup. Med.**, 16: 659-61, 1974.
- MARGULIS, L.; SAGAN, D. – **O Que é Sexo?** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2002.
- MARSCHALL, L. A. – Books in Brief: “Do Lemings Commit Suicide?” **The Sciences**, 36 (6): 39-40, 1996.
- MARTIN, J. B. – The Integration of Neurology, Psychiatry, and Neuroscience in the 21st Century. **Am. J. Psychiat.**, 159: 695-704, 2002.
- MARTIN, R. D. – **Primates Origin and Evolution**. London, Chapman & Hall, 1990.
- MARTIN, W.; RUSSELL, M. J. – On the origins of cells: a hypothesis for the evolutionary transitions from abiotic geochemistry to chemoautotrophic prokaryotes, and from prokaryotes to nucleated cells. **Phil. Trans. R. Soc. Lond. B** 358: 59–85, 2003.
- MARTINEZ, C. B. – O universo visual no trabalho clínico da psicanálise de Freud, Ferenczi e Reich. **Encontro**, Santo André, 3: 17-26, 1993.
- MASON, W. A.; MENDOZA, S. P. – Primate Social Conflict: An Overview of Sources, Forms and Consequences. In MASON, W. A.; MENDOZA, S. P. (Ed.) – **Primate Social Conflict**. Albany, State Univ. New York Press, 1993, p. 1-11.
- MASSON, J. F.; MCCARTHY, S. – **Quando os elefantes choram**. A vida emocional dos animais. São Paulo, Geração Editorial, 2001.
- MATTHIESEN, S. Q. – Educação de educadores: pressuposto psicanalítico ou utopia reichiana? **Psicol. USP**, 14: 17-34, 2003.
- MAYR, E. – Darwin’s Influence on Modern Thought. **Sci. Am.**, 283 (1): 67-71, Jul 2000.
- MCFARLAND, D. – **The Oxford Companion to Animal Behavior**. New York, Oxford Univ. Press, 1982.

- MCGREW, W. C. – **Chimpanzee material culture: implications for human evolution.** Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1992.
- MCGUFFIN, P.; RILEY, B.; PLOMIN, R. – Genomics and behavior. Toward behavioral genomics. **Science**, 291: 1232-49, 2001.
- MEISELMAN, H. L.; DEGRAAF, C.; LESHER, L. L. – The effects of variety and monotony on food acceptance and intake at a midday meal. **Physiol. Behav.** 70: 119-25, 2000.
- MELAMED, S., BEN-AVI, I.; LUZ, J.; GREEN, M. S. – Objective and subjective work monotony: effects on job satisfaction, psychological distress, and absenteeism in blue-collar workers. **J. Appl. Psychol.**, 80: 29-42, 1995.
- MEZAN, R. – **Freud: a trama dos conceitos.** São Paulo, Perspectiva, 1982.
- _____ – A Medusa e o telescópio ou Verggasse 19. In NOVAES, A. (Org.) – **O Olhar.** São Paulo, Companhia das Letras, 1988a.
- _____ – **A Vingança da Esfinge.** São Paulo, Brasiliense, 1988b.
- _____ – Paradigmas e modelos na Psicanálise atual. In PELLANDA, N. M. C.; PELLANDA, L. E. C. (Org.) – **Psicanálise Hoje: Uma Revolução do Olhar.** Petrópolis, Vozes, 1996, p. 347-355.
- _____ – **Tempo de muda.** Ensaios de psicanálise. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- _____ – O Mal-Estar, Freud e a Modernidade. **Revista Veja**, São Paulo, 24 de dezembro de 2000, p. 208-10.
- MICHAUD, Y. – **A Violência.** São Paulo, Ática, 1989.
- MINAYO, M. C. S. – A autoviolência, objeto da sociologia e problema de saúde pública. **Cad. Saúde Pub. RJ**, 14: 421-8, 1998.
- MITCHELL, B. S. – The Proteasome - An Emerging Therapeutic Target in Cancer. **N. Engl. J. Med.** 348: 2597-8, 2003.
- MONTAGU, A. – **A Natureza da Agressividade Humana.** Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- _____ – **Tocar: O Significado Humano da Pele.** São Paulo, Summus, 1988.
- MONTEIRO, J. L. – Linguagem e mal-estar. **Rev. Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, II: 64-78, 2002.
- MONTEIRO, M. Z. – Indivíduo e sociedade: um eterno conflito? In MALUF JR, M. (Org.) – **Reich: o corpo e a clínica.** São Paulo, Summus, 2000, p. 123-128.
- MORRIS, D. – **Manwatching.** A Field Guide to the Human Behaviour. Frogmore, Triad/Panther Books, 1979.
- _____ – **Bodywatching.** A Field Guide to the Human Species. London, Grafton, 1987.
- MORRIS, D.; COLLET, P.; MARSH, P.; O'SHAUGHNESSY, M. – **Gestures.** Their origins and distribution. London, Jolly & Barber, 1979.
- MOYERS, B.; CAMPBELL, J. – **O Poder do Mito.** São Paulo, Assoc. Palas Athena, 1990.
- NAVA, A. S. – **O cérebro apanhado em flagrante.** Lisboa, CLIMEPSI, 2003.

- NAVARRO, F. – **Metodologia da Vegetoterapia Caractero-analítica**. São Paulo, Summus, 1996.
- NELSON, R. J.; CHIAVEGATTO, S. – Molecular basis of aggression. **Trends Neurosci.**, 24: 713-9, 2001.
- NIETZCHE, F. – **Assim falou Zaratustra** 5^a ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1987.
- NITZCHKE, B. – A interpretação política da psicanálise de Wilhelm Reich ou Resistência e acomodação dos psicanalistas na época do nazismo. **Rev. Reichiana**, São Paulo, 13: 24-36, 2004.
- NOVAK, M. A. – Self-injurious behavior in rhesus monkeys: new insights into its etiology, physiology, and treatment. **Am. J. Primatol.**, 59: 3-19, 2003.
- O'DOHERTY, J.; ROLLS, E. T.; FRANCIS, S.; BOWTELL R.; MCGLONE, F. – Representation of Pleasant and Aversive Taste in the Human Brain. **J. Neurophysiol.** 85: 1315-21, 2001.
- OLDS, J. – Centros de Prazer no Cérebro. In VVAA. **Psicobiologia: As Bases Biológicas do Comportamento**. São Paulo, EDUSP-Polígono, 1970, p. 198-203.
- OLIVEIRA, D. C. – O texto freudiano como analisador da cultura: uma resposta aos discursos totalizantes da ciência e da religião. **Rev. Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, II: 123-44, 2002.
- PALLY, R. – Memory: brain systems that link past, present and future. **Int. J. Psychoan.**, 78: 1223-34, 1997.
- PALMER, C. T.; THORNHILL, R. – Straw Men and Fairy Tales: Evaluating Reactions to A Natural History of Rape. **J. Sex Res.**, 40: 249-55, 2003.
- PANKSEPP, J. – **Affective Neuroscience**. The Foundations of Human and Animal Emotions. New York, Oxford Univ. Press, 1998.
- PANKSEPP, J.; BURGDORF, J. – “Laughing” rats and the evolutionary antecedents of human joy? **Physiol. Behav.**, 79: 533-47, 2003.
- PANKSEPP, J. B.; YUE, Z; DRERUP, C.; HUBER, R. – Amine Neurochemistry and Aggression in Crayfish. **Microsc. Res. Tech.**, 60: 360-8, 2003.
- PENROSE, L. S. – Freud's theory of instinct and other psychobiological theories. **Int. J. Psychoan.**, 12: 87-97, 1931.
- PEREIRA, M. E.; SCHILL, J. L.; CHARLES, E. P. – Reconciliation in Captive Guyanese Squirrel Monkeys (*Saimiri sciureus*). **Am. J. Primatol.**, 50: 159–67, 2000.
- PETERSDORF, R. G. – Disturbances of heat regulation. In ISSELBACHER, K. J.; ADAMS, R. D.; BRAUNWALD, E.; PETERSDORF, R. G.; WILSON, J. D. (Ed.) – **Harrison's Principles of Internal Medicine** 9th ed. Tokyo, McGraw-Hill Kogakusha, 1980, p. 53-60.
- PFAUS, J. G.; DAMSMA, G.; WENKSTERN, D.; FIBIGER, H. C. – Sexual activity increases dopamine transmission in the nucleus accumbens and striatum of female rats. **Brain Res.**, 693: 21-30, 1995.
- PINKER, S. – **Tábula rasa: a negação contemporânea da natureza humana**. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

- PLATÃO – **A República**. Lisboa, Fundação Gulbenkian, 1987.
- PLAVCAN, J. M. – Scaling relationships between craniofacial sexual dimorphism and body mass dimorphism in primates: implications for the fossil record. **Am. J. Phys. Anthropol.**; 120: 38-60, 2003.
- PLAVCAN, J. M.; VAN SCHAİK, C. P. – Interpreting hominid behavior on the basis of sexual dimorphism. **J. Hum. Evol.**, 32: 345-74, 1997.
- POVINELLI, D. J. – What chimpanzees (might) know about the mind. In WRANGHAM, R. W.; MCGREW, W. C.; DE WAAL, F. B. M.; HELTNE, P. G. (Eds.) – **Chimpanzee Cultures**. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1994, p. 285-300.
- POZ, J. D. – Crônica de uma morte anunciada: do suicídio entre os Sorowaha. **Rev. Antropol. USP**, 43: 89-144, 2000.
- PRESCOTT, L. S.; HARLEY, J. P.; KLEIN, D. A. – **Microbiology** 3rd ed. Dubuque, WCB Publishers, 1996.
- PRESTON, S. D.; DE WAAL, F. B. M. – Empathy: Its ultimate and proximate bases. **Behav. Brain Sci.**, 25: 1-72, 2002.
- PUJÓ, M. – Malestar en la institución. **Rev. Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, I: 73-93, 2001.
- QUEIROZ, R. S. – Nascemos para matar? Notas sobre o comportamento agressivo. **Rev. Etologia**, (n. especial): 86-96, 1998.
- RABINOVITCH, G. A. – Apoptosis as a Target for Gene Therapy in Rheumatoid Arthritis. **Mem. Inst. Oswaldo Cruz**, Rio de Janeiro, 95 (Suppl. I): 225-33, 2000.
- RAMALHO, S. A. – **Psicologia de massa do fascismo: Reich e o desenvolvimento do pensamento crítico**. São Paulo, Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2001.
- RANÑA, W. – A criança e o adolescente: seu corpo, sua história e os eixos de constituição subjetiva. In VOLICH, R. M.; FERRAZ, F. C.; RANÑA, W. (Org.) – **Psicossoma III**. Interfaces da Psicossomática. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2003, p. 43-54.
- RECHARDT, E. – Os destinos da pulsão de morte. In GREEN, A. et al. – **A Pulsão de Morte**. São Paulo, Escuta, 1988, p. 45-56.
- RECHARDT, E.; IKONEN, P. – Sobre a interpretação da pulsão de morte. In GREEN, A. et al. – **A Pulsão de Morte**. São Paulo, Escuta, 1988, p. 69-84.
- RECTOR, M.; TRINTA, A. R. – **Comunicação não-verbal: a gestualidade brasileira** 2^a ed. Petrópolis, Vozes, 1986.
- REGO, R. A. – Apontamentos para uma abordagem integrada em psicoterapia reichiana. **Rev. Reichiana**, São Paulo, 1: 100-17, 1992a.
- _____ – Conceitos de Bioenergia. **Revista de Homeopatia**, APH, São Paulo, 57: 3-19, 1992b. Versão ampliada disponível eletronicamente em <http://www.ibpb.com.br>.
- _____ – Psicoterapia e Corpo. I – Biopsicotipologias. **Rev. Reichiana**, São Paulo, 3: 24-43, 1994.
- _____ – Revisando a tradução do "Análise do Caráter". **Rev. Reichiana**, São Paulo, 4: 39-48, 1995.

- _____ – Um alto monte. **Rev. Reichiana**, São Paulo, 5: 83-102, 1996.
- _____ – Reich e Freud: compatibilidade e incompatibilidades. **Rev. Soc. Wilhelm Reich RS**, Porto Alegre, 5: 59-74, 2002a.
- _____ – **Temas utópicos e outros tópicos**. Publicado eletronicamente em <http://www.ibpb.com.br>. São Paulo, 2002b.
- _____ – A Clínica Pulsional de Wilhelm Reich: Uma tentativa de atualização. **Psicol. USP**, 14: 35-59, 2003.
- REICH, I. O. D. – **Wilhelm Reich. Una biografia personal**. Barcelona, Granica, 1978.
- REICH, W. – (1922). Drive and Libido Concepts from Forel to Jung. In **Early Writings** vol.I. New York, Farrar, Straus and Giroux, 1975, p. 86-124.
- _____ – (1923). Concerning the Energy of Drives. In **Early Writings** vol. I. New York, Farrar, Straus and Giroux, 1975, p. 143-57.
- _____ – (1925). The Impulsive Character. A Psychoanalytic Study of Ego Pathology. In **Early Writings** vol. I. New York, Farrar, Straus and Giroux, 1975, p. 237-332.
- _____ – (1926) Os pais como educadores: a compulsão a educar e suas causas. In SCHMIDT, V.; REICH, W. **Elementos para uma pedagogia anti-autoritária**. Porto, Escorpião, 1975, p. 53-68.
- _____ – (1927) **Psicopatologia e Sociologia da Vida Sexual**. São Paulo, Global, s.d.
- _____ – (1927) **Genitality in the Theory and Therapy of Neurosis**. New York, Farrar, Straus and Giroux, 1980.
- _____ – (1929) **Materialismo Dialéctico e Psicanálise** 2ª ed. Lisboa, Presença, 1973.
- _____ – (1932) **A irrupção da moral sexual repressiva**. São Paulo, Martins Fontes, s.d.
- _____ – (1933) Partes I e II. In **Análise do Caráter** 2ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 1995, p. 3-8 e 15-264.
- _____ – (1933) **Psicologia de Massa do Fascismo**. Porto, Escorpião, 1974.
- _____ – (1935) Capítulo XIII – Contato psíquico e corrente vegetativa. In **Análise do Caráter** 2.ed. São Paulo, Martins Fontes, 1995, p. 267-327.
- _____ – (1942) **A Função do Orgasmo** 10ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- _____ – (1944) Prefácio à segunda edição. In **Análise do Caráter** 2ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 1995, p. 9-10.
- _____ – (1945) **A Revolução Sexual** 7ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- _____ – (1948) **A Biopatia do Câncer** vol. 1 e 2. Curitiba, Centro Reichiano, 1997.
- _____ – (1949) Ether, God and Devil. In **Ether, God and Devil. Cosmic Superimposition**. New York, Farrar, Straus and Giroux, 1973.
- _____ – (1949) Prefácio à terceira edição, Capítulos XIV, XV e XVI. In **Análise do Caráter** 2ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 1995, p. 11-13 e 329-491.
- _____ – (1950) **Crianças do Futuro**. Curitiba, Centro Reichiano, s.d.
- _____ – (1952) **Reich fala de Freud**. Lisboa, Moraes Ed., 1979.

- _____ – (1953) **O Assassinato de Cristo** 3^a ed. São Paulo, Martins Fontes, 1987.
- RENO, P. L.; MEINDL, R. S.; MCCOLLUM, M. A.; LOVEJOY, C. O. – Sexual dimorphism in *Australopithecus afarensis* similar to that of modern humans. **Proc. Nat. Ac. Sci.**, 100: 9404-9, 2003.
- RICHARDSON, P. G.; BARLOGIE, B.; BERENSON, J. et al. – A Phase 2 Study of Bortezomib in Relapsed, Refractory Myeloma. **N. Engl. J. Med.**, 348: 2609-17, 2003.
- RICHERSON, P. J.; BOYD, R. T.; HENRICH, J. – Cultural Evolution of Human Cooperation. In HAMMERSTEIN, P. (Ed.) – **Genetic and Cultural Evolution of Cooperation**, Cumberland, MIT Press, 2003.
- RICOEUR, P. – **Da interpretação: Ensaio sobre Freud**. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- _____ – **O conflito das interpretações: Ensaio de hermenêutica**. Rio de Janeiro, Imago, 1978.
- RIDER, J. L.; PLON, M.; RAULET, G.; REY-FLAUD, H. – **Em torno de o Mal-Estar na Cultura, de Freud**. São Paulo, Escuta, 2002.
- RIDLEY, M. – **The Origins of Virtue**. Human Instincts and the Evolution of Cooperation. New York, Penguin Books, 1998.
- RISTOL, E. G.-A. – La epilepsia extática de Teresa de Jesús. **Rev. Neurol.**, 37: 879-87, 2003.
- ROAZEN, P. – **Freud e seus discípulos**. São Paulo, Cultrix, 1978.
- ROSS, P. – Leitores da mente. **Sci. Am. Brasil**, 17: 66-9, 2003.
- ROUANET, S. P. – **Mal-estar na modernidade**. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- _____ – As migrações do bom selvagem. **Pulsional Rev. Psican.**, 119, 1999.
Consulta em <http://www.geocities.com/HotSprings/Villa/3170/editorial119.htm>.
- ROUSSEAU, J.-J. – **Emílio, ou Da Educação**. São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- RUBENS, C. V. – **Avaliação das proteínas reguladoras da apoptose (CD95, BCL-2 e BAX), por citometria de fluxo, na leucemia linfoblástica aguda**. São Paulo, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 2002.
- RYCROFT, C. – **As Idéias de Reich**. São Paulo, Cultrix, 1971.
- SAFOUAN, M.; JULIEN, P.; HOFFMANN, C. – **O mal-estar na psicanálise**. Campinas, Papirus, 1996.
- SAMSON, A. – A Couraça Secundária. **Rev. Reichiana**, São Paulo, 3: 44-51, 1994.
- _____ – Curva orgástica como parâmetro de saúde: a solução de compromisso. **Rev. Reichiana**, São Paulo, 8: 39-62, 1999.
- _____ – **Transferência e contratransferência em psicoterapia corporal**. São Paulo, 2002. Publicação eletrônica disponível na Internet em <http://www.ibpb.com.br>.
- SANCHEZ, Z. M.; NAPPO, S. A. – Sequência de drogas consumidas por usuários de crack e fatores interferentes. **Rev. Saúde Pub.**, 36: 420-30, 2002.
- SANTOS, C. V. – **Aspectos sociais e hormonais do comportamento reprodutivo de Callithrix Kuhli (Primates) em cativeiro**. São Paulo, Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1998.

- SAPOLSKY, R. M. – **Memórias de um Primata**. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.
- SARTRE, J. P. – **O Testamento de Sartre** 3^a ed. Porto Alegre, L & PM, 1986.
- SASTRY, P. S.; RAO, K. S. – Apoptosis and the nervous system. **J. Neurochem.**, 74: 1-20, 2000.
- SAUNDERS, B. A.; BRAKEL, J. – Are there nontrivial constraints on colour categorization? **Behav. Brain Sci.**, 20: 167-79, 1997.
- SCHEURICH, N. – Biology Versus Psychoanalysis. **Am. J. Psychiat.**, 157: 5, 2000.
- SCHILLER, P. – As psicossomáticas. In VOLICH, R. M.; FERRAZ, F. C.; RANÑA, W. (Org.) – **Psicossoma III**. Interfaces da Psicossomática. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2003, p. 27-31.
- SCHMIDT-HELLERAU, C. – Why aggression? Metapsychological, clinical and technical considerations. **Int. J. Psychoanal.**, 83: 1269-89, 2002.
- SCHNEIDER, J. M.; LUBIN, Y. – Infanticide by males in a spider with suicidal maternal care, *Stegodyphus lineatus* (Eresidae). **Anim. Behav.**, 54: 305-12, 1997.
- SCHROEDER S. R.; OSTER-GRANITE, M. L.; BERKSON, G. et al. – Self-injurious behavior: gene-brain-behavior relationships. **Ment. Retard. Dev. Disabil. Res. Rev.**, 7: 3-12, 2001.
- SCHROPE, M. – Whale deaths caused by US Navy's sonar. **Nature**, 415: 106, 2002.
- SEELEY, T. D. – When Is Self-Organization Used in Biological Systems? **Biol. Bull.**, 202: 314-8, 2002.
- SEGAL, H. – **As Idéias de Melanie Klein**. São Paulo, Cultrix-EDUSP, 1983.
- _____ – Da utilidade clínica do conceito de pulsão de morte. In GREEN, A. et al. – **A Pulsão de Morte**. São Paulo, Escuta, 1988, p. 31-43.
- SHAKESPEARE, W. – **Macbeth**. In The Alexander Text of William Shakespeare. The Complete Works. London, Collins, 1989, p. 999-1027.
- _____ – **Romeo and Juliet**. In The Alexander Text of William Shakespeare. The Complete Works. London, Collins, 1989, p. 902-39.
- SHERMER, M. – The Myth Is the Message. **Sci. Am.**, 291 (4): 19, Oct 2004.
- _____ – Abducted! **Sci. Am.**, 292 (2): 20, Feb 2005.
- SIGMUND, K., FEHR, E.; NOWAK, M. A – The Economics of Fair Play. **Sci. Am.**, 286 (1): 81-5, Jan 2002.
- SILVA, A. A. – **Julgamento de expressões faciais de emoções: fidedignidade, erros mais frequentes e treinamento**. São Paulo, Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1987.
- SILVA, J. R. O. – **O desenvolvimento da noção de caráter no pensamento de Reich**. São Paulo, Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2001.
- SILVA, M. M.; FUHRMEISTER, A. V. A.; BRUM, A. F. M. et al. - A consciência: algumas concepções atuais sobre sua natureza, função e base neuroanatômica. **R. Psiquiatr. RS**, 25 (Supl. 1): 52-64, 2003.

- SIMON, B. – How group-think makes killers. **Sci. Am. Mind**, Special Edition, p. 22-7, 2004.
- SINGER, P. – **A Darwinian Left. Politics, Evolution and Cooperation**. New Haven, Yale Univ. Press, 2000.
- SMALL, D. M.; ZATORRE, R. J.; DAGHER, A.; EVANS, A. C.; JONES-GOTMAN, M. – Changes in brain activity related to eating chocolate: from pleasure to aversion. **Brain**; 124: 1720-33, 2001.
- SMALL, M. – Family values. **The Sciences**, 37 (6): 40-4, 1997.
- SOLMS, M. – Freud Returns. **Sci. Am.**, 290 (5): 56-62, May 2004a.
- _____ – **O que é a neuropsicanálise**: a real e difícil articulação entre a neurociência e a psicanálise. São Paulo, Terceira Margem, 2004b.
- _____ – **Retorno do reprimido**. Entrevista concedida ao Jornal Folha de São Paulo, Caderno Mais, p. 16-7, 20/06/2004c.
- SOMMER, R. – **Espaço Pessoal**. São Paulo, EPU/EDUSP, 1973.
- SOUSSUMI, Y. – Prefácio. In SOLMS, M. – **O que é a neuropsicanálise**. São Paulo, Terceira Margem, 2004, p. 7-11.
- SOUTHWELL, C. – Massagem Biodinâmica como Ferramenta Terapêutica. **Cadernos de Psicologia Biodinâmica 3**. São Paulo, Summus, 1983, p.47-63.
- SPITZ, R. A. – **O Primeiro Ano de Vida** 3ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 1983.
- SQUIRE, L. R.; KANDEL, E. R. – **Memória, da Mente às Moléculas**. Porto, Porto Ed., 2002.
- STERN, D. N.; SANDER, L. W.; NAHUM, J. P. et al. – Non-interpretative mechanisms in psychoanalytic therapy. **Int. J. Psychoan.**, 79: 903-21, 1998.
- STRACHEY, J. – Nota do Editor Inglês. In FREUD, S. 1915a – **Os Instintos e suas Vicissitudes**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1969, p. 129-35.
- _____ – Nota do Editor Inglês. In FREUD, S. 1930 – **O Mal-Estar na Civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro, Imago, 1974, p. 75-80.
- _____ – Nota do Editor Inglês. In FREUD, S. 1937 – **Análise Terminável ou Interminável**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXIII. Rio de Janeiro, Imago, 1975, p. 241-6.
- _____ – Nota do Editor Inglês. In FREUD, S. 1924 – **O Problema Econômico do Masoquismo**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 197-8.
- _____ – Nota do Editor Inglês a FREUD, S. 1900 – **A Interpretação de Sonhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. IV 2ª ed., Imago, Rio de Janeiro, 1986, p. xvii-xxix.
- STRUM, S.; FORSTER, D.; HUTCHINS, E. – Why Machiavellian intelligence may not be Machiavellian. In BYRNE, R.; WHITEN, A. (Eds.) – **Machiavellian Intelligence II: extensions and evaluations**. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1997, p. 50-85.

- SULLOWAY, F. J. – **Freud, Biologist of the Mind**. New York, Basic Books, 1979.
- SZWEDA P. A.; FRIGUET B.; SZWEDA L. I. – Proteolysis, free radicals, and aging. **Free Radic. Biol. Med.**; 33: 29-36, 2002.
- TAGUE, R. G.; LOVEJOY, C.O. – AL 288-1 Lucy or Lucifer: gender confusion in the Pliocene. **J. Hum. Evol.**, 35: 75-94, 1998.
- TALLAMY, D. W. – Child Care among the Insects. **Sci. Am.**, 280 (1): 50-5, Jan 1999.
- TANURI, F.C.; THOMAZ, R. B.; TANURI, J. A. – Epilepsia do lobo temporal com aura de prazer. Relato de caso. **Arq. Neuropsiquiatr.**, 58: 178-80, 2000.
- TERAKAWA, S.; KIMURA, Y.; HSU, K.; JI, Y. H. – Lack of effect of a neurotoxin from the scorpion *Buthus martensi* Karsch on nerve fibers of this scorpion. **Toxicol.**, 27: 569-78, 1989.
- THIFFAUL, P.; BERGERON, J. – Monotony of road environment and driver fatigue: a simulator study. **Ac. Anal. Prev.**, 35: 381-91, 2003.
- TIEFENBACHE, S.; NOVAK, M.; JORGENSEN, M. J.; MEYER, J. S. – Physiological correlates of self-injurious behavior in captive, socially-reared rhesus monkeys. **Psychoneuroendocrinology**, 25: 799–817, 2000.
- TOLEDO, R. P. – O Exemplo dos Bons Selvagens. **Revista Veja**, São Paulo, 24 de dezembro de 2000, p. 64-69.
- TOPOFF, H. – Slave-Making Queens. **Sci. Am.**, 281 (5): 60-6, Nov 1999.
- TRIVERS, R. – Prólogo. In DAWKINS, R. – **O gene egoísta**. Belo Horizonte, Itatiaia-EDUSP, 1979, p. 15-6.
- UJHELYI, M.; MERKER, M.; BUK, P.; GEISSMANN, T. – Observations on the Behavior of Gibbons (*Hylobates leucogenys*, *H. gabriellae*, and *H. lar*) in the Presence of Mirrors. **J. Comp. Psychol.**, 114: 253-62, 2000.
- VISALBERGHI, E.; FRAGASZY, D. M.; SAVAGE-RUMBAUGH, S.– Performance in a tool-using task by common chimpanzee (*Pan troglodytes*), bonobos (*Pan paniscus*), an orangutan (*Pongo pygmaeus*) and capuchin monkeys (*Cebus apella*). **J. Comp. Psychol.**, 109: 52-60, 1995.
- WAGNER, C. M.– **Freud e Reich: continuidade ou ruptura?** São Paulo, Summus, 1996.
-
- _____ – **A Transferência na Vegetoterapia Caráter-Analítica**. São Paulo, Tese de Doutorado em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000.
- WEAVER, A.; DE WAAL, F. B. – The mother-offspring relationship as a template in social development: reconciliation in captive brown capuchins (*Cebus apella*). **J. Comp. Psychol.**, 117: 101-10, 2003.
- WEINMANN, A. O. – O sopro da vida e o suspiro da morte. **Rev. Reichiana**, São Paulo, 11: 21-32, 2002a.
-
- _____ – É possível “gozarmos juntos”? **Rev. Soc. Wilhelm Reich RS**, Porto Alegre, 5: 9-21, 2002b.
-
- _____ – A psicologia política de Wilhelm Reich. **Rev. Reichiana**, São Paulo, 12: 64-71, 2003.

- WEINMANN, A. O.; VITOLA, E. S. – Wilhelm Reich e a Caracterologia Psicanalítica. **Rev. Soc. Wilhelm Reich RS**, Porto Alegre, 3: 80-93, 1999.
- WELBURN, S. C.; LILLICO, S.; MURPHY, N. B. – Programmed Cell Death in Procyclic Form *Trypanosoma brucei rhodesiense* - Identification of Differentially Expressed Genes during Induced Death. **Mem. Inst. Oswaldo Cruz**, 94: 229-34, 1999.
- WESTLUND, K.; LJUNGBERG, T.; BOREFELT U.; ABRAHAMSSON, C. – Post-conflict affiliation in common marmosets (*Callithrix jacchus jacchus*). **Am. J. Primatol.**, 52: 31-46, 2000.
- WHALEN, P. J.; RAUCH, S. L.; ETCOFF, N. L.; MCINEMEY, S. C.; LEE, M. B.; JENIKE, M. A. – Masked Presentations of Emotional Facial Expressions Modulate Amygdala Activity without Explicit Knowledge. **J. Neurosci.**, 18: 411-8, 1998.
- WHITEN, A.; BOESCH, C. – The Cultures of Chimpanzees. **Sci. Am.**, 284 (1): 48-55, Jan 2001.
- WHITEN, A.; BYRNE, R. W. – **Machiavellian Intelligence II: Extensions and Evaluations**. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1997.
- WHITEN, A.; GOODALL, J.; MCGREW, W. C. et. al.– Cultures in chimpanzees. **Nature**, 399: 682-5, 1999.
- WILDMAN, D. E.; UDDIN, M.; LIU, G.; GROSSMAN, L. I.; GOODMAN, M. – Implications of natural selection in shaping 99.4% nonsynonymous DNA identity between humans and chimpanzees: Enlarging genus *Homo*. **Proc. Nat. Acad. Sci.**, 100: 7181–8, 2003.
- WILSON, E. O. – **Da Natureza Humana**. São Paulo, EDUSP, 1981.
- WINE, N. – **Pulsão e Inconsciente**. A sublimação e o advento do sujeito. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1992.
- WINISDOERFFER, F.; SOULEZ-LARIVIERE, C. – Habitability constraints/ objectives for a Mars manned mission: internal architecture considerations. **Adv. Space Res.**, 12: 315-20, 1992.
- WINNICOTT, D. W. – **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro, Imago, 1975.
- _____ – **O Ambiente e os Processos de Maturação** 3ª ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990a.
- _____ – **Natureza Humana**. Rio de Janeiro, Imago, 1990b.
- _____ – Raízes da Agressão. In WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Org.) **Explorações Psicanalíticas: D.W. Winnicott**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994a, p. 348-350.
- _____ – O Uso de um Objeto no Contexto de *Moisés e o Monoteísmo*. In WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Org.) **Explorações Psicanalíticas: D.W. Winnicott**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994b, p. 187-191.
- WRANGHAM, R.; PETERSON, D. – **Demonic Males: Apes and the origins of human violence**. New York, Houghton Mifflin, 1996.
- WRIGHT, R. – **The Moral Animal**. Why we are the way we are: the new science of evolutionary psychology. New York, Vintage Books, 1994.

- XAVIER, J. I. T. – Freud contra Freud. **Rev. Reichiana**, São Paulo, 11: 10-20, 2002.
- YEH, S.-R.; MUSOLF, B. E.; EDWARDS, D. H. – Neuronal Adaptations to Changes in the Social Dominance Status of Crayfish. **J. Neurosci.**, 17: 697–708, 1997.
- YERUHAM, I.; HADANI, A. – Self-destructive behaviour in ruminants. **Vet. Rec.**, 152: 304-5, 2003.
- YOUNG, K. A.; BERRY, M. L.; MAHAFFEY, C. L. et al. – Fierce: a new mouse deletion of *Nr 2e 1*; violent behaviour and ocular abnormalities are background-dependent. **Behav. Brain Res.**, 132: 145–58, 2002.
- ZALD, D. H.; PARDO, J. V. – Emotion, olfaction, and the human amygdala: Amygdala activation during aversive olfactory stimulation. **Proc. Nat. Acad. Sci.**, 94: 4119–24, 1997.
- ZIMERMAN, D. E. – **Bion da Teoria à prática** 2^a ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 2004.
- ZIMMERER, J. L.; LEON, J. B.; COVINSKY, K. E.; DESAI, U.; SEHGAL, A. R. – Diet monotony as a correlate of poor nutritional intake among hemodialysis patients. **J. Ren. Nutr.**, 13: 72-7, 2003.
- ZYLBERSZTAJN, A. - Teoria Final, Unificação e Reduccionismo: Opiniões da Comunidade Brasileira de Física. **Rev. Bras. Ens. Física**, 25: 1-17, 2003.